

GUIA

Caminhos de Santiago

Alentejo e Ribatejo

Caminho
Central

Caminho
Nascente



Caminhos
de Santiago

Alentejo e Ribatejo

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

www.visitalentejo.pt | www.visitribatejo.pt | www.visitportugal.com

FICHA TÉCNICA

© Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo, 2019

Textos: Guess What – Comunicação Lda., Paulo Almeida Fernandes, Paulo Cavaleiro

Revisão: Mariana Vaz-Freire

Fotografia: Miguel Proença, Paulo Cavaleiro

Consultoria Técnica: Upstream – Valorização do Território, Lda.

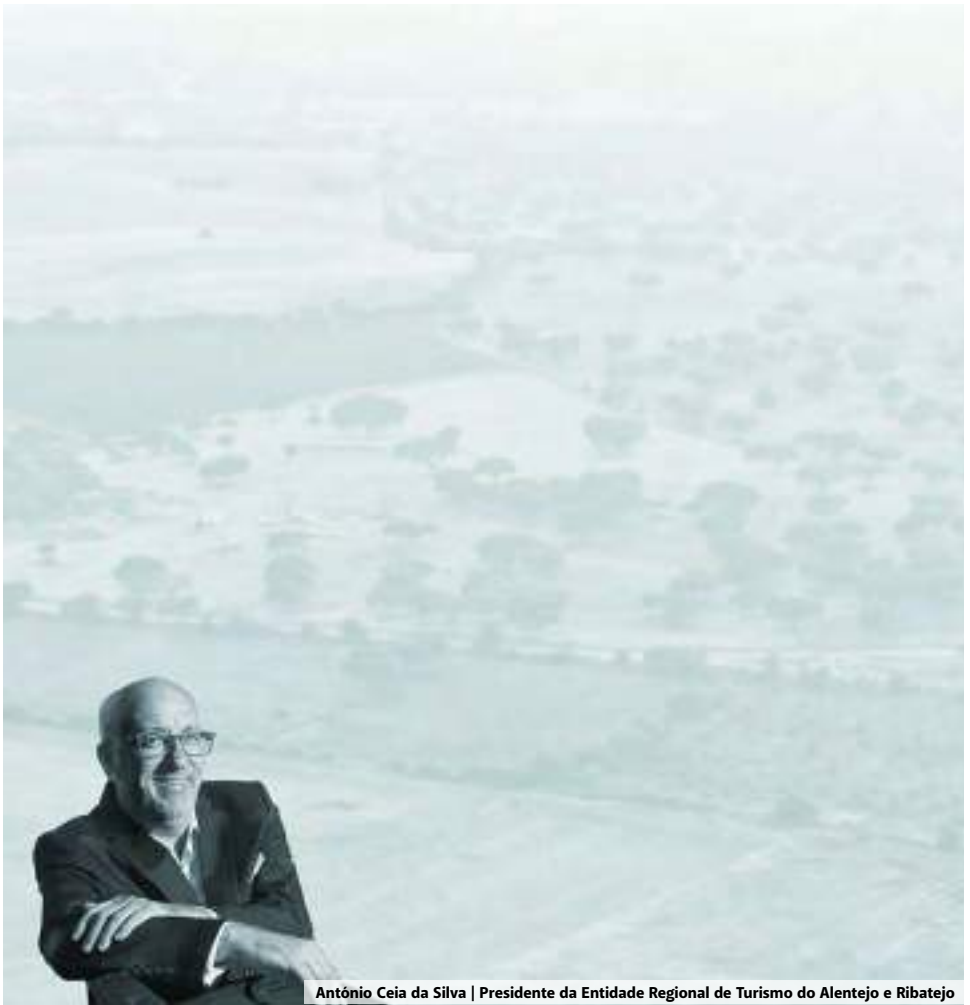
Edição, conceção gráfica e paginação: Guess What – Comunicação Lda., Paulo Medeiros

Impressão e acabamento: Ondagrafe – Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 2.500 exemplares

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (eletrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização por escrito da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo.

www.visitalentejo.pt | www.visitribatejo.pt | www.visitportugal.com
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



António Ceia da Silva | Presidente da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo

Quando avançámos para a estruturação dos “Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo”, tínhamos a convicção de que mais do que estruturar um produto, estávamos a criar uma marca com alma e coração que atravessasse a Região.

Já fui a pé a Santiago de Compostela, experiência única que ultrapassa a vivência comum e nos transporta para o imaginário, para

o convívio intergerações, com o próximo, e que, mais do que uma peregrinação, constitui um marco nas nossas vidas que jamais esqueceremos.

Fica aqui o convite! Junte-se a Nós e faça os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo!

Com estima e amizade Peregrina,
Ceia da Silva

Índice

A Ordem de Santiago	6
Alentejo e Ribatejo	10
Os Caminhos de Santiago – Alentejo e Ribatejo	12
Antes de Partir	24
Caminho Central	29
Etapa 1 – Ameixial (Algarve) > Santa Cruz	31
Etapa 2 – Santa Cruz > Almodôvar	35
Etapa 3 – Almodôvar > Castro Verde	39
Etapa 4 – Castro Verde > Messejana	43
Etapa 5 – Messejana > Fornalhas Velhas	47
Etapa 6 – Fornalhas Velhas > São Domingos	51
Etapa 7 – São Domingos > Santiago do Cacém	55
Etapa 8 – Santiago do Cacém > Roncão	59
Etapa 9 – Roncão > Grândola	63
Etapa 10 – Grândola > Alcácer do Sal	67
Etapa 11 – Alcácer do Sal > Casebres	71
Etapa 12 – Casebres > Vendas Novas	75
Etapa 13 – Vendas Novas > Branca	79
Etapa 14 – Branca > Santo Estêvão	83
Etapa 15 – Santo Estêvão > Samora Correia > Benavente	87
Etapa 16 – Benavente > Muge	91
Etapa 17 – Muge > Santarém	95
Etapa 18 – Santarém > Golegã	99
Etapa 19 – Golegã > Tomar (Centro)	103

Caminho Central – via Tejo	107
Etapa 1 – Vila Franca de Xira (Lisboa) > Azambuja	109
Etapa 2 – Azambuja > Santarém	113
Caminho Nascente	117
Etapa 1 – Alcoutim (Algarve) > Mesquita	119
Etapa 2 – Mesquita > Mértola	123
Etapa 3 – Mértola > Amendoeira da Serra	127
Etapa 4 – Amendoeira da Serra > Cabeça Gorda	131
Etapa 5 – Cabeça Gorda > Beja	135
Etapa 6 – Beja > Cuba	139
Etapa 7 – Cuba > Alvito > Viana do Alentejo	143
Etapa 8 – Viana do Alentejo > Évora	147
Etapa 9 – Évora > São Miguel de Machede	151
Etapa 10 – São Miguel de Machede > Evoramonte	155
Etapa 11 – Evoramonte > Estremoz	159
Etapa 12 – Estremoz > Sousel	163
Etapa 13 – Sousel > Fronteira	167
Etapa 14 – Fronteira > Cabeço de Vide	171
Etapa 15 – Cabeço de Vide > Alter do Chão	175
Etapa 16 – Alter do Chão > Crato	179
Etapa 17 – Crato > Alpalhão	183
Etapa 18 – Alpalhão > Nisa	187
Etapa 19 – Nisa > Vila Velha de Ródão (Centro)	191



Santiago combatendo os Mouros, igreja matriz | Santiago do Cacém

A Ordem de Santiago



A Ordem de Santiago foi responsável pela conquista de grande parte do atual território português a sul do rio Tejo e promoveu as principais ações de povoamento e ordenamento socioeconómico de vastas extensões do Alentejo e do Algarve durante a Idade Média.

As origens de uma ordem religioso-militar peninsular

A Ordem nasceu do espírito de cruzada que marcou o imaginário medieval, animado pela conquista de Jerusalém em 1099 e outros sucessos na Terra Santa. No século XII, as conquistas pelos reinos da Europa Ocidental de possessões

muçulmanas fazia-se também na Península Ibérica. No reino de Portugal, estavam já ativas as ordens do Templo e do Hospital, às quais D. Afonso Henriques e D. Sancho I haviam confiado a defesa de importantes áreas do centro do país. A de Santiago foi a última a constituir-se, mas cedo suplantou aquelas em estatuto, dinâmica e relevância.

A Ordem de Santiago não nasceu com este nome. Ela teve origem nos frades de Cáceres, grupo de treze frades guerreiros que se organizaram numa agremiação na segunda metade do século XII e foram reconhecidos como milícia militar pelo rei Fernando II,





Museu de Arte Sacra | Grândola



Igreja de Santiago | Alcácer do Sal

de Leão, em 1170. Algum tempo depois, provavelmente por acordo com o arcebispo de Santiago de Compostela, ou porque o apóstolo Santiago era patrono das Espanhas, aqueles freires adotaram o nome de Ordem de Santiago. A ambição unicamente peninsular da instituição ficou clara nos seus estatutos: proteger tanto as fronteiras meridionais dos reinos cristãos da Península Ibérica como os peregrinos que se dirigiam à catedral de Santiago de Compostela para venerar o túmulo do apóstolo. A sede ficou estabelecida em Uclés (Cuenca) desde 1174.

A Ordem de Santiago em Portugal

Em Portugal, os mais antigos documentos relativos à Ordem de Santiago remontam a 1172, ano em que recebeu de D. Afonso Henriques o território de Arruda dos Vinhos. Em pouco tempo, passou para sul do rio Tejo, atuando assim ativamente no esforço de guerra do reino. A ordem estabeleceu-se no castelo de Palmela em 1186, mas a reconquista islâmica de 1191 interrompeu a construção do convento ali instituído. A vila voltou a ser a capital portuguesa santiaguista até à conquista definitiva de Alcácer do Sal (1217)

e, pela terceira vez, a partir de 1482, época em que a conquista territorial há muito estava afastada e se aconselhava uma maior proximidade em relação à corte.

O protagonismo militar dos espatários impôs-se na primeira metade do século XIII. Depois de conquistado o importante porto de Alcácer do Sal (principal base de apoio da frota muçulmana), coube à Ordem de Santiago a tarefa de conquistar praticamente todo o sul do atual território português continental, sob comando do futuro grão-mestre D. Paio Peres Correia. Em apenas duas décadas, a Ordem



Painel de azulejos – igreja matriz Samora Correia | Benavente

de Santiago tornou-se a mais poderosa proprietária do reino, dominando um território tão vasto que ia de Samora Correia a Tavira e de Almada a Aljezur.

Para apoiar as ações no sul, a sede da ordem deslocou-se para Alcácer do Sal, e depois para Mértola. A verdadeira capital foi Alcácer do Sal, onde os espatários construíram um grandioso convento, conhecido na documentação medieval por “*meysom d alcaçar*”, junto ao castelo e à igreja matriz. Em Mértola, onde estava formalmente instalada a sede do ramo português entre 1248 e 1482, é mais conhecido o património

encomendado pelo comendador D. João de Mascarenhas que, na primeira metade do século xvi, promoveu a realização de um grandioso retábulo para a igreja matriz (antiga mesquita), no qual se glorificava a vida e legenda do apóstolo Santiago.

No sul do país, a grande quantidade de igrejas dedicadas a Santiago deve-se à ação conquistadora e organizadora da Ordem de Santiago, que deixou muitos outros vestígios, como paços de antigos comendadores, castelos que guardaram a memória dos cavaleiros que os conquistaram, túmulos de célebres homens de armas

e de religião, obras de arte patrocinadas por nobres de elevado estatuto na hierarquia espatária, vestígios estruturantes na toponímia local, ou simples e discretos marcos de propriedade. Dada a natureza bélica das conquistas do Alentejo e Algarve, muitas encomendas artísticas privilegiaram a representação de Santiago como guerreiro cristão a cavalo, atacando impiedosamente um grupo de assustados inimigos, no que ficou conhecido como iconografia de Santiago *Matamouros*. Na verdade, a ordem nunca impôs uma orientação única e continuaram a ser frequentes



Torre de menagem do Castelo de Beja

as representações de Santiago como peregrino e como apóstolo, estando mesmo no sul do país os ciclos narrativos mais completos sobre Santiago, representados em painéis de azulejos.

Gestão e integração no património da coroa

A ordem era gerida por um grão-mestre, eleito por 13 cavaleiros, em memória do grupo fundador no século XII. A disciplina religiosa era mantida por um prior-mor, enquanto a gestão das muitas comendas estava a cargo de um comendador-mor. A comenda era a unidade-base de gestão administrativa territorial da

Ordem de Santiago, a qual era comandada a partir de um castelo dominante. Por essa razão, os comendadores foram também alcaides dessas fortalezas. A Ordem de Santiago em Portugal foi gerida a partir do grão-mestre de Uclès até 1452, ano em que o ramo português se autonomizou do castelhano. No reinado de D. João III, a partir de 1551, a ordem foi integrada no património da coroa e passou a ser gerida pelos monarcas portugueses.

A cruz da Ordem de Santiago

A cruz usada pelos freires de Santiago é vermelha e tem

dois segmentos laterais em forma de flor de lis, enquanto os segmentos verticais simulam uma espada. O estandarte era branco e, além da cruz, continha a representação das vieiras, símbolo por excelência dos peregrinos jacobeus.



Alentejo e Ribatejo

Desfrute de todos os seus recantos ao ritmo da Natureza

Os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo atravessam dois territórios muito distintos: diferem nos costumes e tradições, na forma de viver das gentes, na cor das paisagens, nas experiências que proporcionam. Mas, ainda que diferentes, partilham de uma genuinidade e singularidade que os tornam únicos e que os diferenciam de todos os outros que ajudam a definir as fronteiras do país. Percorrer estes caminhos é desfrutar de todos os seus recantos ao ritmo da natureza.

O Dourado das Planícies

O Alentejo é terra a perder de

vista, onde o dourado do sol se confunde com o das planícies sem fim, salpicadas de povoados com casas caiadas de branco. É terra de calma, que marca também o passo das gentes, de autenticidade, de uma identidade regional que se preserva. Com valores naturais e paisagísticos inigualáveis, assenta numa ruralidade que confere às suas paisagens características únicas e singulares.

Conhecida outrora como o “celeiro” do país, é a maior região de Portugal, uma expressão espacial que não só marca as suas paisagens, mas define uma ancestral forma de viver.





Museu do Bordado e do Barro | Nisa



Vista de Alter Pedroso | Alter do Chão

E ancestrais são também os seus usos, transformados em tradições, que se saboreiam à mesa, se ouvem no Cante, se veem nos monumentos, na olaria, na tapeçaria, se celebram, nas festas e romarias. E que se podem levar para casa, em forma de produtos singulares: a riqueza das oliveiras transformada em azeites únicos, os bolos ricos que satisfazem a gula, o mel, o presunto...

O Verde das Lezírias

As planícies tornam-se lezíria no Ribatejo, com o verde a ocupar o espaço então dominado pelos dourados. Uma região a que

muitos ainda chamam “Beira do Tejo” ou “Borda d’Água”, por ter como vizinho o Tejo, rio que a cruza e entrecruza, tornando férteis as suas terras e servindo-lhe de inspiração.

Às lezírias juntam-se as charnecas, terras de arroz que o Tejo banha com maior intensidade, e os bairros, com os seus cereais cor de ouro. Os pastos são verdejantes, saciando a fome a rebanhos e servindo de palco às “danças” de manadas de touros bravos e cavalos.

Uma região com uma cultura marcada pelos trajes e pelas danças, como o fandango, que já se dançava no século xviii

por nobres e populares, nas festas e feiras, e que, no Ribatejo, se baila ao som de acordeões, pifaros, gaitas-de-beiços, harmónios e clarinetes, tendo o campino como protagonista, com o seu colete vermelho e barrete verde. Do seu património fazem parte os azulejos, painéis de um colorido que esconde cinco séculos de história e embeleza exteriores e interiores; o pão saloio, o tomate e o arroz, ingredientes de uma gastronomia única, a arte da cestaria e o trabalho das madeiras para a tanoaria, que traduz a união entre Homem e Natureza.



Os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo

Entre e percorra pelo seu passo um território de gentes, jeitos e paisagens únicas.



Igreja Santo Antão | Évora

CAMINHO CENTRAL

Percorrer os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo esconde a promessa de uma aventura, de descobertas inusitadas, do desvendar de uma história que a memória preservou, uma história que se desenrola a cada paragem. Percorrer os Caminhos é reviver essa história nas marcas que o passar do tempo não foi capaz de apagar, é transformar o viajante no espectador de uma narrativa que se conta no património material e imaterial, nas terras, vilas e curiosidades, na gastronomia, nas gentes

e nos seus costumes, os que já foram e os que continuam a ser e, ao mesmo tempo, no participante da mesma, incapaz de resistir aos encantos que vai desvendando. Mais do que caminhar, é conhecer uma terra de paisagens que, ainda que diferentes, partilham o facto de serem únicas, repetindo-se apenas nas recordações que delas ficam.

Conhecer os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo é, mais do que uma viagem, uma experiência que marca, que fica, que se guarda. E que se quer repetir.

Saberes e Tradições

Falar de Património Cultural Imaterial é falar das expressões culturais que integram a história social e cultural das comunidades do Alentejo e do Ribatejo. Expressões que se traduzem nos saberes, nas tradições, nas vivências que lhes deram origem, expressões em forma do artesanato, das festas e romarias, da arte, da tradição. É esta matéria-prima rica, diversa, autêntica, que o visitante encontra ao percorrer estes Caminhos, uma viagem que se faz a partir do contacto com manifestações portadoras de um capital simbólico, reconhecido





Mértola



Museu Regional de Beja



mundialmente, que proporciona uma experiência ao mesmo tempo estimulante e memorável. São quatro as manifestações do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo reconhecidas pela UNESCO, que as integrou numa lista maior, representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, que o viajante pode conhecer ao percorrer estes Caminhos. Como o Cante Alentejano, que dispensa apresentações. Uma forma de expressão musical que, mais do que música, é uma partilha de sentimentos, da saudade ao amor, onde também cabe a ironia e o humor, onde as

vozes se unem de uma forma melancólica, envolvendo quem as ouve. Presente em quase todo o Alentejo, esta forma de arte tem em Serpa e Beja os locais onde é mais emblemática.

Dos Chocalhos à Falcoaria

Com epicentro na freguesia de Alcáçovas, em Viana do Alentejo, onde ainda se produzem, os chocalhos, ou melhor, a sua manufatura, mereceu também o reconhecimento da UNESCO, que transformou esta arte em património imaterial, reconhecendo a sua fragilidade e a dificuldade que encontra para se manter viva, tendo em

conta a crescente globalização. Usados para assinalar a presença do gado, são a música do campo que recusa ser calada pela força de uma modernidade que lhes quer roubar o uso.

No Ribatejo, a arte da Falcoaria tem o coração em Salvaterra de Magos e remete aos tempos em que a família real portuguesa por ali passava longas temporadas dedicadas à caça. Com uma ligação ao estuário do Tejo, que lhe serve de *habitat*, é hoje palco do centro de educação e interpretação ambiental, onde se encontra também o "Museu do Rio" Cais da Vala.

Feito de barro, o Figurado de



Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho, Estremoz



Igreja de Santiago | Alcácer do Sal



Marvão

Estremoz conquistou também o reconhecimento da UNESCO, sendo agora Património Imaterial, primeiro do país, depois da Humanidade. Resultado de uma técnica com mais de 300 anos, daqui nasceram e continuam a nascer muitas figuras de barro cozido, policromado, feitas à mão. A passagem por Estremoz dá a conhecê-las, seja no Museu Municipal ou nas várias lojas e oficinas que as vendem.

Festas, Feiras e Romarias

O calendário das festas no Alentejo e Ribatejo é rico. Rico em animação, rico em música, rico em cor. Das ruas

engalanadas para o efeito, decoradas a preceito, aos palcos montados para receber a música que não pode faltar, os Caminhos permitem que os visitantes conheçam as tradições festivas, que se apresentam de formas muito variadas e até surpreendentes, da festa total, que envolve e mobiliza a comunidade, às várias expressões de danças e coreografias tradicionais, que vão do fandango, que se dança no Ribatejo e no Alentejo, às saias e títeres alentejanos. Como a Feira de São João, em Évora, que se realiza há 500 anos, a Romaria a Nossa Senhora da Graça, em Nisa,

ou a Feira do Cavalo, na Golegã, que remonta ao século xvi.

Castelos, Museus e muita Natureza

Mais do que apenas etapas, as diferentes paragens que compõem os Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo são oportunidades para conhecer as vilas e cidades, os segredos que escondem, a arquitetura, os museus, a sua história. A cada paragem, aproveite para visitar os pontos de interesse. O difícil será escolher.



Santa Cruz, Almodôvar



Marvão



Alcácer do Sal

No Alentejo

O Caminho Central inclui passagem por Santa Cruz, onde a igreja paroquial, construída no século XVI, esconde uma representação iconográfica de “Cristo no Horto” pouco comum, onde se consegue ver representada a transmutação do suor em sangue. Mais à frente, na vila medieval de Almodôvar, a paisagem ribeirinha convida a que se apreciem as águas límpidas que atravessam a ribeira do Vascão, inserida na Zona de Proteção Especial do Vale do Guadiana e salpicada por moinhos de água e açudes. Com atenção e alguma sorte,

talvez seja possível avistar alguns espécimes raros.

Na vila, o Museu da Escrita do Sudoeste revela a imensa riqueza arqueológica do concelho e, em particular, a singular trajetória de um povo que inventou uma escrita própria, entre os séculos VII e V a. C.

Porque os Caminhos de Santiago são muito mais do que apenas caminhar, a barragem de Campilhas, em Santiago do Cacém, construída em 1954, revela-se como a oportunidade de praticar inúmeros desportos náuticos não motorizados e pesca desportiva.

O Caminho continua, com

passagem por Alcácer do Sal, que esconde um dos mais importantes exemplares da arquitetura renascentista nacional: a Capela das Onze Mil Virgens. De mármore branco, com uma cúpula coberta por um jaspe translúcido que deixa penetrar os raios de sol, desdobrando-os em jogos de cor na geometria das formas esculpidas, a sua construção é atribuída a António Rodrigues, arquiteto do reinado de D. Sebastião, que recebeu influências da mestria italiana de Miguel Ângelo. Uma cidade onde se pode conhecer também a Lenda da Costureirinha, contada um pouco por todo o Baixo





Moinho de Castro Verde



Museu Municipal de Santiago do Cacém



Capela dos Ossos | Évora

Alentejo, onde são muitas as pessoas que dizem já ter ouvido o som de uma máquina de costura que trabalha sem parar. Reza a lenda que se trata de uma costureira que costura por toda a eternidade depois de ter feito um vestido de noiva para a filha, que morreu antes do casamento.

A viajar pelo Ribatejo

Para os amantes da natureza, a passagem por Benavente traz consigo a oportunidade de se dedicar ao *birdwatching* e conhecer, nos campos e searas, espécies escassas ou pouco abundantes, que ocorrem tipicamente neste tipo de meio.

Os vales aluvionares ligados aos rios Tejo, Sorraia e Almansor, funcionam como autênticas ilhas ao interromperem a secura característica dos montados. A zona ribeirinha, que acompanha o Tejo e todas as áreas encharcadas, constitui-se como a zona de maior diversidade biológica, onde é possível avistar aves aquáticas migradoras da Europa, espécies migradoras que vêm do sul, como os perna-longa e os rouxinóis-dos-caniços.

Em Santarém, a Igreja da Misericórdia, construção de meados do século xvi (1559), convida a uma visita. Trata-se de um exemplar perfeito de

igreja-salão, de três naves, com abóbadas de nervuras cruzadas iluminadas por seis janelas retangulares. Nela encontra a sepultura rasa de Nuno Velho Pereira, uma das personalidades mais significativas da época da expansão portuguesa no mundo, capitão da Índia e patrocinador da Santa Casa da Misericórdia. E encontra também um órgão de tubos, restaurado em 2008, mas datado de 1818.

E é na capital ribatejana que encontra também a Porta de São Tiago, a principal do Castelo de Santarém, onde se pode observar um brasão de armas fernandino de Portugal, assim



Santuário de Nossa Senhora d'Aíres | Viana do Alentejo



Igreja paroquial de Santa Cruz | Pombalinho



Escaroupim | Muge



Antigo castelo de Messejana

como as Portas do Sol, hoje tornadas janela panorâmica, assente sobre muralhas e com três torreões.

Os Caminhos são também feitos, tal como a história, de episódios por confirmar, tornados lendas, como a da Torre das Cabaças, que conta que, no reinado de D. Manuel, não existindo em Santarém uma torre de relógio, lhe foi pedido que a tornasse possível. Um pedido que justificou a doação de uma verba para que a mesma fosse construída, tendo sido designados como “administradores” da obra oito vereadores locais. Mas concluída

a mesma, em vez de satisfação, o rei não escondeu o seu desgosto, considerando terem sido mal gastos os dinheiros públicos. Assim, no topo da torre, na armação férrea onde está suspenso o sino, o rei mandou colocar oito cabaças, símbolo das oito cabeças dos responsáveis pela edificação.

Quase a terminar o Caminho Central, apresenta-se a Golegã, ponto de paragem obrigatório desde os primórdios da nacionalidade, por aqui se encontrar uma albergaria, pertença de uma mulher da Galiza, conhecida como “Venda Galega”, que terá dado origem,

mais tarde, ao nome “Golegã”. Terra de cavaleiros e cavalos, vale a pena conhecer o Centro Cultural Equuspolis, com a sua Biblioteca do Cavalo, o Fórum Manuel Fernandes ou o Museu Municipal Mestre Martins Correia.



Ponte Medieval | Almodôvar



Cais Palafítico da Carrasqueira | Alcácer do Sal

CAMINHO NASCENTE

A história também se conta nos edifícios

Pouco depois do seu início, o Caminho Nascente tem paragem em Mértola, onde a visita ao castelo é quase obrigatória. Assente em estruturas muito antigas, foi edificado já em época cristã, tendo a sua torre de menagem sido construída em 1292 por ordem de Dom João Fernandes, Mestre da Ordem de Santiago. Nele é possível encontrar um núcleo museológico, sendo um local privilegiado para observação da vila e do território envolvente.

Mais à frente, Beja revela-se um local privilegiado para a observação da natureza, sobretudo de aves, por serem as áreas do concelho e zonas limítrofes local de "peregrinação" de duas centenas de espécies. A possibilidade de fazer observação de aves é bem real, com espécies como a águia-pesqueira, o rouxinol-do-mato ou o cortiçol-de-barriga-negra a brindarem os mais atentos com a sua presença. Uma cor e brilho que, no exterior e interior, Beja oferece através dos seus painéis de azulejos, cenário de cinco séculos de história azulejar que, também eles, contam a história

da cidade. Uma homenagem à arte de trabalhar o barro encontra o visitante em Évora, em forma de um verdadeiro povoado, que conquistou o nome de Aldeia da Terra e o cognome de a *mais caricata de Portugal*. Trata-se de uma banda desenhada a três dimensões, sensível, irreverente e cheia de bom humor. De visita obrigatória é a Igreja de São Tiago, reconstruída no século XVII mas que mantém vestígios da época manuelina, como as ameias na ala sul do espaço. Com uma só nave, a abóbada surge revestida de magníficas pinturas a fresco, com elementos decorativos sagrados e profanos.





Cante Alentejano



Igreja de Santa Maria da Alcáçova | Santarém



Cromleque dos Almendres | Évora



Casa Frayões Metello | Grândola

Évora tem muito para oferecer ao visitante. Como a Praça do Giraldo, assim batizada em homenagem a Geraldo Geraldês, conhecido como o *Sem Pavor*, a que se atribui a reconquista de Évora aos mouros em 1165.

Conhecida como a "cidade branca do Alentejo", Estremoz tem também a sua Igreja de Santiago, um edifício seiscentista que se sabe existir desde o reinado de D. Afonso III (1245-1279). Com a sua torre sineira, a empena triangular de mármore com cruz, o janelão do século XVIII e, sobre a porta, a cruz da Ordem de Avis. O castelo medieval, no centro da vila, destaca-se com

a sua torre de menagem, com 27 metros de altura, uma das mais bem conservadas do país. Um espaço que foi, em 1336, o último pouso da Rainha Santa Isabel, que ali morreu, nos seus aposentos.

No Crato, o Mosteiro de Flor da Rosa destaca-se como um dos mais originais e intrigantes edifícios do gótico no país, hoje espaço de uma pousada. Datado de 1356, trata-se de um monumento composto por três edificações distintas: a igreja-fortaleza de estilo gótico, um paço-acastelado gótico e as dependências conventuais. Mas o Crato, cujo passado foi

marcado pela presença dos pastores megalíticos e dos seus hábitos e cultura, guarda vestígios de outras histórias, em forma de antas. De resto, só neste município estão inventariadas mais de 70, com destaque para a Anta do Tapadão e a Anta do Crato, consideradas monumentos nacionais.

A chegar ao fim do Caminho Nascente, há ainda tempo para visitar Nisa, com o seu pelourinho, datado do século XVII, que chega aos dias de hoje sem grandes transformações; a Ermida de Nossa Senhora da Graça, famosa pela sua romaria, que se realiza todos os anos





Cruzeiro no castelo de Viana do Alentejo



Termas de Sulfúrea | Cabeço de Vide



São Miguel de Machede

por altura da Páscoa, ou para conhecer as tradicionais peças de barro vermelho, cantarinhas e bilhas decoradas com pequenas pedras brancas com motivos florais.

Ao longo do Tejo

Ao sair de Lisboa no Caminho Central, a entrada faz-se por Vila Nova da Rainha, localidade eleita para o casamento de D. Nuno Álvares Pereira com D. Leonor de Alvim, que foi celebrado no dia 15 de agosto de 1376. Mais à frente, na vila ribatejana da Azambuja, a igreja da irmandade do Senhor Jesus da Misericórdia de Azambuja,

classificada como monumento de interesse nacional. De acordo com a história, foi na viragem do século XIII para o século XIV que os confrades do Espírito Santo ali fundaram a confraria e o hospício medieval, com o objetivo de apoiar os peregrinos, viandantes e doentes pobres. Ou contemplar os mouchões, pequenas ilhas que emergem do Tejo e servem de casa a águias, garças, patos bravos, corvos marinhos e muitos outros animais. O Caminho passa ainda pelo Cartaxo, que foi, em todas as épocas, um importante ponto de passagem para o interior do país, quer por via fluvial (rio Tejo), quer

por via terrestre, e termina no magnífico planalto de Santarém.

GASTRONOMIA REGIONAL

A riqueza gastronómica de Alentejo e Ribatejo dispensa grandes preâmbulos. Aqui, os adjetivos ficarão sempre aquém da experiência que se tem à mesa, incapazes de se erguer à altura dos sentimentos que a mesma proporciona. Porque a passagem por estas paragens inclui sempre uma outra viagem, a dos sabores. Ainda assim, é através das palavras que se vai tentar representar o que



de melhor se faz nestes dois territórios.

Pão e vinho sobre a mesa

À mesa, por tradição, não podem faltar o pão e vinho. E seja no Caminho Central e/ou no Nascente, bons vinhos e melhores pães são uma certeza que acompanha o viajante no Alentejo, ou não fosse esta uma das principais regiões vitivinícolas nacionais. A combinação das castas, enraizadas na terra quente, resulta numa variedade de vinhos, dos brancos aos tintos, que tornam difícil a escolha. Por isso, nada melhor do que experimentar, erguer o copo

e brindar, brinde que se estende ao Ribatejo, terra de vinhos cuja origem se perdeu na história e se confunde com a identidade nacional. Com uma diversidade de solos e climas, que acaba por ter reflexo no interior da garrafa, o néctar dos deuses cumpre as promessas feitas.

De barriga cheia

A simplicidade é uma das principais características da comida alentejana. Uma simplicidade que se faz sentir nos ingredientes, oriundos de uma terra que há muito encanta com os seus sabores, e se traduz num saber que passa de geração em

geração e se reinventa, sem no entanto perder a sua identidade. Tudo começa com as entradas, os queijos de cabra e ovelha, frescos e curados, de cheiro e sabor inconfundíveis; o presunto alentejano, o paio do cachaço, a farinheira, a linguiça, a morcela, o painho... Mas a oferta está apenas a começar. O pão, que nunca deixou a mesa, assume o papel principal em pratos como a Açorda à Alentejana e as Migas, e torna-se eterna companhia na Sopa de Cação, Sopa de Tomate ou no Ensopado de Borrego. Da ementa fazem também parte o Sarapatel, a perdiz e os peixes do rio, da lampreia à carpa,



grelhados, fritos e sempre bem acompanhados pelas ervas aromáticas que cheiram a Alentejo.

Por terras ribatejanas, a ementa não é menos farta nem a escolha mais fácil. A começar pelas entradas, com o chouriço de carne assado na brasa, os enchidos de vinho, a morcela assada, a farinheira e os queijos de cabra, vaca e ovelha, mais ou menos curados, a conquistarem o paladar. Vem depois a Sopa da Pedra, agora sem a dita, ou a igualmente farta de Feijão com Couves, às quais se junta a Sopa de Peixe. Segue-se o Magusto com Bacalhau Assado

ou a Fataça na Telha, as Enguias à Ribatejana, e a carne, o Cabrito Assado, as Favas com Chouriço ou as Iscas com Elas.

Quem passa pelo Alentejo e pelo Ribatejo sabe que a experiência vai também ser doce. É por isso responsável o mel, diferente consoante as zonas, mas igualmente doce, e toda uma doçaria que, nas duas regiões, herda a tradição conventual.

Ovos, açúcar e amêndoa juntam-se num equilíbrio perfeito, que satisfaz a gula, sob a forma dos ribatejanos Queijinhos do Céu, Pão de Ló, Sopa Dourada, Manjar Celeste ou Pampilhos, ou dos alentejanos Pastéis de

Santa Clara, Bolo Podre, Tibornas Doces, Pão de Rala ou Sericaia.

Mais perto da costa, os menus assinalam cheiro a mar, com a presença da Açorda de Marisco, Feijoada de Búzios, Arroz de Lapas ou Feijoada de Mariscos, sem esquecer a Salada de Choco ou de Ovas e o Polvo à Pescador.



Antes de partir

prepare bem a viagem

Os Caminhos do Alentejo e Ribatejo estão a cerca de 30 dias de distância de Santiago de Compostela, pelo que é essencial ter uma **preparação física** adequada a um itinerário exigente. Fazer o caminho é sempre uma agradável surpresa, mas é essencial ter uma boa preparação física, que possibilite jornadas cómodas e liberte o espírito para uma mais absorvente experiência.

Planifique a distância a percorrer em cada dia, estudando para tal o guia e outra informação relevante que possa estar disponível na internet. Há que identificar os pontos de apoio, as localidades que dispõem de cafés e restaurantes, e fazer coincidir o início e o final de cada etapa com a oferta de alojamento pretendido.

Recomenda-se que possa **treinar** antes de fazer o caminho, pois é essencial que tenha perfeita consciência das suas capacidades. Etapas muito longas deixam marcas para os dias seguintes e uma preparação física deficiente pode levar a dores musculares que irão piorar à medida que o corpo for sujeito a um maior esforço.

Escolha um tipo de **calçado** já usado, nada apertado e ao qual os pés estejam habituados. Só



é possível fazer o caminho com pés saudáveis.

Leve na **mochila** apenas o essencial. Os primeiros dias de caminhada revelarão o carácter supérfluo de muitos objetos. Por norma, tente que a mochila não ultrapasse 10% do seu peso e contenha vários estojos: um para documentos, cartão de crédito/débito e carregador de telemóvel; outro para primeiros socorros; um terceiro para alguma comida. Nunca se esqueça de levar uma capa impermeável que cubra também a mochila e sapatilhas para tomar duche se pretender ficar em albergues.

É ainda essencial um cantil adaptado à dureza das etapas. Nos Caminhos, é importante fazer uma gestão cautelosa da água, pois muitas etapas não têm pontos de apoio e são realizadas em condições de acentuado calor.

Pondere ainda qual a **altura do ano** em que deverá fazer a peregrinação. Para fugir ao calor do sul e interior de Portugal, aconselham-se os meses de março, abril, maio, setembro e outubro, mas tenha em consideração que há meses mais chuvosos que outros à medida que se aproximará de Compostela.



CÓDIGO DE CONDUTA

Todos os utilizadores dos Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo devem ter presente o seguinte código de conduta.

Parte significativa do traçado dos percursos desta rede desenvolve-se cruzando terrenos privados, cujos proprietários permitiram o seu atravessamento. Por isso:

- Respeite a propriedade privada;
- Deixe as cancelas como as encontrou. Se estiverem fechadas, confirme que ficam bem fechadas;
- Siga apenas pelo trilho sinalizado;
- Seja afável com os habitantes locais. Todos os percursos atravessam

áreas de grande sensibilidade ambiental, nomeadamente para a conservação da fauna, da flora e da vegetação;

- Evite fazer ruídos desnecessários;
- Observe a fauna à distância;
- Não danifique nem recolha amostras de plantas ou rochas;
- Não deixe lixo ou outros vestígios da sua passagem. Os percursos permitem o contacto com agro-sistemas onde são desenvolvidas atividades agrícolas, pecuárias e florestais, cuja integridade importa salvaguardar. Um gesto descuidado ou ausência de um gesto necessário pode causar graves prejuízos;
- Não faça lume e tenha cuidado com as beatas dos cigarros;

- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Os traçados definitivos de várias etapas podem ter sofrido alterações posteriores à publicação deste roteiro. Antes de partir é essencial que verifique o itinerário correto no site www.caminhosdesantiagoalentejo.ribatejo.pt

	Credencial do Peregrino/ Pilgrim Passport /Certificat du Pèlerin/Pilgerausweis		Posto de Turismo/Tourism Office/Oficina de Turismo/ Office du Tourisme/ Tourismusbüro		Barco/Boat/Barca/Bateau/Schiff
	Fácil/Easy/Fácil/Facile/Leicht		Correios/Post Office/Oficina de Correos/Bureau de Poste/ Postamt		Comboio/Train/Tren/Train/Zug
	Difícil/Hard/Difícil/Difficile/ Schwierig		Centro de Saúde-Hospital/ Health Center-Hospital/Centro de Salud-Hospital/Centre Médical-Hôpital/Ärztzentrum- Krankenhaus		Assistência Bikes/Bike Repair/ Réparation Vélo/Fahrrad Reparatur
	Albergue/Hostel/Albergue/ Auberge/Hostel		Farmácia/Pharmacy/Farmácia/ Pharmacie/Apotheke		Miradouros-Paisagem/ Lookouts-Scenery/Mirador- Paisaje/Belvédère-Paysage/ Aussichtspunkt-Landschaft
	Hotel		Balneário Público/Public Shower/Duchas Públicas/ Douches Publiques/Öffentliche Dusche		Biodiversidade-Natureza/ Biodiversity-Nature/ Biodiversidad-Naturaleza/ Biodiversité-Nature/ Biodiversität-Natur
	Turismo Rural/Rural B&B/ Turismo Rural/Tourisme Rural/ Agrotourismus		Museu/Museum/Museo/ Musée/Museum		Vinicultura-Adegas/Viticulture- Wineries/Vinicultura-Bodega/ Viticulture-Cave/Weinbau- Weinkellerei
	Camping Pousada da Juventude/ Camping Youth Hostel/Camping Albergue Juvenil/Camping Auberge de Jeunesse/Camping Jugendherberge		Igreja/Church/Iglesia/Église/ Kirche		Praias Fluviais-Piscinas/Fluvial Beaches-Swimming Pools/ Playa de Río-Piscina/Plage Fluviale-Piscine/flussstrände- Schwimmbad
	Restauração/Restaurante/ Restaurant		Edifícios Histórico-Arqueologia/ Historical Building-Archiology/ Edificio Histórico-Arqueología/ Monument Historique- Archéologie/historische Gebäude-Archäologie		Entidades Públicas/Public Entities/Organismo Público/ Organisme Public/öffentliche ämter
	Supermercado/Supermarket/ Supermercado/Supermarché/ Supermarkt		Taxi		Autocarro/Bus/Autobus
	Café/Coffee Shop/Cafetería/ Café/Café				
	Banco-ATM/Bank-Cash Dispenser/Banco-Cajero automático/Banque-Guichet Automatique/Geldautomat				

SOS - ☎ 112  - ☎ 117

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

www.visitalentejo.pt | www.visitribatejo.pt | www.visitportugal.com

Os percursos

Duas vias e várias alternativas repletas de agradáveis surpresas.



Caminho Central

440 km

Etapas

1. Ameixial (Algarve) ▶ Santa Cruz
2. Santa Cruz ▶ Almodôvar
3. Almodôvar ▶ Castro Verde
4. Castro Verde ▶ Messejana
5. Messejana ▶ Fornalhas Velhas
6. Fornalhas Velhas ▶ São Domingos
7. São Domingos ▶ Santiago do Cacém
8. Santiago do Cacém ▶ Roncão
9. Roncão ▶ Grândola
10. Grândola ▶ Alcácer do Sal
11. Alcácer do Sal ▶ Casebres
12. Casebres ▶ Vendas Novas
13. Vendas Novas ▶ Branca
14. Branca ▶ Santo Estêvão
15. Sto Estêvão ▶ Samora Correia
▶ Benavente
16. Benavente ▶ Muge
17. Muge ▶ Santarém
18. Santarém ▶ Golegã
19. Golegã ▶ Tomar (Centro)

Caminho Central via Tejo

40 km

Etapas

1. Alverca (Lisboa) ▶ Azambuja
2. Azambuja ▶ Santarém

Caminho Central via Atlântico

110 km

Etapas*

1. Castro Verde ▶ Ourique
2. Ourique ▶ Cercal
3. Cercal ▶ Santiago do Cacém

* Orientação exclusivamente digital.

Caminho Nascente

383 km

Etapas

1. Alcoutim (Algarve) ▶ Mesquita
2. Mesquita ▶ Mértola
3. Mértola ▶ Amendoeira da Serra
4. Amendoeira da Serra ▶ Cabeça Gorda
5. Cabeça Gorda ▶ Beja
6. Beja ▶ Cuba
7. Cuba ▶ Alvito ▶ Viana do Alentejo
8. Viana do Alentejo ▶ Évora
9. Évora ▶ São Miguel de Machede
10. São Miguel de Machede ▶ Evoramonte
11. Evoramonte ▶ Estremoz
12. Estremoz ▶ Sousel
13. Sousel ▶ Fronteira
14. Fronteira ▶ Cabeço de Vide
15. Cabeço de Vide ▶ Alter do Chão
16. Alter do Chão ▶ Crato
17. Crato ▶ Alpalhão
18. Alpalhão ▶ Nisa
19. Nisa ▶ Vila Velha de Rodão (Centro)

Caminho da Raia

310 km

Etapas (Municípios)*

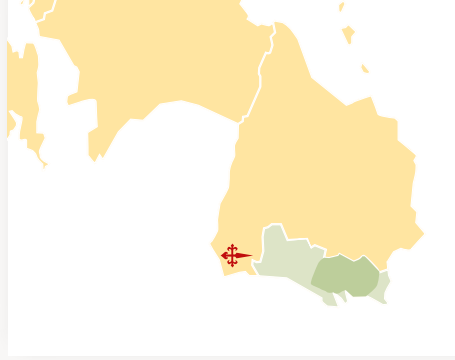
1. Mértola ▶ Serpa
2. Serpa ▶ Moura
3. Moura ▶ Mourão
4. Mourão ▶ Reguengos de Monsaraz
5. Reguengos de Monsaraz ▶ Alandroal
6. Alandroal ▶ Vila Viçosa
7. Vila Viçosa ▶ Elvas
8. Elvas ▶ Campo Maior
9. Campo Maior ▶ Arronches
10. Arronches ▶ Portalegre
11. Portalegre ▶ Marvão
12. Marvão ▶ Castelo de Vide
13. Castelo de Vide ▶ Alpalhão

* Orientação exclusivamente digital.



Caminhos de Santiago

Alentejo e Ribatejo



- CAMINHO CENTRAL
- CAMINHO CENTRAL via Tejo
- CAMINHO CENTRAL via Atlântico
- CAMINHO NASCENTE
- CAMINHO DA RAIA
- LIGAÇÃO ALGARVE - ALENTEJO
- LIGAÇÃO ALENTEJO/RIBATEJO - CENTRO
- ROTA VICENTINA - Caminho Histórico
- AEROPORTO
- COMBOIO
- AUTOCARRO via Lisboa
- AUTOCARRO via Faro e Tavira
- CREDECIAL DO PEREGRINO

GUIA DE CAMINHOS

Caminhos de Santiago

Alentejo e Ribatejo

Caminho
Central

Caminho
Nascente



Ameixial (Algarve) ► Santa Cruz

1

“... os vestígios identificados confirmam o trânsito de peregrinos pela antiga estrada romana que atravessa a serra do Caldeirão em Santa Cruz de Almodôvar; outrora uma das rotas mais utilizadas na ligação entre o Algarve e o Alentejo, por ela terá vindo D. Afonso III, à frente do seu exército, em 1249, para conquistar Faro e Albufeira.” (José António Falcão, “O Caminho e o Culto de Santiago no Alentejo Meridional”, in *No Caminho sob as Estrelas – Santiago e a Peregrinação a Compostela*, pp. 97-141)

Vindos do Ameixial (Algarve), entramos no Alentejo sobrepondo a Ribeira do Vascão, em rota inversa à outrora utilizada pelo Grão-Mestre Paio Peres Correia e seus Cavaleiros de São Tiago, integrados nas hostes de D. Afonso III, para conquistar o Algarve central.

Região estratégica pela sua importância enquanto lugar de passagem entre o Algarve e o Alentejo, foi também por aqui que o terrível *Remexido* organizou o último bastião da guerrilha miguelista que sucedeu à guerra civil de meados do século XIX, deixando um rasto de terror e violência que contribuiu para o abandono das populações.

Com o “peso” da História camuflado em cada passo do Caminho, deixamos para trás os maiores declives da serra do



A caminho de Santa Cruz

Caldeirão e descobrimos o vale encaixado da ribeira do Vascão, bem conservado afluente do Guadiana, exuberante em biodiversidade e frescura, mesmo no verão, convidando a uma pausa apetecível nas dissimuladas praias de seixos.

Em direção ao Monte Branco já se nota a transição da paisagem de matagal mediterrânico, característica do Caldeirão, para o montado de campos cerealíferos e azinheiras, com alguns olivais dispersos, adivinhando-se a ondulada planície alentejana que se seguirá.

De um pequeno pomar vieram as laranjas que o Sr. Diamantino e a esposa, D. Maria José, nos oferecem, com a humildade e a satisfação de quem vive da generosidade da terra, a mesma que lhes dá subsistência desde há quase 80 anos. As fontes públicas do Monte aconselham a reencher os cantis antes de retomarmos o Caminho em direção a Santa Cruz, agora mais exposto e seco.

Três quilómetros depois, “encaixada” na paisagem em local inusitado, surge magnífica a igreja de Santa Cruz, vinculada à comenda de



Mértola da Ordem de Santiago. Como refere José António Falcão, a grandiosidade da igreja, pouco frequente em paróquias rurais, denota a sua influência como polo de peregrinação. Ficavam-lhe contíguas as casas dos romeiros, os quais acudiam igualmente a uma alegada Fonte Santa que brota de um rochedo nas imediações.

O conjunto completa-se com as ruínas da capela de São Bento e com a capela de Nossa Senhora da Lapa... e com o “buraco” numa laje próxima a que a crença popular atribui a propriedade de curar as dores de cabeça!...

Santa Cruz

Esta etapa dá-se por terminada na aldeia de Santa Cruz, primeira povoação do Caminho Central no Alentejo, cerca de 15 km após a saída do Ameixial.

O alojamento dos viajantes é disponibilizado em infraestruturas sociais geridas pela Junta de Freguesia, a qual deverá ser previamente contactada para a

devida reserva, bem como para uma merecida visita à igreja.

A freguesia de Santa Cruz, no Concelho de Almodôvar, com

123,82 km² de área e perto de 650 habitantes (dados de 2011) é a primeira povoação do Caminho Central dos Caminhos de Santiago Alentejo e Ribatejo.

Igreja de Santa Cruz

A construção desta igreja manuelina é atribuída ao patrocínio da família de D. Fernão Mascarenhas, nobre que deteve as comendas da Ordem de Santiago em Mértola e Almodôvar na transição para o século xvi. No interior da capela-mor conserva-se o brasão de Dona Violante Henriques, mulher de D. Fernão Mascarenhas, emoldurado por esgrafito já renascentista. A igreja esteve vinculada à Ordem de Santiago desde o início, como se pode observar pela cruz na fachada principal, sobre o portal de acesso ao templo, no primeiro fecho da abóbada da capela-mor, que inclui a cruz associada a duas vieiras, e o emblema santiaguista no lavabo da sacristia.



e também...

Festa da Primavera

Em março festeja-se a chegada da primavera em Santa Cruz, no Centro Cultural de Santa Cruz – Almodôvar.



Grupo Coral “As Mondadeiras”

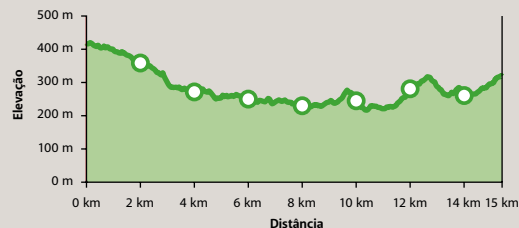
Este grupo nasceu com a realização do cortejo etnográfico realizado no dia

de São João, em 1999, sendo que o seu nome surgiu porque antigamente a monda era um trabalho frequentemente realizado pelas mulheres da Freguesia de Santa Cruz. Fundado em 23 de junho de 1999, este grupo é constituído por mais de uma dezena de elementos e tem como hino “Nós somos as mondadeiras”.

Já contam com um vasto repertório que tem alguma preferência pelas músicas ligadas ao concelho de Almodôvar, à vida do campo e ao Cante ao Menino.



Distância 15 km
Altitude máxima 421 m
Subida acumulada 434 m
Descida acumulada -534 m
Duração 3h45m
Dificuldade (0-5) 3



O Alentejo começa na ribeira do Vascão, mas provavelmente o viajante procederá do Algarve, em concreto da aldeia do Ameixial, onde finaliza a etapa algarvia anterior de quem já vem no Caminho desde Faro.

Desde aqui, a rota estende-se por bons e bonitos trilhos entre as cumeadas de sucessivos cerros até ao vale da ribeira do Vascão, passando ainda pela aldeia de Revezes e prosseguindo ao longo do vale até ao antigo moinho de água dito da Cascalheira, num total de cerca de dez quilómetros.

Molhados os pés na ribeira ou atravessada a ponte pedonal junto ao moinho, continuamos depois pela direita a acompanhar o vale do Vascão até alcançarmos o sítio do Monte Branco, onde o simpático casal residente sempre acolhe bem quem por bem vem!

Em alternativa, pode ali chegar por outras vias:

- Desde aqui, a rota estende-se até ao moinho da Carrasqueira;

- Pela estrada municipal 1029, que liga o Ameixial a Revezes, prosseguindo em trilho a partir daqui, entroncando com o Caminho algarvio que acompanhará ao longo de três quilómetros até à entrada no Alentejo;

- Vindo de norte, pela estrada que sai da aldeia de Santa Cruz na direção de Alcoutim, Martim Longo e Cachoupo, virando à direita num cruzamento próximo e seguindo a indicação de Cerro das Águias e Monte Branco do Vascão, em estradão de terra batida. Chegando ao Monte, o estradão dá acesso fácil ao início do percurso na ribeira do Vascão.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Junta de Freguesia de Santa Cruz
+351 963 713 025
- Junta de Freguesia São Barnabé
+351 286 463 134

APOIO

- CTT – Posto Santa Cruz
- Boerderij Vakantie Portugal
+351 962 344 843
- Santa Cruz: Café Colmeia do Vicente

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja Paroquial de Santa Cruz
- Ribeira do Vascão

SAÚDE

- Posto de Saúde Dogueno (Santa Cruz)
+351 286 454 108

ALERTAS

Na aldeia de Santa Cruz não existe comércio para abastecimento do viajante, e o único café local (A Colmeia do Vicente, D. Paula, Tlm. 965 836 403) deverá ser contactado previamente ao início do dia para que possa estar preparado para servir refeições a quem ali vai pernoitar. O contacto prévio é também indispensável com a Junta de Freguesia (Tel. 286 453 119, das 8h30 às 16h30, ou Presidente da Junta de Freguesia, Sr. Eduardo Gonçalves, Tlm. 963713025), para que possa tratar do respetivo alojamento e de qualquer outro apoio eventualmente necessário. Somente no final da etapa seguinte, em Almodôvar, poderão ser encontrados todos os recursos habituais para abastecimento e prosseguimento da viagem.

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 GNR - Posto Territorial de Almodôvar:
 +351 286 660 051

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



SANTA CRUZ



TR

MONTE BRANCO VASCÃO

CORVOS

Rio Vascão

Revezes

AMEIXIAL

Azinhal dos Mouros

Monte da Romba

EM506

Dogueno

N2

MONTE NOVO

EM

EM504

EM

Corte João Marques

EM

EM503



Ribeira da Corte

Santa Cruz ► Almodôvar

2

Saindo de Santa Cruz a paisagem transforma-se. À nossa frente estende-se agora, a perder de vista, o relevo suave da planície ondulada do Baixo Alentejo. As vistas alargam-se e antevê-se uma etapa tranquila, propícia à contemplação.

Sucedem-se extensas searas em propriedades não cercadas, como já é raro observar no Alentejo, emolduradas por magníficas azinheiras seculares, sobreiros e plantações de pinheiro manso. Ao longo das quatro estações a paisagem vai tomando diferentes tonalidades, sendo que na primavera explode numa profusão de cores, de ervas e arbustos floridos, e no outono não impressiona menos quando logo após as primeiras chuvas desponta um coberto verde vivo sobre a espessa terra vermelha.

É também o domínio do pastoreio, onde começam os chamados “Campos de Ourique”, que acolhiam a ancestral transumância anual, que percorria centenas de quilómetros desde a serra da Estrela. É frequente cruzarmo-nos com rebanhos de ovelhas curiosas, cujas crias se acercam sem medo, para deleite do viajante.

Almodôvar

Esta segunda etapa termina em Almodôvar, vila e concelho, que oferece inúmeros atrativos

culturais, gastronómicos e turísticos em geral.

Devido à sua localização estratégica entre o Alentejo e o Algarve, até meados do século passado Almodôvar foi importante entreposto comercial e polo de artesãos que se dedicavam a uma imensa variedade de artes e ofícios, onde preponderavam os sapateiros (ver a enorme escultura de homenagem ao sapateiro de autoria de Aureliano Aguiar, na Rotunda do Sapateiro).

Na origem (1239), a mata de Almodôvar era o limite ocidental das possessões que a Ordem de Santiago tinha em Mértola. A vila só passou a deter centralidade regional a partir de 1285, data do primeiro foral de Almodôvar, doado pelo rei D. Dinis. A partir de 1297, a vila foi integrada na Ordem de Santiago, que aqui estabeleceu uma comenda até ao final do século XVIII. Terra da viola campaniça e do cante alentejano, Almodôvar é ainda um centro de fabrico tradicional de calçado.



Ponte de Cobres e poço

É possível que a ponte tenha origem romana, pois Almodôvar implantou-se na proximidade de uma antiga via imperial que ligava Alcácer do Sal ao Algarve. A atual configuração da ponte é medieval, como indica o seu tabuleiro em caveleto. A primeira referência é de 1375 e, até à revolução viária do século XIX, era por aqui que se partia de Almodôvar para sul ou se chegava à vila vindo do Algarve ou de Mértola. O acesso ao centro seguia a atual Rua da Ponte Romana.



Convento de Nossa Senhora da Assunção

Atual posto de turismo de Almodôvar, o convento franciscano de Nossa Senhora da Assunção teve origem numa pequena ermida, que já existia em 1630. Meio século mais tarde, por patrocínio de Fernando Guerreiro, homem de prestígio local, que se fez sepultar em campa rasa diante do altar-mor da igreja conventual, promoveu a constituição de um convento, o único da história de Almodôvar.



Igreja matriz de Santo Ildefonso

A igreja já existia em 1320, mas o atual aspeto grandioso de igreja-salão data de uma reconstrução integral, ocorrida em finais do século XVI e sob projeto do arquiteto régio Nicolau de Frias.

A encomenda foi da Ordem de Santiago, cujo comendador local em 1592, D. Diogo de Castro, ordenou que a obra fosse terminada.

Igreja matriz de Rosário

Edifício exteriormente modesto, o seu interior é um verdadeiro catálogo de devoções, tal a quantidade e qualidade da pintura mural que, em inícios do século XVIII, foi aplicada às paredes laterais. Entre os muitos santos representados, salienta-se uma pintura alusiva a Santiago, na sua qualidade de *Matamouros*: a cavalo, com a espada desembainhada e escudo com a cruz da Ordem de Santiago, combatendo sem piedade os infieis.



e também...

Mercado Medieval de Almodôvar – Abril

FACAL – Julho

Feira do Cogumelo e do Medronho – Novembro

Museu da Escrita do Sudoeste

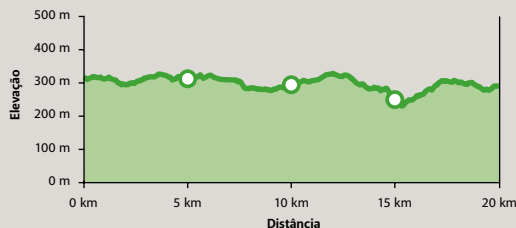
O Museu da Escrita do Sudoeste espelha o ponto de partida para o entendimento da história e mostra a forma ancestral que os povos que habitavam este território há mais de 2500 anos usavam para comunicar. A exposição apresenta, de forma didática, funcional e estética, a evolução da grafia e do

conhecimento escrito, e aqui é possível contemplar estelas em pedra epigrafadas com a escrita mais antiga da Península Ibérica.





Distância 20 km
Altitude máxima 331 m
Subida acumulada 372 m
Descida acumulada -399 m
Duração 5h00m
Dificuldade (0-5) 3



Escassas quintas e montes de pedra e taipa, alguns em completa ruína, atestam a dispersa ocupação humana, sobretudo para apoio agrícola dos proprietários e trabalhadores residentes em Almodôvar e outras aldeias em redor. Na zona da “Dadorde” descobrimos que era afinal lugar da Quinta “Da Ordem” (de Santiago), agora parcialmente recuperada para habitação de lazer. Recentemente alguém reergueu uma cruz metálica ali achada, onde provavelmente muitos outros vestígios históricos ainda estão por descobrir.

Sensivelmente a meio da etapa passamos no Monte João Dias, onde os escassos residentes nos acolhem com simpatia e conosco partilham do pouco de que dispõem. Daqui em diante seguimos por um caminho antigo, agora reaberto, até atravessar a ribeira e percorrer mais 3 km até à aldeia de Guedelhas para beber um café ou algo mais substancial.

A seguir a Guedelhas, o Caminho entronca com o único troço em estrada (2 km) da etapa, para logo virar à direita para novo caminho rural no sentido do Monte de Pero Guerreiro

(a toponímia a revelar as raízes históricas) e, de monte em monte, incluindo um “molha-pés” na travessia da ribeira de Oeiras (Moinho do José Caetano), caso transporte água suficiente para o efeito, acercamo-nos de Almodôvar. Ao torneir uma derradeira colina, Almodôvar surge à vista como um oásis branco, resplandecente, encaixado no vale da ribeira de Cobres, e a descer aceleramos o passo entusiasmados com a previsão de uma refeição mais saborosa ou de um sono mais confortável do que aqueles que tivemos nos últimos dois dias.

O Caminho desemboca na estrada 267 e está sinalizado para seguir pela esquerda, entrando na vila pela ponte nova sobre a ribeira de Cobres e seguindo até à igreja matriz de Almodôvar. No entanto, caso queira ter a experiência de atravessar a ponte antiga (medieval mas construída no local de outra de origem romana), deverá virar à direita e de novo a cerca de 100 metros à esquerda. Atravessada a ponte não terá dificuldade de encontrar o Caminho até à igreja matriz.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Almodôvar
+351 286 660 600
- Junta de Freguesia de Almodôvar e Graça de Padrões
+351 286 662 563

APOIO

- CTT – Posto Almodôvar
- Posto de Turismo e Espaço Internet

PONTOS DE INTERESSE

- Convento de Nossa Senhora da Conceição
- Igreja Matriz de Santo Ildefonso
- Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário
- Igreja Paroquial de Santa Cruz
- Museu da Escrita do Sudoeste
- Museu Municipal Severo Portela
- Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro

ALERTAS

Entre Santa Cruz e Almodôvar não encontrará qualquer ponto de abastecimento ou apoio, com exceção da hospitalidade dos residentes do Monte João Dias e do Café Sequeira em Guedelhas (Tel. +351 286 662 430), pelo que convém ir prevenido com o que achar por conveniente para a extensão da etapa. O Café poderá preparar refeições se avisado previamente.

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros de Almodôvar: +351 286 660 140
 GNR - Posto Territorial de Almodôvar:
 +351 286 660 051

SAÚDE

- Centro de Saúde de Almodôvar
+351 286 660 200
- Farmácia

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

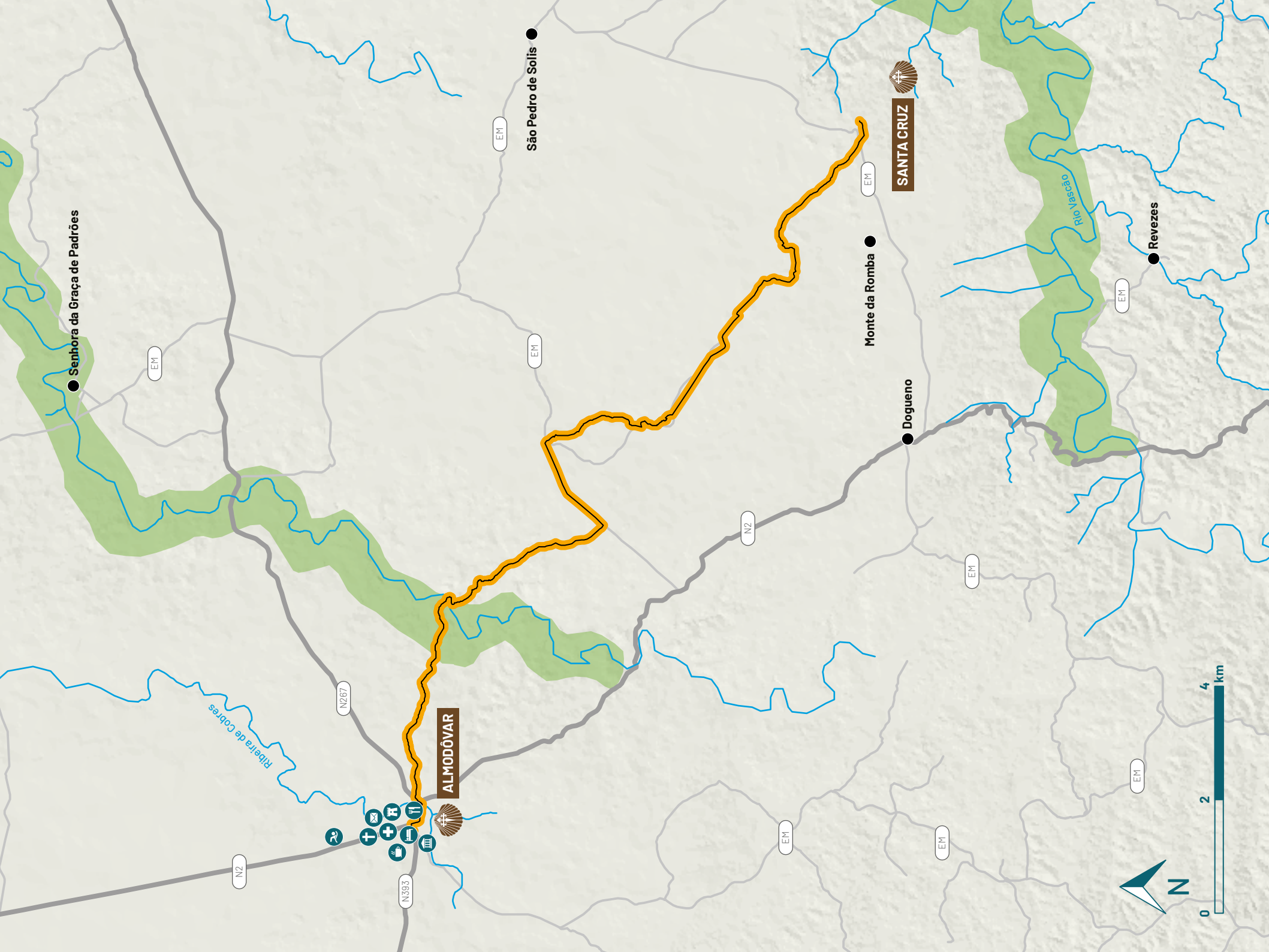


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Senhora da Graça de Padrões

São Pedro de Solis

Monte da Romba

SANTA CRUZ

Revezes

Dogueno

ALMODÓVAR

Ribeira de Cores

Rio Vascão

EM

EM

EM

EM

N2

EM

N267

N2

N393

EM

EM

EM





A caminho de Castro Verde

Castro Verde começou por ser um pequeno povoado nos imensos campos de Ourique, como esta parte do Baixo Alentejo era conhecida no século XIII. A localização estratégica na rede viária regional levou à sua elevação como município e como comenda da Ordem de Santiago.

Foi também local de destino da transumância vinda de lugares distantes, como a serra da Estrela, chegando sazonalmente à região rebanhos consideráveis que estanciavam na vasta planície que se estendia a sul da aldeia de Entradas. No século XVI, a Ordem de Santiago era a maior proprietária do centro urbano, pois foi nas casas desta ordem, que tinham anexo um grande celeiro, que o rei D. Sebastião ficou alojado em 1573. Terra de mineiros e de trabalhadores na agricultura e nas ganadarias, é de Castro Verde o principal grupo de Cante Alentejano, os Ganhões, formado em 1972 por antigos trabalhadores nas planícies de trigo.



Capela de Nossa Senhora dos Remédios

Inicialmente consagrada às Chagas do Salvador, a igreja passou a ter por orago principal Nossa Senhora dos Remédios, devido a milagres operados por uma imagem da Virgem oferecida em 1630 por um fiel devoto. A construção primitiva do edifício é lendariamente relacionada com um voto feito por D. Afonso Henriques após a vitória na batalha de Ourique, razão pela qual as pinturas que decoram a nave, da autoria do pintor Diogo Magina, retratam os sucessos do primeiro rei português naquela batalha.

A presença da Ordem de Santiago faz-se sentir na basílica real de Castro Verde. Construída em 1718, substituiu a igreja matriz local; é um grandioso monumento barroco do tempo de D. João V. No interior conserva-se um dos mais importantes conjuntos azulejares do Alentejo, assinado pelo mestre lisboeta P.M.P. e datado de c. 1730. Os painéis da nave foram dedicados aos



acontecimentos da Batalha de Ourique (25 de julho de 1139). E ainda que não se conheça o local exato desta batalha, uma tradição fortemente enraizada situa-a em São Pedro das Cabeças, a sudeste de Castro Verde. Para a vitória de D. Afonso Henriques sobre um exército reunido de cinco chefes mouros, principal sucesso militar que contribuiu para a independência do reino de Portugal, terá sido fundamental a aparição de Cristo ao futuro monarca português, na véspera da batalha, episódio retratado no teto da nave da basílica.

As seis composições laterais da capela-mor retratam episódios da vida de Santiago, consumando-se finalmente a relação do sucesso de Ourique com o dia em que a batalha ocorreu: 25 de julho de 1139, dia de Santiago.

Na igreja conserva-se a cabeça-relicário de S. Fabião. Encontrada na aldeia de Casével, esta cabeça-relicário medieval fez parte do tesouro da princesa bizantina Vataça de Lascaris, aia da rainha D. Isabel de Aragão e senhora de Santiago do Cacém, onde também promoveu importantes obras. De provável fabrico aragonês, esteve ao culto até finais do século XVII, altura em que o relicário ainda era transportado para os campos de Casével, para benzer o gado que se concentrava nos imensos pastos.



Basilica Real de Castro Verde



Obelisco alusivo à Batalha de Ourique

Erguido em 1792, pelo então provedor régio da comarca de Castro Verde, o obelisco exibe a efigie da rainha D. Maria I e uma inscrição que alude à aparição de Cristo a D. Afonso Henriques na véspera da batalha de Ourique. O monumento foi destruído por um ciclone em 1804 e só voltou a ser reintegrado, no espaço fronteiro à Câmara Municipal de Castro Verde, em 1960.

e também...

Festas de Castro – Junho

Feira de Castro

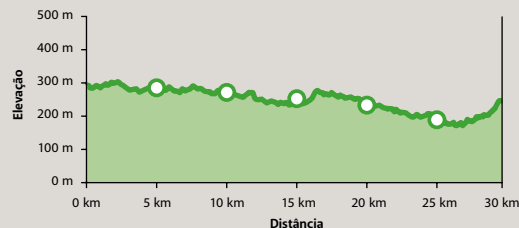
Foi instituída por Filipe II em 1620 e depressa se tornou um dos mais importantes acontecimentos

da vida social, económica e cultural do concelho de Castro Verde. A tradição aqui ainda é o que era e, em outubro, a feira repete-se, à altura do ditado popular que afirma: “Tão certo como a Feira de Castro”.

Almodôvar ► Castro Verde



Distância 30 km
Altitude máxima 303 m
Subida acumulada 476 m
Descida acumulada -519 m
Duração 8h30m
Dificuldade (0-5) 4



A partir da Praceta do Poço de Beja, saímos de Almodôvar pela rua da Antiga Estrada de Ourique. O asfalto não vai longe, dando lugar ao macadame no cruzamento que dá acesso ao Monte Fernão Dias, que vale a pena visitar se houver tempo. Seguimos o Caminho por mais 3 km e ficamos paralelos a Corte Zorrinha, um pequeno aglomerado de casas. Mas a etapa é longa, de 30 km, uma distância respeitável que não augura um dia fácil, pelo que teremos de nos focar em chegar a Castro Verde ou, em alternativa, decidir desde já que vamos desfrutando calmamente das vivências que o Caminho nos oferece e que pernoitaremos na aldeia do Rosário, a meia distância. Sucedem-se montes em ruínas e outros em atividade, numa extensa paisagem rural sem ponta de sombra, onde campos cerealíferos convivem com olivais, montado disperso, campos de pasto e até vinhedos. A aldeia de A-dos-Neves surge na altura ideal, seja para um ligeiro descanso ou mesmo para refrescar em dias de mais calor.

Após 3,5 km, chegamos a Rosário, já no município de Castro Verde. Seguimos pela Rua do Lavadouro, atravessamos a estrada

nacional N2 e, pela rua do cemitério, dirigimo-nos em direção a Castro Verde por caminho de terra batida. Bordejamos as antigas minas de manganês e ferro do Ferragudo mas, com a construção de casa particular no local, este importante ponto de mineração passa despercebido a quem não vá avisado.

Descemos a colina em direção à linha ferroviária, que passamos em túnel desnivelado e, sempre acompanhados por rebanhos de ovelhas, chegamos ao Monte da Filipeja, onde teremos de estar prevenidos para a eventualidade de alguns cães de pastor se encontrarem à solta. Desviamos para a direita, passamos a portada e vamos abrindo e fechando portadas de arame que são essenciais para condicionar os movimentos das manadas e assegurar a rotação das pastagens.

Passamos o Monte dos Prazeres, donde já se define Castro Verde, e descemos para a estrada asfaltada, que atravessamos continuando a seguir o Caminho de terra do lado oposto. Para a direita, ao longo de pouco mais de 2 km, poderíamos seguir até à ermida

de São Pedro das Cabeças onde, reza a lenda, ocorreu a mítica Batalha de Ourique.

Atravessamos a ribeira sobre uma passagem em lajes de pedra maciça e seguimos pelo olival até à estrada rural que nos vai levar a uma das entradas de Castro Verde. Pelo meio registamos, à esquerda, uma antiga propriedade, a “Horta da

Ordem”, que ostenta orgulhosamente a inicial “S” de Santiago no portão frontal. Pela rua do Cemitério, viramos à direita na rotunda e subimos a Rua dos Ciprestes e depois a Rua Dr. António Francisco Colaço, continuando para a esquerda pela Rua D. Afonso Henriques. A etapa termina frente à Igreja das Chagas do Salvador, junto da qual se situa o Posto de Turismo.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Castro Verde
+351 286 320 700
- Junta de Freguesia do Rosário

APOIO

- CTT
- Táxi
- Supermercado

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja da Misericórdia
- Igreja Matriz de Casével
- Igreja das Chagas do Salvador/Nossa Senhora dos Remédios

- Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição
- Ermida de São Pedro das Cabeças
- Ermida de São Miguel Casével
- Ermida de São Sebastião
- Obelisco em memória da Batalha de Ourique

SAÚDE

- Centro de Saúde de Castro Verde
+351 286 320 140
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Castro Verde:
 +351 286 320 020
 Guarda Nacional Republicana: +351 286 320 080

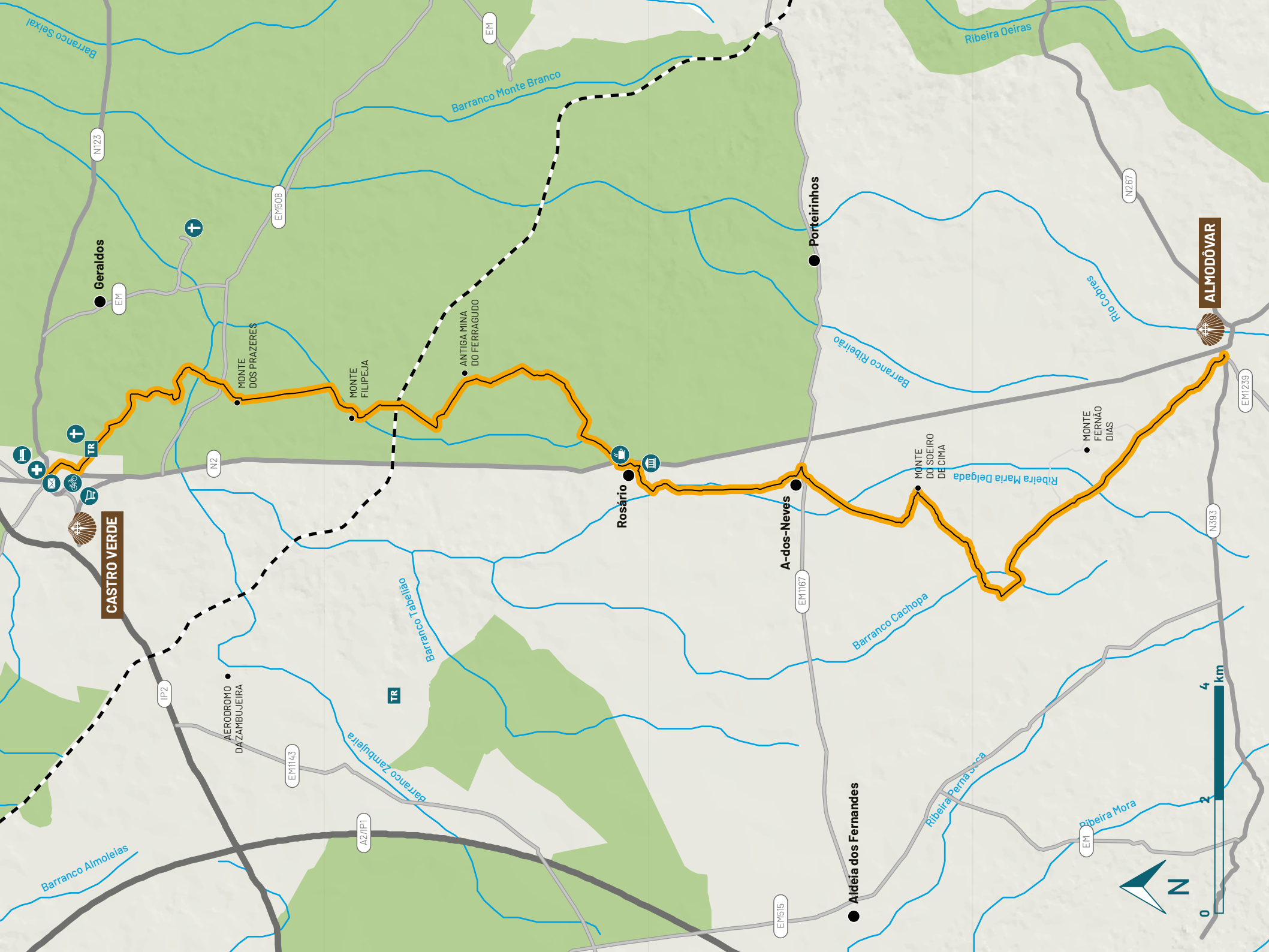
www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

**CÓDIGO DE CONDUTA**

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



CASTRO VERDE

Geraldos

Rosário

A-dos-Neves

Aldeia dos Fernandes

Porteirinhos

ALMODÔVAR

AERODROMO
D'AZAMBUJEIRA

MONTE
DOS PRAZERES

MONTE
FILIPEJA

ANTIGA MINA
DO FERRAGUDO

MONTE
DO SOEIRO
DE CIMA

MONTE
FERNÃO
DIAS

Ribeira Oeiras

Barranto Ribeirão

Barranto Cachopa

Barranto Zambujeira

Barranto Monte Branco

Ribeira Perna Seca

Ribeira Mora

Rio Cores

N173

EM1508

N267

N2

N393

IP2

EM1143

A2/1PI

EM1515

EM1167

EM1238

4 km

2

0



Castro Verde ► Messejana

4

“Alentejo, Alentejo, Vastidão de Portugal, Futuro, continental! Terra lavrada, que vejo, a ser mar mas sem ter sal”, escrevia Miguel Torga num dos seus poemas da *Ode ao Alentejo*. Este “mar” pode bem ser o imenso território denominado “Campo Branco”, dito “de Ourique” nos séculos xvi e xvii, quando eram o destino para as pastagens de inverno dos grandes rebanhos vindos da serra da Estrela, tendo, por isso, o fenómeno da transumância marcado fortemente o concelho. Esta região é a mais importante zona de estepe cerealífera de Portugal, resultante do cultivo extensivo de cereais, e dela depende a existência de muitas

espécies de aves com estatuto de conservação desfavorável, em particular a abetarda, a mais pesada ave do continente europeu, para cuja observação, especialmente nos meses de março e abril, se deslocam todos os anos milhares de pessoas ao Centro de Educação Ambiental de Vale Gonçalves, uma herdade adquirida pela ONG Liga para a Proteção da Natureza.

Messejana é o nosso destino. Nela encontramos as ruínas de um castelo, que evocam a importância deste antigo concelho medieval, que foi sede de comenda da Ordem de Santiago desde, pelo menos, o

reinado de D. Dinis. A localidade tem origem na palavra árabe *masjanâ*, que significa cárcere ou prisão. Ao reduto fortificado edificado pelos muçulmanos sucedeu um castelo gótico cristão, que terá sido edificado ao redor de 1288. A vila havia sido conquistada pelas tropas de D. Sancho II em 1235. Localizada no ponto mais elevado da vila, desta antiga fortaleza resta apenas parte da torre que defendia o acesso ao recinto.

Implantada na encosta do castelo, hoje em posição ligeiramente periférica em relação à vila, a atual configuração da igreja de Nossa Senhora dos Remédios



Antigo Castelo de Messejana



Vista Messejana

data de uma ampla reforma do século xviii. Apesar de discreta, é uma igreja compacta e vertical, digna de uma sede de comenda santiaguista do sul do país.

Contraposta ao arruinado núcleo medieval, a Praça 1.º de Julho concentra os principais edifícios da vila. O pelourinho ilustra

a relevância da localidade no século xvi, altura em que foi agraciada com foral novo dado por D. Manuel I em 1512. A igreja da Misericórdia foi edificada em 1570, e no seu interior subsiste uma pintura maneirista que representa o Pentecostes, momento em que os apóstolos passaram a ter a capacidade

para falar as várias línguas da Terra, conhecimento essencial às pregações que posteriormente empreenderam. A torre do relógio está adossada à antiga Casa da Câmara e, durante séculos, marcou com o som do seu sino o quotidiano dos habitantes locais.

e também...

Feira Anual – Junho

Festa de Nossa Senhora da Assunção – Agosto

Museu Etnográfico de Messejana

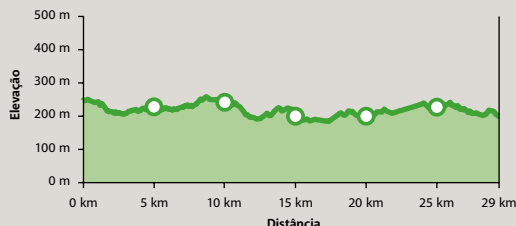
Localizado num dos edifícios mais antigos de Messejana, no centro histórico da vila, é um espaço que pode considerar-se a sala de visitas da terra. Possui 12 divisões onde se reproduzem uma antiga venda, uma sala de aula, várias dependências das casas típicas alentejanas, das mais modestas às mais abastadas, ou ainda onde se expõem objetos como os cântaros de Francisco Bartolomeu, o último aguadeiro de Messejana.



Castro Verde ► Messejana



Distância 29 km
Altitude máxima 256 m
Subida acumulada 382 m
Descida acumulada -430 m
Duração 8h30m
Dificuldade (0-5) 4



Saímos de Castro Verde para outra extensa etapa, ao longo de 29 km, até Messejana, atravessando inicialmente o Campo Branco através de sucessivas herdades votadas à criação de gado bovino. Nesta altura, ou mesmo antes, convém telefonar para a única unidade de alojamento existente em Messejana, ou para a Junta de Freguesia, para assegurar local de pernoita, sempre difícil de obter devido à procura pelos trabalhadores das minas de Aljustrel.

Passamos a aldeia de Almeirim e percorremos cerca de 1 km em estrada antes de virarmos para caminho em terra batida, à esquerda, onde a tabuleta indica a Herdade de São Miguel. Antes disso, passamos também um portão verde que dá acesso ao caminho que leva à Fonte dos Milagres, cujas águas, de utilização pública, estão creditadas com benefícios excepcionais. Rodeamos a herdade, com passagem junto a uma barragem rural e entramos em Casével, passando a rotunda que ostenta uma original escultura metálica de homenagem ao Cante Alentejano, e virando à direita para a Rua de Castro Verde. Não perdemos a oportunidade de conhecer a

igreja matriz, construída sobre outro templo mais antigo. Aqui, foi encontrada uma estranha relíquia de prata, representando uma cabeça à escala humana, mas que levava dentro, colado ao interior da prata, um autêntico crânio humano. Na altura, as gentes locais relembrou as memórias ancestrais e não tiveram dúvidas de que se tratava da cabeça santa de São Fabião, o Papa martirizado no século III pelo Império de Roma, que durante séculos se manteve na igreja de Casével e que era venerada pelos poderes que se lhe atribuíam na proteção do gado.

Após o almoço, prosseguimos viagem em direção à antiga estação ferroviária de Casével, por estrada rural praticamente deserta. Daqui em diante são 10 km de caminhos rurais até Messejana, quase sempre entre cercas de propriedades, sem histórias de maior relevância. A determinada altura vamos encontrar a estrada nacional 263 mas, de imediato, fazemos a inflexão à esquerda no sentido do Monte das Muralhas, passando todas as portadas que se nos interpõem. Finalmente, atravessamos um viaduto sobre a autoestrada e avistamos a vila de Messejana.

Chegamos ao largo do centro e somos recebidos pela igreja da Misericórdia, uma de 11 igrejas que a vila chegou a ter, com a Praça de Touros à direita, por detrás do casario, onde a tourada era tradição já em 1573, quando D. Sebastião aqui esteve, realizando-se três touradas em quatro

dias. Lá no topo persiste a igreja matriz e as ruínas do castelo, erguido em 1288, mas agora já só com vestígios de uma parede da torre. É tempo de nos dirigirmos à Junta de Freguesia, também no largo central, para sabermos o que Messejana nos reserva.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Junta de Freguesia de Messejana
+351 284 655 148
- Câmara Municipal de Aljustrel
+351 284 600 070

APOIO

- € Banco/ATM
- ✉ CTT Messejana
- 🛒 Supermercado
- TR Quinta da Cerca +351 936 119 626
- TR Casa das Romãs +351 932 950 028

PONTOS DE INTERESSE

- ✪ Ermida de Nossa Senhora da Assunção
- ✪ Igreja Matriz (de Santa Maria)

- ✪ Igreja da Misericórdia
- ✪ Pelourinho da Vila
- ✪ Antigo solar da família Velho da Costa
- ✪ Antigo Castelo Messejana
- ✪ Museu Etnográfico de Messejana

SAÚDE

- H Extensão de Saúde Messejana (CS Aljustrel)
+351 284 655 147
- + Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Aljustrel:
 +351 284 600 130
 GNR - Posto Territorial de Aljustrel:
 +351 284 600 010

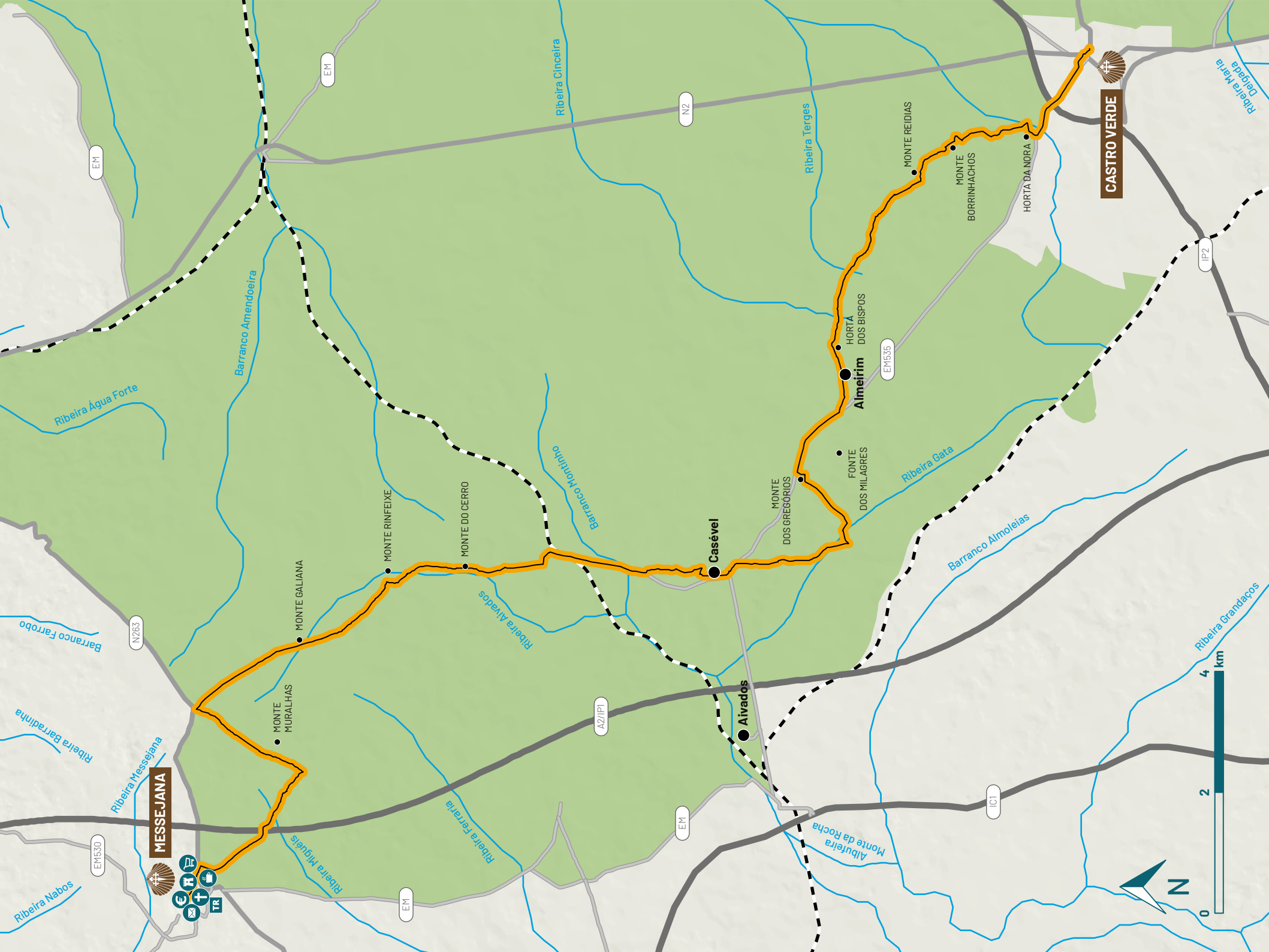
www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

**CÓDIGO DE CONDUTA**

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Messejana ▶ **Fornalhas Velhas****5**

A aldeia de Fornalhas Velhas, implantada nos férteis campos do Vale de Santiago, entre o rio Sado e a ribeira de Campilhas, era, como o nome indica, propriedade da Ordem de Santiago. De resto, pertence mesmo à freguesia de Vale de Santiago, localidade que deve o seu nome ao facto de a Ordem de Santiago ter sido proprietária deste trecho de território, inicialmente vinculado a Santiago do Cacém.

Vale de Santiago é uma freguesia portuguesa do concelho de Odemira com 59,24 km² de área e cerca de 551 habitantes.

Sendo uma povoação antiga, o Vale de Santiago apresenta um bonito traçado de ruas estreitas





Barragem de Campilhas

e caídas, mantendo intacta a sua arquitetura tradicional.

A igreja de Santa Catarina merece uma visita, bem como a fonte de Nossa Senhora da Luz. Nesta freguesia há ainda a registar o monte de Columbais, onde se diz ter nascido Cristóvão Colombo.

Nota também para o monte da Comuna (do qual já pouco resta), onde um grupo de anarquistas, liderados por António Gonçalves Correia, criou a chamada "Comuna da Luz", que deu origem à revolta

dos trabalhadores rurais do Vale de Santiago na crise de 1918. A Comuna da Luz está também associada à morte de Sidónio Pais. O assassino do então Presidente-Rei foi José Júlio da Costa, um agrário de Garvão, que serviu de mediador entre as autoridades e os revoltosos do Vale de Santiago.

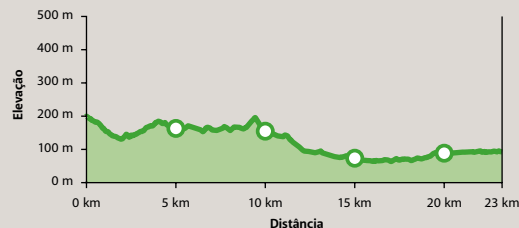
Santa Catarina é a padroeira da freguesia que é homenageada na festa religiosa de 25 de novembro. A feira anual de Vale de Santiago realiza-se no último sábado de agosto e no primeiro

domingo de setembro nas Fornalhas Velhas.

Tal como a aldeia, o castelo velho ilustra os antigos aproveitamentos do vale da ribeira de Campilhas, promovidos pela Ordem de Santiago. Neste local, ergueu-se uma estrutura militar rudimentar, de que não restam vestígios. O topónimo assegura a antiguidade do local, hoje transformado em exploração agrícola, e a sua relevância como ponto dominante sobre aquele afluente do rio Sado.



Distância 23 km
Altitude máxima 198 m
Subida acumulada 290 m
Descida acumulada -397 m
Duração 5h45m
Dificuldade (0-5) 3



Antes da saída para a etapa de hoje, convém verificar previamente a disponibilidade de alojamento e alimentação em Fornalhas Velhas, pois esta aldeia onde prevemos terminar o dia ainda não está preparada para receber muitos viajantes em simultâneo.

Saímos de Messejana pelas traseiras da Quinta da Cerca, entrando logo a seguir num caminho de terra batida em direção a Aguentinha do Campo, um monte com atividade agropecuária, com serviços de turismo rural e atividades equestres. Ao lado está a Herdade de Buena Madre, onde antes afloravam águas minerais muito apreciadas na região.

Terrenos ondulados, com estevais, olivais e culturas diversas, mas sempre com montado dominante. A espaços, outros montes, um açude, cavalos, gado bovino, e em 7,5 km alcançamos a Aldeia dos Elvas. Um café e seguimos caminho em subida até ao Monte do Cerro, de onde se pode apreciar uma bonita vista sobre os vales verdejantes, criados pelas ribeiras que descem do planalto, descida essa que vamos acompanhar, passando depois

sobre o canal de irrigação do alto Sado, já no concelho de Ourique.


Pelo túnel debaixo da estrada IC1 avançamos em direção a Torre Vã, onde se estranha a silhueta de um antigo edifício de grandes dimensões, rodeado ainda por diversos outros de serventia à quinta e de habitação. Esta herdade foi local de grande importância na época romana. Aqui se encontraram vestígios de uma antiga *villa* e uma barragem. Pouco depois de Torre Vã, estamos no leito do rio Sado, que atravessamos para a outra margem, mais perto da linha ferroviária, que também vamos ultrapassar utilizando o viaduto. Logo após, entramos, à direita, em caminho vicinal e percorremos cerca de 6 km por entre campos de cultivo e pastagens até chegarmos à aldeia de Fornalhas Velhas, no concelho de Odemira.

Entramos pela rua 25 de Abril diretos ao cruzamento onde encontramos o Café O Jorge, e perguntamos pelas instalações do Centro Sócio-cultural ou pelo Monte do Marmeleirinho, únicos locais com alojamento preparado para os viajantes.


DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

 Junta de Freguesia de Vale Santiago
+351 283 691 327

APOIO

 Herdade do Marmeleiro
+351 934 533 485

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
Incêndios Florestais: 117

ALERTAS

Para questões relacionadas com o alojamento, contactar a Junta de Freguesia.

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Ribeira Malhão

Ribeira Campilhas

N262

EM

FORNALHAS VELHAS

EM1079

TR

Rio Sado

Torre Vã

EM

Barranco Corgo do Vale de Lobo

Barranco Vale de Coelhoeiros

MONTE DA NOBRE

MONTE DA AGUENTINHA DO CAMPO

HERDADE DA BUENA MADRE

MESEJANA

N263

Aldeia dos Elvas

Monte do Serro

ICI

Ribeira Migueis

Barranco Carvalho

EM18

EM1109

N261-4

EM1225



Fornalhas Velhas ► São Domingos

6

Relembramos a história do Vale de Santiago, que conta que, durante a crise de 1918, os trabalhadores rurais da região se uniram em rebelião e iniciaram aqui a primeira comuna anarquista. Tornaram-se vegetarianos e naturistas, dedicavam-se à agricultura e fabrico de calçado. Com duração curta, porém, pois foram alvo de perseguições e repressões policiais, e acusados de encorajar as greves rurais que mais tarde ocorreram.

Bem mais antiga é a igreja matriz de São Domingos, construída nos finais da Idade Média, altura em que a localidade era uma capelania da Ordem de Santiago, mas que ainda preserva da época manuelina uma pia de água benta. Templo simples, próprio de um território rural e periférico, a sua construção foi determinada por valores funcionais, enriquecida nos séculos xvii e xviii com altares e imagens devocionais e uma torre sineira, já do século xx.

São Domingos foi buscar o seu nome, como este indica, a um santo. Uma antiga lenda conta que alguns habitantes locais tinham por hábito venerar uma imagem de São Domingos, que se encontrava num local indeterminado do lado sul da ribeira de São Domingos. Querendo construir uma capela do lado oposto da margem, traziam a imagem para o local pretendido mas, na manhã seguinte, a imagem insistia em miraculosamente aparecer no



A chegar a São Domingos



sítio original. É por essa razão que quer a igreja quer a povoação, têm a atual implantação.

Em São Domingos encontra ainda a antiga fábrica de moagem de

José Mateus Vilhena, construída em 1925, que cessou atividade em 1982. Depois de um período de decadência, o conjunto monumental foi aproveitado para alojamento local. Parte do

empreendimento foi convertido em Museu da Farinha, que abriu portas em 2014 e que recupera muito do material industrial anteriormente utilizado na fábrica.



Barragem de Fonte Cerne (Serne)

Com uma área de 105 hectares, a barragem de Fonte Cerne foi projetada em 1973 e construída em 1977, para aproveitamento do caudal da ribeira de Vale Diogo. O muro de aterro tem uma altura de 18 metros. É uma barragem secundária, que dispõe de sistema local de rega, embora hoje esteja mais vocacionada para zona de lazer.

e também...

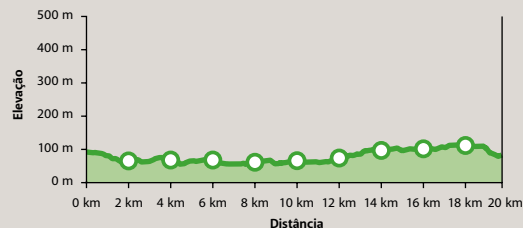
Museu da Farinha

Inaugurado em 2014, o Museu da Farinha dá a conhecer um elemento do património rural e industrial marcante para a região do Alentejo. O espaço funciona na antiga Fábrica de Moagem, que funcionou até 1982 e onde

se pode ver parte dos seus equipamentos, a maioria construída em madeira. Da seara ao pão, neste museu recorda-se o ciclo deste alimento, que faz parte da base da alimentação dos portugueses.



Distância 20 km
Altitude máxima 110 m
Subida acumulada 214 m
Descida acumulada -223 m
Duração 5h00m
Dificuldade (0-5) 3



Seguimos até ao final da Rua 25 de Abril e continuamos em frente, por bom caminho de terra, ladeado por eucaliptos que asseguram a sombra. Seguindo a sinalização, entramos por um portão metálico na bonita propriedade do Monte Novo das Fornalhas e descemos a colina com uma barragem à vista do lado direito. Passamos a vau uma ribeira e não cedemos à imensa lama que se acumula junto à ETAR. Menos de 1 km depois, por entre rebanhos de ovelhas e parcelas cultivadas, chegamos a uma estrada (N262).

Viragem à esquerda e depois à direita, passamos então no sítio incomum de Castelo Velho, local de antigos povoados fortificados pré-históricos, onde mais tarde se instalou um pequeno castelo rural do Período Islâmico, que a Ordem de Santiago aproveitou. Torres, cerros e castelos eram muito comuns no território de Odemira, para defesa durante as infundáveis guerras e conquistas alternadas de bastiões, desde o século VIII até ao XII, nesta zona de fronteira entre os territórios de muçulmanos e cristãos portugueses. Inletimos mais uma vez à direita, para outro ramal asfaltado, o qual

passa a estradão de macadame pouco mais à frente, assim que entramos no concelho de Santiago do Cacém.

O estradão largo permite ter boas panorâmicas de toda a região envolvente, em particular quando nos aproximamos da barragem do Monte dos Alhos, onde assistimos a virtuosas danças aéreas de milhares de aves de diferentes espécies. Do lado norte da barragem ressalta ainda uma vasta plantação de pinheiros mansos sobre um atapetado verde vivo, que acrescenta uma bela moldura a este recanto inesperado. Passamos sobre a parede da barragem e encontramos uma curva em estrada asfaltada, rodeando as instalações do Monte dos Alhos, na qual tomamos o percurso da esquerda. Após 2,5 kms, viramos de novo à esquerda para seguir por Foros da Casa Nova. Aproveitamos para uma pausa no café A Paragem, o único na aldeia e que também prepara almoços, o que vem mesmo a calhar!...

Com o estômago preparado para o derradeiro esforço até São Domingos, entramos por terrenos em que a atividade agrícola perdeu

espaço, dando lugar sobretudo aos eucaliptos e a montado, mais ou menos organizado, ao longo dos 6 km que nos separam do final da etapa. Atravessamos a aldeia em direção à Junta de Freguesia, situada no mesmo Largo 25 de Abril que a antiga e singela igreja ali existente, e onde damos por terminado o percurso de hoje.

Aqui, em São Domingos, visitamos o Museu da Farinha, na Rua 1.º de Maio. Situado numa antiga fábrica de moagem, expõe a maioria do material industrial usado na fábrica, que fechou em 1982. Na igreja matriz, construída quando a localidade pertencia à Ordem de Santiago, descobrimos uma pia de água benta manuelina.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia da União de Freguesias de São Domingos e Vale de Água
 +351 269 903 158

APOIO

- ATM
- Posto de Correios de São Domingos – Papelaria Joaninha
- Supermercado
- Balneário Público
- Monte da Garrocheirinha
 +351 269 909 213/+351 937 755 990
- Monte Xisto Hotel Rural ****
 +351 269 900 040/+351 939 221 386

PONTOS DE INTERESSE

- Barragem de Campilhas
- Igreja de São Domingos
- Museu da Farinha

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117

ALERTAS

Para questões relacionadas com o alojamento, contactar a Junta de Freguesia.

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Barranco Vale de Santiago

Ribeira Malhão

Ribeira Gema

SÃO DOMINGOS

Foros da Casa Nova

FORNALHAS VELHAS

Monte Novo das Formaldas

Albufeira da Barragem Fonte Serne

Foros de Malhão

Castelo Velho

N390

N261

N262

EM4518

EM

EM

EM

EM

EM1075

ETAR



São Domingos ► Santiago do Cacém

7

Doada à Ordem de Santiago por D. Sancho I, em 1186, Santiago do Cacém foi o primeiro ponto avançado dos espartários no sul do país, à época em que a sede da ordem estava no castelo de Palmela. A vila, que tinha sido conquistada em 1158, acabou por cair em mãos muçulmanas naquele final do século XII e só entrou na definitiva posse portuguesa em 1217, após a conquista de Alcácer do Sal. Em 1310, a localidade foi doada a uma aia da rainha D. Isabel de Aragão: Vataça Lascaris, princesa bizantina exilada em Aragão e que acompanhou a rainha para Portugal, quando esta casou com D. Dinis. Já viúva, D. Vataça viveu em Santiago do Cacém entre 1317 e 1332.

No interior do castelo ainda são visíveis as ruínas do seu antigo paço, mas é na igreja matriz que se conservam os vestígios mais importantes da sua ação enquanto donatária de uma vila que tinha fortes ligações devocionais ao apóstolo Santiago. Na zona mais baixa da vila, existiu um hospital do Espírito Santo que servia viajantes e peregrinos que faziam uma paragem na vila.

Apesar de bastante modificada por uma intervenção realizada entre 1796 e 1830, na sequência de estragos provocados pelo terramoto de 1755, a igreja matriz de Santiago do Cacém conserva parte considerável da obra medieval mandada fazer por

D. Vataça de Lascaris, ao redor de 1315. Templo monumental, de três naves e antiga cabeceira escalonada, a entrada principal estava inicialmente voltada ao interior do castelo, funcionando assim como capela privada dos donatários da vila, que tinham o seu paço na alcáçova. Só nas obras de inícios do século XIX se implantou a fachada principal no local da antiga capela-mor, reforçando-se assim o estatuto do templo como igreja paroquial da vila, mais facilmente ligada ao núcleo populacional que se desenvolve na encosta do castelo. Entre os muitos motivos de interesse desta construção conta-se a representação, numa coluna, de uma figura humana que parece representar o apóstolo



Igreja Matriz de Santiago do Cacém



munido de bastão, enquanto num outro local subsiste um busto que bebe de uma cabaça, símbolo dos peregrinos jacobeus.

Nela pode encontrar-se o Painel de Santiago *Matamouros*. Obra maior da arte medieval e uma das mais antigas representações de Santiago *Matamouros* na arte portuguesa, este grandioso retábulo deve ter sido encomendado ao redor de 1330 por D. Vataça de Lascaris, para a capela-mor da igreja matriz de Santiago do Cacém. O apóstolo, com o estandarte da Ordem de Santiago, cavalga triunfante sobre uma hoste de muçulmanos. Alguns são esmagados, outros tentam fugir, outros ainda esboçam uma tentativa de defesa, incrédulos perante a supremacia de tão valoroso guerreiro cristão.

Também se encontra aqui uma relíquia do Santo Lenho, relíquia medieval trazida por D. Vataça de Lascaris dos seus domínios bizantinos. Há notícia de que outras relíquias na posse daquela princesa terão sido depositadas sob as colunas, à medida que a igreja ia sendo construída.

Antes de 1755, já a igreja havia sido bastante beneficiada. Por

volta de 1530, sob patrocínio de Alonso Peres Pantoja, ao tempo alcaide de Santiago do Cacém, a capela-mor havia sido coberta com uma abóbada de pedra, cujos fechos (bocetes) eram decorados com vieiras, cruzes da Ordem de

Santiago e bordões em forma de cruz. Quatro dessas chaves de abóbada foram preservadas na campanha pós-terramoto de 1755 e encontram-se hoje aplicadas aos muros do adro e da escadaria de acesso ao templo.



Ruínas romanas de Miróbriga

Interpretada por alguns como santuário, identificada por outros como centro urbano, sabe-se que Miróbriga foi habitada desde pelo menos a Idade do Ferro, até ao século IV d. C., tendo sido durante o período romano que mais cresceu. Situada numa zona de visibilidade favorecida, permitia o controlo de uma vasta região e das suas riquezas, nomeadamente agrícolas e de minérios. A cerca de 1 km do sítio arqueológico encontram-se as ruínas do hipódromo, que servia para corridas de carros puxados por dois ou quatro cavalos. Atualmente, o espaço conta com um Centro de Acolhimento e Interpretação, onde se encontra uma exposição permanente sobre o local, classificado desde 1940 como Imóvel de Interesse Público.

e também...

Feira do Monte – Agosto/Setembro

Santiago, Feira Agropecuária e do Cavalo – Maio

Bolo de Santiago e Santiaguinhos

Na sua génese encontra-se uma sobremesa conventual da Galiza (Espanha), que presumivelmente ao longo do tempo se foi disseminando pelos Caminhos que, desde a Idade Média, ligavam os

peregrinos a Santiago de Compostela para venerarem o Apóstolo Santiago. Mantém na base a utilização de ovos e amêndoa, no entanto sofre (nesta região) pequenas alterações, nomeadamente a utilização na sua confeção de doce de abóbora-gila, e ainda de acordo com o gosto de quem a confeciona a utilização de cacau/chocolate.



Distância 24 km
Altitude máxima 261 m
Subida acumulada 483 m
Descida acumulada -363m
Duração 6h45m
Dificuldade (0-5) 4



Estamos prestes a enfrentar uma das etapas mais exigentes do Caminho, não tanto pela sua extensão total (24 km) ou por alguma especial dificuldade técnica, mas pelo simples facto de esta ter de ser percorrida em total isolamento, sem qualquer recurso de apoio durante quase 21 km, até chegarmos à Aldeia dos Chãos. Apesar disso, o Caminho mantém-se sempre paralelo e a uma distância confortável da estrada nacional N261 (a cerca de 2 km), o que permite uma “escapatória” em caso de alguma dificuldade. Um ou outro monte habitado, como é o caso da Taboeira ou dos casais do Paiol de Santiago, poderão igualmente ser abordados em caso de necessidade.

A saída de São Domingos faz-se inicialmente por estrada, descendo ao cruzamento com a estrada nacional N261 e percorrendo nela cerca de 500 metros antes de nos desviarmos para a esquerda, para o caminho de areia que vai acompanhar o serpentear de um canal de rega, paralelo ao leito da ribeira de São Domingos, durante 4 km. Depois de nos desviarmos do canal, por entre montes e vales, quase sempre no domínio dos montados de

azinho e sobreiro, prosseguimos pelo meio de natureza, até avistarmos alguém na passagem ao largo dos casais de Paiol de Santiago, quando já tivermos percorrido 17 km da etapa de hoje. É este o refúgio do javali, da gineta e até, há quem afirme, do majestoso lince ibérico.

Seguimos em direção à Aldeia de Chãos, a pouco mais de 3 km, onde entramos pela rua principal e nos detemos finalmente para alguns momentos retemperadores, mas sem arrefecer, pois Santiago do Cacém está já perto. Da Aldeia dos Chãos saímos por caminho de terra até à N261 e, já na rotunda, optamos por seguir em frente, descendo para a entrada da cidade. Aqui, passamos muito próximo das ruínas do povoado romano de Miróbriga. Encontramos a estrada nacional N120 na próxima rotunda e continuamos em frente pelo eixo principal da cidade até encontrarmos o edifício da Câmara Municipal, à esquerda, com o jardim municipal à sua frente, onde termina a etapa. Em Santiago do Cacém, geminado com Santiago de Compostela, a Ordem e o apóstolo “matamouros” estão omnipresentes

no passado da cidade. Várias serão as referências para visita que obterá junto dos serviços de turismo, pelo que desnecessário será aqui referi-las, mas não podemos deixar de assinalar

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Junta de Freguesia de São Francisco da Serra +351 269 471 126
- Junta de Freguesia da União das Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra +351 269 818 740

APOIO

- Loja CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo da Quinta do Chafariz +351 269 826 696
- Posto de Turismo do Centro Histórico +351 269 825 382

PONTOS DE INTERESSE

- Paróquia de Santiago do Cacém
- Igreja de São Bartolomeu
- Igreja Matriz de Santiago do Cacém (Monumento Nacional)

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



o impacto da contemplação do painel em pedra que se exhibe na igreja matriz, representando Santiago *Matamouros* a cavalgar sobre uma hoste de muçulmanos, envergando o estandarte da Ordem.

- Centro Histórico de Santiago do Cacém
- Moinho Municipal da Quintinha
- Altura do Chapéu Fora
- Castelo de Santiago do Cacém
- Convento do Loreto
- Ruínas Romanas de Miróbriga
- Ruínas do Convento de Nossa Senhora do Loreto
- Museu Municipal de Santiago do Cacém
- Reserva Natural da Lagoa de Santo André
- Rio Sado

SAÚDE

- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

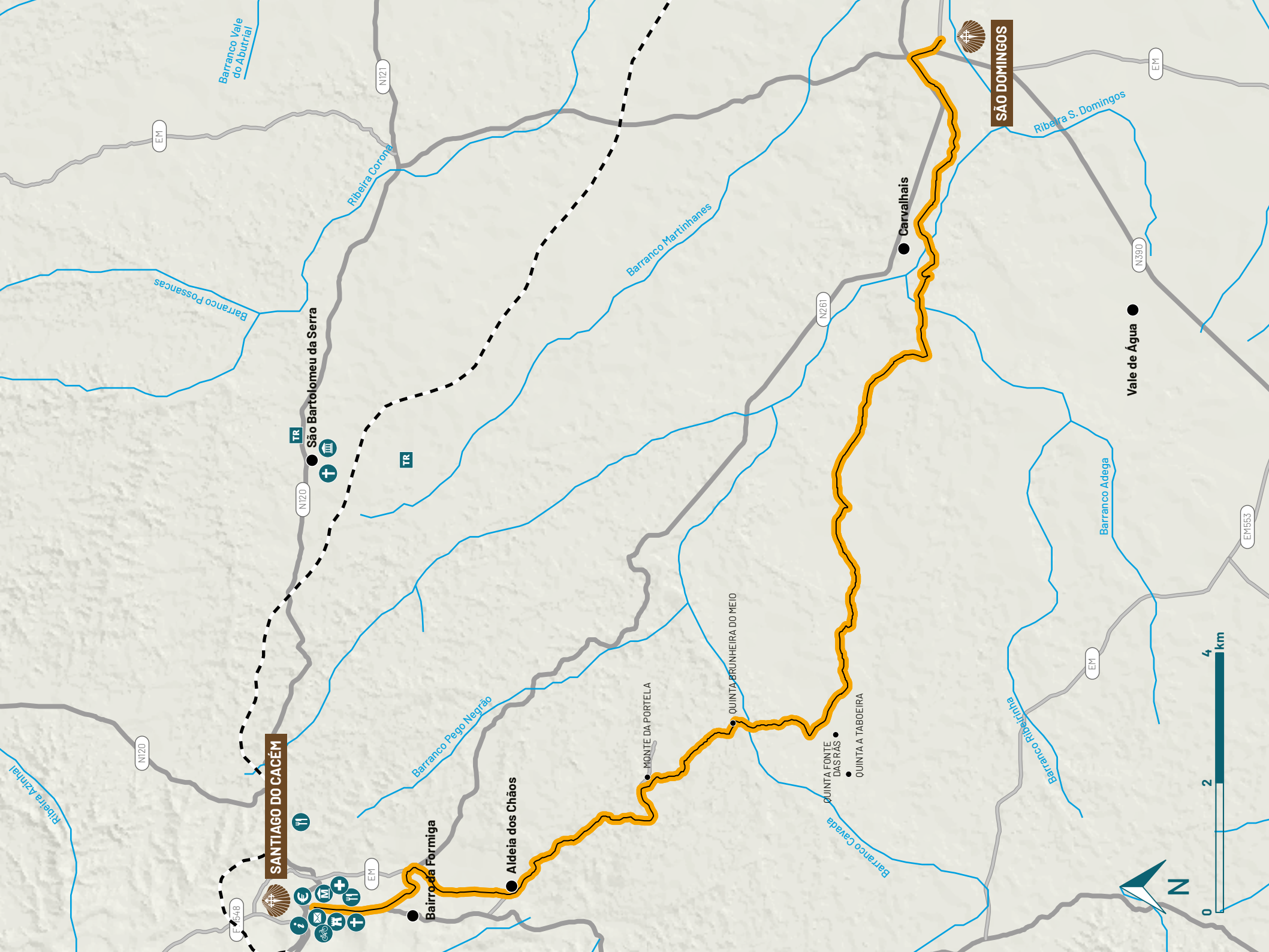
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários Santiago do Cacém:
 +351 269 810 490
 GNR – Destacamento de Santiago do Cacém:
 +351 269 249 200

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Barranco Vale do Abutrrial

EM

N121

Ribeira Coroinha

Barranco Possancas

TR



São Bartolomeu da Serra

TR

Barranco Martinhanes

N261

Carvalhais

SÃO DOMINGOS

Ribeira S. Domingos

EM

Vale de Água

Barranco Adegas

EM553



N170

SANTIAGO DO CACÉM



EM

Bairro da Formiga

Aldeia dos Chãos

MONTE DA PORTELA

QUINTA BRUNHEIRA DO MEIO

QUINTA FONTE DAS RAS

QUINTA A TABOEIRA

Barranco Cavada

Barranco Ribeirinha

EM

Santiago do Cacém ► Roncão

8



Roncão

Hoje pertencente à freguesia de São Francisco da Serra, a formação da aldeia de Roncão, como de toda a freguesia, remonta ao período medieval e deve-se à Ordem de Santiago de Espada. Ali bem perto encontra-se a igreja de São Bartolomeu da Serra, construída no século xiv, muito restaurada em finais do século xviii, como atesta uma inscrição gravada num fuste de coluna. Nessa altura, o pároco local ordenou a feitura de uma nova capela-mor, novo retábulo e uma torre sineira. A origem do templo deve coincidir com o reinado de D. Pedro I, monarca que teve São Bartolomeu por



Igreja de São Bartolomeu da Serra

patrono e que esteve ligado à construção do castelo de Sines (em cujo município existe também uma igreja de São

Bartolomeu). Do templo ainda subsiste a imagem gótica do apóstolo Bartolomeu, em pedra calcária provavelmente da região





de Évora. Aqui se fez sepultar, em campa rasa, André Luís Beltrão, frei de Santiago, que faleceu em 1649. O cruzeiro do adro preserva ainda uma vieira, símbolo da tutela desta localidade pela Ordem de Santiago.

Digna de visita é também a estação ferroviária de São Bartolomeu da Serra. Desde o século XIX que se projetou a construção de um ramal entre Sines e a linha do sul (que percorria o vale do rio Sado). As obras arrancaram em 1919,

Cruz de João Mendes

Terra de produção de cortiça, a localidade implanta-se na estrada que ligava Santiago do Cacém e Grândola, sensivelmente a meio do caminho. É possível que a sua fundação esteja associada a uma cruz de caminho, numa variante que se dirigia ao ponto mais elevado da serra de Grândola que prescindia da passagem pela localidade vizinha de São Francisco da Serra.

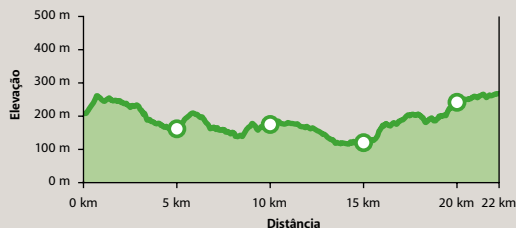
mas o primeiro troço só foi concluído em 1927, ano em que se inaugurou a estação de São Bartolomeu da Serra. A linha férrea chegou a Santiago

do Cacém em 1934 e a Sines dois anos depois. A estação foi desativada para passageiros em 1990.





Distância 22 km
Altitude máxima 270 m
Subida acumulada 567 m
Descida acumulada -500 m
Duração 6h15m
Dificuldade (0-5) 4



O percurso proposto pelo GR11-E9 entre Santiago do Cacém e Grândola assenta num itinerário com uma extensão de cerca de 40 km, quase sempre percorrido sobre estradão e sem quaisquer apoios intermédios até Santa Margarida da Serra, eventualmente aceitável para quem viaja em BTT mas desaconselhável para os caminhantes. Esta é, portanto, uma etapa que, começando por ser de “recurso” para os viajantes a pé, acaba por ser francamente mais interessante do ponto de vista paisagístico e das experiências e conforto que proporciona.

Iniciada a etapa frente ao edifício da Câmara Municipal, dirigimo-nos para a saída da cidade passando o Largo 25 de Abril e subindo a Rua de Lisboa até a outra rotunda. Nesta, encontramos de frente um edifício amarelo com a particularidade de ser atravessado por um túnel que evidencia um caminho pedonal, o qual descobrimos ser a antiga Estrada Real que dá acesso ao alto da Ermida de São Sebastião. Admiramos a vista por breves instantes e descemos de novo ao Caminho para descobrir “Delícias para Ti”!... Neste *atelier* de bolos e bolachas artesanais, a

artesã Cristina Gomes produz o famoso “Bolo de Santiago”.

Mais frente, percorremos um breve troço de 400 metros na movimentada estrada nacional N120, da qual saímos para a direita no único caminho de terra, com a serra de Grândola e do Cercal no horizonte. Após 1,5 km, encontramos um marco geodésico e viramos à esquerda para uma descida acentuada até ao vale apertado de um ribeiro, em cujas margens vamos seguir outros 1,5 km. É uma zona de montado cerradíssimo, muito fresco e de grande beleza natural. Acabaremos por desviar-nos para a esquerda, subindo o morro e alcançando um estradão de macadame, que nos vai levar por cumeadas e vales de agradável ambiência rural até à linha ferroviária.

Atravessando-a na passagem pedonal existente, rapidamente alcançamos a aldeia de São Bartolomeu da Serra pela Avenida 25 de Abril. À direita, encontramos a bonita estação de comboio de São Bartolomeu da Serra, de tons amarelos e decorada com azulejos, de 1932. Em São Bartolomeu reabastecemos

as energias, com duas mercearias e dois cafés para escolha, e aproveitamos para visitar a igreja de São Bartolomeu da Serra, onde podemos ver uma imagem do apóstolo São Bartolomeu. Convém lembrar que, até final da etapa no Roncão (quase 11 km), não encontraremos qualquer outro ponto de apoio no Caminho, salvo para alguma emergência no Hotel Rural do Monte da Ameira.

Esta aldeia transforma-se e ganha animação todos os anos em meados de julho quando organiza o Festival Nacional de Folclore, com desfiles etnográficos e participações de diversos grupos corais e ranchos portugueses, entre os quais o seu próprio Rancho Folclórico Ninho de Uma Aldeia.


Seguimos para norte e saímos rapidamente da estrada nacional N121, virando à esquerda pelo caminho de terra batida, junto a uma casa branca com interessante chaminé de estilo

“algarvio”. Passamos uma unidade de turismo rural e cruzamos com um largo estradão que vamos acompanhar para a esquerda, descendo até ao bonito vale da ribeira de Corona. Passada a ribeira por ponte recente, viramos à esquerda e continuamos a acompanhá-la até sermos obrigados a passá-la a vau, após o que, na bifurcação, escolhemos o caminho da direita. Pelo meio de montes abandonados e apertados vales frondosos, mantemo-nos pelo trilho assinalado, numa total imersão na natureza, até chegarmos à aldeia do Roncão, entroncando com a estrada nacional N120. Viramos à esquerda, caminhando alguns metros pela estrada, e terminamos a etapa em frente ao Solar dos Leitões. Nesta casa, como em toda a aldeia, o leitão assado é prato central, e a dormida faz-se em algum dos alojamentos locais existentes, caso não tenha preferido ficar no meio do campo a usufruir das excelentes condições do Monte da Ameira.




DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.


ENTIDADES MUNICIPAIS

 Junta de Freguesia da União das Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra
+351 269 818 740

APOIO

-  Solar dos Leitões
-  AL Vivenda Palheiras +351 917 225 150
-  AL Monte Nature +351 968 094 007

PONTOS DE INTERESSE

-  Igreja de São Bartolomeu

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

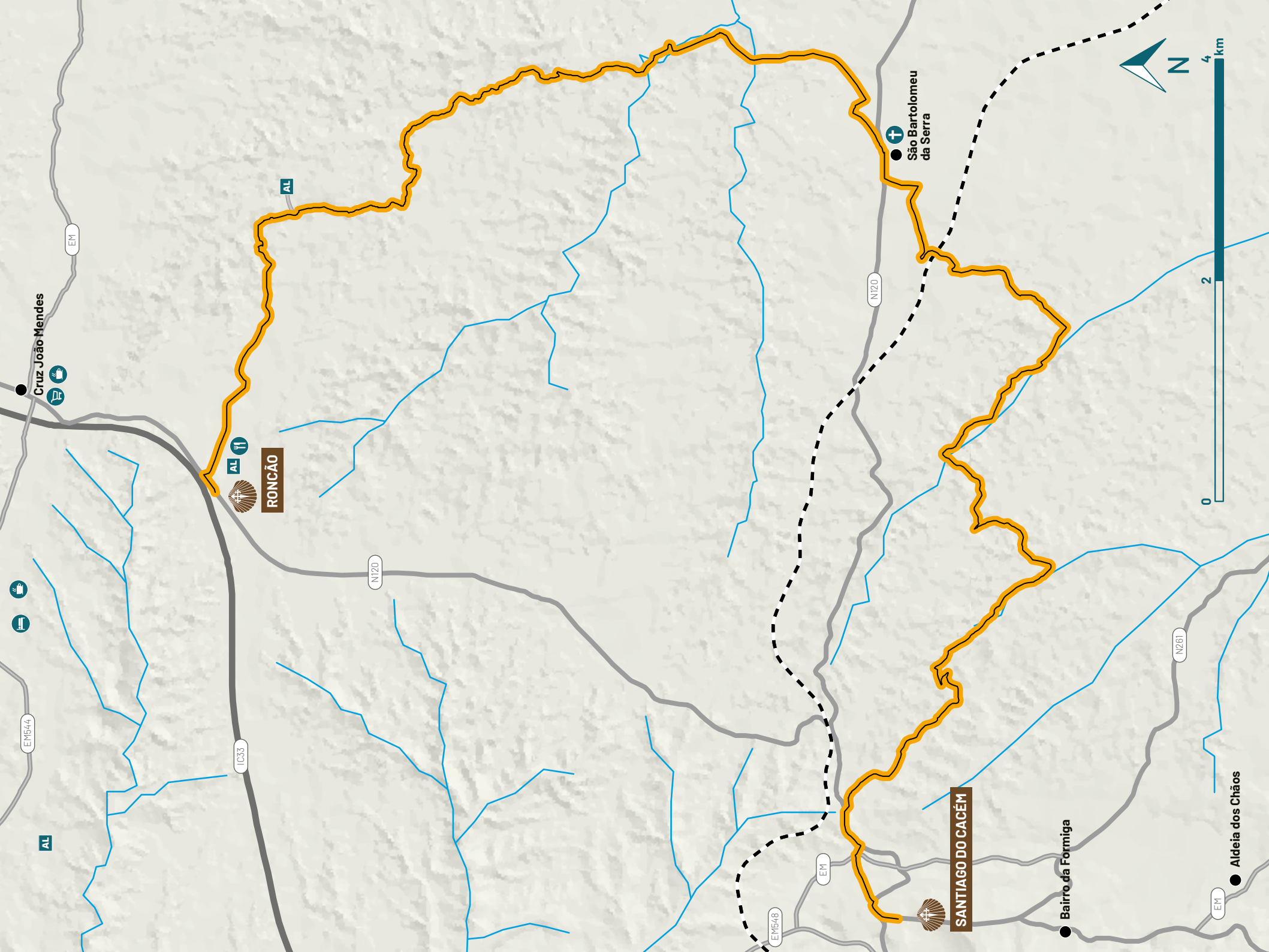


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Cruz João Mendes

São Bartolomeu da Serra

RONÇÃO

SANTIAGO DO CACÉM

Bairro da Formiga

Aldeia dos Chãos



Roncão ► Grândola

9

Nesta vila imortalizada pelo poeta e cantor Zeca Afonso na música *Grândola Vila Morena*, que serviu de hino simbólico durante a revolução de 25 de Abril de 1974, podemos ainda visitar a igreja matriz, mas, se o tempo estiver de feição, bom mesmo será aproveitar e dar um salto até à costa atlântica, para um refrescante mergulho, um pôr-do-sol fantástico e um belo repasto de peixe fresco.

Caso contrário, também não ficará mal servido com a oferta gastronómica na vila, cuja doçaria regional inclui o Bolo das Rosas e as Alcomonias. Umas delícias! No fim de agosto, a vila é palco da grande Feira de Agosto, a maior feira do Alentejo Litoral, com artesanato, tasquinhas e um festival dedicado ao hipismo.

Na fachada do prédio do Posto do Turismo, uma escultura relembra D. Jorge de Lancastre, príncipe do reino e Mestre da Ordem de Santiago, que atribuiu foral a Grândola no século xvi, com um brasão que, além da cruz espatária da Ordem, ostenta o javali que está na origem da lenda da formação do nome da vila, que originalmente terá sido “Grandolha”.

A vila oferece ainda aos visitantes a igreja matriz, construída nas primeiras décadas do século xvi, depois de uma visita feita à vila por D. Jorge de Lancastre, ao tempo mestre e visitador da

Ordem de Santiago. Enriquecida no período barroco com retábulos de talha dourada de assinalável qualidade, no interior, sobre o arco triunfal, exibe-se a cruz da Ordem de Santiago.

Em 1513, o mesmo D. Jorge de

Lancastre, mestre da Ordem de Santiago, visitou a igreja de Santa Margarida da Serra, que encontrou muito danificada. O templo que hoje se conhece é resultado de uma grande reforma consumada no século xvii, que

Chafariz de Santa Margarida da Serra

Construído em 1843, conforme indica inscrição no frontão, este chafariz foi um ponto de apoio essencial aos viajantes que se deslocavam entre Grândola e Santiago do Cacém, pela serra de Grândola.



Igreja Matriz de Grândola

privilegiou uma lógica austera e simples. O seu alpendre albergou certamente alguns viajantes em trânsito pela serra de Grândola. No interior, a face principal do púlpito foi decorada com a cruz da Ordem de Santiago.

Construído no século XVIII, o edifício dos antigos Paços do Concelho de Grândola é um típico equipamento civil autárquico daquele período, composto por dois andares a que se associava uma torre sineira: no piso inferior, funcionavam duas cadeias, enquanto no superior estavam as salas para reunião do concelho e tribunal. Desativado no século XX, serve hoje outros fins, mas mantém-se como peça patrimonial de maior relevância autárquica na vila, que tem, como não podia deixar de ser, a sua Praça da Liberdade. Inaugurada a 25 de abril de 2012, ilustra a importância de Grândola para a Revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs fim ao regime autoritário do Estado Novo e abriu caminho ao fim da

guerra colonial e à instauração de um período de transição para um regime democrático. Na praça ergue-se um memorial da autoria do artista plástico Bartolomeu Cid dos Santos que integra um pavimento em forma

de cravo. No memorial estão também inscritos os versos da canção *Grândola Vila Morena*, da autoria de Zeca Afonso e que cedo se tornou um dos hinos da Revolução e do período seguinte.

Barragem do Pego da Moura

Reconhecida nos inícios do século XX como barragem romana, deve ter sido construída em duas fases, entre os séculos I e III d. C. O muro de contenção tem cerca de 40 metros de comprimento, por quase 3 metros de largura, o que permitiu definir uma barragem com capacidade para mais de 2 km.



e também...

Feira de Agosto – Agosto

Corrida da Liberdade – Abril

Festas em Honra da Nossa Senhora da Penha – Maio

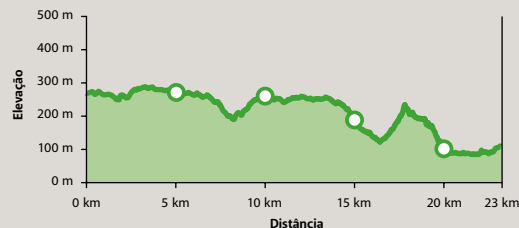
Memorial ao 25 de Abril

Constituído por uma parede elíptica, no círculo central está pintado um grande cravo azul, cujo caule vai até à base do monumento, como se rompesse da terra. Na parte inferior do círculo, encontra-se um retângulo com os nomes de muitos dos Capitães de Abril que participaram na Revolução, enquanto nas paredes dos lados se pode ver a partitura e a letra da canção *Grândola, Vila Morena*.





Distância 23 km
Altitude máxima 287 m
Subida acumulada 471 m
Descida acumulada -635 m
Duração 6h30m
Dificuldade (0-5) 4



Fugimos à estrada nacional N120, procurando, pela direita, uma passagem sob a via rápida IC33, numa rua lateral que nos vai levar até à aldeia de Cruz de João Mendes. Passamos pelo centro da aldeia e procuramos a saída pelo largo estradão de macadame da Rua da Eira, que acompanha a obra inacabada de uma autoestrada. Deste estradão, saímos 2,5 km depois, desviando à esquerda por dentro de um túnel em betão ali abandonado, infiltrando-nos pelo coração da serra de Grândola adentro.

Caminhamos isolados em plena natureza, entre a vegetação que se adensa e onde o sobreiro domina, apesar de se tornar evidente o verdadeiro genocídio que está a atingir esta árvore emblemática. Com atenção redobrada à sinalização, para não nos perdermos, acabamos por chegar a um monte que, mais à frente, no cruzamento com o estradão, é identificado por uma tabuleta como sendo o de Corte Esporão. Seguimos para a esquerda, pelo estradão, até encontrarmos a estrada N120, que aqui nos “apanha” de novo. Várias tabuletas indicam as direcções de percursos pedestres e do GR11-E9, mas é a oficina do

artesão serralheiro Frank Peters, mesmo em frente, que nos atrai a atenção.

Com a mochila mais pesada de algumas peças em ferro, reentramos na N120 por breves instantes até à entrada da aldeia de Santa Margarida da Serra. Procuramos almoço e, para “desmoer”, visitamos a aldeia, começando pela Casa Museu Manuel Chainho e, de seguida, a igreja de Santa Margarida da Serra, alvo de renovações no século xx, mas que já em 1513 se dizia que “estava muito danificada e em tal maneira não se devia dizer missa nela”. Ao lado da igreja, subimos a escadaria do miradouro, que nos oferece uma magnífica vista sobre a aldeia e a serra.

Ao lado do café Triunfo, seguimos pelo estradão que dá acesso a várias quintas e a um turismo rural ao km 2, mas é outro quilómetro adiante, mesmo em frente a um monte habitado, que temos de tomar atenção para infletir para a direita, descendo uma vereda inclinada, com mau piso, pelo meio de densa vegetação, acompanhando o vale formado pela linha de água.

Estamos de novo embrenhados no bucólico cenário da serra de Grândola e, depois de muitas curvas e contracurvas, chegamos ao Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, no topo de uma elevação. Rejeitamos a estrada que ali acede e descemos pelo trilho, à esquerda, que nos leva ao

vale da ribeira de Grândola, que acompanhamos até que a N120 nos barra a passagem. Subimos a passagem pedonal aérea para vencer a IC1 e entramos em Grândola, primeiro pela Rua das Pontes e depois pela Rua Vasco da Gama, até à praça onde está o Posto de Turismo.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal
+351 269 750 429

APOIO

- Loja CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo +351 269 750 429

PONTOS DE INTERESSE

- Ermida de Nossa Senhora da Penha
- Igreja Matriz
- Igreja São Sebastião (Museu de Arte Sacra)
- Núcleo Museológico da Igreja de São Pedro e Reservas
- Museu de Arte Sacra
- Praça D. Jorge

- Casa Frayões Metello
- Monumento à Liberdade
- Barragem Pego da Moura
- Eco-Parque Montinho da Ribeira

SAÚDE

- Centro de Saúde de Grândola
+351 269 450 200
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Mistos de Grândola:
 +351 269 498 450
 Guarda Nacional Republicana: +351 269 242 600

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



GRÂNDOLA

Santa Margarida da Serra

Cruz João Mendes

São Francisco da Serra

RONÇÃO



Grândola ► Alcácer do Sal

10

Após atravessar o rio Sado por barca, os viajantes que chegavam a Alcácer do Sal deparavam com a estreita linha de terra entre o rio e o castelo. A relevância estratégica do rochedo de Alcácer levou a que a localidade tivesse sido entregue à Ordem de Santiago antes de 1172 e de novo em 1217, após a conquista definitiva pelas tropas portuguesas. Entre essa data e 1235, Alcácer do Sal transformou-se na sede dos santiagoistas em Portugal e, nos séculos seguintes, aqui esteve sediada a estrutura dirigente dos espatários portugueses.

Em Alcácer do Sal, muito do rico património está associado a esta presença como é o

Igreja Matriz de Alcácer do Sal

Construída no século XIII, é a mais antiga igreja de Alcácer do Sal, estando os seus portais ainda conotados com a estética românica. A fachada principal conserva ainda uma insígnia da Ordem de Santiago, composta pela cruz espatária acompanhada por duas vieiras, a cabaça e o bordão, símbolos dos peregrinos jacobeus. No interior, conserva-se a imagem tardo-gótica do apóstolo, oferecida à capela de Santiago do paço dos freires de Santiago pelo mestre D. Jorge de Lencastre, depois de 1512.

caso do convento dos freires de Santiago, conhecido como *meysom d'alcaçar*, que foi sendo construído e beneficiado na época medieval e depois totalmente remodelado a partir de 1573, ano em que a estrutura foi adaptada a outro convento, desta feita de Aracoeli. A casa espatária tinha dormitório, um paço para os cavaleiros,

enfermaria, cartório, hospedaria, claustro e uma grande zona de silos, para além de numerosas áreas domésticas e de apoio. Havia também uma capela dedicada a Santiago, espaço religioso que servia também para as reuniões dos freires, que ainda existe integrada na pousada de Alcácer.



Alcácer do Sal



A mais monumental igreja de Alcácer do Sal, a Igreja de Santiago, foi mandada construir pelo rei D. João V, no auge do tempo barroco. No interior, impressiona o conjunto azulejar azul e branco que reveste as paredes da nave, datado das décadas de 20 e 30 do século XVIII e atribuído a António de Oliveira Bernardes. São 14 painéis que constituem o mais completo ciclo jacobeu em azulejo, nos quais se retrataram cenas da missão apostólica de Santiago na Península Ibérica. Nos anos 80 do século XVIII, as paredes da capela-mor receberam também painéis azulejares que ilustram três cenas da vida terrena e celeste dos frades da Ordem de Santiago: no primeiro painel, Cristo entrega o hábito espatário a um cavaleiro, o qual é representado com outros companheiros preparando-se para combater os infiéis. O terceiro painel revela esse mesmo cavaleiro, já falecido, a ser recebido pela Santíssima Trindade. O retábulo-mor contém também uma representação de Santiago *Matamouros*, pintura do século XVIII atribuída a Pedro Alexandrino, na qual o apóstolo



Igreja de Santiago

esmaga os inimigos, sob o olhar admirado de dois soldados cristãos.

Outra igreja, a de Nosso Senhor dos Mártires, revelou-se de grande importância para os freires de Santiago. Provavelmente construída no século XIII, nos tempos seguintes associaram-se várias capelas funerárias privadas. A mais antiga é a do tesouro, anexa à capela-mor, mas a mais monumental data da década de 30 do século XIV e é conhecida como Capela dos Mestres, por ter sido

concebida para receber os enterramentos dos mestres da Ordem de Santiago. A mais recente data do século XV e é conhecida por capela de Maria de Resende. A igreja exhibe ainda uma muito deteriorada pintura mural com a representação de Santiago *Matamouros* e o espaço atrás do santuário, zona campestre destinada ao cultivo de vinha, é conhecida localmente por *A Peregrina*. A igreja foi objeto de importantes romarias, a ponto de dispor de casas para romeiros, que ainda existem do lado sul do templo.

e também...

Feira Nova de Outubro – Outubro

Festa do Senhor dos Mártires – Setembro

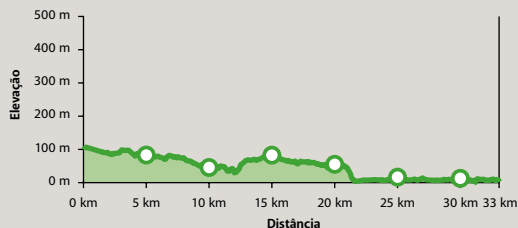
Festival Sabores do Sado

Em julho, Alcácer do Sal é palco de um festival que combina uma romaria e procissão no rio Sado,

em honra de Nossa Senhora do Castelo, com a gastronomia. Petiscos marítimos, venda de camarão do rio e concertos e bailes na margem sul conquistam os visitantes.



Distância 33 km
Altitude máxima 107 m
Subida acumulada 307 m
Descida acumulada -412 m
Duração 8h15m
Dificuldade (0-5) 3



Efetuiremos hoje a mais extensa etapa do Caminho Central no Alentejo e Ribatejo, de 33 km, mas os dias anteriores já nos prepararam para este desafio. Em qualquer caso, terá sempre a opção de interromper a viagem na aldeia de Vale de Guiso, percorridos 21 km desde Grândola. Aconselhamos, porém, a que telefone previamente para o estabelecimento o Baracinha, único naquela aldeia que poderá dar o apoio de que necessitar, além de lhe garantir a curta travessia fluvial do rio Sado, indispensável para prosseguir o Caminho até Alcácer do Sal.

Saímos de Grândola descendo a longa Avenida Jorge Nunes até à estação ferroviária e, atravessando a linha, viramos para a esquerda no sentido da Aldeia do Futuro. Passamos a pequena aldeia e, com destino a Vale do Guiso, continuamos por longas retas em estradão que se torna cada vez mais arenoso. A paisagem, primeiro de um mosaico rural de pequenas quintas com culturas variadas, vai-se alterando para um montado típico de pastagens acompanhado por alguns bosques de pinhal. Atravessamos uma primeira ribeira no local de um pequeno açude, antes de

atravessarmos o viaduto sobre a auto-estrada A2 ao fim de 5,5 km. A vegetação adensa-se com o acompanhamento por sucessivos ribeiros e o percurso torna-se menos monótono, mas, mesmo assim, não registamos motivos de maior relevância que valha a pena referir, com exceção da areia que nos dificulta a progressão. Entretemo-nos a observar as aves entre a vegetação ripícola até avistarmos a pequena aldeia de Vale do Guiso, onde somos recebidos pela isolada e grandiosa igreja da Nossa Senhora do Monte. Nesta igreja do século XVI, de estilo barroco, entramos para admirar as talhas, pinturas e a obra de azulejos azuis e brancos, retratando a vida de Nossa Senhora. Com espírito aventureiro, espantamos algumas cegonhas ao subir as escadas da torre sineira. Os olhos exploram a paisagem sobre a aldeia de Arêz e os famosos arrozais, que acompanham o rio Sado.

Baixamos até ao rio e almoçamos aqui mesmo ao lado, refletindo sobre a continuação até Alcácer do Sal ou estadia neste mesmo sítio do Guiso... Decididos a continuar Caminho, pedimos ao Sr. Baracinha que nos

ALERTAS



Aconselhamos a que telefone antes de sair de Grândola para o estabelecimento o Baracinha, único naquela aldeia que poderá garantir a curta travessia fluvial do rio Sado, indispensável para prosseguir o Caminho até Alcácer do Sal. Para uma Passagem alternativa consulte www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

transporte na curta travessia do rio. Do outro lado da margem, entre os arrozais, serra e açude, seguimos 8,5 km até chegarmos às instalações da Herdade da Barrosinha. Nesta herdade produzem-se bons vinhos e azeites, e pelos seus terrenos encontramos javalis, galinholas e perdizes, que nos podem ser servidos no restaurante de que a herdade dispõe. Saímos da Barrosinha para Alcácer do Sal ao

longo da estrada nacional N5, passando por baixo do viaduto da autoestrada A2 e, pela Rua da Foz, continuamos pela marginal até ao Largo Luís de Camões, onde encontramos o quiosque no qual está instalado o Posto de Turismo local para nos ajudar no que necessitarmos para hoje. Aqui ao lado, marca presença a ponte metálica, sobre o Sado, cópia do estilo de Gustav Eiffel e que serve os habitantes de Alcácer desde 1945.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Alcácer do Sal
+351 265 601 040

APOIO

- Banco/ATM
- Supermercado
- O Baracinha +351 265 637 158

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja de Santo António e Capela 11 Mil Virgens
- Santuário do Senhor dos Mártires

- Igreja de Santiago
- Igreja de Santa Maria do Castelo
- Convento e Igreja de Nossa Senhora de Aracoelli
- Castelo de Alcácer do Sal

SAÚDE

- Centro de Saúde de Alcácer do Sal
+351 265 610 500
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Mistos de Grândola:
 +351 269 498 450
 Guarda Nacional Republicana: +351 269 242 600

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

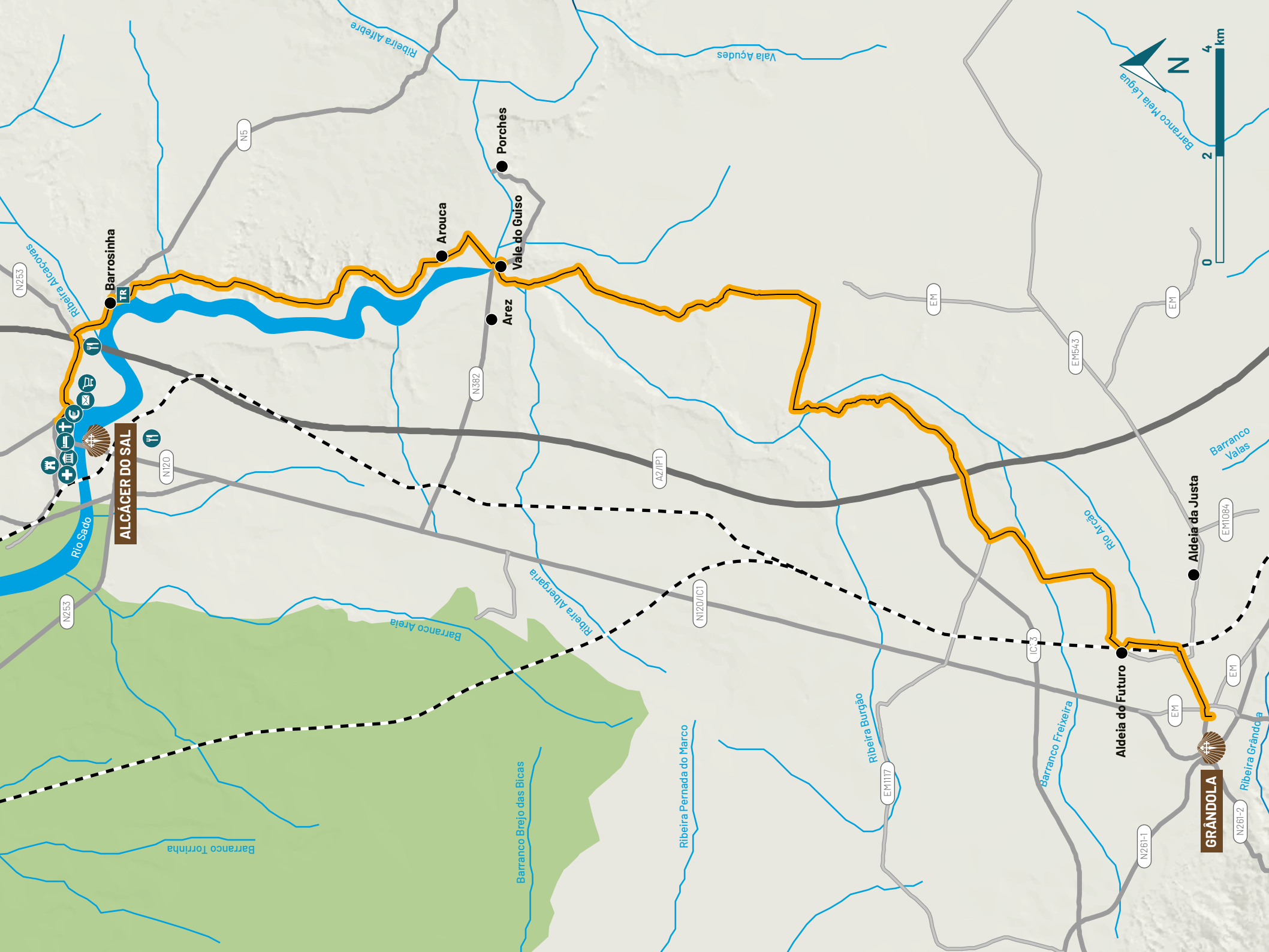


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



ALCÁCER DO SAL

GRÂNDOLA

Barrosinha

Arouca

Vale do Guiso

Arez

Porches

Aldeia do Futuro

Aldeia da Justa

N253

N5

N382

N170

A2/JIPI

N120/ICI

EM543

IC-3

EM1084

EM

N261-2

EM

EM117

EM

EM

EM

0 2 4 km

N

Alcácer do Sal ► Casebres

11



A caminho de Casebres

A presença humana na área que hoje compõe a freguesia de São Martinho, cuja sede se localiza nos nossos dias na aldeia de Casebres, remonta remonta à Pré-História.

Contudo, é só após a conquista definitiva de Alcácer do Sal que a região e os topónimos mais importantes começam a surgir na documentação histórica e que nos nossos dias servem de referência e de orientação geográfica para quem habita este território e para quem nos visita.

Numa breve resenha de âmbito cronológico, e tendo em conta que durante os milénios correspondentes à Pré e Proto-História grande parte da população era reduzida em termos de expressão populacional e tam-

bém nómada na maior parte das vezes, só a partir do Período Romano, ou seja, nos últimos 2000 anos, temos testemunho de fixação humana de âmbito mais consistente nesta região, que define o espaço que se estende para norte de Alcácer do Sal.

Nessa altura, este vasto território pertencia à cidade romana de Salácia (atual Alcácer do Sal), realidade administrativa e vínculo cultural que se vai, *grosso modo*, manter durante os cinco séculos no período seguinte, que corresponde à ocupação islâmica nesta região do Baixo Sado.

Por altura da guerra de reconquista deste território para o reino de Portugal, quase sempre debaixo da iniciativa da poderosa Ordem de Santiago,

o rei D. Sancho II dá autonomia a Cabrela, até então um dos castelos do município de Alcácer. Isto acontece na década de 20 do século XIII.

Apesar desta criação de nova centralidade à custa de Alcácer do Sal, ambos os municípios continuam a pertencer à poderosa Ordem de Santiago no plano administrativo, tendo de partilhar, no espiritual, alguns aspetos e dizimos com o Bispado e Arcebispado de Évora.

Em termos de registo documental, temos para o século XIII, num período de algumas décadas após a conquista definitiva de Alcácer (1217), a existência da Comenda da Bemposta. Foi doada pela Ordem de Santiago a Maria Martins,

a *Navarra* e rendia 100 libras.

Pouco depois surge a referência a São Martinho, patrono e topónimo da atual Freguesia e da ribeira que atravessa este território.

Durante séculos, a igreja paroquial ficava no sítio denominado "Freguesia" e que hoje, em virtude dos arranjos administrativos do século XIX, ficou no vizinho município de Montemor-o-Novo. Os livros paroquiais mais antigos datam de 1651.

Como nota final, alguns elementos de natureza histórica referentes à igreja, eremitério e hospício de nossa Senhora da Serrinha, que é nos dias de hoje o mais importante monumento religioso da Freguesia. De frisar que é o único eremitério conhecido que a Ordem dos Carmelitas Calçados teve no Município de Alcácer do Sal, assim como em território da Ordem de Santiago. Existem alguns indícios de natureza documental que sugerem a existência desta ermida em 1594. Mas certezas temos para 1729, altura em que com base nos documentos conhecidos este

eremitério é referido pela primeira vez.

A igreja atual, hospício e casas anexas nasceram da iniciativa piedosa do alcacerense Francisco de Matos e sua família, tendo as obras tido início em 1739.

Todo este espaço religioso foi cedido a uma comunidade religiosa da Ordem dos Carmelitas Calçados e Terceiros. A igreja paroquial de São Martinho foi desativada em data ainda indeterminada de meados do século XIX ou XX.

A sede da freguesia de São Martinho passou para a aldeia de Casebres, no dia 8 de dezembro de 1966.

Em Casebres, tal como no restante Alentejo, os trabalhos são essencialmente agrícolas como a tiragem de cortiça, apanha do tomate e da pinha, plantação e corte de eucalipto, esgalha de árvores e restantes trabalhos agrícolas e florestais.

Algumas das pessoas mais idosas, nomeadamente os homens, executam trabalhos relacionados com o gado, a pastorícia, a ordenha e a tosquia.

Uma baixa percentagem da população trabalha em fábricas e serviços existentes nos concelhos limítrofes.

A gastronomia desta freguesia goza da riqueza de condimentos da cozinha alentejana. No entanto, aqui é especialmente apreciado o Enspado de Borrego, a Açorda de Alho, e as Migas com Entrecosto. A doçaria artesanal baseia-se nos ingredientes que a região oferece, pelo que se destacam as pinhoadas, os bolos de pinhão e mel, os copos de pinhão e os bolos de mel.

Apesar de não existirem estruturas organizadas de vocação turística, esta freguesia congrega turistas nos seus espetáculos ao ar livre, bailes e festas populares. Igualmente de interesse turístico, são as albufeiras da Bemposta e da Azenha Pintada, que estimulam os amantes de pesca e piqueniques.

A aldeia de Casebres, dentro das suas características de traça alentejana e do seu sossego, é um local de eleição para aqueles que procuram a calma e serenidade alentejana.

e também...

Festas religiosas em honra de São Martinho – Maio

Festa de São João – Junho

Festa da Alegria – Agosto

"Meia-Noite" de Natal

Nesta noite, a tradição, inédita no país, repete-se em Casebres, onde os jovens saem de casa e ocupam os montes abandonados, levando consigo peru, bebida e os temperos para fazer uma receita.



Distância 23 km
Altitude máxima 86 m
Subida acumulada 342 km
Descida acumulada -304 km
Duração 5h45m
Dificuldade (0-5) 3



A saída de Alcácer do Sal para norte afigura-se uma tarefa difícil para quem se desloca a pé ou de bicicleta. “Cercada” entre uma auto-estrada (A2) e uma via rápida (IC1), na qual conflui a rua da saída norte (N5), e enclausurada por extensas propriedades privadas que preenchem os espaços entre aquelas vias, não se vislumbram soluções de mobilidade em boas condições de segurança para as formas mais sustentáveis de deslocação, que são a caminhada e a bicicleta.

Ainda assim, o itinerário definido minimiza aqueles impactos, o qual se inicia com o atravessamento da Avenida dos Aviadores (N5) para nascente, prosseguindo pela Avenida dos Clérigos até ao Bairro do Venâncio. No final da avenida desviamos para a esquerda, para um caminho de terra batida, até ao próximo cruzamento.

Abrimos e fechamos a portada de acesso ao terreno em frente, onde a progressão será dificultada pela quantidade de areia solta, e seguimos junto da cerca à direita até encontrarmos o viaduto de passagem sobre a A2.

Pelo montado adentro vamos ao encontro do portão de entrada na Herdade de Vale de Reis, observando do lado direito uma grande central fotoelétrica.

Ultrapassada a porta d’homem, andamos em frente até encontrarmos à esquerda a descida para as instalações da herdade, um futuro hotel rural, a pouco mais de 1 km. Daqui subimos ao morro da igreja, circundando-a pela esquerda, e prosseguindo pela densa e lindíssima floresta de montado ao longo de 5,5 km, até nova porta d’homem que permite a saída da herdade e o acesso à estrada municipal que nos vai conduzir até Casebres.

Daqui em diante, enfrentamos os 7,5 km que nos faltam com tranquilidade e sem grande esforço, ao longo de uma estrada praticamente plana e sem trânsito, com a biodiversidade por companhia.

Avançamos entre as mesas e bancos do Jardim Municipal e continuamos pelo Largo José Afonso, e reparamos na calma e serenidade desta aldeia de traça alentejana. Os habitantes subsistem do gado, tiragem de

cortiça, apanha do tomate e da pinha, plantação e corte de eucalipto, entre outros trabalhos agrícolas. Em novembro, o dia de São Martinho é celebrado com baile, castanhas assadas e

água-pé. Visitamos ainda a igreja paroquial de São Martinho, Priorado da Ordem de Santiago, que aqui estabeleceu uma herdade agrícola. Na Junta de Freguesia estão à nossa espera...

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia
+351 265 649 124

APOIO

- Banco/ATM
- Café Batista
- Café/Restaurante Sabores d’Campo

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
Incêndios Florestais: 117

ALERTAS

Para questões relacionadas com o alojamento, contactar a Junta de Freguesia.

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

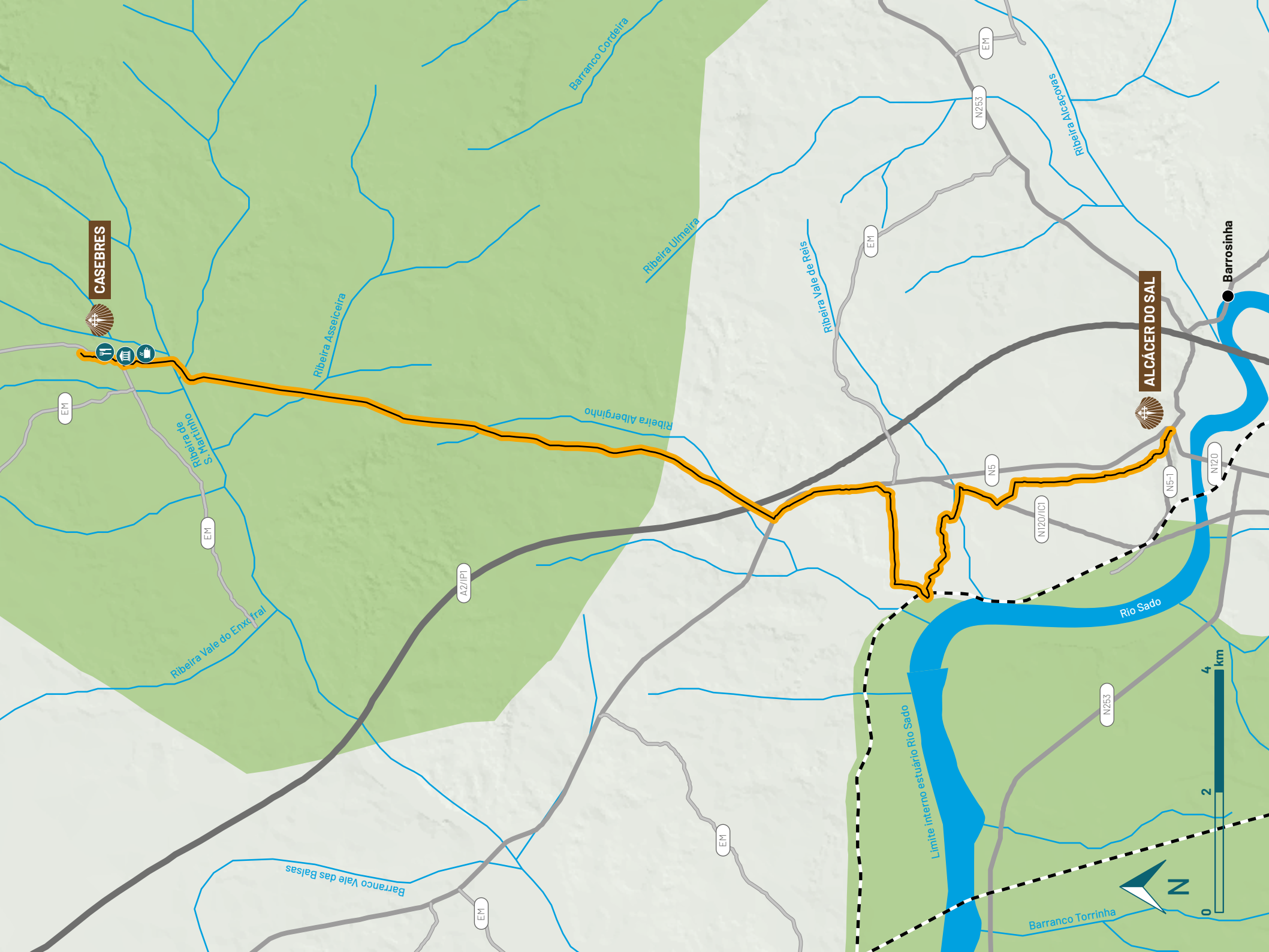


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



CASEBRES

ALCÁCER DO SAL

Barrosinha

Barranco Cordelira

Ribeira Alcoeiras

Ribeira Ulmeira

Ribeira Vale de e Piets

Ribeira Asselceira

Ribeira Alberginho

Ribeira Vale do Enxofral

Rio Sado

Barranco Vale das Balsas

Barranco Torrinha

Limite Interno estuário Rio Sado

N

0 2 4 km

Casebres ► Vendas Novas

12

Tendo Vendas Novas como destino, o Caminho leva-nos a atravessar Cabrela, cuja relevância estratégica ditou que, antes de 1220, tivesse sido doada à Ordem de Santiago para ser um posto intermédio entre a península de Setúbal e o Alentejo. Nela encontra-se a igreja matriz, cuja atual configuração é resultado de uma construção do século XVII, que terá substituído o templo de origem medieval, presumivelmente localizado num sítio próximo conhecido por Outeiro da Igreja. Na fachada principal, uma discreta composição artística integra a cruz da Ordem de Santiago e a porta ostenta o ano de 1704, possivelmente a data em que finalizaram as obras. No interior,

sobressai o retábulo tardo-barroco de talha dourada, de c. 1790, bem como duas imagens góticas de Santa Margarida e São Sebastião, procedentes de antigas capelas da vila.

Concelho de Vendas Novas

Em 1526, D. João III mandou abrir uma estrada entre Aldeia Galega do Ribatejo (atual Montijo) e Montemor-o-Novo, para servir o correio postal. No sítio onde veio a nascer Vendas Novas instalou-se uma estalagem. O chafariz real ocupa uma área periférica do perímetro urbano de Vendas Novas e foi mandado construir

pelo rei D. João V, em 1728, para servir os trabalhadores que construíam o palácio real, sendo de crer que o bairro efêmero onde estes trabalhadores estavam instalados se estruturou nas suas proximidades. Um dos seus tanques serviu de lavadouro público.

O nome da cidade terá provavelmente origem nas construções que por ali se fizeram, de estalagens ou “vendas” que, por serem de construção recente, passaram a ser apelidadas de novas.

Em Vendas Novas encontra o Palácio das Passagens que, como o nome indica, foi mandado construir em tempo



Regimento de Artilharia Nº5

recorde para albergar o rei D. João V e a extensa corte que o acompanhava durante apenas duas noites, no percurso até à fronteira do Caia, onde se daria a troca das princesas: D. Bárbara encontrar-se-ia com o futuro marido, o rei espanhol Fernando VI, enquanto D. Mariana Vitória, noiva

do príncipe D. José, entraria no país. O local escolhido tinha já um pequeno paço, mandado fazer no século xvi, mas que era considerado pequeno e indigno de uma comitiva real. Em menos de um ano, 2000 trabalhadores construíram o palácio, que dispunha de três corpos, organizados a partir de

uma entrada régia central, provida de escadaria. Nos topos, situavam-se as câmaras do rei e da rainha e havia ainda uma capela, hoje transformada em espaço de culto do regimento militar de infantaria. Esta unidade militar instalou-se no antigo paço a partir de 1857.



Capela Real do Palácio das Passagens

Mandada edificar por D. João V em 1728, para servir de conforto espiritual aos hóspedes e à família real aquando da sua estadia no Palácio das Passagens, a Capela Real do Palácio das Passagens, hoje Capela da Escola Prática de Artilharia, apresenta um traçado simples, que se julga ser do arquiteto Custódio Vieira. A fachada principal revela um pequeno nicho com uma imagem de Santo António sendo, no interior, composta por uma nave única, batistério, oratório real, sacristia e altar-mor, ao fundo do qual se destacam pinturas feitas ao estilo de João V. No altar, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, do final do século xvii, encontra-se lado a lado com a de Santa Bárbara, trazida aquando da passagem da capela para o domínio do exército.

e também...

Feira da Bifana – Maio

Festas do Concelho – Setembro

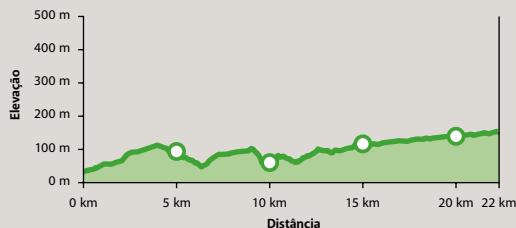
Bifanas de Vendas Novas

São o ex-libris gastronómico da zona, imagem de marca que se junta a toda a cozinha alentejana enraizada no concelho, mas que se destaca pela sua receita especial, com um molho secreto.





Distância 22 km
Altitude máxima 150 km
Subida acumulada 409 km
Descida acumulada -295 km
Duração 5h30m
Dificuldade (0-5) 3



A partir do Largo da Igreja atravessamos Casebres até à Rua da Maforinha, que nos leva à periferia da aldeia. Ao longo de 3,5 km percorremos uma densa plantação de eucaliptos, ciclicamente arrasada para produção de pasta de papel, pelo que tanto podemos vir a caminhar debaixo de boa sombra como de um sol abrasador.

Entramos depois em extenso pinhal, onde em algumas alturas do ano se vêem grupos de pessoas a coletar pinhas para retirar os pinhões, e outros resina, com múltiplas aplicações industriais e de consumo. Acedemos à estrada para passar a ponte sobre a ribeira da Marateca e não voltamos à floresta, completando antes pela estrada quase deserta os 3 km que faltam até à entrada da Herdade da Palhavã, a qual atravessaremos com destino à cidade de Vendas Novas. Porém, ponderados o cansaço e a hora do dia, decidimos antes continuar em frente mais 1 km até Cabrela para uma pausa e uma bifana! Complementamos com uma Filhós de Cabrela, doce tradicional da vila, hoje em dia apreciado por todo o Alentejo Litoral.

Antes de voltarmos ao Caminho, conhecemos um pouco mais o passado de Cabrela, ao descobriremos na fachada principal da igreja matriz uma pequena imagem da cruz espatária, também patente no brasão local. Regressamos à entrada da Herdade da Palhavã e seguimos por um percurso de areia calcada ao longo de 3 km, atravessando montado, alguns riachos e campos de pastagens de rebanhos. Saímos da Herdade da Palhavã por outro portão no lado oposto, e depois de 5,5 km transpomos o viaduto sobre a auto-estrada A6 e avistamos Vendas Novas já perto.

Percorremos mais 3 km em macadame até à Estrada da Afeiteira, que nos conduz ao núcleo urbano de Vendas Novas através da Avenida 25 de Abril. Passamos uma réplica de moinho de vento que deveria albergar o Posto de Turismo mas, estando encerrado, seguimos até à Câmara Municipal, na Avenida da República, via Rua António Coelho de Oliveira, onde terminamos a etapa de hoje.

Vendas Novas é uma cidade jovem e “prática”, sem grandes rasgos de

beleza ou de riqueza patrimonial. Ainda no século XVIII era um mero lugarejo iniciado por uma “venda”, isto é, uma pequena área de comércio para almocreves e viajantes, que só por efeito da construção do Palácio das Passagens (onde hoje se encontram o Regimento Militar de Artilharia n.º 5 e o Museu da Escola Prática de Artilharia) sofreu impulso significativo.

Também “prática” é a sua gastronomia, que talvez por efeito da elevada proporção de população militar e de trabalhadores industriais se cristalizou

nas afamadas Bifanas de Vendas Novas (de Carne de Porco DOP) e nas variadas sopas.

Para acompanhar, os vinhos produzidos na região, que vão ganhando espaço e reconhecimento, valendo a pena visitar uma adega e inebriar-se com os seus aromas particulares. Em Vendas Novas aproveitamos ainda para conhecer a Queijaria das Romãs, com grande historial de produção artesanal de queijo fresco, requeijão e, para conhecedores, o almece, um tradicional produto alentejano, resultante do soro de coalhada do queijo de ovelha.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal Vendas Novas
+351 265 807 700

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo de Vendas Novas
- Supermercado

SAÚDE

- Centro de Saúde de Vendas Novas
+351 265 809 000
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários: +351 265 807 170
 GNR - Posto Territorial de Vendas Novas:
 +351 265 809 780

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.

Vendas Novas ► Branca

13



Na Branca estamos de passagem pelo concelho de Coruche, o décimo maior do país e que chama a si o título de "Capital Mundial da Cortiça", pois daqui se extrai 10% da cortiça de Portugal e saem 5 milhões de rolhas por dia. Mais de metade do concelho é floresta, num montado misto, de sobreiro e pinheiro manso, os quais asseguram a cortiça, a madeira e o pinhão de qualidade, mas garantem igualmente o ecossistema e as pastagens adequadas para explorações de gado bravo.

O topónimo de Branca está relacionado com uma senhora de nome Branca que possuía uma herdade nesta zona. Essa herdade, formada por mato e

arvoredo, foi vendida por foros, e cada parcela foi aforada com 11,150 metros quadrados, sendo feito o pagamento das parcelas em culturas aí produzidas.

Branca cresceu com os trabalhos agrícolas na planície, junto a uma estrada e próximo do local onde existiu uma albergaria. Nas imediações, a Herdade das Figueiras foi uma dos maiores empregadores rurais do século XIX.

A povoação de Branca cresceu rapidamente, dando origem a um denso aglomerado na época em que o modelo de povoamento incluía uma estrada, nas proximidades da qual se situava uma hospedaria.

Aqui, encontramos o apeadeiro de Lavre que, construído entre 1902 e 1904, serviu a linha de Vendas Novas, na altura em que o monarca D. Carlos I mandava construir o palácio do Vidigal. Em 2012, a linha cessou o transporte de passageiros.

Encontramos também a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Branca, uma pequena igreja de nave única, de construção recente, que se situa praticamente no centro da localidade.

Um dos muitos motivos de interesse desta freguesia centra-se na Herdade das Figueiras e sua capela. Em 1949, Gustavo Matos Sequeira incluiu-a no



Inventário Artístico Nacional: "Casa e propriedade rústica, na charneca de Coruche, pertenceu ao Sr. D. Jorge Machado Castelo Branco (Figueira). Centro de um aglomerado característico, dando o tipo dos núcleos de habitação regional. Junto à casa de lavoura está uma ermida dedicada a Santa Maria."

Desde muito antes da criação da freguesia, em 1984, que eram desenvolvidos os maiores esforços nesse sentido, pois já

em meados do século xx existia aqui um núcleo populacional muito revelante. Na Branca estão situadas várias propriedades agrícolas importantes, das quais se destacam: Herdade das Figueiras, Monte da Pestana, Monte dos Pelados, Monte da Torre, Monte da Água Boa, Monte do Porto das Mestras, Monte da Semaria dos Pinheiros (Cabeça Gorda), Monte da Abrunheira e Monte do Trozoito.

Turismo

Branca é um lugar para sentir. Não basta falar dela, contar a sua história ou descrever a sua paisagem. O mistério que envolve a paisagem, o cultivo da terra e a sabedoria secular dos seus habitantes, cuja hospitalidade e simpatia é reconhecida, da gastronomia ao artesanato, assim como o forte enraizamento das suas tradições, são muitas as razões para nos brindar com um passeio por esta terra.

A freguesia de Branca goza de uma situação privilegiada em termos de atrativos turísticos, quer devido às suas paisagens naturais, quer devido à sua fauna e flora e ao facto de estar muito próxima do rio Sorraia.

Possui uma rica cultura tradicional, transmitida por via oral através das gerações, divergindo através dos tempos. A freguesia de Branca muito se orgulha do seu património arquitetónico, nomeadamente da igreja matriz, venerando Nossa Senhora da Conceição, assim como da Capela da Herdade das Figueiras (privada), além das várias casas senhoriais presentes na freguesia.

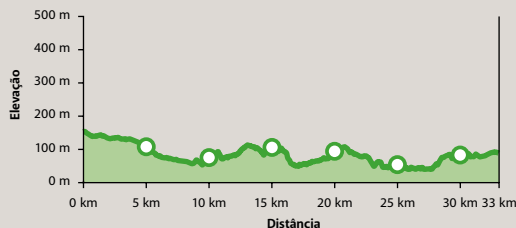
e também...

Semana cultural e desportiva da Branca – Abril

Festa em Honra a Nossa Senhora da Conceição – Agosto



Distância 33 km
Altitude máxima 150 km
Subida acumulada 430 km
Descida acumulada -488 km
Duração 8h15m
Dificuldade (0-5) 3



Já lá diz a moda alentejana “Vim do campo, já ceiei/Hoje vou dar uma voltinha/Vou à venda, bebo um copo/Regresso de manhãzinha.” E também nós viemos até Vendas Novas, e regressamos agora ao Caminho de manhãzinha! Não sem antes nos abastecermos de uma apetitosa bifana para o meio-dia, pois não encontraremos qualquer estabelecimento de restauração na etapa de hoje até à aldeia da Branca. Se voltarmos em novembro, com sorte poderemos assistir à Mostra das Sopas, e acrescentar à mochila uma típica sopa de entulho alentejana ou um caldo caseiro.

De onde estivermos, seguimos pela Avenida da República (coincidente com a estrada nacional N4), na direção oeste e, na segunda rotunda, viramos à direita por baixo da linha ferroviária, e na rotunda seguinte para a esquerda, para a Estrada de Canha. Esperamos agora um longo troço de estrada pela N251-1, de quase 9 km, por uma autêntica alameda de pinheiros bravos que nos acompanham em toda a extensão do percurso. Passamos o Palácio do Vidigal à esquerda, mandado erigir pelo rei D. Carlos I

mas agora propriedade privada não visitável, e alguns quilómetros mais à frente, junto ao portão branco com lista amarela, viramos à direita para o caminho de areia e transpomos a ribeira de Canha. Prosseguimos 5 km em ligeira subida, por montado de sobre, até que junto ao Monte da Sesmaria Nova passamos com muita atenção a linha do comboio.

Continuamos o Caminho no sentido de Monte de Frades, uma exploração agrícola no vale da ribeira de Lavre, e atravessamos a herdade pelo meio dos arrozais para a ponte que nos leva à outra margem da ribeira, onde desviamos para a esquerda.

Com uma pista de aviação oculta por entre a floresta, circundamo-la ao longo de 6 km em caminho de areia entre pinhal e montado, voltando a transpor a linha de comboio no apeadeiro de Lavre, fechado a passageiros desde 2012. Prosseguimos pelo estradão da Herdade do Cinzeiro, passando pelo meio do Monte da Torre, acompanhando a ribeira de Lavre até ao Monte de Pelados. Aqui afastamo-nos da ribeira para norte, no sentido da freguesia de Branca, pelo Caminho dos Pelados.

Atravessamos a estrada (EN251) e entramos numa zona de terrenos parcelados, com muitas vivendas que antecedem a chegada ao aglomerado de

casas principal da pequena aldeia da Branca, na Estrada dos Alemães, em frente à Junta de Freguesia, onde terminamos a jornada de hoje.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia da Branca
+351 243 606 116

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo de Coruche
+351 243 619 072
- Centro Social Paroquial da Nossa Senhora da Conceição da Branca
- Tasca das Madrinhas
- Café Restaurante O Pintor
- Desigual Café/Pastelaria/Gelataria

PONTOS DE INTERESSE

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

SAÚDE

- Centro de Saúde +351 243 610 500
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Municipais de Canha:
 +351 265 897 117
 Guarda Nacional Republicana de Canha:
 +351 265 897 860

ALERTAS

Para questões relacionadas com o alojamento, contactar a Junta de Freguesia.

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

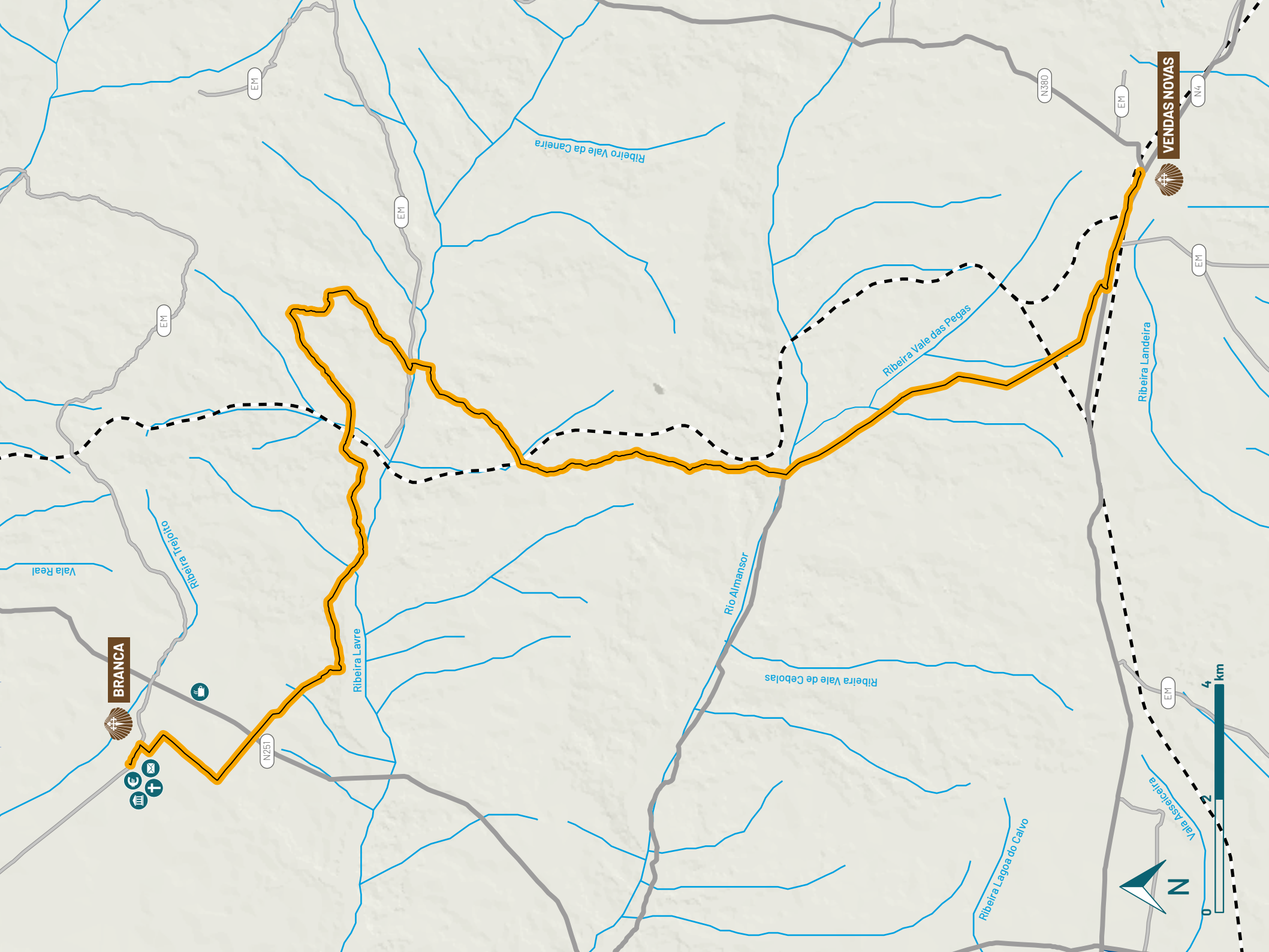


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



BRANCA

VENDAS NOVAS

EM

EM

EM

N380

EM

N4

EM

Ribeira Torgio

Valea Real

Ribeira Lavre

Rio Almansor

Ribeira Vale das Pegas

Ribeira Landeira

Ribeira Vale de Cebolas

Ribeira Lagoa do Calho

Valea Asseiceira

N251

EM

4 km

N



Branca ► Santo Estêvão

14



Santo Estêvão é uma freguesia rural situada a 16 quilómetros de Benavente. O território, além do aglomerado urbano, compreende muitas áreas de cultivo e pastagem e situa-se na margem direita do rio Almansor. A cinco quilómetros da aldeia encontra-se o lugar de Foros de Almada, parte integrante da freguesia.

Conhecida ao longo dos anos não apenas pelo topónimo atual, mas também por Santo Estêvão da Ribeira e Aldeia de Santo Estêvão da Ribeira de Canha, deve estes nomes à proximidade do rio Almansor, também designado, neste ponto de passagem, por ribeira de Santo Estêvão ou Ribeira de Canha.

Diversos achados arqueológicos encontrados na área delimitada pela freguesia apontam para a

presença humana nesta região desde a época pré-histórica. No entanto, a referência mais antiga a este pequeno núcleo urbano remonta ao século XIV:

O Inventário dos bens móveis e imóveis da Ordem de Avis, de 1364, faz referência às herdades da Ribeira de Canha, entre as quais se nomeia a seguinte: *“Item outra coirela acima de San Stevã que parte cõ Roi Gil e cõ Domingos Bugalho e seus ereos”*. Portanto, já neste ano existia uma ermida que tinha Santo Estêvão por orago, embora sem certezas sobre se possuía “Cura”. No texto do tombo da mesma Ordem, feito em 1561, conclui-se que, por esta altura, a ermida já possuía cura próprio e tinha “dezoito fregueses”.

Santo Estêvão é o orago da freguesia que adotou o mesmo topónimo. Estêvão, diácono judeu que falava

grego, foi o primeiro mártir cristão. Excelente pregador, motivou grande oposição e hostilidade, acabando por ser denunciado e acusado de blasfémia no Sinédrio (a suprema assembleia de Jerusalém). Foi levado para fora da cidade e apedrejado até à morte.

A aldeia

Zona de charneca, constituída por montes e vales, algumas quintas e um manto florestal invejável e rico em montado de sobro. Mas é na sua população que reside a maior riqueza. Gente simples, honesta e trabalhadora que, durante gerações, se dedicou ao trabalho no campo, por conta de consideráveis explorações agrícolas e pecuárias existentes na região. Destacam-se as herdades do Monte do



Zambujeiro, do Monte dos Condes, do Monte de Almada, da Mata do Duque (Cadaval), do Monte da Quinta e do Monte de Cabo do Termo. Rica em terras de cultivo e de pastagens, as principais produções agrícolas eram o trigo e o arroz, e nas explorações pecuárias dominava o gado bovino, cavalar e suíno. A Casa Cadaval, Manuel Luís Anastácio e Anacleto de Moura ocupava-se da criação de gado bravo, também usado nos trabalhos agrícolas.

No início da década de 60 do século xx, a Equipagem de Santo Huberto, vocacionada para atividades hípcas, instalava-se na aldeia, com particular interesse na caçada à raposa a cavalo e com matilhas de cães treinados. As ótimas condições naturais para o exercício deste desporto trouxeram à região muitos praticantes, nacionais e estrangeiros, amantes da modalidade.

A aldeia é rica em biodiversidade e destaca-se pela abundância de cegonhas. Está integrada (juntamente com as freguesias de Benavente e Samora Correia) na Reserva Natural do Estuário do Tejo, uma das

zonas húmidas de excelência para o estacionamento de aves migratórias da Europa.

Ao longo dos tempos, as gentes de Santo Estêvão foram sempre amantes de festas, quer religiosas quer profanas. Destacam-se as procissões em honra de Nossa Senhora da Conceição e de Santo Estêvão, padroeiro da freguesia. O calendário anual é generoso em

atividades culturais, desportivas e recreativas, que envolvem não só os seus habitantes, como muitos visitantes das localidades mais próximas.

A freguesia é dotada de vários equipamentos coletivos, nomeadamente: casa do povo, centro de dia para idosos com apoio domiciliário, pavilhão gimnodesportivo, creche, ensino pré-escolar e 1.º Ciclo, entre outros.



Igreja paroquial

Sobranceira ao rio Almansor (também conhecido por ribeira de Santo Estêvão), a igreja paroquial deve ter origem no século xiv, altura em que a localidade aparece mencionada pela primeira vez. No século xviii, o pároco era membro da Ordem de São Bento de Avis, instituição que detinha direitos sobre a localidade desde, pelo menos, o século xvi. A igreja é um templo simples, de nave única, que evoca a antiguidade e relevância da localidade neste trecho interior do território.

e também...

Festas de Santo Estêvão – Agosto

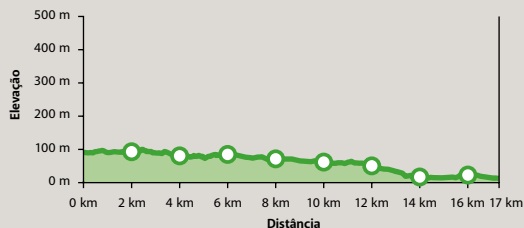
Zona de Protecção Especial para a Avifauna da Ribeira de Santo Estêvão

Abrangendo todo o vale aluvionar da ribeira, que inclui o Sítio de Interesse Ornitológico da Baixa da Ribeira de Santo Estêvão, esta é uma zona de solos aluviais, ocupados por cultura de arroz, rede de canais

marginados por tábua, zona envolvente de montado de sobre, associado a pinhal manso. Subsiste, ainda, uma pequena área palustrina do tipo paul, composta por mancha densa de salgueiros e tábua. Biótopo vulnerável (paul), importante área de alimentação para *Limosa limosa* durante o inverno (arrozais).



Distância 17 km
Altitude máxima 96 m
Subida acumulada 156 km
Descida acumulada -233 km
Duração 4h00m
Dificuldade (0-5) 2



Nesta charneca em Coruche estão importantes propriedades agrícolas, e é aqui que se reclama com legitimidade a origem de uma versão do prato mais português, o Cozido à Portuguesa. Local de produção de diversas couves, enchidos e legumes, estariam cumpridas as condições ideais para a confeção deste maravilhoso prato, sem esquecer no fim o típico Arroz Doce.

Pelo asfalto da Estrada dos Alemães, dirigimo-nos para a saída de Branca. Após 3,5 km, a estrada bifurca-se e passa agora a ser em macadame arenoso, que seguimos pela via da direita.

Ao longo dos próximos 7 km, sucedem-se grandes herdades cercadas, de ambos os lados do estradão, com extensas explorações silvícolas de reduzido interesse paisagístico, pelo que o percurso pode tornar-se algo fastidioso, mas a prevenção dos fogos e a segurança dos viajantes a isso obriga.

A 500 m de encontrarmos a estrada N119, viramos à esquerda e seguimos, ainda por macadame, até entrarmos na Mata do Duque,

onde se instalaram luxuosas vivendas. No fim do caminho, viramos à direita para o alcatrão, e mais à frente cruzamos a N119, junto ao leito do rio Almansor. Pela charneca de cultivo e pastagens, depois de 1,3 km, deparamos com os cavalos cruzados com raça Lusitana, da Herdade do Zambujeiro. No centro de treinos hípico da Coudelaria António Guerreiro, decorrem aulas de atrelagem com cavalos desportivos.

Seguimos 2,7 km até ao centro da freguesia de Santo Estêvão, junto ao mercado municipal. O nome desta localidade tem origem no primeiro mártir cristão, o diácono judeu Estêvão. De opiniões convictas e por tentativas de conversão ao cristianismo, foi acusado de blasfémia e condenado a uma morte violenta, à saída da aldeia.

Repleta de história e com vestígios de antigas fortificações defensivas, possivelmente da época romana, esta aldeia viria a pertencer à Ordem de Avis, no século XVI. Como habitualmente, dirigimo-nos à junta de freguesia local onde recolhemos as informações necessárias para a nossa estadia.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia de Santo Estêvão
+351 263 949 216

APOIO

CTT

Banco/ATM

Supermercado

TAXI Santo Estêvão +351 917 323 679

AL Monte de São José

AL Hospedaria

TR Monte dos Duques Hotel

PONTOS DE INTERESSE

Igreja de Santo Estêvão

Aldeia de Santo Estêvão

Zona de Protecção Especial para a Avifauna da Ribeira de Santo Estêvão

SAÚDE

Farmácia

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.

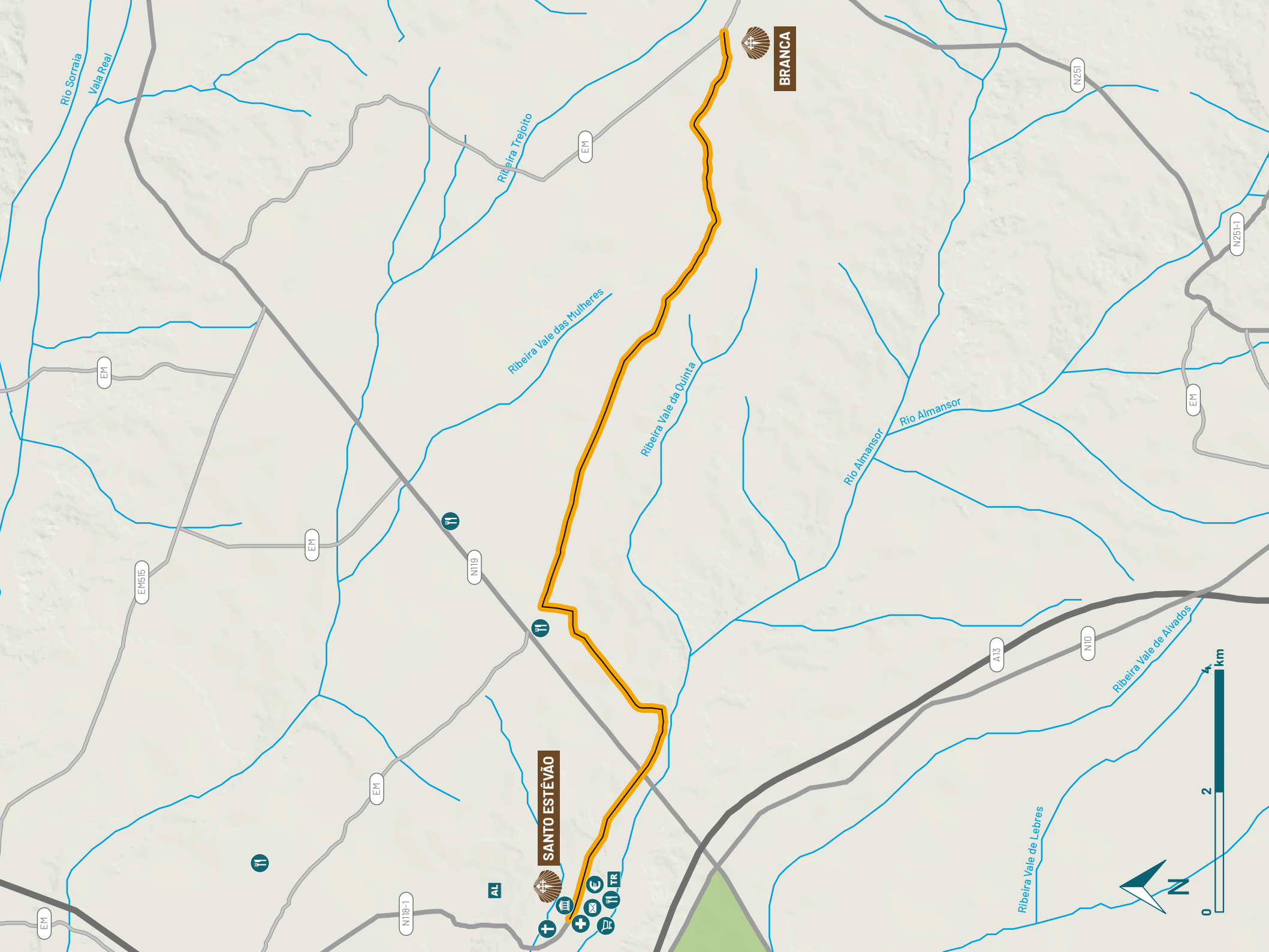
CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112

Incêndios Florestais: 117

Bombeiros Voluntários de Benavente

(Secção de Santo Estêvão): +351 263 516 122



Rio Sorraia
Vale Real

Ribeira Trejoito

Ribeira Vale das Mulheres

Ribeira Vale da Quinta

Rio Almansor

Ribeira Vale de Aivados

Ribeira Vale de Lebres

BRANCA

SANTO ESTÉVÃO

AL



EM

EM

EM516

EM

EM

N118-1

N119



N251

N251-1

EM

A13

N10

4 km

2

0



Santo Estêvão ► Samora Correia

► Benavente

15

Samora Correia deve o seu nome a D. Paio Peres Correia, conquistador de grande parte do sul de Portugal na primeira metade do século XIII e grão-mestre da Ordem de Santiago.

A localidade foi comenda santiaguista desde, pelo menos, 1270. A configuração da igreja matriz é resultado de uma grande campanha reconstrutiva, iniciada em 1718 e concluída muito rapidamente. O interior foi revestido com azulejos datados de c. 1724 e atribuídos ao mestre lisboeta P.M.P., que constituem um dos mais completos programas iconográficos dedicados à vida e legenda apostólica de Santiago na Península Ibérica, peregrino e pregador, que batizou o seu algoz Josias, que converteu Hermógenes e que derrotou um grupo de pedreiros que construíam uma igreja (um templo pagão?) contrária às normas da Igreja.

A fonte de Santiago evoca a desaparecida igreja de Santiago, destruída pelo terramoto de 1909 e que durante séculos pontuou a frente ribeirinha da vila. A fonte foi construída em 1967 e possui nicho com imagem de Santiago na face principal, sendo a face posterior decorada com inscrição comemorativa da construção e uma cruz da Ordem de Santiago.

Na cidade encontra ainda a Misericórdia de Samora Correia,



Igreja matriz de Samora Correia

Fonte do Concelho

De construção medieval, possivelmente contemporânea da fundação da vila no século XIII, a fonte foi objeto de várias reformas, mas preserva ainda o seu arco original, de perfil apontado, que dava acesso a um espaço abobadado em tijolo. No século XVIII, dizia-se que as suas águas eram indicadas para tratamento de olhos.



que tem origem numa antiga capela do Espírito Santo, construída possivelmente na transição para o século XVI. O aspeto atual da igreja é resultado de uma profunda campanha reconstitutiva consumada no século XVIII. Desse período data

o retábulo-mor, que integra uma pintura com o tema da Visitação da Virgem a Santa Isabel (porque visitar os doentes é obra de misericórdia), o cadeiral dos irmãos da confraria do Espírito Santo, que continuava a gerir a instituição, e uma escultura

de Nossa Senhora da Piedade, em madeira. A Misericórdia tinha hospital anexo, que ainda é reconhecível no conjunto arquitetónico envolvente e que serviu de apoio aos viajantes que passavam pela vila.



Museu Municipal de Benavente

Reunindo um conjunto de coleções de referência na área da alfaia agrícola, traje, fotografia, cerâmica e ofícios tradicionais, o museu foi inaugurado em julho de 1980, albergando uma vasta coleção de carácter etnográfico reunida ao longo de cerca de 40 anos. Com um acervo museológico de vinte mil peças, encontra-se instalado numa antiga casa de habitação do século XVIII.

e também...

Romaria a São Baco, Convento de Jericó – Maio

Festa da Coutada Velha – Junho

Festa em Honra de N.ª Sr.ª da Paz – Agosto

Feira Anual e Tasquinhas – Setembro

Festival do Arroz Carolino

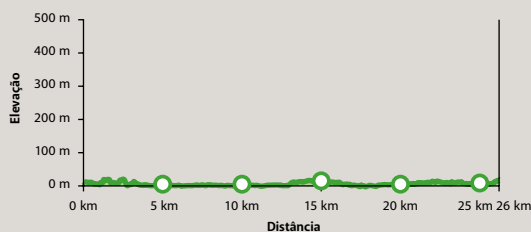
Em maio, Benavente celebra o arroz carolino das lezírias ribatejanas, num festival onde a gastronomia

tem, como não podia deixar de ser, lugar de destaque. Na Praça do Arroz é possível assistir a *showcooking*s, fazer degustações e experimentar os muitos pratos diferentes, que partilham o ingrediente principal: o arroz. Para além do espaço da feira, são vários os restaurantes que incluem na ementa pelo menos um prato com arroz carolino.

Santo Estêvão ► Samora Correia ► Benavente



Distância 26 km
Altitude máxima 22 km
Subida acumulada 211 km
Descida acumulada -209 km
Duração 6h30m
Dificuldade (0-5) 3



Acabamos de reforçar os nossos abastecimentos no pequeno Mercado de Santo Estêvão, na rua central, pois temos pela frente uma demanda de 15 km até Samora Correia, pelo meio do interminável paul do rio Almansor. Se for previsível um dia quente, é aconselhável efetuar esta etapa logo pela manhã, pois a temperatura pode atingir níveis insuportáveis, e a única sombra que encontraremos vai ser a que é projetada pelo viaduto da autoestrada sob o qual haremos de passar.

Ao fundo da rua encontra-se a antiga Igreja de Santo Estêvão. Antes de lá chegar, junto ao muro de uma casa senhorial branca e azul, transpomos a porta indicada e acedemos ao caminho de terra batida da propriedade do Monte Novo de Santo Estêvão, atravessando o rio. Continuamos o Caminho para a direita, passando pelas instalações agrícolas do monte, até encontramos uma porta d'homem instalada na cerca da propriedade, dando acesso aos domínios da Companhia das Lezírias. A partir daqui não há dúvidas. Há que seguir sempre em frente o estradão principal, pelo meio do paul parcialmente

inundado, tendo por exclusiva companhia bandos de uma diversidade de aves. Algures, escondido no meio da vegetação de um morro estratégico na margem esquerda, está o Fortim de São João Baptista de Belmonte, um posto avançado dos Cavaleiros de Santiago, datado de 1207.

Finalmente, o paul curva à direita e o Caminho também, saindo logo de seguida para a rua que acede aos arrabaldes de Samora Correia, uma antiga e próspera vila e zona de caça para a nobreza, dedicada a D. Paio Peres Correia, grão-mestre da Ordem de Santiago. Percorremos a Estrada do Brejo e, depois da Rua do Trabalho, encontramos a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, onde admiramos a iconografia, os frescos e painéis de azulejo dedicados à vida de Santiago em Portugal. Na mesma praça de calçada portuguesa está o antigo Palácio do Infantado, do século XVII que, após ter ardido, foi adaptado a museu e biblioteca.

Saímos da cidade pela Rua do Povo Livre para, no fim, seguirmos pela esquerda até à margem do rio Sorraia, que vamos

acompanhar até Benavente, onde chegamos pela entrada norte, na Rua Dr. Manuel Velho Cabral Calheiros. À esquerda, descobrimos vestígios das muralhas, que protegiam das cheias do rio, e a Cruz do Calvário, de 1644. Escassos

metros à frente, descobrimos um nicho com a imagem de Santiago e a Cruz da Ordem, na Fonte de Santiago. Terminamos esta etapa na praça do Município de Benavente, ao lado do qual ficam os serviços de Turismo.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Benavente
+351 263 519 600

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- TAXI Samora Correia +351 963 053 622
- TAXI Benavente +351 963 050 030
- Supermercado
- Restaurante Boa Viagem, Samora Correia
- Restaurante O Lagar, Samora Correia
- Restaurante Montagreste, Benavente

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja Matriz de Samora Correia
- Igreja da Misericórdia de Benavente
- Convento de Jericó, Benavente

- Palácio do Infantado, Samora Correia
- Fonte do Concelho, Samora Correia
- Cruzeiro e Adro do Calvário, Benavente
- Pelourinho de Benavente
- Núcleo Museológico Agrícola de Benavente
- Biótopo Campos/Searas
- Montados de Quercíneas
- Vales Aluvionares
- Zonas de Pinhal Manso

SAÚDE

- Centro de Saúde Benavente +351 263 516 775
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Benavente:
 +351 263 519 790
 Bombeiros Voluntários de Samora Correia:
 +351 263 651 122
 Guarda Nacional Republicana de Samora Correia:
 +351 263 650 020

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



BENAVENTE

Samora Correia

SANTO ESTÊVÃO

Rio Sorraia

Ribeira Trejoito

Rio Almansor

Rio Lagos

Ribeira Vale Cobrão

HERDADE MONTE
NOVO DA RIBEIRA

EM

EM

EM615

EM

N118-1

A13

N118

N10/IC11

IC3

EM



Benavente ► Muge

16



Créditos: José Júlio Cachado

O Caminho até Muge passa por Salvaterra de Magos onde, entre as obrigações dos novos moradores de Salvaterra de Magos, agraciados com foral por D. Dinis em 1295, estava a de edificarem uma igreja matriz. O edifício foi objeto de várias campanhas modernizadoras, uma das quais no século xvi, época a que pertence a pia batismal. Danificado no terramoto de 1755, o projeto de reconstrução da igreja matriz de São Paulo integrou revestimentos azulejares de oficinas lisboetas e telas do pintor Bento Coelho da Silveira. É uma igreja monumental,

cujas fachadas foram concebidas para conter duas torres nunca construídas. De 1825 é o órgão de tubos, da autoria do mais célebre construtor de órgãos da altura, António Machado e Cerveira.

Aqui é possível encontrar também o palácio real, de origem medieval, cujo paço ficou conhecido por ter albergado a cerimónia de assinatura do contrato de casamento entre a infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando I, e o rei D. João I de Castela, o que precipitou a revolução de 1383-85. O conjunto foi reedificado nos

inícios do século xvi pelo infante D. Luís, a quem se atribui o patrocínio da capela palatina renascentista, e ampliado por Filipe I e D. João V. Bastante danificado por incêndios e demolições no século xix, o que resta é uma pálida imagem do esplendor que o palácio teve, sobretudo no auge do tempo barroco, altura em que dispôs de casa da ópera e aqui se realizaram numerosos espetáculos.

Muge foi um importante local durante a época romana, sobretudo pela proximidade do porto fluvial do Sabugueiro, à qual estava associada uma *uilla*.



A ponte é composta por um grande arco de volta perfeita, a que se associam outros dois arcos de descarga, provavelmente construídos na época medieval. Era um importante ponto de passagem para quem se dirigia à capital da província, *Scallabis* (Santarém).

Foi no Paço de Muge que o Rei D. Manuel, em 1496, decretou o

édito de expulsão das minorias judaicas e muçulmanas. Uma localidade que pertenceu aos Duques de Cadaval, que nela construíram o seu palácio. Aqui se encontra também a igreja matriz, construída no final do século XIII pelo pároco de Salvaterra de Magos, a qual esteve durante séculos na posse do Mosteiro de Alcobaça. O conjunto evoluiu para um

templo barroco, tendo a Câmara local obrigado o mosteiro a reconstruir o edifício a partir de 1712, por este ameaçar ruína. É um templo de assinalável impacto urbanístico, com ampla e monumental fachada, a que corresponde um interior de nave única com duas capelas laterais, onde sobressaem os retábulos de talha joanina.



Escaroupim

Aldeia piscatória por excelência, foi formada nos anos 30 do século XX por pescadores procedentes da praia da Vieira na Marinha Grande, que aproveitavam o inverno para transferir a atividade pesqueira para o rio Tejo. Com utilização sazonal, a aldeia é composta por construções rudimentares em madeira e assentes em estacaria sobre o rio, o que lhes garantia a proteção contra as cheias. Para além destes aspetos construtivos, o que singulariza a aldeia é a cor garrida dos barcos e das casas.

e também...

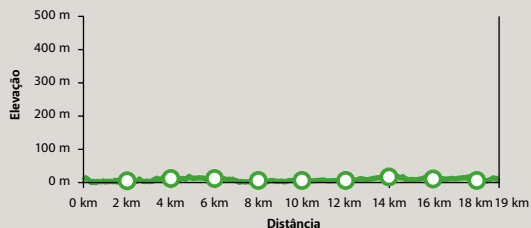
Festas em Honra do Mártir São Sebastião – Agosto Olaria de Muge

Escavações arqueológicas descobriram vestígios de um forno de cerâmica romano, na freguesia de Muge. Desde esse período até aos dias de hoje, a roda do oleiro não parou. Nas olarias de Muge tudo é exercido como no passado: as mãos do oleiro amassam o barro, que depois de moldado, é seco e cozido num forno de

lenha. Por vezes, os oleiros pintam as peças de olaria, mas o mais usual em Muge é o barro vidrado. Da roda do oleiro surgem peças como as bilhas para a água, vasos, tachos, jarros, potes. Apesar da sua antiguidade, a olaria de Muge continua ainda a desenvolver-se graças ao esforço e empenho dos oleiros, que vão contribuindo com a sua arte para a manutenção da tradição do trabalho com o barro.



Distância 19 km
Altitude máxima 19 km
Subida acumulada 182 km
Descida acumulada -185 km
Duração 4h30m
Dificuldade (0-5) 2



Voltamos à Praça do Município para iniciar a etapa de hoje e seguimos em direção ao rio pela Rua Dr. Ruy Azevedo, ao longo do aprazível Jardim da Fateixa, na margem do rio Sorraia. Atravessamos o rio na ponte pedonal branca, à direita, e continuamos pelo trilho na faixa de separação entre os terrenos cultivados. Passamos sob o viaduto da estrada nacional N118, e mantemo-nos no caminho entre os campos.

Continuando a fugir à movimentada e estreita estrada N118, embrenhamo-nos pelos campos laterais, que pode ocorrer estarem submersos obrigando-nos a subir à estrada. Em qualquer caso, 1 km à frente teremos de fazê-lo, em perigoso cruzamento, seguindo pela esquerda pela estrada secundária com destino a Salvaterra de Magos. Se fôssemos para a direita iríamos encontrar a Aldeia do Peixe, a cerca de 5 km à beira do Sorraia, local com registos da cultura dos pescadores avieiros.

No final da Estrada do Convento entramos na vila pela Rua do Tejo onde, logo à entrada, se nos apresenta a Falcoaria Real. Se tiver

tempo, assista a uma demonstração da arte da falcoaria, nas sessões que se realizam com regularidade. Continuando pela Rua do Tejo, observamos uma pequena “marina” e, à direita encontramos ainda a Capela Real, do século XVII, com obras no período rococó.

Passamos a ponte sobre a Vala Real, que servia para transporte de mercadorias e para a embarcação da família real, aquando das suas visitas a esta localidade. Em breve chegamos ao entroncamento que nos indica para a esquerda a pitoresca aldeia de Escaroupim. Aqui fazemos uma pausa para conhecer o museu, o porto palafítico e as antigas casas avieiras, conservadas no seu estado original para turista ver.

Deixamos Escaroupim ainda pela Rua do Tejo, a qual se bifurca pouco à frente. Seguimos pelo estradão da esquerda que nos leva ao parque de campismo e continua em caminho aprazível e fresco ao longo de 4 km pela Mata do Escaroupim até a uma passagem de nível. Pouco depois chegamos a um cruzamento onde, virando à esquerda, nos podemos dirigir à Ponte Rainha D. Amélia sobre o Tejo e, daqui,

entroncar com o Caminho de Santiago que procede de Lisboa, pela margem norte do rio Tejo.

Não sendo esta a nossa opção, seguimos em frente para a entrada de Muge, procurando a rua da Junta de Freguesia, onde nos apressamos a pedir indicações sobre os alojamentos

disponíveis, que não abundam por aqui. Ao explorar a vila, podemos encontrar a norte a ponte romana de Muge, com 400 m de extensão, e que servia parte da via romana que ligava o Alentejo a Santarém. Antes de o dia terminar, repousamos na Casa Cadaval, uma herdade com 400 anos de história.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

- Palácio dos Duques Casa Cadaval
- Concheiros de Muge
- Ponte Ferroviária Rainha D. Amélia
- Olaria de Muge

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Junta de Freguesia de Muge
+351 243 581 130

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Parque de Campismo de Escaroupim
+351 263 595 484

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja de Nossa Senhora da Conceição
- Capela de Nossa Senhora da Glória
- Ponte Romana de Muge

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117

ALERTAS

Para questões relacionadas com o alojamento, falar com a Junta de Freguesia.

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



MUGE

PORTO DE MUGE

ESCAROUPIN

VALADA

REGUENGO

ALDEIA DA PALHOTA

SALVATERRA DE MAGOS

BENAVENTE

Ribeira Magos

Rio Tago

Rio Tejo

Ribeira

N

0

1,5

3

km

EM

EM

N3-2

EM

EM

EM

EM

EM

N367

N118

EM

A13

NT14-3

EM

EM

EM

EM

EM515

NT18-1



Catedral de Santarém



Igreja da Graça | Santarém



Túmulo de Pedro Álvares Cabral

No concelho de Almeirim, antes da chegada à ribeira de Santarém, a Igreja de Santa Marta, em Benfica do Ribatejo, inspira uma visita. Foi construída no século XVIII como capela da Quinta de Santa Marta, extensa propriedade agrícola que dominou a região desde o final da Idade Média. O conjunto foi totalmente restaurado em finais do século XX, como atesta inscrição comemorativa colocada na fachada principal.

Porta de Santiago

Era a porta principal do castelo de Santarém, chamada por isso mesmo de "Porta da Alcáçova", cuja primeira menção data de 1249. A atual designação deriva da invocação da igreja por onde passava a calçada que ligava o esporão do planalto à ribeira. Até ao século XVI também servia de acesso à vila, através de um caminho dado como irrecuperável em 1797. Nela, pode-se observar um brasão de armas fernandino de Portugal que documenta as obras de reforço das muralhas da vila. Também já não existe memória do Hospital de Jesus Cristo, que se localizava nesta via e permitia o apoio a peregrinos e viajantes que chegavam à cidade. É atualmente atravessada pelos inúmeros peregrinos do Caminho de Santiago.





Ponte de Alcorce

Construída entre finais do século XIII e a primeira metade do século XIV, a ponte de Alcorce era a principal saída da cidade para norte, rumo a Tomar e a Coimbra, e cruza a Vala de Alcorce ou de Palhais, pequeno afluente do rio Tejo. Dotada de quatro arcos de volta perfeita, exibe ainda tabuleiro em cavalete de dois lanços rampantes, como foi frequente nas pontes do tempo românico. Diante da ponte, do lado da ribeira de Santarém, localiza-se o chafariz de Palhais, última fonte para quem saía de Santarém rumo a norte.



Igreja de Santa Maria da Alcáçova

Sede religiosa do poder que a Ordem do Templo estabeleceu na cidade após a conquista de 1147, a igreja foi construída ao redor de 1154 e instituída como capela real por D. Afonso Henriques. Três anos depois, foi constituída como colegiada e gozou de amplo protagonismo na Idade Média. A igreja atual, onde se integraram capitéis romanos reaproveitados como marca de prestígio e de antiguidade do templo, é o resultado de uma campanha das primeiras décadas do século XVIII, por patrocínio de D. Rodrigo Teles de Meneses, descendente de uma família que teve grande tradição na cidade.

e também...

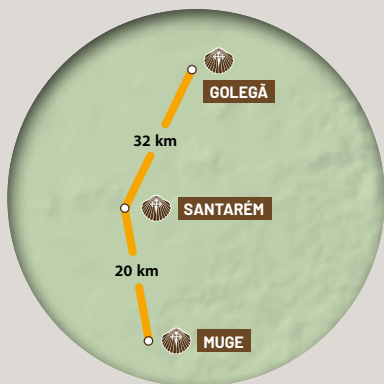
Festas da Cidade de Santarém – Março

Festival Nacional de Gastronomia de Santarém – Outubro

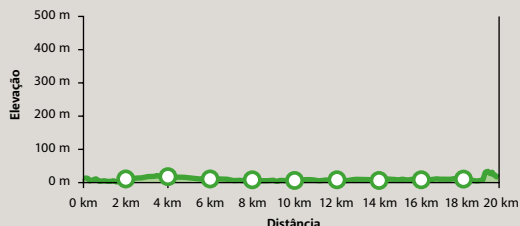
Feira Nacional da Agricultura/Feira do Ribatejo

É o maior cartaz turístico do país, sendo considerada, no campo agrícola, uma das mais importantes da

Europa. Esta feira, conhecida pelos seus riquíssimos valores etnográficos, patentes no Festival Internacional de Folclore, largada de touros, corrida de campinos, condução de jogos de cabrestos, touradas, provas hípicas, *raid* hípico, entre outros, decorre durante o mês de junho.



Distância 20 km
Altitude máxima 37 m
Subida acumulada 127 km
Descida acumulada -123 km
Duração 4h30m
Dificuldade (0-5) 2



Partindo da Junta de Freguesia, viramos à esquerda para a Rua Almirante Reis, acompanhando o edifício da Casa Cadaval. Temos a ponte romana pela frente mas não a atravessamos, optando antes por continuar para a direita por debaixo do viaduto da estrada nacional N114, até encontrarmos outra ponte por onde transpomos a ribeira de Muge.

Foi ao longo desta ribeira que se descobriram os Concheiros de Muge, sítios arqueológicos com grandes acumulações de conchas, restos de animais e centenas de esqueletos humanos de uma espécie ainda não totalmente identificada, que aqui terão vivido há cerca de 5 mil anos. Estes são os sítios mais famosos e ricos da Pré-História portuguesa. Por exemplo, no Concheiro da Moita do Sebastião, existem vestígios de cabanas circulares de toros e barro, silos no solo onde se conservavam alimentos e sepulturas ritualizadas com ocre e pedras sob as cabeças.

Por caminho de areia fina, primeiro, e por estreita estrada rural depois, avançamos pelo meio das imensas áreas cultivadas ou em

posio que medeiam até Benfica do Ribatejo, em cujas imediações a vinha passa então a ser preponderante, numa região cujos vinhos têm vindo a ser cada vez mais reconhecidos e as principais adegas (a visitar!) assumem já níveis de produção e de qualidade elevados.

Entramos na Rua Direita para o centro da aldeia, antiga terra de pescadores, agora “apenas” campinos, cheios de coragem e vestidos a rigor, de barrete vermelho, quando dançam o fandango ribatejano. Também pela Rua Direita, saímos da aldeia. No cruzamento para Cortiçóis viramos à esquerda e seguimos depois sempre ao longo da Vala de Alpiarça, passando sob o viaduto da autoestrada e virando de novo à esquerda para passarmos pela Quinta do Casal Monteiro. Aproveitamos para almoçar e fazer uma degustação de vinhos da região com um enquadramento apropriado.

Depois de 3,5 km, entramos na aldeia de Tapada. Por asfalto, seguimos e subimos um carroeiro para voltarmos a encontrar a N114. Atravessamos agora a Ponte D. Luís sobre o rio Tejo, que em 1881 era a terceira

maior ponte da Europa. Na margem oposta, à direita, dirigimo-nos para a ribeira de Santarém, dispensando-nos de subir agora à cidade, que trataremos de visitar depois.

Entramos neste antigo porto de comércio fluvial seguindo pela calçada da estrada N365, atravessando a linha ferroviária e terminando

a etapa na Junta de Freguesia local, que anseia por nos receber. Para trás deixamos a Igreja de Santa Cruz, linda construção gótica de meados do século XIII, que servia a população local, que entre 1218 e 1260 cresceu muito. Nessa época, a movimentada vila era um estaleiro de construção, de apoio à construção de grandes mosteiros na região.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Santarém, Divisão de Turismo +351 243 304 258

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo +351 243 304 437

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja de Alcáçova
- Igreja Matriz de Vale Figueira
- Igreja da Misericórdia
- Igreja de Santa Maria de Marvila
- Catedral de Santarém
- Museu Diocesano de Santarém

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoolentejoribatejo.pt



- Fonte da Junqueira
- Ponte de Alcorce
- Porta de São Tiago
- Torre das Cabaças
- Jardim Miradouro Portas do Sol

SAÚDE

- Hospital Distrital de Santarém + 351 243 300 200
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

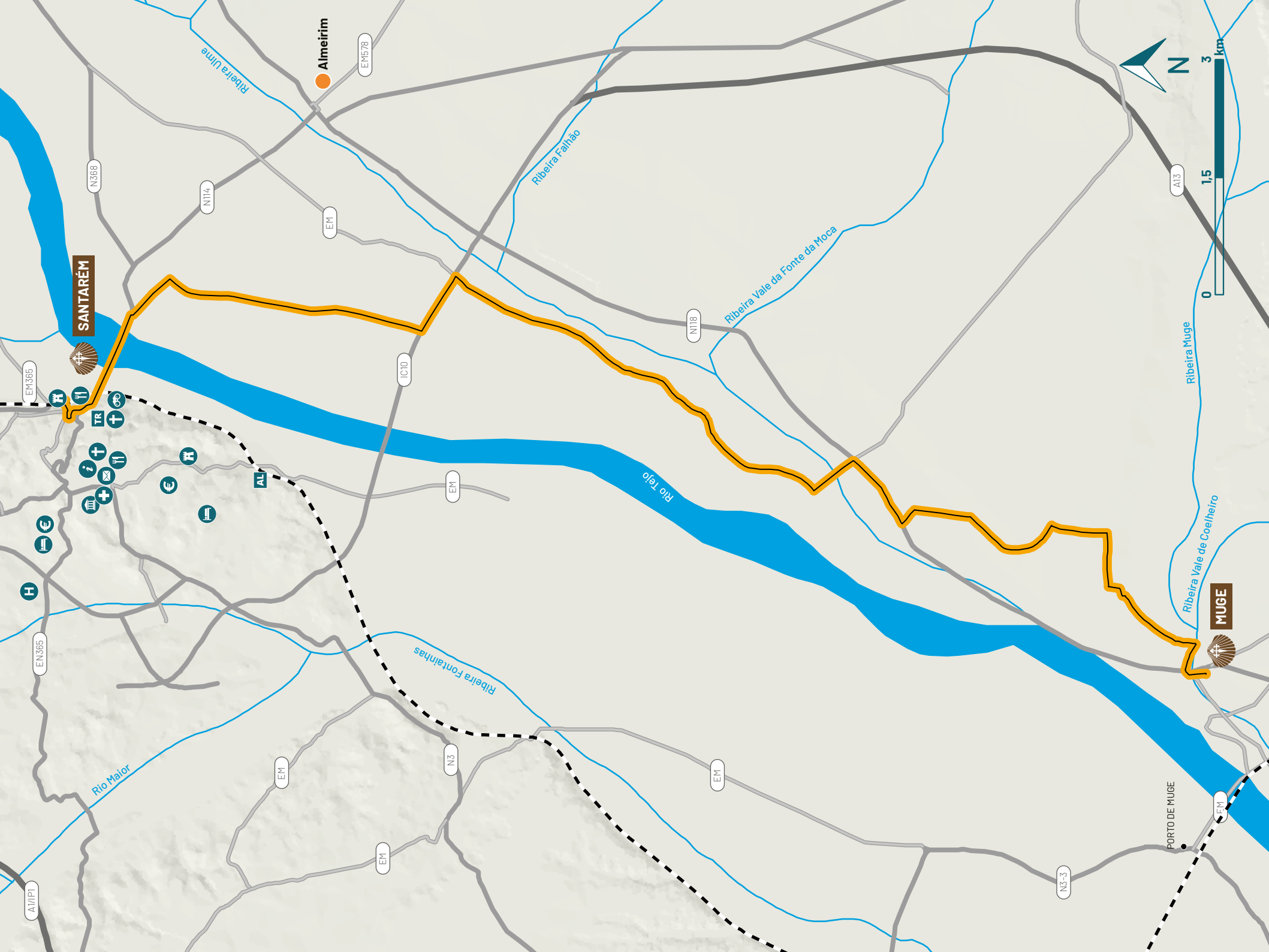
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Santarém:
 +351 243 377 900
 Bombeiros Municipais de Santarém:
 +351 243 333 122
 GNR – Posto Territorial de Santarém:
 +351 243 300 070
 Polícia de Segurança Pública: +351 243 322 022

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



SANTARÉM

Almeirim

MUGE

0 1.5 3 km

N

Rio Tago

Ribeira Uíme

Ribeira Fajão

Ribeira Vale da Fonte da Moça

Ribeira Muge

Ribeira Vale de Coelhoito

Ribeira Fontainhas

Rio Maior

PORTO DE MUGE

N368

N114

EM

EM1578

N118

IC10

EM

EM365

EN365

EN365

A1/PI

EM

N3

EM

EM

N3-3

EM

Disse José Saramago, após o seu périplo que deu origem à obra *Viagem a Portugal*, que “o fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se viu no verão, ver de dia o que se viu de noite... É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos”. Falasse ele em sentido figurativo e dir-se-ia estar a referir-se aos Caminhos de Santiago, de que não há notícia que tenha percorrido mas que, coincidentemente, atravessam a Azinhaga, aldeia ribatejana onde José Saramago nasceu em 1922.

Azinhaga

“No meio da paz noturna, entre os ramos altos da árvore, uma estrela aparecia-me, e depois, lentamente, escondia-se por trás de uma folha, e, olhando eu noutra direção, tal como um rio correndo em silêncio pelo céu côncavo, surgia a claridade opalescente da Via Láctea, o Caminho de Santiago, como ainda lhe chamávamos na aldeia.”

Da autoria do escultor Arnaldo Ferreira e datada de 2009, a estátua em bronze de José Saramago evoca a figura do único escritor português a ganhar o prémio Nobel da Literatura (1998), que nasceu em

Azinhaga e aqui passou parte da sua juventude. Na praça central da vila, José Saramago (1922-2010) está sentado num banco, como que observando a vida da localidade que se desenrola sob o seu olhar atento.

A passagem pela Azinhaga pode ser enriquecida com a visita às ruínas da capela de São Sebastião. Em 1570, grassando a

peste, os habitantes de Azinhaga ergueram uma capela dedicada a São Sebastião, santo protetor contra aquela epidemia. Muito modificada no século XIX, está atualmente em ruínas. A capela de São José, datada do século XVII, tem a particularidade de o sino ser ainda original e ostentar o nome do seu promotor (Gaspar Serrão, 1634), possivelmente



Capela de São José - Azinhaga



um destacado habitante de Azinhaga que terá vivido no paço fronteiro ao templo, hoje conhecido por solar da família Serrão de Faria. Também a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz de Azinhaga, é um local de visita obrigatória. Documentada desde 1297, a igreja preserva ainda as coberturas medievais dos absidiólos. Em finais do século xvi, o templo foi substancialmente transformado pela Ordem de Cristo, que aqui estabeleceu comenda. O edifício ganhou monumentalidade, bem como o elegante interior com arcarias delgadas nas naves e a cobertura de caixotões em pedra na capela-mor. Até ao final do século xviii, a igreja foi enriquecida com elementos artísticos e devocionais, de que se salientam os retábulos de talha policromada.

Golegã

Ponto de passagem obrigatório para quem atravessava o norte da lezíria ribatejana, uma antiga tradição admite que a origem da Golegã foi uma albergaria para viajantes e peregrinos, servida pela capela dedicada a Nossa Senhora da Albergaria. No século xvi, o património da Misericórdia

local constituiu-se ao redor de uma albergaria que existia nas imediações da igreja de São José. A igreja matriz da Golegã é uma das mais importantes igrejas manuelinas e sede da comenda local da Ordem de Cristo. A matriz da Golegã foi construída após 1501, provavelmente pelo arquiteto Boytac (Boitaca), primeiro autor

do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. A feição atual do templo é resultado de um profundo restauro realizado no século xx, altura em que se removeram retábulos de talha dourada, que haviam enriquecido a igreja no tempo barroco, e se introduziram painéis de azulejo provenientes do Convento da Graça, em Santarém.



Casa-Estúdio José Relvas

O chalet que foi residência, laboratório e estúdio do fotógrafo José Relvas foi construído entre 1871 e 1875 e integralmente restaurado entre 2002 e 2007. É uma casa-museu singular, que evoca a importância da obra fotográfica do seu promotor, mas também o seu gosto eclético neomedieval e neomanuelino. No segundo piso, o estúdio de fotografia privilegiou o uso do ferro e do vidro, sendo a luz controlada por processos mecânicos de escurecimento das janelas.

e também...

Expo Égua – Maio

Olé Golegã – Setembro

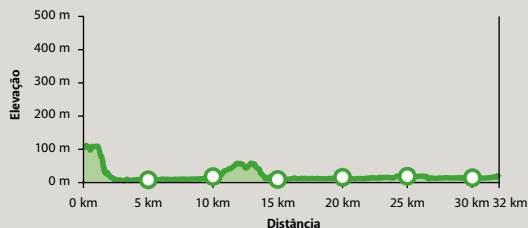
Feira Nacional do Cavalo

Foi em meados do século xviii que nasceu a Feira da Golegã, até 1972 conhecida como Feira de São Martinho, data a partir da qual passou a Feira Nacional do Cavalo.

Aqui, apresentam-se todos os criadores e transacionam-se os melhores puro-sangue, vendidos para o mundo inteiro. A Golegã há muito que passou a ser a Capital do Cavalo e, aqui, em novembro, é apresentado, através de ralis, raids, jogos equestres e exposições, exemplares de um dos mais belos animais do mundo: o cavalo.



Distância 32 km
Altitude máxima 111 m
Subida acumulada 204 m
Descida acumulada -287 m
Duração 8h00m
Dificuldade (0-5) 3



Antes de avançar até à próxima etapa dos Caminhos de Santiago, a Golegã, temos de nos convencer a deixar para trás o belíssimo varandim panorâmico das Portas do Sol, com o miradouro integrado nas antigas muralhas de Santarém, viradas para o Tejo e para os vastíssimos campos ribatejanos.

Avançamos para a oculta Porta de Santiago, perto da igreja da Alcáçova, e descemos a encosta em direção ao Tejo, ao longo da calçada de Santiago, com algum grau de dificuldade. No bairro ribeirinho da Ribeira de Santarém, onde se situa a estação ferroviária, encontramos a Igreja de Santa Iria, que exhibe uma escultura em madeira de um Cristo negro crucificado mas pregado à cruz apenas por um braço.

Atravessada a pequena ponte medieval de Alcorce vamos novamente ao encontro dos campos férteis da lezíria do Tejo, numa sucessão de extensas quintas, valas e ribeiras que emprestam um cenário rural bucólico e lamacento à nossa progressão pelo Caminho.

É uma etapa igualmente extensa e plana, como a anterior, sem dificuldades dignas de assinalar, que atravessa as aldeias de Vale de Figueira e de Azinhaga. "Galega" seria o nome dado a uma venda existente no

lugar onde nasceu esta vila ribatejana, e de "Venda da Galega" terá resultado Golegã. Sítio então muito frequentado pela passagem de viajantes de Santarém para norte, nomeadamente pela via romana que ligava Lisboa a Braga, através de Tomar. Talvez por isso o cavalo tenha assumido papel central, com o vinho e os touros.

Em novembro, a mais importante Feira Nacional do Cavalo do país atrai milhares de visitantes que aproveitam para brindar a São Martinho com castanhas e água-pé.

A etapa termina junto à igreja matriz, adornada com pórtico manuelino ricamente esculpido, frente à qual passava a antiga Estrada Real entre Lisboa e o Porto. Logo atrás fica a loja do Turismo, onde poderá informar-se das diversas opções para a sua estadia, que se ampliam a cada ano com novas ofertas de hostels e outras unidades de alojamento especialmente preparadas para os peregrinos e viajantes a Compostela.

Se o ânimo o permitir, não deixe de visitar o Museu de Fotografia da Casa José Relvas, onde se encontra um estúdio único no mundo dos primórdios da captação de imagens, e o Centro Cultural Equuspolis onde tudo gira à volta do cavalo.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal da Golegã
+351 249 979 050
- Junta de Freguesia da Azinhaga
+351 249 957 140
- Junta de Freguesia da Golegã
+351 249 976 279
- Junta de Freguesia do Pombalinho
+351 249 459 401
- Casa do Povo do Pombalinho
+351 243 459 12
- Santa Casa da Misericórdia da Azinhaga
+351 249 957 129
- Santa Casa da Misericórdia da Golegã
+351 249 979 11

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo da Golegã
- TAXI** Táxis Golegã +351 249 976 459
- Parque de Campismo da Golegã

PONTOS DE INTERESSE

- Capela São José
- Igreja Matriz de Azinhaga
- Igreja Matriz da Golegã – Nossa Senhora da Conceição
- Igreja Matriz do Pombalinho
- Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo
- Quinta da Cardiga
- Casa-Estúdio Carlos Relvas
- EquusPolis – Museu Municipal Martins Correia
- Fundação José Saramago
- Museu Municipal da Máquina de Escrever
- Museu Rural
- NMCPPG – Núcleo Museológico do Centro Português de Geo-História e Pré-História

SAÚDE

- Centro de Saúde da Golegã
+351 249 979 180
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários da Golegã:
 +351 249 979 070
 Guarda Nacional Republicana: +351 249 979 030

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

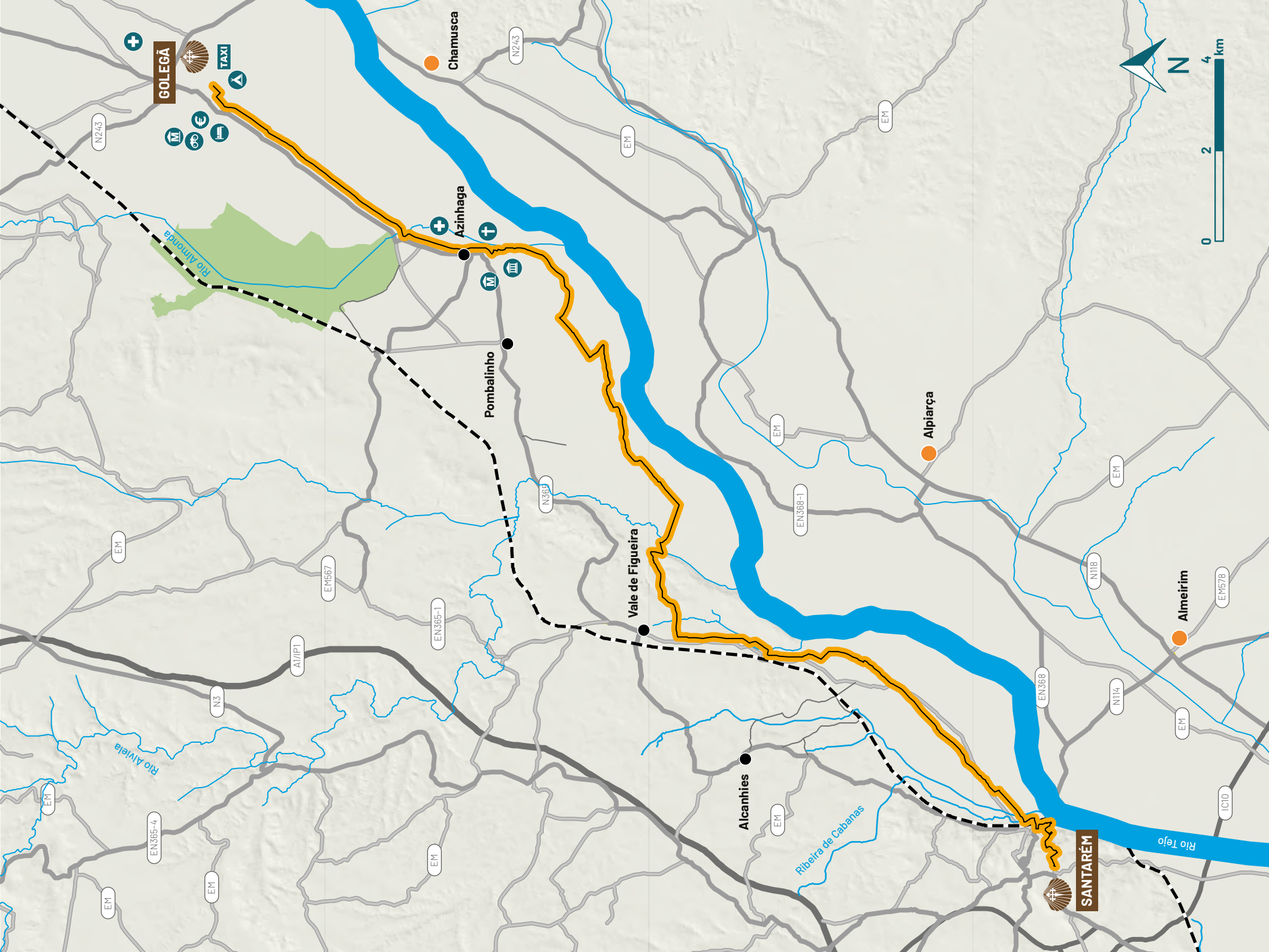


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



GOLEGÁ

TAXI

Chamusca

Azinhaga

Pombalinho

Vale de Figueira

Alcanhies

Alpiarça

Almeirim

SANTARÉM

Rio Alameda

Ribeira de Cabanas

Rio Tejo



Golegã ► Tomar (Centro)

19

Golegã é uma vila do Caminho, não somente no sentido literal, mas sobretudo porque se notam um pouco por todo o lado os sinais associados à presença e passagem dos viajantes que rumam a Santiago de Compostela. Sendo uma vila mais pequena e pacata que Santarém, facilita a convivência entre as pessoas que chegam a ritmo contínuo, de diferentes nacionalidades e gerações, e aparecem os serviços direcionados para peregrinos. A isso acresce o ambiente rural e pitoresco, a simpatia das pessoas e, como não podia deixar de ser, a boa oferta gastronómica. Está-se bem na Golegã!

Integrada nas doações de D. Afonso Henriques à Ordem do Templo em 1169, a Quinta da Cardiga dispôs de comendador próprio a partir do século XIV, o que atesta a importância da localidade no quadro das possessões da Ordem de Cristo. A atual configuração do palácio data de uma profunda reforma mandada executar a partir de

1540 por Fr. António de Lisboa, que todavia preservou a torre de menagem do antigo castelo

templário. As obras continuaram entre 1592 e 1617, no tempo de seu sobrinho, Fr. Pedro Moniz.



Quinta da Cardiga

e também...

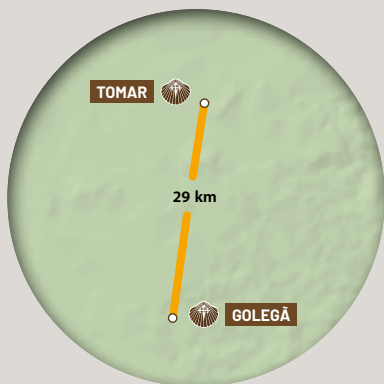
Festa Templária – Julho

Coleção Visitável – Museu dos Fósforos

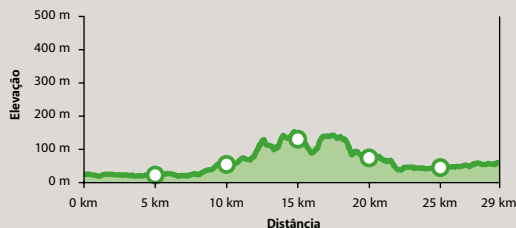
No Convento de São Francisco conserva-se uma coleção superior com 60 000 caixas, etiquetas e carteiras de fósforos, doada por Aquiles da Mota à

Câmara, em 1980. A coleção nasceu com uma troca de caixas entre Mota Lima e uma senhora americana durante uma viagem marítima, quando se dirigiam a Londres para a cerimónia da coroação da Rainha Isabel II.





Distância 29 km
Altitude máxima 150 m
Subida acumulada 389 m
Descida acumulada -355 m
Duração 7h15m
Dificuldade (0-5) 3



A etapa de hoje é de “fronteira”, isto é, liga a região do Ribatejo com a do Centro de Portugal, onde termina na cidade de Tomar, após cerca de 30 km de viagem. Desviando-nos da fronteira natural do Tejo em Vila Nova da Barquinha, quase tudo sofre uma mutação gradual, mas essa já é outra parte do Caminho...

Para sair da Golegã, atravessamos a vila ao longo da rua D. Afonso Henriques, seguida da rua Dr. Branco, com destino à periferia da cidade. Cruzamos a estrada nacional N243 e tomamos o caminho de areia em frente, até que este desemboca numa estreita estrada rural. Viramos à esquerda e temos pela frente alguns quilómetros planos ladeados de extensos milheirais e campos cultivados que aproveitam os férteis terrenos desta margem do rio Tejo.

Antes de chegarmos à Quinta da Cardiga, a pequena aldeia de São Caetano acolhe-nos com recantos que merecem a nossa breve passagem, incluindo um albergue para peregrinos e a Ermida de São Caetano. Doado à Ordem dos Templários por D. Afonso

Henriques, posteriormente transitada para a posse da Ordem de Cristo, a histórica Quinta da Cardiga ainda hoje pertence ao imaginário da população e de quem a visita, com uma auréola de certo misticismo. É das propriedades mais impressionantes do país, infelizmente em avançado estado de degradação, mas ainda ali podemos vislumbrar os jardins e hortas, o palacete, a capela e o claustro, o celeiro e as cavalariças e até um antigo lagar. Descobrimos também a Cruz de Cristo na fachada da casa principal e a torre do antigo castelo templário. Um dos postos de vigia da milícia da Ordem, este foi um local estratégico vital para os cavaleiros templários.

Atravessamos a frondosa alameda que acompanha a fachada do palacete até a uma pequena ponte sobre um ribeiro poluído, onde termina o asfalto. Daqui em diante continuamos o Caminho para norte, até à aldeia de Pedregoso, ponto final do Caminho de Santiago Central no Alentejo e Ribatejo. A seguir, entramos já no concelho de Vila Nova da Barquinha e na região Centro de Portugal. Bom Caminho!

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Tomar
+351 249 329 800

APOIO

Posto de Turismo +351 249 329 823

SAÚDE

Centro Hospitalar do Médio Tejo, E.P.E
+351 249 320 100

Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Municipais de Tomar:
+351 249 329 140
 GNR – Posto Territorial de Tomar:
+351 249 320 060
 Polícia de Segurança Pública de Tomar:
+351 249 328 040
 Proteção Civil de Tomar: +351 249 324 030

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Vila Nova da Barquinha

Pedregoso

São Caetano

Quinta da Cardiga

Entroncamento

GOLEGÃ

Rio Tejo

Ribeira da Atalala

Ribeira de Santa Catarina



GUIA DE CAMINHOS

Caminhos de Santiago

Alentejo e Ribatejo

Caminho
Central – via Tejo

Caminho
Nascente



Vila Franca de Xira (Lisboa) ▶

Azambuja

1

A origem de Azambuja remonta possivelmente ao século I a.C., altura em que os romanos invadiram a Península Ibérica. Na altura, este povo denominou-a de *Oleastrum* (Óleo de Oliveirazeite) por ser, provavelmente, muito rica em azeite e com forte produção do mesmo.

Mais tarde, habitada pelos Árabes, recebeu o nome Azzabuja (Olival Bravo) o que nos leva a pensar que talvez as oliveiras "romanas" já não existissem.

Em 1147, a Azambuja foi reconquistada aos Árabes por D. Afonso Henriques, sendo dada por este a D. Childre Rolim como recompensa pelo seu heroísmo e por se ter desviado da Cruzada à Terra Santa para o ajudar no Cerco de Lisboa. D. Childre Rolim povoou-a e baptizou-a de Vila Franca. No entanto, a vila perdeu o nome passado pouco tempo. D. Childre ou D. Xira (como também era conhecido) foi mais tarde o fundador de Vila Franca de Xira e após a sua mudança para o novo local, com o objetivo de o construir e povoar, a vila teve que recorrer ao antigo nome atribuído pelos Árabes, ficando conhecida por Azambuja.

A Vila de Azambuja teve foral concedido por D. Sancho I em 1200 e confirmado por D. Afonso II em 1218. Em 1513 teve novo foral passado por D. Manuel.



Igreja Matriz de Azambuja

A igreja foi construída em meados do século XVI, período a que correspondem os portais principal e lateral, ambos maneiristas, e a capela-mor, em particular o seu abobadamento, a relembrar ainda opções manuelinas, com amplas nervuras e fechos de abóbada. A igreja tem a particularidade de o portal lateral sul ser mais monumental que o ocidental, pois é aquele que está voltado à praça principal da localidade. O essencial do recheio data de um período de aproximadamente 100 anos, entre os finais do século XVI e os finais da centúria seguinte. A Árvore de Jessé, colocada no retábulo de Nossa Senhora do Rosário, data de 1595. A tela alusiva ao Calvário, é atribuída à oficina do pintor André Reinoso. Destaca-se ainda o revestimento azulejar seiscentista e o retábulo-mor proto-barroco, datado de 1686 e realizado pelo entalhador Manuel da Fonseca.

Desde o início da sua jornada em Vila Nova da Rainha que se deu conta de uma profusão de setas azuis a par das amarelas que sinalizam o Caminho de Santiago. E ao encontrar o primeiro poste de sinalização do Caminho irá reparar que nele se encontra também outra marca, a do Caminho de Fátima, aqui o do Tejo. De facto, até Santarém, o percurso dos peregrinos que se dirigem ao Santuário de Fátima coincide com o de Santiago, pelo que terá certamente bastantes companheiros de Caminho, particularmente nos meses de maio e outubro, meses em que, nos respetivos dias 13, decorrem ali as celebrações mais importantes.



Em 1531, devido a um terramoto de grande magnitude, a Vila de Azambuja ficou bastante danificada. A Azambuja encontra-se ligada ao Tejo através da chamada Vala Real de Azambuja. Esta compreende uma extensão de 26 km, mandada construir pelo Marquês de Pombal em 1748 com o objetivo de irrigar os campos de cultivo.

A sul, o Campo, caracteriza-se por férteis planícies verdejantes das Lezírias, pelos cavalos e pelas manadas de gado bravo, que leva a que Azambuja se encontre intimamente ligada ao mundo da tauromaquia - à "Festa Brava". A norte a atividade económica dominante é a agricultura: policultura intensiva e de cariz familiar.

A par de grande importância que o setor primário representa no desenvolvimento do concelho, a Azambuja tornou-se fortemente industrializada. Beneficiando da sua excecional localização e de excelentes acessibilidades, nomeadamente a A1 e os caminhos-de-ferro, captou investimento

de empresas credenciadas, quer a nível nacional quer a nível internacional, que fomentam o desenvolvimento económico e social da região, principalmente através da criação de emprego.



Palácio das Obras Novas/Vala Real

Igreja Paroquial de Santa Marta – Vila Nova da Rainha

Foi nesta igreja que D. Nuno Álvares Pereira casou com Leonor de Alvim, no dia 15 de agosto de 1376. A igreja deve ter tido origem no século XIII, altura em que a vila começou a ganhar importância nos itinerários régios de Lisboa para norte. O atual templo é fruto de uma reconstrução realizada na época barroca, possivelmente a seguir ao terramoto de 1755, como denuncia a fachada principal. No interior, sobressai o longo ciclo azulejar azul e branco, da segunda metade do século XVIII, que retrata cenas da vida e legenda de Santa Marta.

e também...

ÁVINHO – Festa do Vinho e das Adegas – Abril

Festa do Caracol – Junho

Centenária Feira de Maio

A Azambuja tem na Feira de Maio o grande cartaz da sua identidade e visibilidade. Fruto de uma persistente revitalização socioeconómica e de uma constante recriação sociocultural, a Feira é reconhecida como a

mais castiça do Ribatejo pela envolvimento popular.

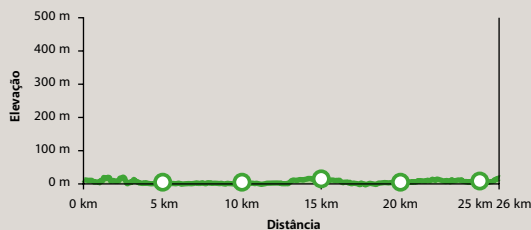
A Feira de Maio é a celebração cultural de uma comunidade e de um povo que tem a Tauromaquia inscrita na sua identidade e matriz cultural e é hoje um espaço e um tempo de convivialidade e sociabilidade, que anualmente a Azambuja partilha com milhares de visitantes.



Vila Franca de Xira (Lisboa) ▶ Azambuja



Distância 26 km
Altitude máxima 22 km
Subida acumulada 211 km
Descida acumulada -209 km
Duração 6h30m
Dificuldade (0-5) 3



“O Tejo une sentimentos diferentes, como se quisesse ser o ancião de uma grande família que todos admiram e respeitam.” (Francisco Hipólito Raposo, *Ribatejo*)

O Tejo é também o elo que une as regiões de Lisboa e do Ribatejo, guiando-nos ao longo das lezírias do Tejo até à pequena Vila Nova da Rainha, que é “da Rainha” porque foi na igreja matriz de Santa Marta que no século XIV se casou D. Nuno Álvares Pereira, o *Condestável*, grande responsável pela independência do reino de Portugal.

Passamos a única ponte sobre dois rios (Ota e Alenquer) em Portugal, e entramos na Vila pela hora de almoço, onde a simbiose perfeita entre a lezíria e o Tejo assume a forma de uma típica Caldeirada à Fragateiro, acompanhada de bom pão e vinho. Mas é com um surpreendente e único queijo Chèvre, produzido aqui perto na aldeia da Maçussa, que registamos a memória da ocasião!

Saímos da vila atravessando a movimentada estrada N3 em direção ao apeadeiro ferroviário e, seguindo pela Avenida Gago Coutinho,

observamos à esquerda os amplos terrenos onde outrora se situou o berço da Aviação nacional, inaugurada em 1915. Nesta Escola de aviação de Vila Nova da Rainha, Sacadura Cabral foi piloto instrutor e, mais tarde, em 1922, juntamente com Gago Coutinho, iria realizar a primeira travessia aérea do Atlântico Sul até ao Brasil!

Passada a estação do C.F., com a vila de Azambuja no horizonte, seguimos junto à linha ferroviária, ocasião para apreciar os vales aluviais do Tejo e a abundante avifauna, com a cegonha e a famosa garça-real bem representadas.

O trilho que nos leva a Azambuja termina passando sob o viaduto do caminho-de-ferro e voltamos à estrada N3 chegando logo à entrada sul de Azambuja, uma vila com séculos de história. Vire à esquerda no cruzamento e siga pela Avenida de Valverde. Foi aqui perto que a Comendadeira do Mosteiro de Santos da Ordem de Santiago da Espada, em 1555, construiu a Igreja da Confraria de Nossa Senhora do Paraíso.

Esta etapa dá-se por terminada na Praça do Município, um espaço amplo encimado pela igreja da padroeira Nossa Senhora da Assunção,

onde se desenrolam as mais diversas festividades locais.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Azambuja
+351 263 400 400
- Junta de Freguesia de Azambuja
+351 263 402 647
- Junta de Freguesia de Vila Nova da Rainha
+351 263 853 360
- Santa Casa da Misericórdia de Azambuja
+351 263 418 602

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo +351 263 400 476
- Táxi

PONTOS DE INTERESSE

- Capela de São Sebastião
- Igreja do Senhor Jesus da Misericórdia
- Igreja e Convento de Santa Maria das Virtudes

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoolentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.

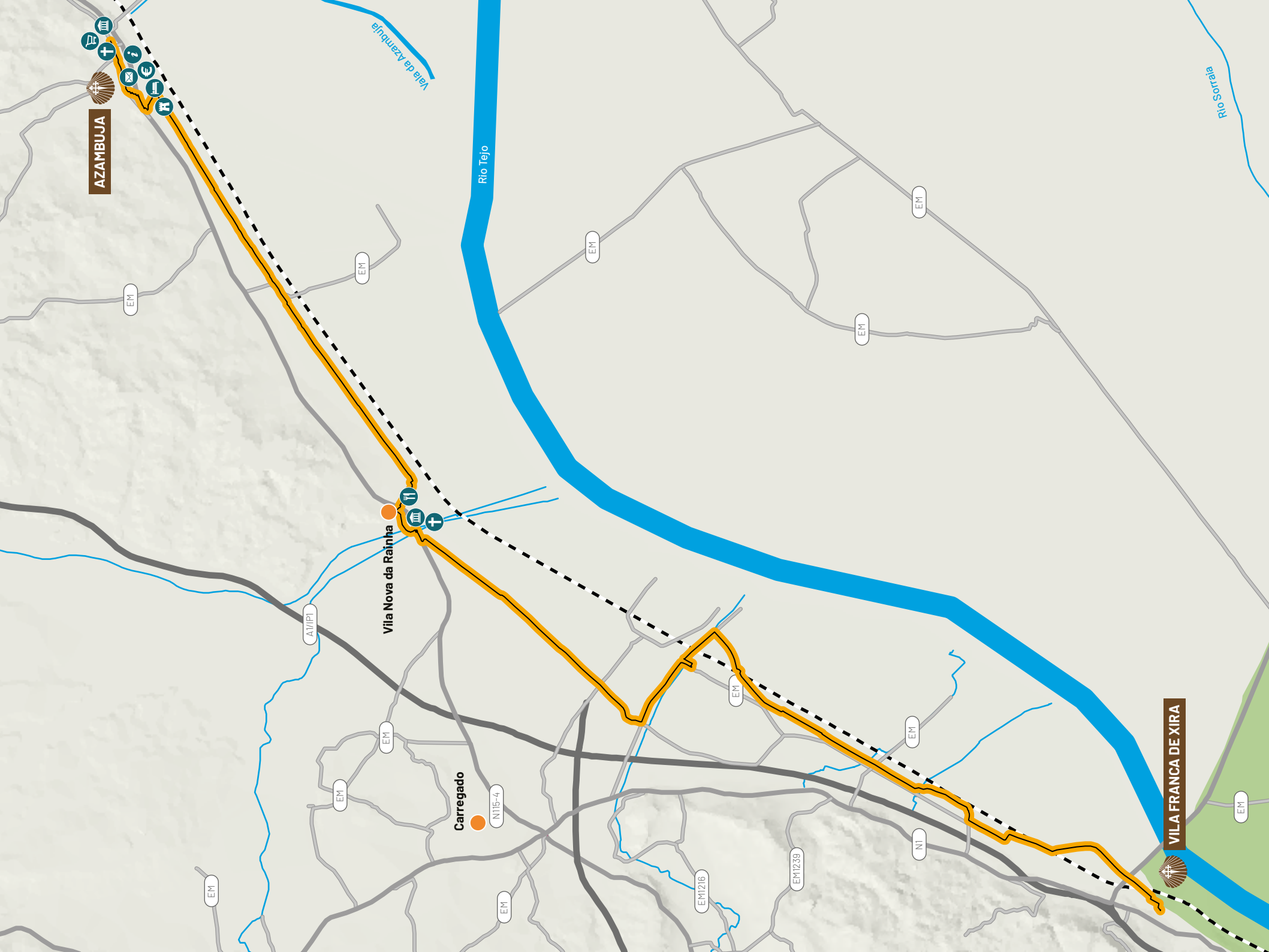
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Azambuja
- Museu Municipal Sebastião Mateus Arenque
- Biblioteca Municipal de Azambuja
- Chaminé Industrial no Jardim Urbano
- Painéis de Aviação em Vila Nova da Rainha
- Pelourinho de Azambuja
- Marco da Léguas de Azambuja
- Lezíria Ribatejana
- Tejo
- Vala Real

SAÚDE

- Centro Saúde de Azambuja
+351 263 407 600
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários Azambuja:
 +351 263 401 144
 GNR – Posto Territorial de Azambuja:
 +351 263 418 841
 Proteção Civil de Azambuja:
 +351 263 403 720



AZAMBUJA

Vila Nova da Rainha

Carregado

VILA FRANCA DE XIRA

Rio Tejo

Vale da Azambuja

Rio Sorraia

EM

EM

EM

EM

EM

A1/PI

EM

EM

NI15-4

EM

EM

EM

EM

EM1216

EM1239

NI

EM

Azambuja ► Santarém

2

Em Santarém, cidade com grande relevância para a Ordem de Santiago, conheça a Igreja de Marvila, construída pelos templários em 1147, com as rendas oferecidas pelo Bispo de Lisboa. Enriquecida no século xvii por D. Manuel, as paredes são uma prova da arte decorativa com painéis azuleares. Observe também a riqueza simbólico-cultural, a esfera armilar, a cruz de Cristo, as flores de lis e as armas heráldicas.

A caminho do topo da colina, entre na cidadela protegida pela Muralha pela Porta de Santiago, usada por milhares de peregrinos e observe o brasão de armas fernandinas de Portugal, que documenta as obras de reforço das muralhas da vila. Já no topo, visite a Igreja de Santa

Cultura Avieira

Em meados do século xix, pescadores oriundos do Norte fugiam às rigorosas condições do mar e deslocavam-se para as zonas dos rios Tejo e Sado, fixando-se nas respetivas margens que lhes proporcionava peixe o ano inteiro. O particular modo de vida destas populações, as casas e os cais palafíticos, e as típicas embarcações, as bateiras, são testemunhos que ainda pode encontrar e visitar nesta parte do Caminho, primeiro na Aldeia Avieira do Porto da Palha, e mais a norte, a 1 km após a entrada de Reguengo, na Aldeia da Palhota.

Maria da Alcáçova que, após a conquista de Santarém aos Mouros por D. Afonso Henriques, foi fundada em 1154 pelos cavaleiros templários, senhores do eclesiástico de Santarém.

Por fim, pare para visitar o museu na Torre do Relógio e descubra as 8 cabaças, associadas à lenda do rei. Por necessidade, a vila pediu

ao rei uma Torre de Relógio. Durante a sua construção o rei, que já suspeitava que dinheiros públicos estariam a ser mal geridos, ficou muito desagradado aquando a sua visita. Assim diz-se que o rei mandou colocar 8 cabaças, para vergonha da vila, simbolizando a cabeça oca dos arquitetos da obra.



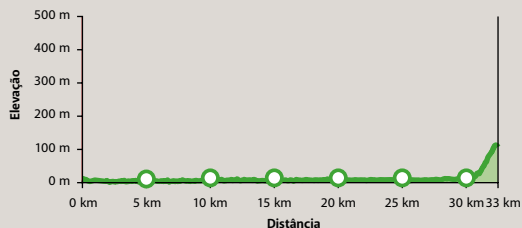
Igreja de Santa Maria de Marvila | Santarém







Distância 33 km
Altitude máxima 110 m
Subida acumulada 262 m
Descida acumulada -162 m
Duração 8h00m
Dificuldade (0-5) 3



A saída de Azambuja faz-se, de novo, ultrapassando a incontornável barreira da linha de caminho-de-ferro. De imediato nos embrenhamos na imensidão da lezíria, seguindo 1,5 km pela estrada até chegar à Vala Real, onde nos desviamos à esquerda e acompanhamos o canal principal, e depois um canal secundário, à sua direita.

Se vier com tempo, no local anterior da saída da estrada siga antes o desvio para a direita pelos campos lavrados, e descubra este troço da Vala Real até à sua foz (cerca de 3,5 km), canal com uma extensão total de 26 km, construído a mando do Marquês de Pombal, no século XVIII. Junto à foz, não deixe de apreciar o encanto natural da flora e fauna envolvente e encontre o Palácio da Rainha. Embora se encontre em estado avançado de degradação, foi um marco no final do século XVIII, funcionando como entreposto e estalagem de apoio ao conjunto de barcos a vapor que circulavam no Tejo.

Voltamos ao ponto anterior e, terminado o canal secundário, atingimos de novo a estrada quase deserta, pela qual seguimos, por entre

campos cultivados a perder de vista, até à aldeia do Reguengo.

Como curiosidade, sugerimos-lhe aqui um desvio de 1 km em direcção ao rio Tejo, até ao local da Palhota, onde existem registos importantes da denominada “Cultura Avieira”, candidata a Património Nacional (ver caixa).

Do Reguengo a Valada são 2 km sem história, mas aconselhamos uma paragem e recuperação de energias nesta pequena mas típica aldeia ribatejana.

Siga para a Rua da Cova da Onça, ao longo do dique pela margem do rio Tejo até ao Porto de Muge, uma antiga estância na época romana. Daqui, tem como opção fazer a via adicional com 2,5 km até Muge, e passar sobre a centenária ponte Rainha D. Amélia sobre o rio Tejo.

Antes de prosseguir até Santarém, confirme se tem todos os abastecimentos e água de que necessita, pois até ao final desta etapa não irá encontrar outros pontos de apoio. Entrando pela Rua do Sabugueiro, tem agora pela frente cerca de 10 km de caminho de terra batida,

antes de alcançar a estrada alcatroada que passa sob um viaduto e ladeia o aeródromo, passando depois pela aldeia de Onias, já nas imediações da cidade. À sua esquerda terá agora de enfrentar a derradeira subida da Calçada da Junqueira que, em dias de calor, se revela um autêntico calvário! Talvez por isso, há quase 200 anos alguém quis amenizar o sofrimento dos peregrinos e mandou

construir uma fonte a meio da árdua subida. A água estará imprópria para beber, mas os seus tanques refrescam-nos os pés doridos e a alma... Entramos finalmente em Santarém e dirigimo-nos ao Largo Cândido dos Reis. Frente ao *shopping* encontrará um painel interpretativo que assinala o local onde se separam os Caminhos de Santiago e de Fátima.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Santarém, Divisão de Turismo +351 243 304 258

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo +351 243 304 437

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja de Alcáçova
- Igreja Matriz de Vale Figueira
- Igreja da Misericórdia
- Igreja de Santa Maria de Marvila
- Catedral de Santarém
- Museu Diocesano de Santarém

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- Fonte da Junqueira
- Ponte de Alcorce
- Porta de São Tiago
- Torre das Cabaças
- Jardim Miradouro Portas do Sol

SAÚDE

- Hospital Distrital de Santarém + 351 243 300 200
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

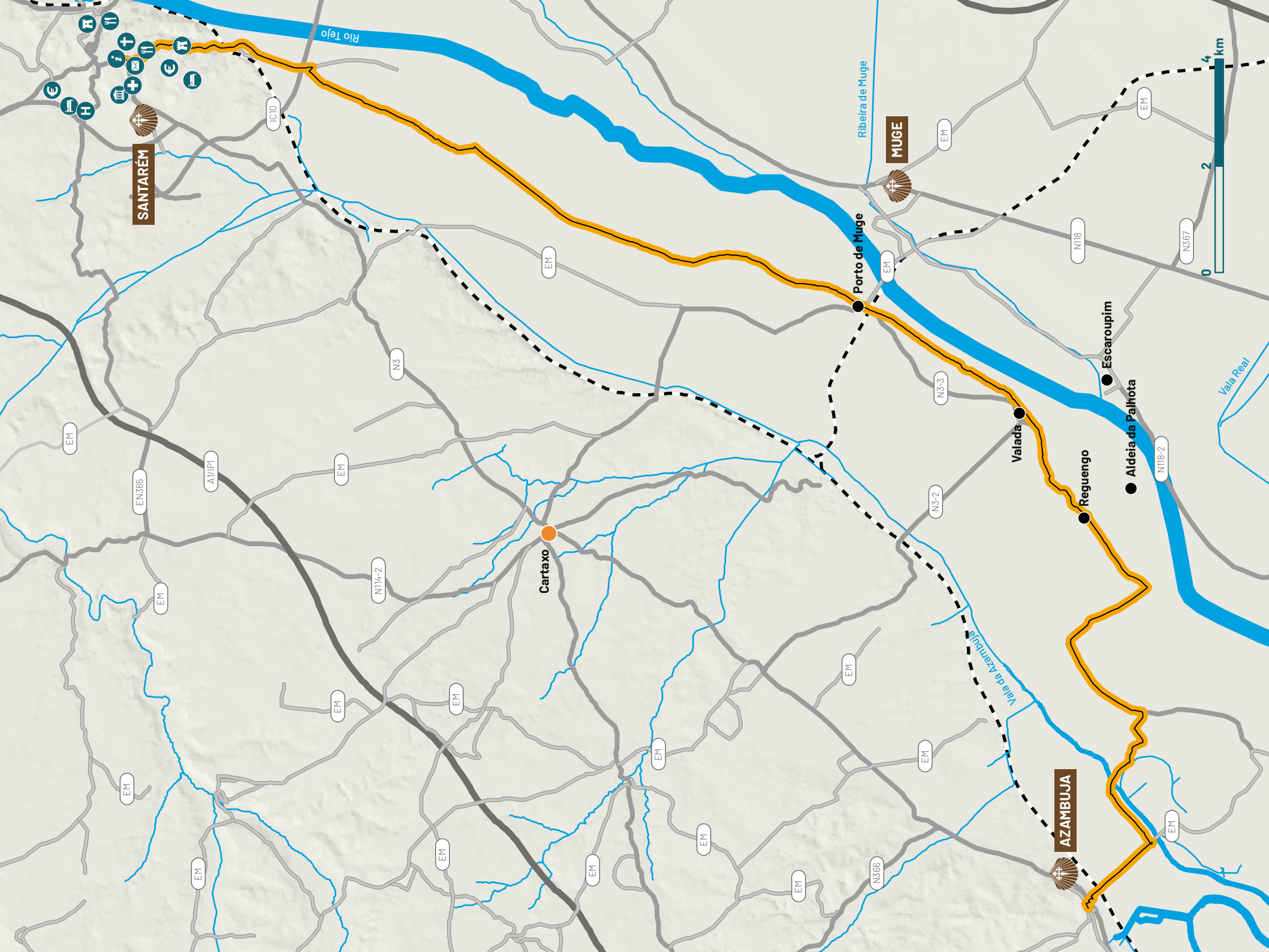
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Santarém:
 +351 243 377 900
 Bombeiros Municipais de Santarém:
 +351 243 333 122
 GNR – Posto Territorial de Santarém:
 +351 243 300 070
 Polícia de Segurança Pública: +351 243 322 022

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



SANTARÉM

Cartaxo

Porto de Muge

Valada

Reguengo

Aldeia da Palhota

AZAMBUJA

Rio Tejo

Ribeira de Muge

MUGE

Vale da Azambuja

Vale Real



GUIA DE CAMINHOS

Caminhos de Santiago

Alentejo e Ribatejo

Caminho
Central

Caminho
Nascente



Alcoutim (Algarve) ► Mesquita

1



Provenientes de Alcoutim, “navegamos” o Guadiana sempre ao longo da margem portuguesa, seguindo a sinalização da rota GR15, até chegarmos à ribeira do Vascão, já com a fadiga acumulada de alguns quilómetros pela serra algarvia. A passagem da ribeira do Vascão faz-se na zona assinalada, assumindo que o nível das águas está raso, como acontece quase sempre, com exceção feita a períodos de grandes chuvadas.

Ribeira do Vascão

A ribeira do Vascão é um afluente do rio Guadiana e é um dos poucos cursos de água ainda praticamente selvagens do sul do país. Percorre cerca de 70 kms, em terreno xistoso, desde o Cerro do Zebro, a mais de 500 m de altitude, e a foz do Guadiana, a 10 m de altitude. É possível que o nome provenha da palavra árabe *basqa*, que significa “zona pedregosa”.



Mesquita

Localizada num ponto estratégico, uma via natural de acesso ao rio Guadiana, era na localidade de Mesquita que o rio tinha uma das principais barreiras naturais aos barcos de maior porte que nessa altura atracavam no porto local e faziam as suas trocas comerciais.

Era aqui que se encontravam diferentes gentes e diferentes produtos, tornando o rio da altura uma grande autoestrada de tráfego comercial.

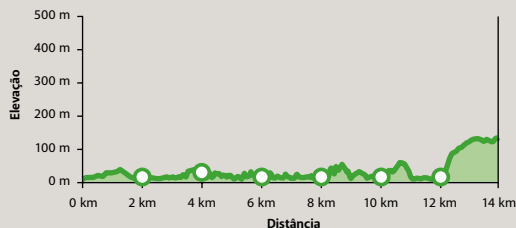


Ermida da Nossa Senhora das Neves

Na localidade da Mesquita, concelho de Mértola, ergue-se uma ermida no cimo de um monte cuja construção remonta ao período da pré-reconquista. A partir dos séculos VIII-IX denotam-se os primeiros sinais de sacralização. Através de uma coluna de mármore existente no local podemos observar a data da sua construção. Apesar da sua sacralização, existem vestígios arqueológicos no campo arqueológico de Mértola que apontam que este lugar teria sido também mesquita na altura na altura cristã. As primeiras informações datam de 1515, por um visitador da Ordem de Santiago. Esta igreja, que tinha alguma importância ao nível do seu espólio, ficou por se conhecer até aos dias de hoje. Sabe-se pela sua descrição que se contavam três altares, um dedicado a São Bento, outro dedicado a São Bartolomeu e o altar-mor dedicado a Nossa Senhora das Flores, a padroeira da ermida. Mais tarde, esta igreja seria consagrada a Nossa Senhora das Neves, e ainda hoje podemos observar a sua imagem no centro do altar-mor, datada do século XVIII.



Distância 14 km
Altitude máxima 134 m
Subida acumulada 658 m
Descida acumulada -536 m
Duração 3h30m
Dificuldade (0-5) 3



Já do lado do Alentejo, somos brindados com uma subida bastante inclinada, imprescindível para vencer o profundo vale da ribeira, até atingirmos o planalto e nos determos aí a observar uma lindíssima panorâmica de 360°, abrangendo a paisagem ondulante de colinas sucessivas que se espriam a perder de vista.

O trilho até à aldeia da Mesquita segue por meio de campos multicolores, ladeados por antigos muros e cercas circulares em pedra que testemunham a atividade da pastorícia ou de antigas ocupações indeterminadas. Estamos no extremo sudoeste do território, em zona erma onde ainda hoje pouco se sabe sobre a história da respetiva ocupação humana.

Cerca de 2 km depois, vislumbramos a Ermida de Nossa Senhora das Neves num pequeno cume à direita e, logo depois, a antiga e



genuína aldeia da Mesquita. Nesta pitoresca aldeia, as poucas dezenas de residentes, unidos em redor de um projeto de interesse comum, assumiram o desafio da recuperação de diversas casas e estabelecimentos, com o único objetivo de providenciarem apoio e guarida aos futuros viajantes no Caminho de Santiago.

Mesquita é, no Caminho de Santiago Nascente do Alentejo, o exemplo emblemático da força e da esperança que o Caminho de Santiago é capaz de incutir nas populações, retirando-as do isolamento e fomentando o desenvolvimento local. Quando chegar à nova taberna do largo da vila (que deverá estar já em funcionamento), ou ao edifício da Sociedade Recreativa Mesquitense, brinde à saúde dessa pequena comunidade que se juntou e trabalhou para o seu conforto e apoio no Caminho. Bem hajam!






DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

-  Câmara Municipal de Mértola
+351 286 610 109
-  Junta de Freguesia de Espírito Santo
+351 286 675 250

APOIO

-  **TAXI** Táxis
-  Balneários de Apoio ao Peregrino
+351 964 879 133
-  Zona de Acampamento
+351 964 879 133
-  **AL** Albergue Nossa Senhora das Neves
+351 964 879 133
-  Snack Bar Valadas

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Mértola:
 +351 286 610 010
 Guarda Nacional Republicana: +351 286 612 127
 Proteção Civil de Mértola: +351 286 610 100

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

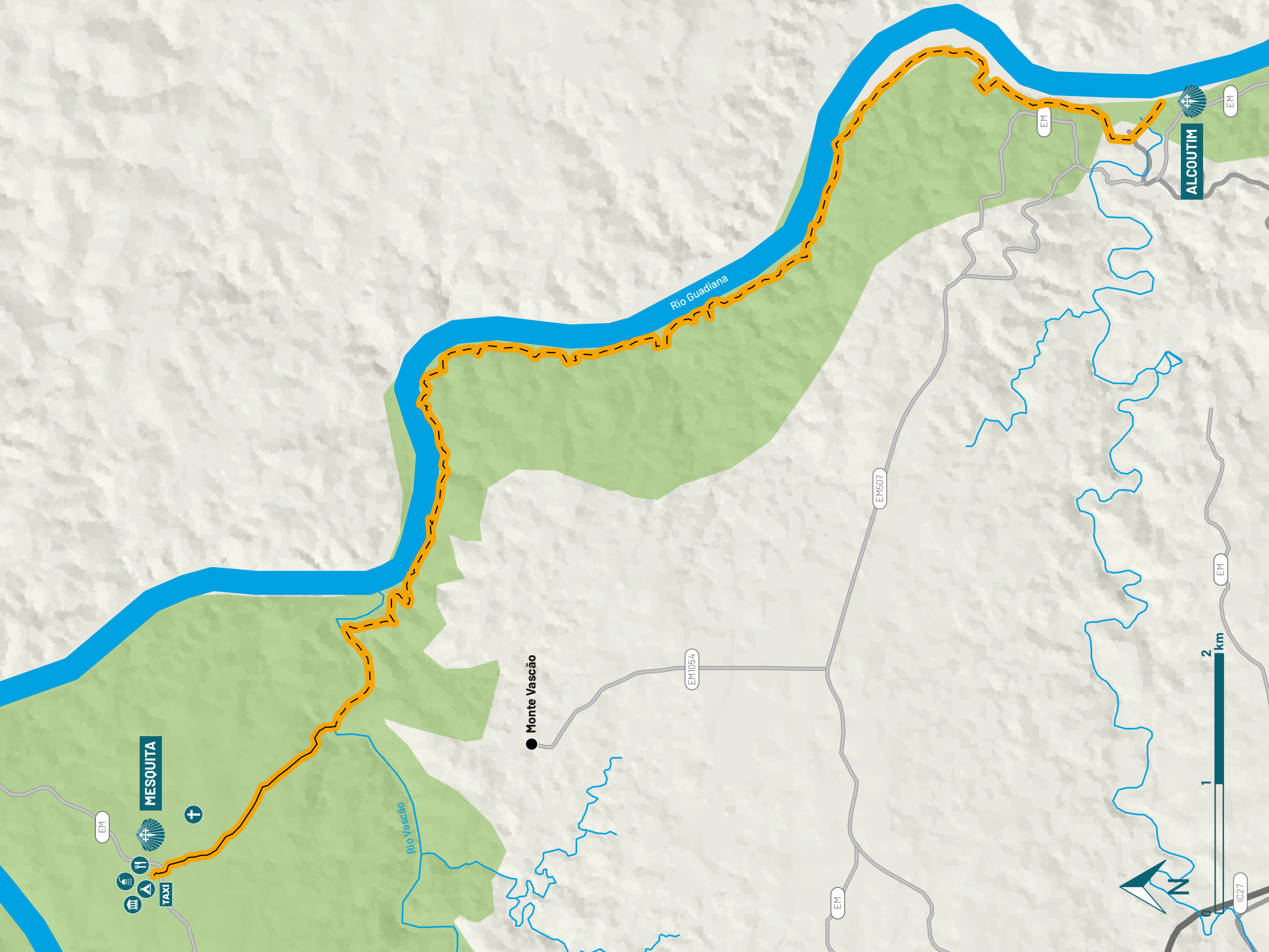


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



MESQUITA

Rio Guadiana

Rio Vascão

Monte Vascão

ALCOUTIM

2 km

1

IC27

EM507

EM1054

EM

EM

EM

T

TAXI

T



Mesquita ➤ Mértola

2

Sáímos da aldeia entre os ancestrais muros de pedra que já então conduziam as gentes para Mértola. Entramos na área protegida do Parque Natural do Vale do Guadiana e, com o Algarve cada vez mais longe, percorremos o Caminho para norte, em direção ao Alentejo

profundo. Aqui, é de notar os verdes dos matagais de zimbro e o singular montado de azinheiras. Na primavera adiciona-se o amarelo e o rosa, proveniente das centenárias tamargueiras em flor. Respiramos o ar puro e seguimos caminho!

Mértola

Mértola foi a sede portuguesa da Ordem de Santiago desde 1248 (dez anos depois da conquista da cidade pelos espatários) e 1482. Na verdade, desfrutou do estatuto de sede apenas até 1316, pois terminada a conquista do Algarve os santiagoistas preferiram reforçar o património que detinham em Alcácer do Sal, apesar da “capital” continuar a ser em Mértola. A Ordem deixou profundas marcas na história e no património da cidade, sendo de destacar a construção da igreja de Santiago (hoje núcleo de arte sacra do museu municipal) e o patrocínio artístico da família Mascarenhas, comendadores espatários da vila.



Igreja Matriz de Mértola

A antiga mesquita de Mértola é o mais relevante monumento da localidade. Data da segunda metade do século XII e na construção foram reaproveitados elementos romanos e outros mais tardios. Ainda hoje se conservam dois capitéis islâmicos do século IX, reaproveitados de uma outra mesquita que existiu na cidade. Na origem, a mesquita era maior que o atual templo, e ainda se conservam quatro arcos em ferradura e o *mirhab*, nicho orientado para Meca e para onde os crentes dirigem as suas orações. Com a conquista pela ordem de Santiago, os novos senhores transformaram a mesquita em igreja e impuseram o seu símbolo na fachada. No interior, a atual feição da cobertura, em abóbada data da época manuelina, tendo substituído a anterior solução em madeira. Reduziu-se então o templo para quatro tramos em vez dos seis originais, e construiu-se um novo portal principal, já renascentista e da autoria do escultor André Pilarte, à época estabelecido no sotavento algarvio. O promotor destas obras foi o comendador D. João de Mascarenhas, cuja memória ficou imortalizada numa mísula do interior, que contém um busto humano e a inscrição "IOANE".

O portal da igreja da Misericórdia/ Núcleo de Arte Sacra (Antiga Igreja de Santiago) data de 1558, período aproximado para a construção do templo e para a criação da Misericórdia de Mértola. A igreja tem, porém, uma origem anterior. Uma visitação realizada em 1565 esclarece que havia sido dedicada a Santiago até que os moradores aí instituíram a Misericórdia. Era a igreja mais próxima do porto medieval da cidade, ao qual se acedia pela Porta da Ribeira. A atual feição do templo data de uma reforma realizada no século XVII e a sua adaptação a núcleo museológico de arte sacra ocorreu na década





Castelo de Mértola

Desfrutando de posição estratégica privilegiada, na confluência da ribeira de Oeiras com o rio Guadiana, o castelo de Mértola desempenhou papel essencial na Idade Média, tanto do lado muçulmano como do lado cristão. As origens, contudo, parecem ser romanas, altura, em que se definiu um primeiro reduto defensivo. Na época islâmica, a cidade foi o mais importante porto fluvial do Guadiana, por aqui passando homens e cargas entre Mérida e o oceano Atlântico. A ocupação islâmica foi em crescendo a partir do século ix, a ponto de Mértola ter sido capital de um pequeno reino independente nas décadas de 30 e 40 do século xi e, de novo, em meados do século xii. Integrada no bloco almóada em finais deste século, foi objeto de grandes melhoramentos, como demonstra a entrada em cotovelo da fortaleza, típica dos sistemas defensivos muçulmanos. A cidade foi conquistada pelos cavaleiros da Ordem de Santiago em 1238 e, pouco depois, reconhecendo a relevância da cidade como ponto de apoio às conquistas do Algarve, os espatários instalaram aqui a sua sede, estatuto que se prolongou até 1316. Foi o mestre da ordem de Santiago D. Paio Peres Correia que passou foral à localidade em 1254. E foi outro mestre, D. João Fernandes, que, ao redor de 1292, promoveu a construção da torre de menagem do castelo, que ainda hoje subsiste e se eleva a quase 30 metros de altura.

de 90 do século xx, altura em que se estabeleceu o museu polinucleado de Mértola.

Também o retábulo da antiga igreja de Santiago, datado do final do século xvi e atribuído ao pintor Júlio Dinis de Carvo, é mais uma obra de arte que evoca a figura de Santiago como "Matamouros". O apóstolo está montado num cavalo branco e tem a espada desembainhada, enquanto com a outra mão segura o estandarte da Ordem de Santiago, num modelo compositivo muitas vezes repetido.

O comendador D. João Mascarenhas encomendou um grande retábulo para a igreja matriz em 1532. A obra foi morosa e, em 1554, já estava colocado do lado norte da igreja, mas ainda carecia da aplicação de cores. O painel principal é dedicado ao Calvário, mas a predela contém a representação de Santiago *Matamouros*, a cavalo, com espada e estandarte da Ordem de Santiago nas mãos, que ataca um conjunto de infiéis, um deles de turbante. Conserva-se um segundo painel deste retábulo, dedicado ao Pentecostes, onde também se destaca a figura de Santiago, com os atributos de peregrino.

e também...

Festival Islâmico – Maio

Festas da Vila de Mértola – Junho

Feira da Caça – Outubro

Birdwatching

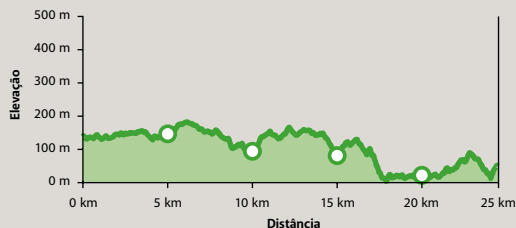
O Parque Natural do Vale do Guadiana/Casa do Lanternim é a entidade local responsável pela gestão

da área do Parque Natural, dando pareceres de carácter vinculativo em muitas dimensões da atividade turística.

A sede do PNVG é ainda um posto de informação importante sobre as atividades de turismo de natureza e recursos/valores naturais do território.



Distância 25 km
Altitude máxima 182 m
Subida acumulada 636 m
Descida acumulada -724 m
Duração 6h15m
Dificuldade (0-5) 3



Deixando Mesquita, seguem-se 4 km por estrada alcatroada, em direção ao sítio de Colgadeiras. Continuamos à direita pelos campos, onde nos acompanham inúmeras perdizes em correrias tontas.

Após quase 5 km, com a aldeia de Roncanito à direita, repomos energias num acolhedor café em Boavista, que deixamos por terra batida, no sentido de Roncão de Cima. O Caminho continua durante 2,5 km até ao centro de Lombardos, aldeia com algumas instalações de apoio.

De Lombardos percorremos 1,5 km, por trilhos de terra batida, até um amplo miradouro sobre o majestoso rio Guadiana. Descemos uma acentuada ribanceira até às margens do "Rio dos Patos" e, se formos com atenção, para além daqueles avistamos todo um universo de aves que fazem as delícias dos amantes do *birdwatching*. Estamos na foz de uma ribeira cujos caudais sobem e descem diariamente ao sabor das marés do Guadiana. Seguindo pela esquerda, encontramos uma ponte e um açude que nos permitem atravessá-la e aceder à Herdade da Bombeira. Seguimos Caminho ao longo de 18 ha de

vinha, sempre a bordejar o Guadiana. Já fora da Herdade, continuamos a seguir o rio, num trajeto também marcado com sinalização do percurso pedestre "PR1", subindo depois entre colinas até chegar ao Poço dos Dois Irmãos, imediatamente antes do cruzamento com a estrada de alcatrão (IC27). Continuamos pela IC27 com algum cuidado, pois aqui o trânsito já é significativo e as bermas estreitas e, passados 1,7 km, estamos às portas desta vila-museu de Mértola.

Atravessamos a ponte onde borbulham as correntes da ribeira de Oeiras e subimos a encosta pela direita, ao longo da muralha sul, contornando a cidadela protegida no interior da fortificação.

Quase no centro da vila, dirigimo-nos por uma viela, à esquerda, até ao Posto de Turismo. Aqui, é imperativo buscar toda a informação disponível, pois não vai querer seguir Caminho sem ter a oportunidade de conhecer em profundidade tudo o que esta antiga sede da Ordem de Santiago tem para revelar e que não cabe aqui descrever. Em Mértola vai sentir-se bem e ser bem servido.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Mértola
+351 286 610 109
- Junta de Freguesia Mértola
+351 286 612 420
- Junta de Freguesia de Espírito Santo
+351 286 675 250

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Informação Turística de Mértola +351 286 610 109
- Táxi

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja Paroquial de São Miguel do Pinheiro
- Igreja Paroquial do Espírito Santo
- Circuito patrimonial e Museu de Mértola
- Património histórico cultural de Mértola: Ordem de Santiago
- Ermida de Salvador, atual núcleo museológico do Mosteiro

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- ICNF - Parque Natural do Vale do Guadiana/ Casa do Lanternim – Sede do PNVG
- Parque Natural do Vale do Guadiana
- Pulo do lobo
- Rio Guadiana

SAÚDE

- Centro de Saúde de Mértola
+351 286 610 900
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

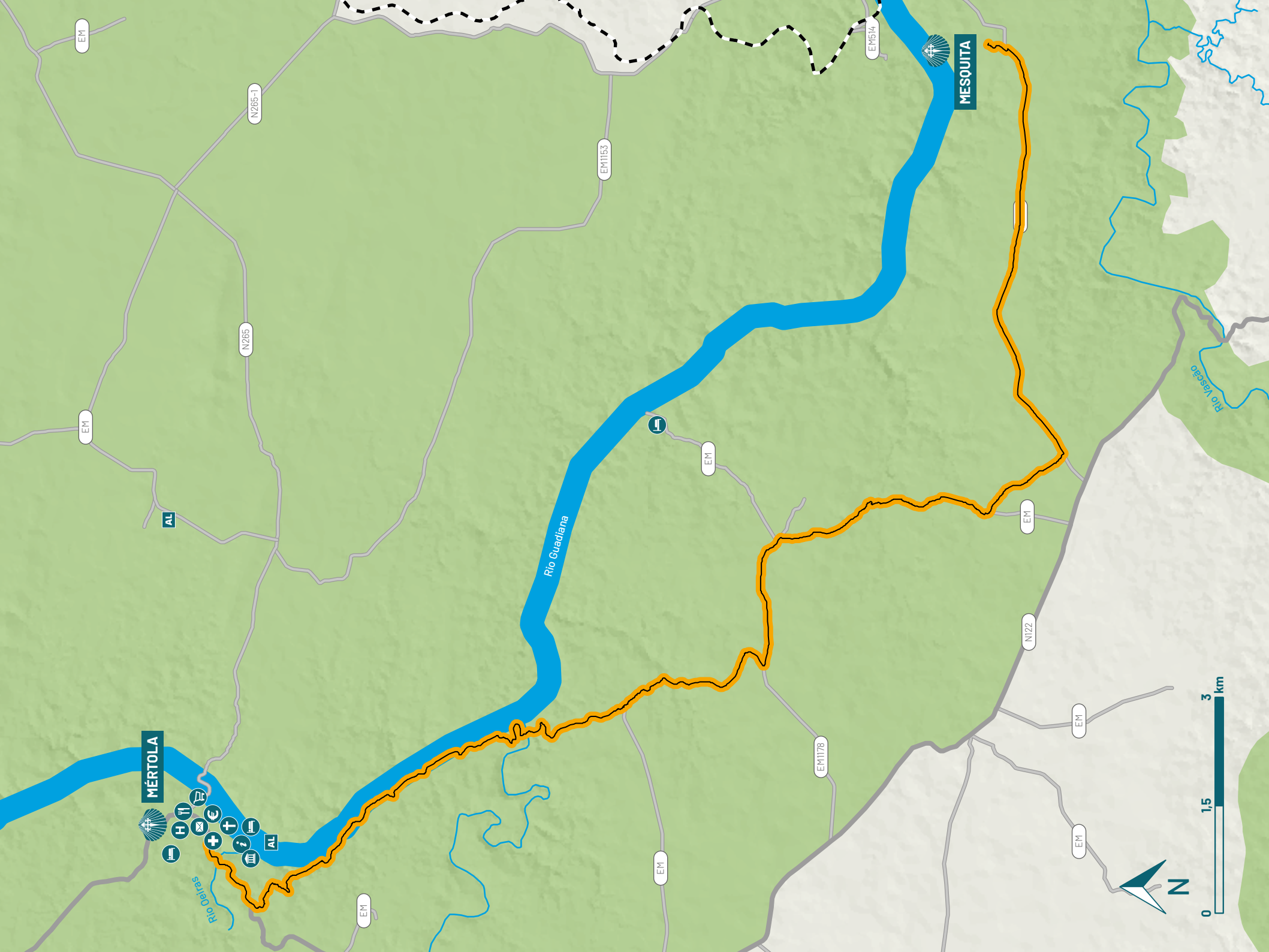
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Mértola
 +351 286 610 010
 Guarda Nacional Republicana: +351 286 612 127
 Proteção Civil de Mértola: +351 286 610 100

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



MERTOLA

MESQUITA

Rio Guadiana



Mértola ▶ **Amendoeira da Serra****3**

É grande a riqueza dos recursos faunísticos na Amendoeira da Serra, numa região onde a caça é a atividade dominante, como de resto em todo o concelho de Mértola, já com séculos de história, a qual é particularmente enfatizada no decorrer da Feira da Caça, em outubro.

Aqui, respiramos história e, no caminho para cá chegar, percorremos a Via Romana XXII, por entre a mata de pinheiros mansos que nos serve de companhia. A Via pertenceu ao

Igreja de Mosteiro

Ocupada desde a época romana, esta pequena localidade conserva uma das mais antigas igrejas do país, construída em época visigótica para albergar um mosteiro de tipo familiar. Preserva-se ainda o essencial do templo, com capela-mor abobadada e nave única. Em épocas mais recentes, o conjunto foi adaptado a funções residenciais e agrícolas, razão pela qual a sua transformação museológica privilegiou uma coleção de alfaias agrícolas resgatadas na localidade.

Itinerarium Antonini Augusti, o registo de estações e estradas do Império Romano e, apesar de ter perdido progressivamente o

respetivo traçado nas sucessivas reservas de caça privadas, de vez em quando ainda é possível descobrir alguns troços originais.



O Concelho de Mértola é um dos principais territórios de atividade venatória em Portugal e, certamente, entre todos por onde o Caminho passa, aquele em que a caça assume primazia a todos os níveis.

Sempre que tiver observado uma tabuleta com o sinal aqui reproduzido (independentemente do texto que nele estiver escrito), estará em zona de caça permitida, sendo que, no período compreendido entre início de outubro até final de dezembro (ou até final de fevereiro, em alguns casos), será frequente ouvir disparos ao longo do Caminho.

Este facto levou à necessidade de adaptar o traçado de forma a garantir a segurança dos viajantes em qualquer época do ano, obrigando a uma maior extensão de percurso em estrada do que aquela que seria desejável, pelo que sublinhamos a necessidade de não efetuar desvios ou outras incursões em terrenos de caça durante o período atrás referido.

O lince ibérico é o mamífero carnívoro mais ameaçado da Europa e o felino mais ameaçado do mundo, devido ao reduzido número de animais e populações que existem na natureza e à sua limitada área de distribuição. A reintrodução do lince ibérico em Portugal iniciou-se em 2015, e entre 2015 e 2017 foram libertados 27 animais no Vale do Guadiana no âmbito do projeto LIFE Iberlince, cuja meta é a recuperação da distribuição histórica da espécie. A coexistência harmoniosa entre atividades humanas e a viabilidade deste felino selvagem no Parque Natural do Vale do Guadiana não tem sido fácil, sendo amiúde relatados casos de mortes por atropelamento e outras causas. Conhecer e respeitar o lince ibérico e o seu habitat é, desde logo, um imperativo de cidadania ambiental e um importante contributo para a sua conservação e recuperação da espécie.

Centro de Interpretação da Paisagem de Amendoeira da Serra

Implantado num território sensível em termos ambientais, o centro tem informação sobre a flora e fauna autóctones, bem como sobre o aproveitamento humano do rio Guadiana e a ocupação humana no vasto espaço, hoje quase desértico, entre Mértola e Beja.

e também...

Festival Etnobotânico Pulo do Lobo – Maio

Ermida de Salvador, atual núcleo museológico do Mosteiro

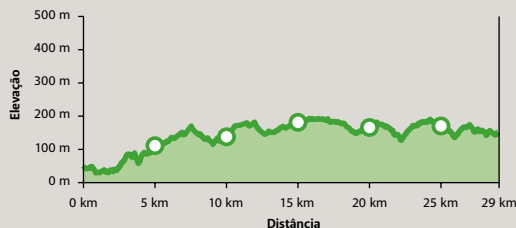
A caminho do Pulo do Lobo, perto da Amendoeira da Serra, localiza-se a pequena localidade de Mosteiro, onde, numa das extremidades, ligeiramente afastado, existe um edifício que pelas suas características arquitetónicas, é identificável com um pequeno edifício de culto. Em tempos remotos este local foi uma *villa* ou *mansio*, tendo, posteriormente, com a adoção do cristianismo como religião oficial, sido adaptada a *monasterium* de tipo familiar. A ermida de São Salvador será provavelmente uma construção do século xvii d.C.

e já no século xix se encontrava devoluta.

A importância da preservação deste edifício e a sua valorização levaram ao desenvolvimento de um projeto de recuperação e valorização que culminou, em 2012, com a sua musealização e integração no Museu de Mértola. A adaptação a núcleo museológico integra um conjunto de conteúdos e soluções expositivas que permitem ao visitante a total compreensão do sítio. Por outro lado, através da exposição de alfaias agrícolas, oferta de habitantes locais, é também possível aproximar as gentes, criando laços identitários e promovendo a preservação da memória coletiva.



Distância 29 km
Altitude máxima 197 m
Subida acumulada 682 m
Descida acumulada -586 m
Duração 8h15m
Dificuldade (0-5) 4



O início da etapa está sinalizado no centro da vila mas, na verdade, poderá sair de qualquer local desde que se dirija à grande rotunda norte, que distribui o trânsito pelas estradas nacionais para Beja e Serpa.

Passamos pela rotunda, com a escultura simbolizando uma porta de entrada no Parque Natural do Vale do Guadiana. Tomamos a direção da Azenha do Guadiana – que não deverá deixar de visitar – e, no final da rua, entramos no caminho de terra batida. De regresso à estrada (primeiro à IC27), depois de uma bifurcação, uma estrada secundária levamos até Corte Gafo de Cima, num percurso de quase 10 km pela berma do asfalto. Mas não desanime! Pela estrada secundária seguimos entre colinas ondulantes, em área protegida do Parque Natural do Vale do Guadiana, onde ainda se tenta conservar o quase extinto lince ibérico. Afastam-se os barulhos urbanos e predominam os sons da natureza e da ruralidade. É impossível não reparar na substituição da paisagem ripícola pela das grandes estepes cerealíferas. Na primavera, não somos os únicos a ser atraídos pelo doce cheiro dos coloridos rosmaninhos e estevas.

Entre azinheiras, sobreiros e muitos rebanhos de ovelhas, descobrimos outro produto de ouro da região, o mel.

Continuamos em direção a Corte Gafo de Cima, típica aldeia mourisca do Baixo Alentejo, em que a maioria das casas ainda está construída em taipa, como o atesta o memorial logo à entrada da aldeia. À esquerda reparamos na capela de São Bento, do século XVI. A pedido dos habitantes, a Ordem de Santiago autorizou a construção desta humilde capela para evitar a extensa deslocação até Mértola.

Antes de partir, aqueça-se com um copo de hidromel e prove a doçaria local, os deliciosos costas ou nogados. Depois de Corte de Gafe de Cima, seguimos com destino a Mosteiro. A paisagem “absorve-nos”, simultaneamente inóspita e bela, e desperta um misto de emoções que pendulam entre o fascínio e a ansiedade... De tão irrelevantes que nos sentimos, só apetece desligar...

Prosseguimos ao sabor de um “mar” de colinas de campos contínuos, pintalgados

de magníficas azinheiras, passando por escassos “montes” em sítios ermos, até à pacata aldeia de Mosteiro, onde encontramos uma das mais antigas igrejas de Portugal, construída na época Visigótica. Bebemos um café na pequena taberna do Centro Recreativo e descemos até à estrada asfaltada, onde retomamos o Caminho em

direção a Amendoeira da Serra. Após 2,5 km chegamos ao cruzamento com a estrada que nos levou a Corte Gafo de Cima e que aqui termina. A Dona Maria Oriette está já à nossa espera no café-restaurant do Centro Recreativo e Cultural de Amendoeira da Serra e temos cama reservada no Centro de Acolhimento.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Mértola
+351 286 610 109

APOIO

TAXI Táxis

Café/Restaurante Centro Recreativo e Cultural de Amendoeira da Serra

Café Centro Recreativo e Cultural de Mosteiro +351 286 998 247

AL Centro de Acolhimento da Amendoeira da Serra +351 286 610 000

AL Monte do Vento +351 286 610 000

PONTOS DE INTERESSE

Ermida de Salvador, atual núcleo museológico do Mosteiro

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



SAÚDE

Centro de Saúde de Mértola
+351 286 610 900

Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112

Incêndios Florestais: 117

Bombeiros Voluntários de Mértola: +351 286 610 010

Guarda Nacional Republicana: +351 286 612 127

Proteção Civil de Mértola: +351 286 610 100

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



AMENDEIRA DA SERRA

MÉRTOLA

Mosteiro

Corte Gafo de Cima

Corte Gafo de Baixo

Venda dos Salgueiros

Ribeira Cachopos

Barranco Atalaja

Barranco Atalaja

Barranco Amendoeira

Barranco Bicho Veados

Barranco Corcho

Barranco Freixial

Barranco Corte Velha

Ribeira Alvecar

Ribeira Chada

Ribeira Deiras

Barranco Grande

Barranco Furada

Rio Guadiana



EM

AL

PT

RU

CA

EM

EM510

EM

EM

N123

EM

EM

EM

N122

EM

R267

R265

Amend. da Serra ► Cabeça Gorda

4

Não se conhecem as origens da aldeia de Cabeça Gorda, já no concelho de Beja, mas há dados históricos que dão conta da sua criação ser muito anterior ao nascimento de Portugal, provavelmente durante a época da ocupação árabe, que teve início no ano 711 d. C.

Criada com o nome de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, é hoje conhecida como Cabeça Gorda, designação popular que se acredita estar associada à sua toponímia: cabeça derivando de “cabeço”, o mesmo é dizer, monte, e gorda porque ser assim a largura da mesma. E situada num “monte grande” está, de facto, esta aldeia, que se localiza no ponto mais alto da região.



Igreja Matriz de Cabeça Gorda

Templo relativamente modesto, mandado erguer pela Ordem de Santiago, cuja cruz ainda faz parte do brasão da freguesia, o edifício apresenta uma feição atual que deve datar do século XIX, altura em que se ergueu uma das duas torres que flanqueiam a fachada principal. A segunda foi erguida em 1913, data em que a igreja foi também ampliada.



A caminho da Cabeça Gorda



Definida por uma paisagem típica do montado alentejano, com destaque para o vermelho dos terrenos argilosos, que acompanham o viajante ao longo do estradão, os vestígios da Ordem de Santiago encontram-se também no

brasão da aldeia, que apresenta, entre duas luas verdes, a cruz vermelha da Ordem. Entre esta e a aldeia “gémea” de Salvada, a escassos dois quilómetros de distância, muita história do Período Islâmico e da posterior Reconquista se fez por aqui,

nos arrabaldes de Beja. História que deixou os seus vestígios, gravados no nome de ruas, como a Rua da Estalagem, a relembrar que, outrora, Cabeça Gorda já foi local de apoio para viajantes.



e também...

Festival do Cogumelo Silarca – Março

Aniversário da Freguesia – Abril

Prova de BTT Terras de Mato – Maio

Semana Cultural – Julho/Agosto

Festas em Honra de São Luís – Agosto

Parque Biológico da Cabeça Gorda

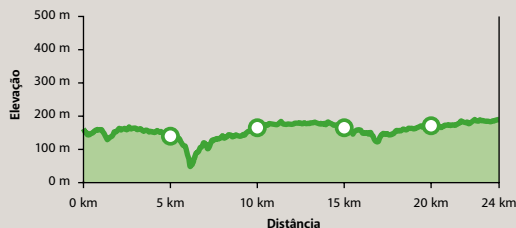
O Centro de Interpretação dos Recursos Naturais localiza-se no Parque Biológico do Perímetro Florestal de Cabeça Gorda e da Salvada, uma propriedade de 324,8 ha de responsabilidade das Juntas de Freguesias homónimas. Este espaço foi historicamente, como muito do Alentejo, ocupado pelas culturas cerealíferas

e o pastoreio intensivo provocando um crescente empobrecimento dos solos. Por forma de reverter esta situação, em 1958 foi aprovado o projeto de arborização para o Perímetro, que hoje está completamente arborizado, sendo as espécies mais dominantes o sobreiro e o eucalipto.

O projeto tem como objetivo geral a valorização e a promoção do património ambiental e rural do Perímetro Florestal de Cabeça Gorda e da Salvada, qualificando este espaço como uma área de referência com vocação para a realização de atividades culturais, pedagógicas e de lazer em espaço rural e de natureza.



Distância 24 km
Altitude máxima 190 m
Subida acumulada 415 m
Descida acumulada -388 m
Duração 6h30m
Dificuldade (0-5) 4



Saindo de Amendoeira da Serra, voltamos ao cruzamento do dia anterior e, virando à direita, entramos em estradão largo, que acompanhamos durante poucos quilómetros, até um desvio à esquerda em plena descida que pode passar despercebida. Estamos no limite norte do Parque Natural Vale do Guadiana.

Com a serra de Serpa à direita no horizonte, passamos a vau sobre a Ribeira de Terres que, em alguns períodos chuvosos do ano, pode transportar caudais de água que impeçam a passagem. Nessas alturas, não vamos explorar as escorregadias margens a procurar passagens alternativas, devendo antes pedir apoio em Amendoeira da Serra para que nos transportem a um caminho alternativo ou mesmo diretamente à aldeia de Cabeça Gorda.

Estamos já no concelho de Beja, fora da área protegida do Parque Natural, e seguimos por colinas sucessivas ao longo de 8 km, detendo-nos de vez em quando para apreciar os bosques de montado de azinheiras, o delicado narciso de flor amarela, *Narcissus*

cavanillesii, ou o cardo roxo, *Centaurea coutinhoi*, ambos em estado de proteção.

Num cruzamento já com estrada asfaltada escolhemos a direção da aldeia de Vale de Russins, o único ponto de apoio nesta etapa, pelo que optamos por descansar por aqui. Abastecemos na mercearia da D. Elisete Ramos, tomamos um café na Taberna Romão e ficam-nos na memória as conversas e olhares trocados com estes poucos habitantes, cujos olhos voltam a brilhar com a “vida” que o Caminho de Santiago está a trazer à aldeia.

Por terra batida, avançamos no sentido de Cabeça Gorda. Encontramos várias herdades e seus rebanhos, e até nos surpreendemos com uma portada chinesa à nossa direita, assim no meio do nada, testemunhando com certeza a origem oriental do respetivo proprietário.

Prosseguimos pelo meio de um extenso perímetro florestal de pinheiro manso. Entramos na aldeia de Cabeça Gorda, deixamos o caminho de pedra e entramos na rua alcatroada João Martins Gonçalves.

Ao fundo, antes de chegar à Praça de Magalhães Lima, vemos a igreja matriz. É um templo modesto com ampliações datadas do século XIX, mandado erguer pela Ordem de Santiago. No pico do calor vemos que ninguém se atreve a circular pelas ruas. No fim de tarde, pelas ruas da vila descobrimos algum artesanato regional.

Em março, toda a atenção se vira para uma iguaria muito apreciada, o cogumelo Silarca. O Festival

dura três dias e é dedicado inteiramente à região e aos amanita ponderosa. Além da exposição de produtos regionais e mostra gastronómica, podemos ver habitantes de Cabeça Gorda e arredores, na arte da apanha deste recurso natural, em pleno ecossistema emblemático de Portugal.

Concluimos a jornada na praça principal da vila, dirigindo-nos à Junta de Freguesia local que nos orientará para o alojamento local disponível.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Beja
+351 284 311 800
- Junta de Freguesia de Cabeça Gorda
+351 284 947 294
- Junta de Freguesia de Salvada
+351 284 947 114

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Monte da Corte Ligeira

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja Paroquial de Cabeça Gorda
- Parque do Moinho de Vento
- Parque Biológico da Cabeça Gorda

SAÚDE

- Extensão de Saúde de Salvada
+351 284 947 275
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Beja: +351 284 311 660
 Guarda Nacional Republicana: +351 284 947 113
 Protecção Civil de Beja: +351 284 313 050

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

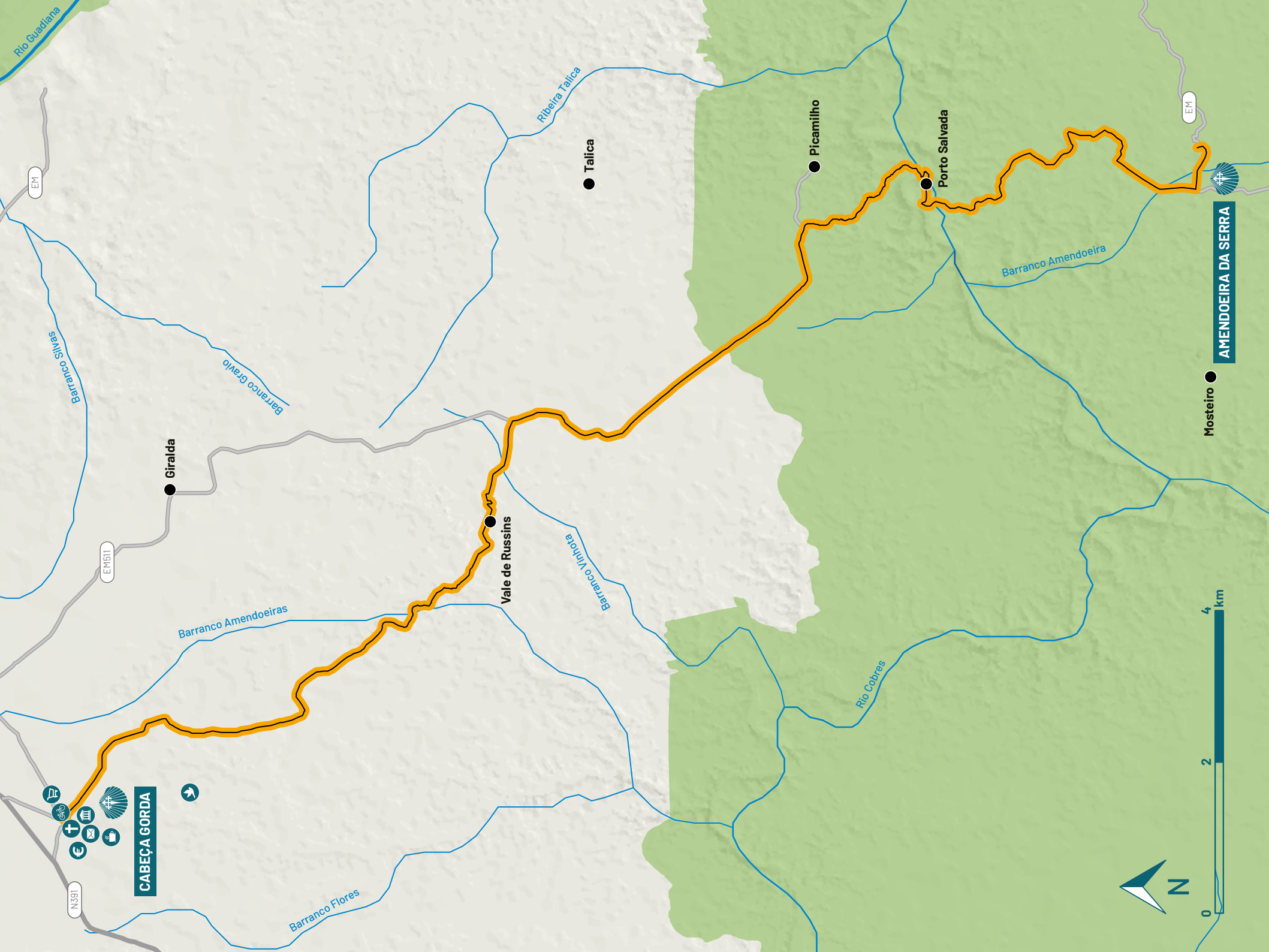


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Rio Guadiana

Ribeira Talica

Talica

Picamilho

Porto Salvada

Barranco Amendoira

AMENDEIRA DA SERRA

Mosteiro

Barranco Silvas

Barranco Gavião

Giralda

Vale de Russins

Barranco Vinhora

Barranco Amendoiras

Rio Cobre

Barranco Flores

CABEÇA GORDA



EM

EM

EM511

N391



Cabeça Gorda ► Beja

5

Esta é uma etapa curta e relativamente plana até Beja, o que nos permitirá dedicar algum tempo a descobrir a imensa riqueza patrimonial e cultural da capital do Baixo Alentejo e a recuperar do maior esforço dos dias anteriores. Estamos em plena planície das ricas terras vermelhas de Beja, sempre muito disputadas ao longo dos séculos pelos diversos povos que as ocuparam. Não se admire portanto se, ao longo do Caminho, encontrar alguma equipa de arqueólogos a desvendar mais algum vestígio de ocupação dos povos do

Neolítico, islâmicos ou romanos, sempre com muitas histórias e lendas associadas.

Capital de distrito, Beja, conhecida por *Pax Julia* – pois foi aqui que Júlio César formalizou a paz com os Lusitanos no século I a.C. –, foi conquistada definitivamente entre 1232 e 1234, mas, nessa altura, o território da antiga diocese de *Pax Julia* estava repartido pelas dioceses de Évora e de Badajoz. A primeira conquista ocorreu em 1162, mas só na primeira metade da centúria seguinte é que a cidade passou definitivamente para a posse portuguesa.

Os vestígios da Ordem de Santiago são bem visíveis nos azulejos com a vieira, até



Porta do Castelo de Beja



Castelo de Beja

chegarmos à maior silhueta da cidade, a torre de menagem do Castelo de Beja, onde está instalado o Posto de Turismo. A estrutura original do castelo é muito antiga, mas as ampliações e restauros mais significativos datam do século xiv, pela mão dos comendadores e mestres da Ordem de Santiago, a quem o rei D. Fernando ordenou, em 1372, que realizassem obras. A imponente torre de menagem,

que ainda hoje singulariza a silhueta de Beja, porque se eleva a 40 metros de altura, data do final do reinado de D. Dinis e tem semelhanças com a também imponente torre de menagem do castelo de Estremoz, pela presença de adarve com matacões no terraço. A alcáçova de Beja possuía ainda duas portas e um perímetro pentagonal, no qual se construiu a Casa do Governador. O

conjunto articulava-se com um sistema mais complexo de muralhas urbanas, providas de 40 cubelos e 7 portas, algumas das quais deveriam acompanhar o traçado da muralha tardo-romana (como se evidencia nas Portas de Avis).

Logo abaixo, no Largo São Tiago, está a Igreja de Santiago, que desde 1925 desempenha o papel de Sé Catedral.



Igreja de Santiago/Sé Catedral de Beja

A primeira menção à igreja de Santiago data do século xiv, desconhecendo-se se terá sido construída na sequência da conquista da cidade. O edifício foi muito modificado no final do século xvi, altura em que o mestre Jorge Rodrigues, ao serviço do arcebispo de Évora, reconstruiu o templo e lhe conferiu o aspeto atual, segundo modelo das igrejas-salão maneiristas alentejanas. A restauração da diocese ocorreu em 1770, tendo sido nomeado seu primeiro bispo Fr. Manuel do Cenáculo, que passou a residir na cidade a partir de 1777. Só em 1925 é que a antiga igreja de Santiago passou a desempenhar o papel de Sé Catedral, tendo-se então realizado muitas obras para adaptar a igreja às necessidades de uma catedral.

e também...

Ovibeja – Abril/Maio

Festival Internacional de Banda Desenhada – Maio

Palavras Andarilhas – Setembro

Experiências do Sul (Vinipax/Olivipax/BejaGourmet/

BejaBrava/BejaKids) – Outubro

Ponto de Biodiversidade

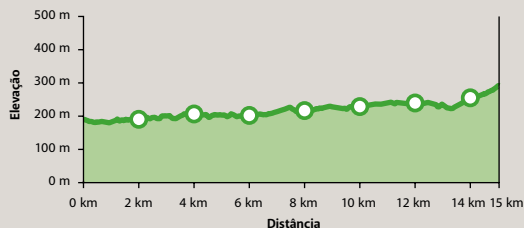
Uma grande diversidade de répteis e anfíbios proporcionará a delícia dos herpetologistas, ocorrendo na área do Concelho de Beja algumas espécies de enorme interesse como a cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*) ou a cobra-de-pernas-pentadáctila (*Chalcites*

bedriagai). Embora em baixas densidades, será possível observar a rara osga-turca (*Hemidactylus turcicus*) e o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*).

Entre os anfíbios merecem destaque o sapinho-de-verrugas-verdes-ibérico (*Pelodytes ibericus*) e o sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasi*). Existe ainda uma enorme diversidade de insetos, dado que o clima mediterrânico da região é propício a eclosões ao longo de praticamente todo o ano, oferecendo possibilidades infinitas para a fotografia de natureza, na disciplina de macrofotografia.



Distância 15 km
Altitude máxima 289 m
Subida acumulada 208 m
Descida acumulada -109 m
Duração 3h30m
Dificuldade (0-5) 2



Saímos de Cabeça Gorda e desviamos para a direita, pela Rua Machado dos Santos, até ao seu final, ladeando então pela esquerda o edifício do armazém Laverda. Pouco depois, chegamos a um cruzamento com uma estrada asfaltada, atravessamo-la e seguimos em frente pelo estradão de terra batida.

Após cerca de 5 km, encontramos à direita a colina da Herdade dos Falcões. Junto àquela herdade, o estradão bifurca-se e temos de tomar atenção para seguir pelo caminho da direita. É certo que o Caminho está bem marcado mas, principalmente para quem vai mais rápido, de BTT, a tendência natural seria a de seguir pela esquerda... Continuamos 1 km a subir ligeiramente até ao final do estradão, num cruzamento, e aí descemos à esquerda e, logo abaixo, junto ao ribeiro, entramos numa passagem estreita à direita, no final da cerca. Estamos num “barranco” (palavra aqui comumente utilizada para designar os vales das pequenas ribeiras), denominado “Vale de Mértola”, ao longo do qual se estende mais uma infinita plantação de oliveiras perfeitamente alinhadas. Serpenteados por

entre a plantação, ao longo de 2 km, até chegarmos a campos lavrados de onde se avista Beja já em toda a sua magnitude.

Pouco depois, chegamos à capital de distrito, Beja, e seguimos a sinalização até à Rua de Beja, que atravessa o pequeno Bairro de São João. À direita, impossível perder o anfiteatro com o grande tanque, para abastecer as montadas, o lavadouro e diversas bicas, muito frequentadas por aguadeiros nos séculos XIX e XX. De nome “Tanque dos Cavalos”, era o ponto de encontro de cavaleiros que, em celebração de São João, faziam uma romaria conhecida por “Cavalgada”. Proibida em 1835 devido à violência dos jogos equestres, incluía banquetes e música ao vivo.

O Caminho segue em frente pela Rua Bento Jesus Caraça, que só permite a continuação a pé ou de bicicleta. Entramos em Beja, cidade repleta de tradições e vida estudantil.

Escolha o seu local de pernoita entre as múltiplas opções disponíveis e, depois, aproveite para ir provar as delícias da região.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Junta de Freguesia de Santa Cruz +351 963 713 025
- União de Freguesias de Santiago e São João Batista +351 284 313 100
- União de Freguesias de Salvador e Santa Maria +351 284 313 100

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Informação Turística de Beja
- Parque de Campismo Municipal de Beja

TAXI Táxis

PONTOS DE INTERESSE

- Castelo de Beja
- Convento de Nossa Senhora da Conceição/Museu Regional de Beja
- Convento de São Francisco
- Hospital da Misericórdia/Hospital de Nossa Senhora da Piedade
- Igreja da Misericórdia

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Santa Maria da Salvada)
- Igreja de Santo Amaro/Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja
- Igreja Santiago/Catedral de Beja
- Passos de Beja
- Ribeira de Terges e Cobres
- Rio Guadiana
- Sítio Guadiana

SÁUDE

- Hospital José Joaquim Fernandes +351 284 310 200 / +351 284 322 134
- Unidade Local de saúde do Baixo Alentejo +351 284 310 200
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Beja: +351 284 311 660
 Cruz Vermelha portuguesa: +351 284 322 484
 Guarda Nacional Republicana: +351 284 310 770
 PSP - Polícia de Segurança Pública: +351 284 313 150
 Comando Distrital de Operações de Socorro de Beja – Protecção Civil: +351 284 313 050

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



BEJA

CABEÇA GORDA

Padrão

Santa Clara de Louredo

HERDADE DOS FALCÕES

Ribeira Quintos

Barranco Horta do Almada

Ribeira Carreira

N

0 1 2 km

EM

N391

EM611

EM513

IP2

EM

EM

TR

AL

EM

EM

EM

N18

TAXI

€



A chegar a Cuba

Planície pura, dura, sem sombras, alguns cavalos a pastar, mais oliveiras alinhadas e uns poucos aviões a descolar do aeródromo, que quer ser aeroporto internacional. Beja serve de ponto de partida para mais uma etapa, que termina em Cuba, vila com vários atrativos. Desde logo, no largo onde se situa o Turismo, descobrimos a controversa estátua de Cristóvão Colombo, da autoria do escultor Alberto Trindade, inaugurada em 2006 e que pesa uma tonelada e meia. Segundo uma investigação histórica, Cuba foi local de nascimento e batismo de Salvador Fernandes Zarco, filho ilegítimo de um nobre de Beja, e que terá adotado o nome espanhol de Cristóvão Colon para servir, a mando do rei português, como espião na corte espanhola. O enredo – descrito em exposição patente no posto de Turismo – é complexo mas verosímil, e explica, entre outras

“coincidências”, porque é que o famoso descobridor terá dado o nome de Cuba à ilha em que aportou nas Caraíbas, para além de outros nomes de origem

alentejana que utilizou em outros “baptismos”.

Outros encantos tem Cuba, como o chafariz e lavadouro



Tradições das tabernas

A vila de Cuba tem o maior conjunto de tabernas tradicionais do Alentejo, espaços onde as tradições mais antigas, os hábitos de consumo, o vinho de talha, o cante alentejano espontâneo e as formas de convívio são motivo de orgulho e afirmação cultural dos seus habitantes. Ir à descoberta destas tabernas é uma experiência inesquecível, principalmente na época do vinho novo, lição de vida assente na sabedoria dos homens da planície.



público, construído no século xx, que serviu quem chegava a Cuba vindo de Beja, instituindo-se mesmo como um complexo social de grande importância. A atual configuração do chafariz data de 1923, conforme inscrição na empena, única parcela mais monumental, marcada por três

aberturas, a central mais ampla e enquadrando quatro bicas em forma de leão. O lavadouro situa-se por trás do chafariz e anexo à mãe de água.

À entrada da vila existe a Quinta e capela de S. Pedro, cuja atual configuração data do século

xviii, época em que a capela se transformou num destino de romaria local. O aspeto tardo-barroco da fachada principal foi conferido numa campanha de obras realizada por volta de 1804. É um edifício de assinalável impacto cenográfico, com frontaria antecédida por galilé e flanqueada por duas torres esguias. Anexas à igreja existem casas para os romeiros.

No centro da vila, a igreja de S. Vicente foi totalmente reformulada a partir de 1572, ano em que o Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, assinou contrato com o mestre pedreiro Manuel Gonçalves. O resultado foi um templo majestoso, de grandes dimensões, com fachada principal ladeada por duas grandiosas torres escalonadas. O interior é de nave única abobadada, reforçada por contrafortes, e profusamente decorado com azulejaria policroma datada de 1665. O retábulo-mor é já da primeira metade do século xviii, com acrescentos rococó. Em 2003, a sacristia foi transformada em espaço museológico para albergar o tesouro da igreja.



Ponte Romana Vila Ruiva

Situada na antiga via romana *Ebora a Pax Julia*, que passava por Vila Ruiva e sobre o leito da ribeira de Odivelas, a ponte encontra-se a cerca de 3 km da povoação. Assente em pedregal de granito e arcaria de tijolo, que parece solto, embora seja da época romana, terá sofrido reconstruções visigóticas e árabes. É constituída por 26 arcos, intervalados por olhais de volta perfeita, e tem 120 metros de comprimento, sendo a sua largura máxima de 5 metros.

e também...

Feirinha Gastronómica de Vila Alva – Agosto

Festas N.ª Sr.ª da Rocha (Cuba) – Agosto

Festas de Santa Maria (Vila Ruiva) – Agosto

Festas de São Luís (Faro do Alentejo) – Agosto

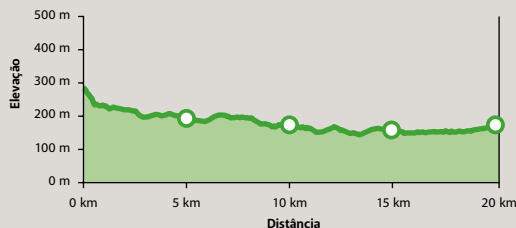
Feira Anual de Cuba – Setembro

Represa Romana

Perto do entroncamento entre as estradas de Cuba/Vila Alva/Vila Ruiva, à esquerda de quem segue para

Vila Alva a poucos metros da ermida, hoje chamada Nossa Senhora da Represa, aparece um grosso paredão, em *opus incertum* com a orientação leste-oeste.

A tradição popular julga os alicerces de uma grande igreja que teria sido construída em honra de Nossa Senhora da Represa, obra nunca concluída pela preferência que a imagem da Senhora teria demonstrado pela igreja de São Caetano, erguida a poucos metros.

**Distância** 20 km**Altitude máxima** 284 m**Subida acumulada** 145 m**Descida acumulada** -249 m**Duração** 4h45m**Dificuldade (0-5)** 2

Tivemos tempo de explorar Beja, pelo que podemos iniciar a nossa jornada logo à saída da cidade, atravessando a linha ferroviária na abertura da vedação junto à Rua da Lavoura. A partir daí, seguimos pelas típicas ruelas de pedra e passamos pelo Arco da Porta de Avis. Como curiosidade, as pedras do arco da porta foram perdidas após a sua demolição, em 1893, para serem encontradas 40 anos mais tarde, na função de mesas da peixaria do mercado local.

Orientados pelos azulejos afixados nas paredes dos prédios, dirigimo-nos até ao ponto de travessia do “caminho de ferro” já atrás referido. Daqui seguimos, à esquerda, em estrada asfaltada, na direção da aldeia de São Matias, longe de 6 km, quase em linha reta. Pelo Caminho, o alcatrão dá lugar à terra batida que calcorreamos até chegar a um cruzamento onde escolhemos virar à esquerda.

Avistamos as primeiras casas da aldeia de São Matias, onde entramos pela Rua Alferes Borges dos Reis, depois de atravessada a estrada nacional N18. Estamos sensivelmente

a meio do percurso, pelo que lhe sugerimos uma pausa para almoço no único restaurante local à beira da estrada. Junto ao Largo da Igreja, podemos visitar a Igreja de São Matias, construída no século XVI, com duas colunas de talha dourada e um retábulo de caráter popular.

Partimos da aldeia pela estrada rural que conflui ao largo, a norte, no sentido de Cuba. Chegamos a Cuba atravessando o Bairro Novo da Bica e a ampla rotunda, seguindo para a Rua 1.º de Maio. 250 m à frente, viramos à direita para a Rua de Serpa Pinto, e apressamo-nos, em frente, até chegarmos ao posto de Turismo no Largo Cristovão Colon. Vimos rápido para chegar a tempo de fazer uma visita ao mais famoso sapateiro artesanal do Alentejo, o carismático Mário Grilo, e tirar o molde ao pé para as nossas próximas genuínas botas alentejanas!

Em Cuba, demoramo-nos ainda a fazer a imperdível Rota das Tabernas, entrando e saindo de antigas e tradicionais tabernas entre dois dedos de conversa, petiscos regionais e sucessivos “copos de três”...

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Cuba
+351 284 419 900

Junta de Freguesia de Vila Ruiva
+351 284 495 178

APOIO

CTT

Banco/ATM

Posto de Turismo
+351 284 419 903/+351 963 709 475

TÁXI
Táxi Manuel José Quaresma Esteves
+351 966 144 656/+351 284 412 295

PONTOS DE INTERESSE

Casa do escritor Fialho de Almeida

Museu António Bicho, conhecido como “Museu Caluta”

Museu do Tesouro da Igreja Matriz de São Vicente de Cuba

Igreja Matriz de São Vicente de Cuba

Igreja e Recolhimento do Carmo

Igreja de São Pedro

Igreja Nossa Senhora da Conceição da Rocha

- Igreja São Sebastião
- Igreja Matriz de São Luís de Faro do Alentejo
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação
- Igreja da Nossa Senhora da Visitação ou Nossa Senhora do Outeiro
- Igreja da Misericórdia – Vila Alva
- Capela Nosso Senhor dos Passos – Vila Alva
- Ermida de Papa São Sixto
- Ermida da Nossa Senhora da Represa
- Ermida Santo António
- Quinta da Esperança ou Quinta do Conde
- Eco – Palacete Relógio Borrallho
- Antas – Vila Alva
- Ponte Romana
- Barragem de Albergaria dos Fusos

SAÚDE

Centro Saúde de Cuba – +351 284 419 080

Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112

Incêndios Florestais: 117

Associação dos Bombeiros Voluntários de

Cuba: +351 284 419 060

Guarda Nacional Republicana:

+351 284 249 217

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

**CÓDIGO DE CONDUTA**

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



CUBA

São Matias

Horta do Coelho

Coitos

BEJA

N387

+

EM

+

EM1223

Ribeira Barreiros

EM1008

IP2

Barranco Santa Luzia

EM

EM

IPB

EM

Barranco Carvalho

EM

Ribeira Mata Trades

EM521

Barranco Cabaco

Ribeira Freixo

Ribeira Odgearca

N

2

4 km

N18

Cuba ► Alvito ► Viana do Alentejo**7**

Ao chegar a Viana do Alentejo, não deve perder a vista panorâmica da fortaleza do século XIII, de onde se pode observar a igreja de Nossa Senhora d'Aires, local de celebração de uma das principais romarias do Alentejo, por altura da Feira D'Aires. Protegida pela muralha está a majestosa igreja matriz, com um imponente portal em mármore e por onde se pode subir até ao telhado para ver bem de perto o sino de bronze na torre da Misericórdia.

O Santuário de Nossa Senhora d'Aires é um dos mais emblemáticos santuários barrocos de peregrinação do Alentejo. Teve origem no século XV (a partir do aparecimento milagroso de uma imagem de Nossa Senhora dentro de um pote de barro a um lavrador da região), mas ganhou fama no período barroco, altura em que, grassando a peste em Évora, os habitantes da cidade prometeram à Senhora d'Aires que fariam um grandioso edifício caso a peste terminasse.

A partir de 1744, demoliu-se o antigo edifício e deu-se corpo ao majestoso e cenográfico santuário que ainda hoje subsiste. Para a grandiosidade do santuário, muito contribuiu a grande afluência de peregrinos e a feira franca concedida por alvará real em 1751. As obras prosseguiram pela segunda metade do século XVIII, e só foram terminadas em 1804. A fachada principal é a parcela mais monumental, com o seu corpo central amplamente decorado,



Igreja Nossa Senhora d'Aires





Castelo de Alvito

O mais marcante elemento patrimonial de Alvito tem origem no século XIII e na figura do senhor da vila, Estêvão Anes. A atual feição do monumento resulta de uma reconstrução realizada a partir de 1481, por João Fernandes da Silveira, chanceler-mor e vedor da fazenda de D. João II. As obras arrancaram em 1494 e foram concluídas 10 anos depois. A torre de menagem é uma impressionante peça cenográfica manuelina, com as suas janelas de estilo mudéjar. A capela do paço data de 1548 e novas obras foram realizadas nos séculos XVII.

flanqueado por duas torres, já de feição rococó. Não partimos desta vila sem levar uma recordação que é Património Imaterial da Humanidade da UNESCO, a Arte Chocalheira.

Produzidos com amor pelos mestres chocalheiros locais, os chocalhos ainda hoje servem o seu propósito, localizar o gado em pastagens, uma espécie de GPS ancestral.



Castelo de Viana do Alentejo

O sistema amuralhado de Viana do Alentejo tem origem na decisão do rei D. Dinis que, em 1313, mandou edificar uma cerca rasgada por três portas. Desconhece-se se as obras terão sido totalmente realizadas, porque o conjunto conheceu uma reconstrução nos finais da Idade Média. O resultado foi uma fortaleza plena de exotismo, próprio de um gosto mudéjar do tempo. É de planta pentagonal, com ângulos reforçados por torreões cilíndricos rematados por grandes coruchéus, o maior dos quais, provido de arcos sineiros, sobre a torre de menagem. O recinto muralhado foi aproveitado para construção da igreja matriz, da igreja da Misericórdia e dos Paços do Concelho, o que transformou o castelo num reduto muito pouco militar.

e também...

Festa da Primavera – Junho

Feira D'Aires – Setembro

Feira dos Santos (Alvito) – Novembro

Feira do Chocalho

A feira anual de Alcáçovas, também chamada de “Feira do Chocalho”, realiza-se no Largo da Gamita no quarto domingo de julho.

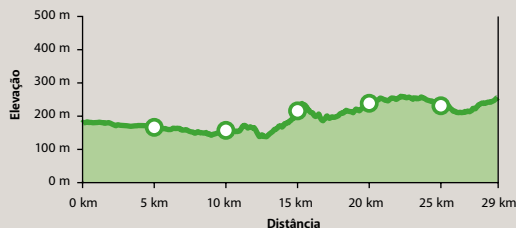
Desde o século XVIII que a vila de Alcáçovas se distinguiu pelo fabrico e comercialização de chocalhos, transformando estes simples objetos utilitários em peças artísticas e de decoração. A Feira de Alcáçovas é uma feira franca bastante antiga, com cerca de duas centenas de anos, onde se comercializavam vários artigos, nomeadamente, chocalhos.

Cuba ➤ Alvito ➤ Viana do Alentejo

7



Distância 29 km
Altitude máxima 276 m
Subida acumulada 502 m
Descida acumulada -429 m
Duração 8h15m
Dificuldade (0-5) 4



Começamos esta etapa na Rua de Serpa Pinto, junto à estátua de Cristóvão Colombo. No fim da rua, na rotunda, seguimos à direita na Estrada da Circunvalação para a saída da vila. Pelo caminho em terra batida, seguimos em frente, 2,1 km. Infelizmente, não é possível seguir pela antiga Via Romana, que agora é atravessada por herdades privadas. No entroncamento, viramos à esquerda mais 2,4 km. Após as habitações, o Caminho faz-se pela esquerda, que encontramos no fim uma estrada regional. Seguimos curtos metros para a direita, para entrarmos no primeiro caminho na berma esquerda.

Avançamos sem desvios até avistarmos um canal de rega, que atravessamos numa pequena ponte. Seguimos em frente 4,8 km, escolhendo a esquerda do caminho principal, no único cruzamento. Avistamos, na estrada 258-1, uma ermida. É junto à Ermida de Nossa Senhora da Represa que fazemos uma pequena pausa. Aproveitamos, e por um desvio de 200 m, no sentido de Cuba, conhecemos as ruínas da antiga barragem romana. Uma antiga represa onde ainda se pode observar a solidez e funcionalidade

características da arquitetura romana.

Regressamos ao Caminho, com mais energias para fazer os 2 km até Vila Ruiva. Entramos no lado sul pela N258 e conhecemos a pequena vila, os seus habitantes simpáticos e a sua longa história. Continuamos em direção à placa que indica Alvito. Antes de partir, abastecemos e provamos o famoso café com cheirinho, a aguardente regional, no Café Central de Vila Ruiva.

Fazemos esta parte do Caminho pela estrada nacional 258-1, por mais 4,7 km, e transpomos a ponte sobre a Ribeira de Odivelas. Depois da ponte, subimos à esquerda para a estrada de terra, onde passamos por baixo da ponte e seguimos 1,3 km. De seguida, pela direita, percorremos caminho por terra batida até chegarmos a Alvito.

Seguimos pela Rua do Espírito Santo, admiramos o grandioso Castelo de Alvito, e pela Rua das Fábricas saímos da vila, por entre campos verdes e oliveiras. Viramos na primeira à direita e seguimos o Caminho de terra batida por 5,6 km. Chegamos a

Água de Peixe por estrada de alcatrão, onde se encontra o Solar de Água de Peixe, altiva casa nobre com capela do século xv, de estilo mudéjar. Continuamos o Caminho pela direita,

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Viana do Alentejo
+351 266 930 010
- Junta de Freguesia de Aguiar
+351 266 930 863
- Junta de Freguesia de Viana do Alentejo
+351 266 953 317
- Câmara Municipal de Alvito
+351 284 480 800

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo de Viana do Alentejo
+351 266 930 010
- Táxi

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção
- Santuário de Nossa Senhora D'Aires
- Anta do Zambujeiro

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



onde o alcatrão dá lugar ao percurso de terra, que após 5,1 km nos leva até Viana do Alentejo, no sopé da serra. Percorremos a N257 e a Rua da Amendoeira e chegamos a esta antiga vila.

- Castelo de Viana do Alentejo
- Ermida de Nossa Senhora da Piedade
- Ermida do Senhor Jesus do Cruzeiro
- Chafariz da Cruz
- Fonte de Nossa Senhora D'Aires
- Fonte dos Escudeiros
- Olaria Tradicional de Viana do Alentejo
- Portais Manuelinos no núcleo urbano antigo de Viana

SAÚDE

- Centro de Saúde de Viana do Alentejo
+351 266 930 050
- Extensão de Saúde (Aguiar)
+351 266 791 278
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

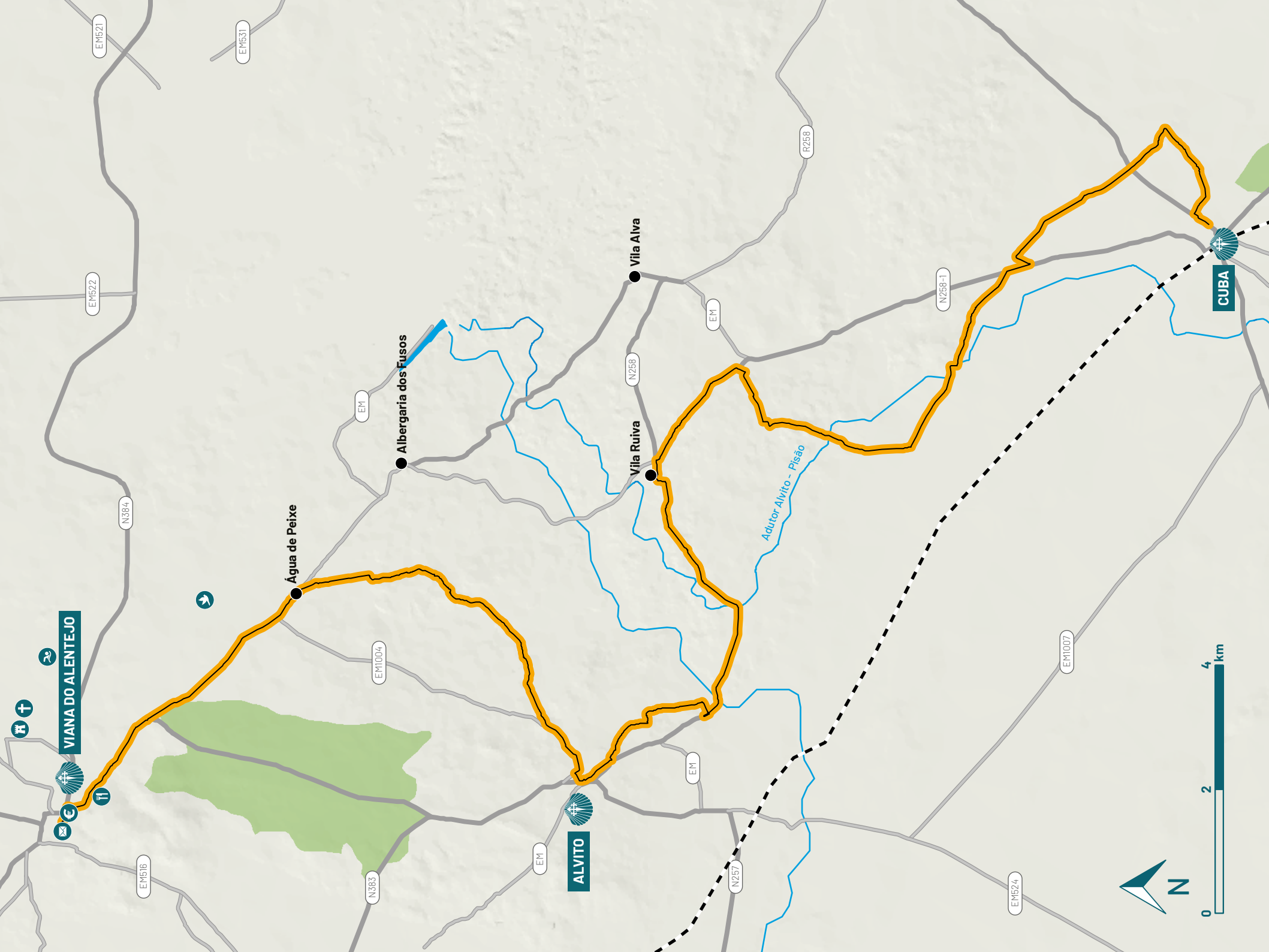
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Viana do Alentejo:
 +351 266 953 123
 Guarda Nacional Republicana: +351 266 953 126
 Serviço Municipal de Proteção Civil:
 +351 967 259 905 (24h)

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



VIANA DO ALENTEJO

Água de Peixe

Albergaria dos Fusos

Vila Ruiva

Vila Alva

CUBA

ALVITO

Adutor Alvíto - Pisão

4 km

2

0

N

Viana do Alentejo ► Évora

8

Não cabem aqui tantas visitas obrigatórias que a fascinante Évora nos oferece: a Sé, as incontáveis igrejas, o templo romano, a Universidade, as genuínas e antiquíssimas ruelas, os conventos e os monumentos megalíticos nas imediações, a Capela dos Ossos, na Igreja de São Francisco, onde a mensagem sobre a portada nos alerta para a intemporal fragilidade humana: “Nós ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”... Sem



Igreja da Graça



Igreja de Santo Antão (frontal de altar gótico)

Uma das mais monumentais igrejas de Évora foi terminada no tempo do cardeal D. Henrique. A cenográfica e austera igreja-salão maneirista foi começada em 1557, segundo projeto do arquiteto Miguel de Arruda. O templo foi concluído em 1563, mas um sismo, cinco anos depois, obrigou a algumas obras de restauro, estando o conjunto terminado em 1570, ano em que o cardeal D. Henrique promoveu também a construção do chafariz da Praça do Giraldo. A maior parte do recheio data dos séculos XVII e XVIII, à exceção do frontal de altar em alabastro, onde se representou o Apostolado (e Santiago entre os apóstolos), uma das escassas obras de escultura eborense do século XV que ainda se conservam.





Sé de Évora

O portal principal da Sé de Évora, construído na década de 30 do século xiv por uma companhia de escultores, na qual se incluiu provavelmente o célebre mestre Pero, e encomendado pelo bispo D. Pedro Martínez, é o mais importante portal monumental da arte portuguesa do século xiv, nele se representando São Pedro e São Paulo acompanhados pelos apóstolos, entre os quais São Tiago Maior, o primeiro do lado norte da porta, representado com a bolsa a tiracolo, decorada com vieira.

olvidar a Igreja de São Tiago, que há mais de 400 anos ostenta o apóstolo Santiago a cavalo a combater os mouros, do topo do seu frontão. O magnífico interior reveste-se de murais de azulejos e pinturas de épocas mais recentes, valorizado com um bonito retábulo de talha dourada na capela-mor.



Praça do Giraldo

e também...

Feira de São João

A Feira de São João existe com este nome desde 1569, mas já antes se realizavam outras feiras no Rossio de São Brás em Évora: Feira de Santiago (1275), Feira Franqueada (desde 1286), Feira dos Pucarinhos ou das Candeias (1525), Feira dos Estudantes (1569), Feira dos Ramos (1839), Feira Nova de São Cipriano (desde 1900). A primeira Feira de São João realizou-se no maior espaço aberto de Évora, o Rossio de São Brás, no dia 24 de junho de 1569. Anos mais tarde, em 1574, surge o alvará de D. Sebastião que regulamentava que a feira decorresse sempre no espaço onde ainda se realiza. Naquela altura, como hoje ainda um pouco, a Feira de São João era composta por tendas de mercadores e ofícios, como ourives do ouro e da

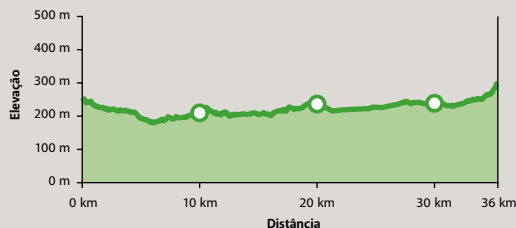
prata, cirgueiros, cerieiros, caldeireiros, curtidores de courama, mercadores de panos de cor, oleiros da loiça, filateiros das fiações, sapateiros, tecelões, etc.

Com o passar dos tempos, apesar do caráter popular não se ter alterado, a Feira de São João de Évora sofreu algumas mudanças. Durante o Estado Novo, após 1940, serviu para reforçar a portugalidade, com os cortejos do traje e outras manifestações que transmitissem a ideia de Pátria unida, mesmo imperial. Depois do 25 de Abril de 1974, a feira foi-se modernizando, e as atividades económicas passaram a ter destaque.

A importância da Feira de São João para Évora tem sido tal que, em meados do século xx, o feriado municipal foi fixado no dia 29 de junho (Dia de São Pedro).



Distância 36 km
Altitude máxima 292 m
Subida acumulada 365 m
Descida acumulada -326 m
Duração 8h45m
Dificuldade (0-5) 3



Não há bela sem senão! E, ao sair de Viana, existe a certeza de que a esta "etapa-rainha" ou se odeia ou se ama. Mas a chegada a Évora é recompensa grande e farta, um momento solene que extasia quase como se diante da catedral do apóstolo estivéssemos já especados...

Pouco menos de dez quilómetros são percorridos sem história até à pacata aldeia de Aguiar. Em dias de canícula extrema, a prudência aconselha a que por aqui recobremos, apreciando longamente um gaspacho provincial, seguido de qualquer iguaria tradicional que acentue a preguiça e incentive a arrumar as botas por hoje... Já os antigos isso mesmo nos sugeriam, ao terem deixado bem à beira do Caminho a imponente Anta de Aguiar, para encosto improvisado.

Mais indómitos, ou com tempo fresco, seguimos próximo da antiga via militar romana, do itinerário do Imperador Antonino Pio, que ligava *Ebora Liberalitas Julia* (Évora) a *Pax Julia* (Beja), e avistamos o reduto da Camoeira, um solar fortificado do século xv, alegadamente construído por familiar do insigne Luís Vaz de Camões. Pouco mais a norte existiu o Porto da Camoeira, conhecido

pela estrada que o atravessava, apelidada de "Diabos", e que pertenceu ao império de Adriano. Com atenção, ainda é possível descobrir uma coluna de granito com mais de 2 metros de comprimento, antiga poldra de serviço à passagem no rio Xarrama.

Daqui até Évora vai ser uma jornada severa, solitária, em que a monotonia da amareldão do restolho mal é quebrada pelos abundantes ruminantes e pelas migrantes cegonhas que se fixaram à permanência na planície, alimentadas pelos charcos do indolente rio Xarrama.

Évora à vista, ultrapassamos os descaracterizados arrabaldes e entramos muralha adentro. O Caminho conduz-nos até à famosa Praça do Giraldo, em honra do lendário salteador Geraldo *Sem Pavor*, que se redimiou perante D. Afonso Henriques ao conquistar Évora aos mouros, feito heróico para sempre immortalizado no brasão da cidade. No Posto de Turismo tratamos do merecido descanso e angariamos roteiro para nos guiar na descoberta desta cidade, Património Mundial da UNESCO.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Évora
+351 266 777 000

União das Freguesias de Évora
(São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão)
+351 266 707 792

APOIO

CTT

Banco/ATM

Posto de Turismo de Évora
+351 266 777 071

Táxis

PONTOS DE INTERESSE

- Mosteiro de São Bento de Castris
- Convento dos Remédios
- Catedral de Évora
- Capela da Nossa Senhora da Cabeça
- Igreja de São Brás
- Igreja de Santo Antão
- Igreja de São Francisco e Capela dos Ossos
- Igreja de São Mamede
- Igreja de São Tiago

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- Igreja da Misericórdia
- Igreja de Nossa Senhora das Mercês
- Aqueduto da Água da Prata
- Arco Romano de D. Isabel
- Cromeleque dos Almendres
- Casa Cordovil
- Casas Pintadas
- Chafariz da Praça do Giraldo
- Domus
- Ermida de Nossa Senhora do Ó
- Ludoteca e Museu do Brinquedo de Évora
- Casa da Balança
- Templo Romano de Évora

SAÚDE

- Hospital do Espírito Santo de Évora
+351 266 740 100
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Évora: +351 266 702 122
 Guarda Nacional Republicana: +351 266 748 400
 PSP de Évora: +351 266 760 450
 Proteção Civil de Évora: +351 800 206 405

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



ÉVORA

Vale da Moura

Aguiar

VIANA DO ALENTEJO



Ribeira Azambuja

Ribeira Outeiro

Ribeira Pecena

Ribeira Garganta

Barranco Giralda

Ribeira Cegonha

Ribeira Murteiras

Ribeira Aguilheiro

Ribeira E-spinheiros

Ribeira Fragosa

Ribeira Flor da Rosa

Ribeira Xarrama

Ribeira Permana

Ribeira Regedor

Ribeira Verde

Évora ► São Miguel de Machede

9



Évora é uma das cidades com mais rico passado histórico do mundo, pelo que poderíamos ficar por cá, ou voltar cem vezes, que, nas palavras de Raul Proença (in *Guia de Portugal*), encontraremos sempre “(...) torres que se erguem, muralhas que nos esmagam, encruzilhadas que nos tornam perplexos, fachadas que avançam ou recolhem, desníveis, torricolos, nichos, arquetas, alpendres, balcões, trechos de aguarela,(...)”.

Avançamos, portanto, pelas ruas e vielas estreitas, até às vias mais movimentadas que nos conduzem à periferia da cidade, prometendo voltar em breve. Pela Estrada dos Aliados saímos de Évora à “conquista” de Evoramonte, inspirados

pela personagem lendária do cavaleiro “matamouros” Geraldo *Sem Pavor*, que figura no brasão de Évora tal qual Santiago em muitos de outras cidades. Mas não sem antes passar por Azaruja, onde encontramos o Palácio dos Condes da Azarujinha, título criado por D.

Carlos I em 1890, para agradecer António Augusto de Freitas, natural da Marinha Grande, que enriqueceu no negócio dos vidros e enveredou por uma carreira política no campo regenerador. A sua ligação ao Alentejo justifica-se por ter sido um grande empreendedor do

Igreja de Nossa Senhora de Machede

É antiga a freguesia de São Miguel de Machede, onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora com o mesmo nome. Construída no século xvi, é mais uma igreja maneirista austera e monumental do Alentejo. No tempo barroco foi objeto de grande renovação, datando dessa altura praticamente todo o recheio artístico do interior e o aspeto dinâmico das torres da fachada principal. Em 1758, a igreja de Nossa Senhora da Natividade de Machede tinha três altares. Para lá do retábulo-mor, consagrado ao orago, existia um outro dedicado a Nossa Senhora do Rosário e um terceiro consagrado às benditas almas do Purgatório.



negócio da cortiça, acabando mesmo por dividir a sua grande propriedade em diferentes courelas para benefício da população local. É um edifício eclético, marcado por torreões, terraços ameados e vãos de perfil abatido, à boa maneira da arquitetura residencial abastada de finais do século XIX.

Na posse de importantes membros da nobreza alentejana, Azaruja deve ter promovido a construção do seu pelourinho no século XVIII, muito depois do grande surto de pelourinhos no país, que foi coincidente com a concessão de forais por parte de D. Manuel I. A atual localização foi conferida já no século XX, altura em que se beneficiou o pequeno jardim envolvente. É um pelourinho elaborado, de coluna hexagonal e remate

cónico em forma de pinha, associado a um couto nobre e provavelmente o único que está não à autonomia municipal.



Igreja de São Miguel de Machede

A igreja foi construída na segunda metade do século XVI. Em 1758, a igreja tinha cinco altares. Para lá do retábulo-mor, dedicado a São Miguel, existiam retábulos consagrados a São Pedro, Nossa Senhora do Rosário e Santo António.

Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo

Esta ermida é na verdade um santuário barroco de romaria regional, que atingiu o seu apogeu no século XIX. As origens são, todavia, anteriores, e apontam para uma ermida habitada por eremitas antes dos meados do século XVIII. O atual santuário foi começado em 1757, por iniciativa de D. Frei Miguel de Távora, arcebispo de Évora. No interior deste pequeno e octogonal templo, marcado por altares de talha rococó, subsiste um repositório impressionante de ex-votos pintados em diferentes tipos de material, desde a cera ao cabedal, mas há também realizações com cabelos humanos e pele de répteis. Como destino de romaria, o santuário dispõe de casa do caseiro e duas pousadas (grande e pequena). Parte importante deste património é hoje um hotel.

e também...

Festas São Miguel Machede – Agosto

Feiras de Saberes e Fazer – Setembro

Festival Ponto&Alto

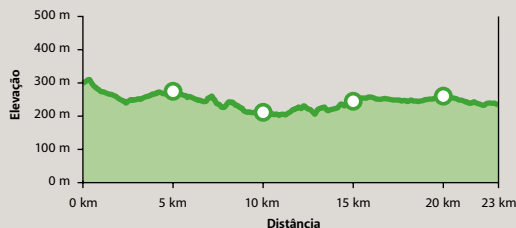
O Festival de Cante Alentejano de São Miguel de Machede decorre no mês de setembro e pretende contribuir para o enriquecimento do cancionário tradicional, incentivando o aparecimento de novas modas, dando oportunidade ao reconhecimento de talentos identificados com o Cante Alentejano,

na salvaguarda deste Património Imaterial da Humanidade, reconhecido pela UNESCO.

Esta iniciativa do Grupo de Cantadeiras de São Miguel de Machede e do Grupo de Cantadores “Os Marchantes”, em parceria com a Comissão de Festas e a Junta de Freguesia de São Miguel de Machede e todas as demais instituições e empresas locais, trará a festa do Cante às ruas desta vila alentejana.



Distância 23 km
Altitude máxima 306 m
Subida acumulada 339 m
Descida acumulada -398 m
Duração 6h45m
Dificuldade (0-5) 4



Passamos a pequena ponte sobre o rio Xarrama, o bairro de Santa Luzia e, sempre em frente pelo Caminho, já em macadame, alcançamos os portões da Herdade da Fonte Coberta, cerca de 5 km após o início da nossa jornada.

Contornamos toda a propriedade pela esquerda, agora por um bonito trilho mais estreito e rústico, que nos leva até ao vale do rio Degebe, logo após a subida de uma pequena elevação. Acompanhamos o rio ao longo de 2 km, até que uma portada a bloquear o caminho à nossa frente nos avisa que é altura de arregaçar as calças e atravessar o rio a vau. Estamos sobre uma antiga via medieval que ligava Évora a Nossa Senhora de Machede, e ainda são visíveis as pedras que a calcetavam e, à esquerda, algumas das "poldras" que ajudavam os caminhantes a passar o rio.

Sem mais desvios, chegamos a Nossa Senhora de Machede. Passamos a ponte de origem romana sobre a ribeira de Machede e subimos a ladeira até ao topo, onde se destaca a igreja entre o casario baixo. Aldeia onde se trabalha

bem o couro, vemos, na periferia, a fábrica de curtumes, que justifica a anómala quantidade de estabelecimentos de cafetaria no Largo da Casa do Povo. Pela esquerda tomamos a Rua 25 de Abril, mas logo 100 metros à frente desviamos e descemos a Rua do Depósito. Na curva deixamos o alcatrão e continuamos pelo caminho de terra à direita, até nos embrenharmos em mais um extenso olival que atravessamos até ao limite da herdade.

Continuamos por sucessivos montes e courelas, ao longo de uma paisagem mais ondulante, com alguns barrocais e uma imensa quantidade de aves de diferentes espécies, até um esplêndido vinhedo por onde também passa um rebanho de cabras. Estamos na propriedade da Casa Relvas, e não será demais sugerir um ligeiro desvio para uma visita à moderna adega, bem visível à esquerda do ponto onde nos situamos, na qual poderá provar os vinhos e outros produtos locais.

Encontramo-nos nas imediações de São Miguel de Machede, pelo que, com ou sem desvio, entramos na aldeia logo de seguida

e terminamos a etapa na Praça da República, junto à igreja paroquial do padroeiro São Miguel Arcanjo. Se não o fez antes, é altura de começar a pensar em obter alojamento, perguntando na Junta de Freguesia ou num dos restaurantes da

zona, onde não pode perder a especialidade das bochechas de porco com migas. Com algum tempo disponível, aproveite ainda para visitar o Monte do Álamo e a respetiva adega, situados nas imediações desta aldeia.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Évora
+351 266 777 000
- Freguesia de São Miguel de Machede
+351 266 987 186

APOIO

- CTT
- TAXI Táxis Fonte Boa +351 266 987 171
- Adega do Miguel +351 968 782 475
- Café Central +351 266 743 279
- Snack Bar Varanda +351 266 987 227

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja de Nossa Senhora de Machede
- Igreja de São Miguel de Machede

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



SAÚDE

- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

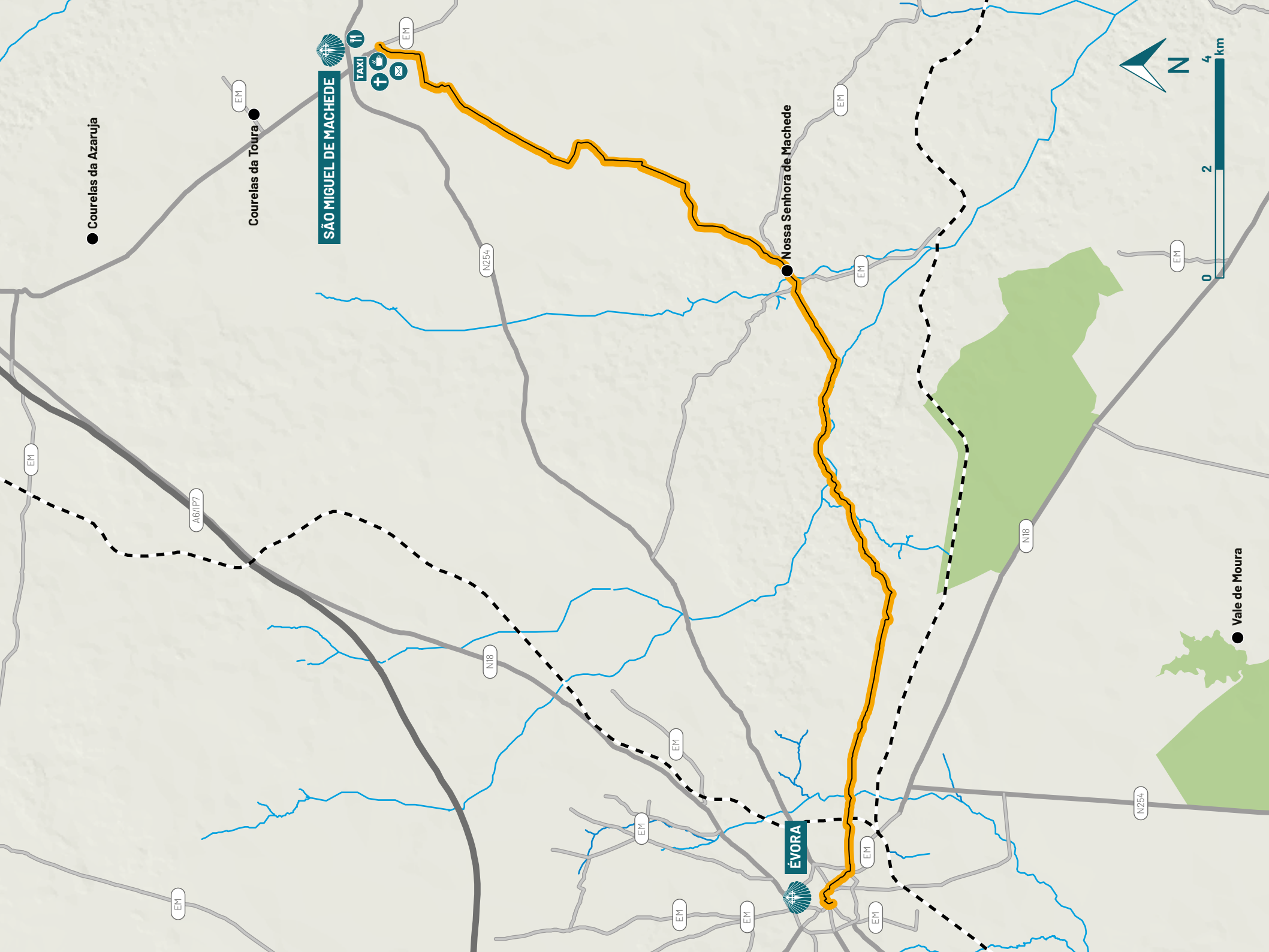
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros: +351 266 702 122
 PSP de Évora: +351 266 760 450
 Guarda Nacional Republicana:
 +351 266 987 123
 GNR - Comando Territorial de Évora:
 +351 266 748 400

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



● Coureiras da Azaruja

● Coureiras da Toura

SÃO MIGUEL DE MACHEDE

● Nossa Senhora de Machede

ÉVORA

● Vale de Moura



S. Miguel de Machede ► Evoramonte

10



Castelo Evoramonte

No Castelo de Evoramonte, cujo perímetro muralhado data de inícios do século XIV, altura em que D. Dinis mandou que a vila fosse fortificada, o panorama é grandioso e severo, com um horizonte vastíssimo e imperturbável que nos deixa suspensos e inertes. Hoje, Evoramonte é sede da Rede Europeia de Sítios da Paz, uma rede de lugares da Europa onde foram assinados tratados de paz ou capitulações, representados por instituições públicas e privadas, com o intuito de trabalharem em conjunto para construir uma cultura de paz e para promover estes lugares com base no seu Património Histórico Comum – a PAZ.

No tempo de D. João I, o castelo passou para a posse de D. Nuno Álvares Pereira e, cerca de um século depois, construiu-se um formidável paço, marcado por quatro torreões cilíndricos que definem um perímetro quadrangular. A obra, de clara influência italiana, foi conduzida pelo arquiteto Francisco de Arruda, em 1531.

É de história que se faz a vila. Uma história visível na igreja de São Pedro de Fora que, como o nome indica, ficava (fica ainda) fora de Evoramonte. O templo é de origem medieval (como se comprova pela janela dupla de arco apontado que se rasga ainda na parede fundeira da capela-

-mor), mas terá sido destruído parcialmente pelo terramoto de 1531, o que motivou uma reconstrução quase integral do conjunto. A capela-mor estava em construção em 1577, tal como o retábulo-mor, um dos mais importantes retábulos maneiristas do Alentejo. No interior, destacam-se ainda os retábulos da capela do Santíssimo Nome de Jesus, de inícios do século XVII, e da de Santo António, este já plenamente barroco, de meados do século XVIII. A escola primária, que se adossa à fachada sul da igreja, foi construída em 1878. A entrada no templo é antecedida por um pequeno alpendre em forma de templete, e a frontaria é





A chegar a Evoramonte

coroadada por uma imagem de São Pedro, provavelmente executada ainda na primeira metade do século xvi.

O que resta do pelourinho de Evoramonte é uma pálida imagem do que terá sido este elemento que evocava a autonomia do concelho. Ele foi partido em data incerta do século xix, e as partes acabaram por se perder, à exceção de um plinto paralelepípedo onde assentava a coluna, e de alguns elementos de fuste, hoje integrados na torre sineira da igreja de Santa Maria. Evoramonte, foi agraciada com foral em 1248 e recebeu foral novo de D. Manuel I em 1516. Em 1855, com a sua integração no concelho de Estremoz, o pelourinho acabou por ser demolido e nunca mais reconstruído.



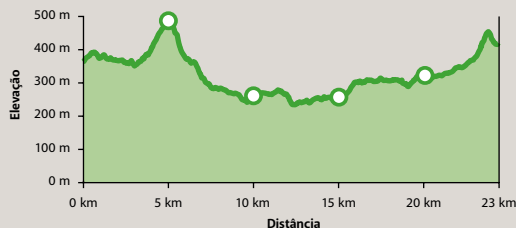
Ermida de São Sebastião

A Ermida de São Sebastião, situada junto à estrada que liga a vila baixa ao Castelo de Evoramonte, evidencia uma construção coeva de quase todas as ermidas extramuros que se podem encontrar na freguesia. Com uma capela-mor quadrada e de cúpula hemisférica, é também esta o elemento mais antigo deste imóvel histórico. Situada próximo da Porta de São Sebastião do castelo, a ermida sofreu uma importante reforma em 1779. De destacar também, aqui, as pinturas murais e esgrafitados da abóbada da capela-mor onde, segundo Túlio Espanca, poderão figurar cruzes da Ordem de Malta, juntamente com outros motivos.

Ainda no perímetro urbano de Evoramonte destaca-se a igreja da Misericórdia, mais uma igreja alpendrada do património da vila. A origem do templo remonta a 1527, ano a partir do qual a Misericórdia local está documentada. No altar-mor, conserva-se uma pedra de ara que contém a data de 1575, ano aproximado para datar as obras de construção do templo. Ao que tudo indica, sempre foi uma Misericórdia de poucos recursos, que não dispunha de hospital no século xviii. Ainda assim, foi objeto de um recheio artístico relevante, como os azulejos atribuídos à oficina de Policarpo de Oliveira Bernardes e os dois conjuntos de bandeiras processionais, um de meados do século xvii e outro de meados da centúria seguinte.



Distância 23 km
Altitude máxima 363 m
Subida acumulada 419 m
Descida acumulada -288 m
Duração 5h45m
Dificuldade (0-5) 3



Contornamos a Praça da República pela direita, descendo até à viela empedrada da Rua dos Castelos. Pisado o ribeiro seco, acedemos a um descampado baldio e, pela frente, temos a estrada nacional (N254) em plataforma sobre-elevada, a qual temos de passar através de um túnel baixo que nos obriga a dobrar o costado.

Já do outro lado, prosseguimos pelo meio de rebanhos de ovelhas surpreendidas por ali nos verem, abrindo e fechando sucessivas portadas de arame trançado, caminhando 2 km pelo meio do montado até se abrir perante nós um vasto plano de água. Um não, dois, pois à direita encontramos também outra pequena barragem. Viramos à esquerda e, com muita sombra e ambiente fresco, seguimos pela margem da barragem maior até às Courelas da Toura.

Atravessamos belos vinhedos e campos lavrados até que nos surge de novo o asfalto, confluindo, de um lado, com o Paço da Quinta e, à direita, com a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, rodeada de hortas caseiras e com um inusitado cruzeiro sobre um pedestal caído mais junto à estrada.

Até Azaruja vamos andar mais 4,5 km, primeiro pela estrada até à tabuleta que indica Monte Branco à direita, depois pelo caminho de terra que nos conduz através de sucessivas pequenas propriedades agrícolas (courelas), até uma outra rua asfaltada, que nos leva à entrada de Azaruja pela Rua das Courelas, desembocando perto da Praça de Touros.

A 400 m para a esquerda encontra-se o Palácio dos Condes da Azarujinha, um imponente conjunto palaciano de arquitetura neoclássica, mas que não está visitável. Subimos até ao Largo da Igreja e daí, em estradão largo de macadame, seguimos a indicação da ermida de Nossa Senhora do Carmo, para a esquerda.

Antes deste, entramos à direita por um portão e prosseguimos montado adentro, cada vez mais cerrado, ao longo de 6 km sem vivalma. Depois de algumas portadas e alguns ribeiros secos, a paisagem abre e atravessamos pelo meio de galinhas e ovelhas, num pequeno monte degradado, guardado por alguns cães mais aguerridos e, felizmente, presos... O ambiente

continua rural, ao longo de uma estreita rua asfaltada que acaba por entroncar com a estrada

nacional N18, à entrada de Evoramonte, junto às bombas de gasolina.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Estremoz
+351 268 339 200
- Junta de Freguesia de Evoramonte
+351 268 950 200

APOIO

- Banco/ATM
- Paróquia de Evoramonte +351 266 467 203
- Parque de Campismo
+ 268 959 283 / 936 799 249
- Supermercado

PONTOS DE INTERESSE

- Castelo de Evoramonte
- Chafariz de El-Rei/Chafariz de Santo Estêvão (Evoramonte)
- Ermida de São Marcos
- Ermida de São Lourenço
- Ermida Santa Margarida
- Ermida de Santo Estêvão
- Ermida de São Sebastião

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- Ermida de São Brás
- Cisterna Pública
- Pelourinho de Evoramonte
- Casa da Convenção de Evoramonte
- Antiga Casa da Câmara
- Celeiro Comum de Evoramonte
- Igreja da Misericórdia de Evoramonte
- Igreja de São Pedro (Evoramonte)
- Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Evoramonte)
- Igreja de Santa Rita de Cássia

SAÚDE

- Centro de Saúde de Estremoz
+351 268 337 700

CONTACTOS ÚTEIS

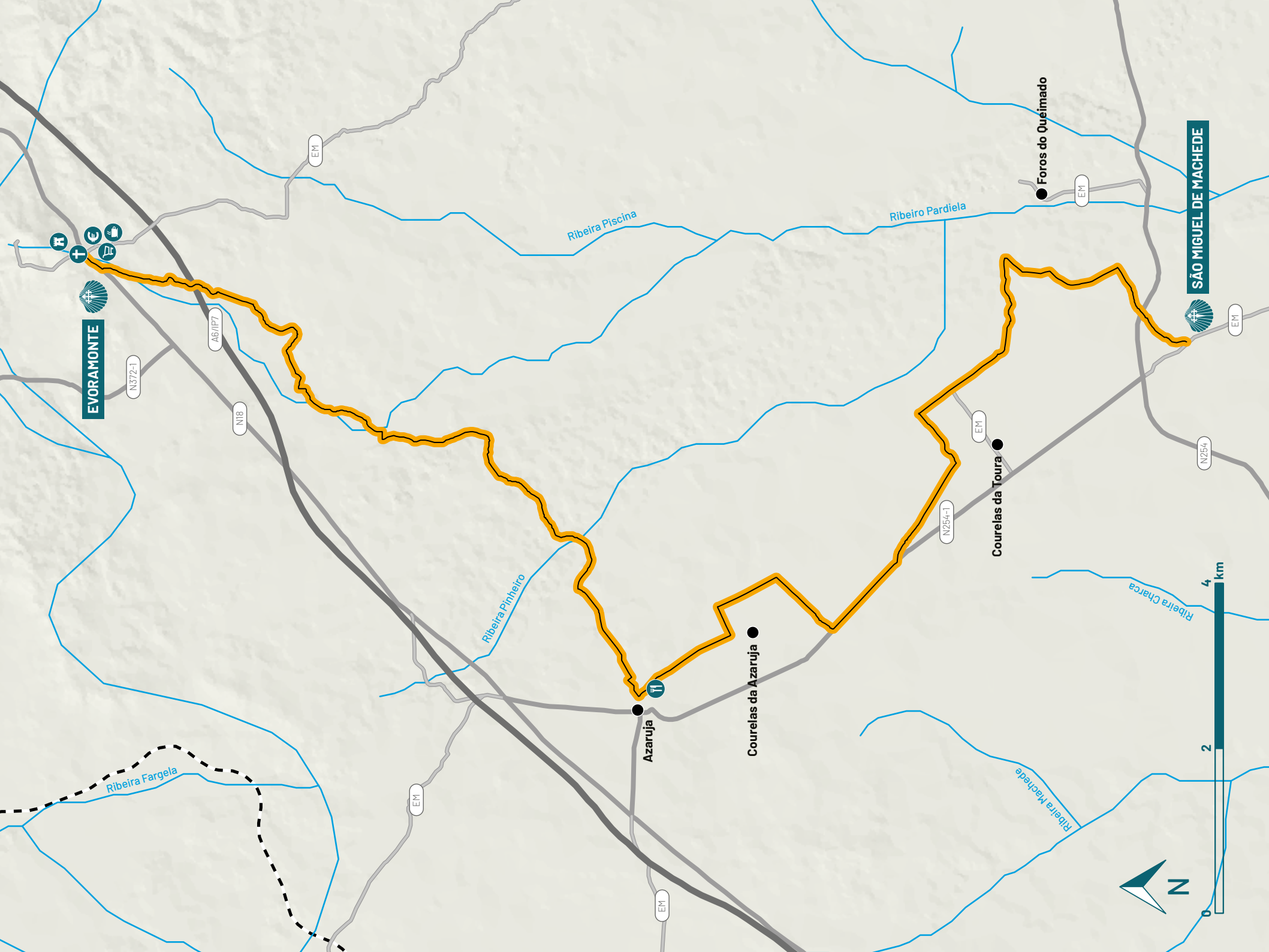
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Estremoz:
 +351 268 337 360
 Proteção Civil de Estremoz: +351 268 080 250
 GNR – Posto Territorial de Estremoz:
 +351 268 322 804
 Polícia de Segurança Pública de Estremoz:
 +351 268 338 470

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



EVORAMONTE

Ribeira Piscina

Ribeiro Pardielas

Foros do Quésimado

SÃO MIGUEL DE MACHEDE

N372-1

AG/IP7

N18

EM

N254-1

N254

Courelas da Toura

Ribeira Pinheiro

Ribeira Charca

4 km

2



Azaruja

Courelas da Azaruja

Ribeira Machede

Ribeira Fargela

EM

EM

Evoramonte ► Estremoz

11



Castelo de Estremoz

Até Estremoz teremos mais uma jornada de longa intimidade com a floresta de sobre e azinho, serpenteando por entre o verde sombrio dos montados e o edificado das escassas herdades. É fundamental que nos preparemos, tanto de abastecimento físico como de robustez mental, pois não é previsível que encontremos qualquer tipo de apoio pelo Caminho.

Na cidade a presença religiosa é bastante profusa, com a presença da Igreja e das ordens religiosas, com conventos, igrejas, capelas e ermidas espalhados pelo concelho. É disso exemplo a igreja de Santiago de Estremoz, fundada no reinado de D. Afonso III, cuja construção, no limite noroeste do perímetro muralhado e num terreiro que se haveria de chamar "do Loureiro",

significou a constituição de um elemento definidor do urbanismo de Estremoz, e aglutinador de um bairro chamado "Santiago". Apesar das grandes transformações pelas quais o templo passou, sobretudo no século XVII, ainda é possível observar na fachada principal a cruz da Ordem de Avis.

No museu municipal, logo pomos de parte os atrativos exteriores para, nas palavras de José Saramago, "(...) poder maravilhar-se, à vontade, com os bonecos de barro que de Estremoz tomaram o nome. Maravilhar-se, diz ele, e não há termo melhor.(...) O viajante não sabe para onde virar-se (...)". E

Paço da Audiência

Anexo ao castelo e ao paço real, este edifício data do tempo de D. Dinis e é contemporâneo da construção da torre de menagem do castelo, pois a assinatura de mestre Anton exibe-se em ambos os monumentos. O paço é antecedido por uma galilé de cinco tramos, cuja galeria foi inicialmente coberta por teto de madeira, entretanto substituído pela atual abóbada de cruzaria de ogivas no reinado de D. Manuel I. Ao centro, um portal apontado, sobrepujado por moldura escultórica com as insígnias do rei D. Afonso IV (monarca que terá terminado o conjunto) permite o ingresso no salão de audiências, espaço de planta trapezoidal coberto por abóbada octogonal manuelina.



termina inventando “A Estremoz irás, seus bonecos verás, tua alma salvarás” (in *Viagem a Portugal*).

A cidade revela ainda a estátua da Rainha Santa Isabel, da autoria do escultor Martins Correia, que evoca a importância de D. Isabel de Aragão para Estremoz. A rainha, mulher de D. Dinis, elegeu Estremoz como local de residência durante largas temporadas, e aqui faleceu, no dia 4 de julho de 1336. Foi peregrina a Santiago de Compostela em 1325, pouco depois da morte de D. Dinis, e subsistem indícios que apontam para uma segunda peregrinação em 1335. A lista de milagres que lhe foram atribuídos mereceu a anuência papal de Leão X em 1516, e a rainha foi canonizada em 1625.

Integrada na pousada de Estremoz, a capela da Rainha Santa Isabel também evoca a importância da memória da Rainha Santa Isabel para a história de Estremoz. O oratório foi construído em 1659 pela rainha D. Luísa de Gusmão, mas o conjunto vale, no entanto, pelas magníficas obras realizadas por iniciativa de D. João V, entre as décadas de 20 e 30 do século XVIII,

que conferiram o aspeto de arte total ao templo. Em pinturas a óleo atribuídas a André Gonçalves e painéis de azulejo de Teotónio dos Santos ilustram-se os milagres de Santa Isabel de Aragão. A importância da rainha santa para a população

de Estremoz ficou ainda testemunhada pela inscrição de 1808 que acompanha o coro de mármore da capela, na qual os habitantes de Estremoz agradecem a intervenção divina de Santa Isabel pela proteção concedida durante as invasões francesas.



Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho

Num edifício cuja construção data do século XIII/XIV, sofrendo reformas nos séculos seguintes, pode visitar a exposição permanente, que se divide por dois pisos, estando no cimeiro coleções de arte popular (chifre, cortiça e madeira) de artesãos como Mestre Rolo, José Vinagre, ou Joaquim Velinho. Apresenta-se também a reconstituição de uma Casa Alentejana de finais do século XIX e, no rés-do-chão, as coleções de figurado de Estremoz e de olaria local das últimas duas décadas do século XIX e início do século XX.

e também...

Feira Tradicional de Estremoz – Maio

Festa da Rainha Santa Isabel – Julho

Feira Tradicional de Santiago – Julho

Festas da Exaltação de Santa Cruz – Setembro

Festas de N. Sr.ª dos Mártires – Setembro

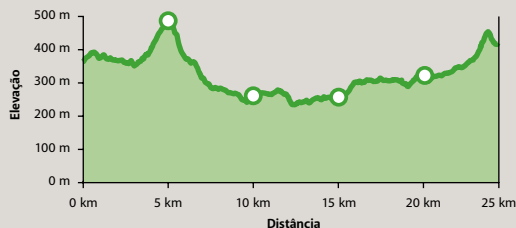
Bonecos de Estremoz

A Produção de Figurado em barro, vulgarmente conhecida como “Bonecos de Estremoz”, é uma arte

com mais de três séculos e que faz parte da identidade cultural deste concelho. Estão inventariadas mais de cem figuras diferentes e todos os dias se inventam novas temáticas, sempre relacionadas com o quotidiano das gentes alentejanas, na sua vivência rural e urbana. As mãos habilidosas que trabalham o barro dão vida às emblemáticas figuras que, com as suas cores garridas e formas únicas, encantam quem por aqui passa.



Distância 25 km
Altitude máxima 493 m
Subida acumulada 662 m
Descida acumulada -608 m
Duração 7h00m
Dificuldade (0-5) 4



De costas para o largo central, atravessamos a estrada e entramos na Rua das Correias, seguindo logo à esquerda as placas que indicam Ermida de São Brás. Vamos subindo até encontrarmos o portão do Monte da Alagoinha, para então aceder, à esquerda, por um caminho de terra batida para a Herdade da Junceira, ao longo de 6 km.

No meio do montado de sobre, vemos as marcas das recolhas periódicas da valiosa cortiça, transformada em rolhas, cocharros e muitos outros artigos.

Da vizinha Herdade da Defesa continuamos pelo trilho entre o montado e atravessamos o planalto, agora também já com olivais e vinhedos alinhados. As Herdades da Junceira e da Defesa são zonas de referência para os aficionados da caça, mas agora os terrenos cercam-se para proteger o gado e as culturas, e somos forçados a desviar e a entrar na estrada (N381), junto a um viaduto sobre a ribeira de Tera, felizmente com pouco trânsito. No percurso, a paisagem é de “mosaico”, em que o amarelo do restolho alterna com os vinhedos avermelhados no

período do outono. Após quase 3 km, frente a uma quinta com uma atípica moradia de planta circular, desviamos para a esquerda, para o caminho de terra batida. Mais à frente avistamos a autoestrada e passamos pelo túnel inferior, seguindo sempre o estradão em macadame até um cruzamento.

À direita vemos Estremoz no horizonte! Outra passagem pela autoestrada, agora sobre um viaduto e, sempre em frente, alcançamos o agitado cruzamento da estrada nacional N4. Pela esquerda percorremos 150 m ao longo da berma e, com muito cuidado, atravessamos a N4 para o outro lado, junto à casa branca de listas azuis na esquina, e vemos a continuação do nosso Caminho a subir para as muralhas de Estremoz.

Após ligeira subida, alcançamos a muralha abaluartada e penetramos nesta fortificação pela Porta de Évora. Pela direita, prosseguimos o caminho de pedra, junto à muralha, e entramos no Castelo pela Rua do Arco de Santarém. Dentro da muralha da cidadela dirigimo-nos ao Museu Municipal para obter informação.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Estremoz
+351 268 339 200
- Junta de Freguesia União de Freguesias de Estremoz (Santa Maria e Santo André)
+351 268 323 577

APOIO

- Banco/ATM
- CTT
- Posto de Turismo/Casa de Estremoz
+351 268 339 227
- Centro Social Paroquial de Santo André de Estremoz +351 268 324 842
- Supermercado

PONTOS DE INTERESSE

- Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho
- Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte
- Castelo de Estremoz
- Produção de Figurado em Barro “Bonecos de Estremoz”
- Centro de Ciência Viva

- Lago do Gadanha
- Antiga Casa da Câmara/Casa Alcaide-Mor
- Bairro de Santiago
- Capela da Rainha Santa Isabel
- Igreja de Santiago
- Igreja de Santa Maria
- Igreja de São Francisco
- Montado Alentejano
- Serra d'Ossa
- Vinhas

SAÚDE

- Centro de Saúde de Estremoz
+351 268 337 700
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Estremoz:
 +351 268 337 360
 Proteção Civil de Estremoz: +351 268 080 250
 GNR – Posto Territorial de Estremoz:
 +351 268 322 804
 Polícia de Segurança Pública de Estremoz:
 +351 268 338 470

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

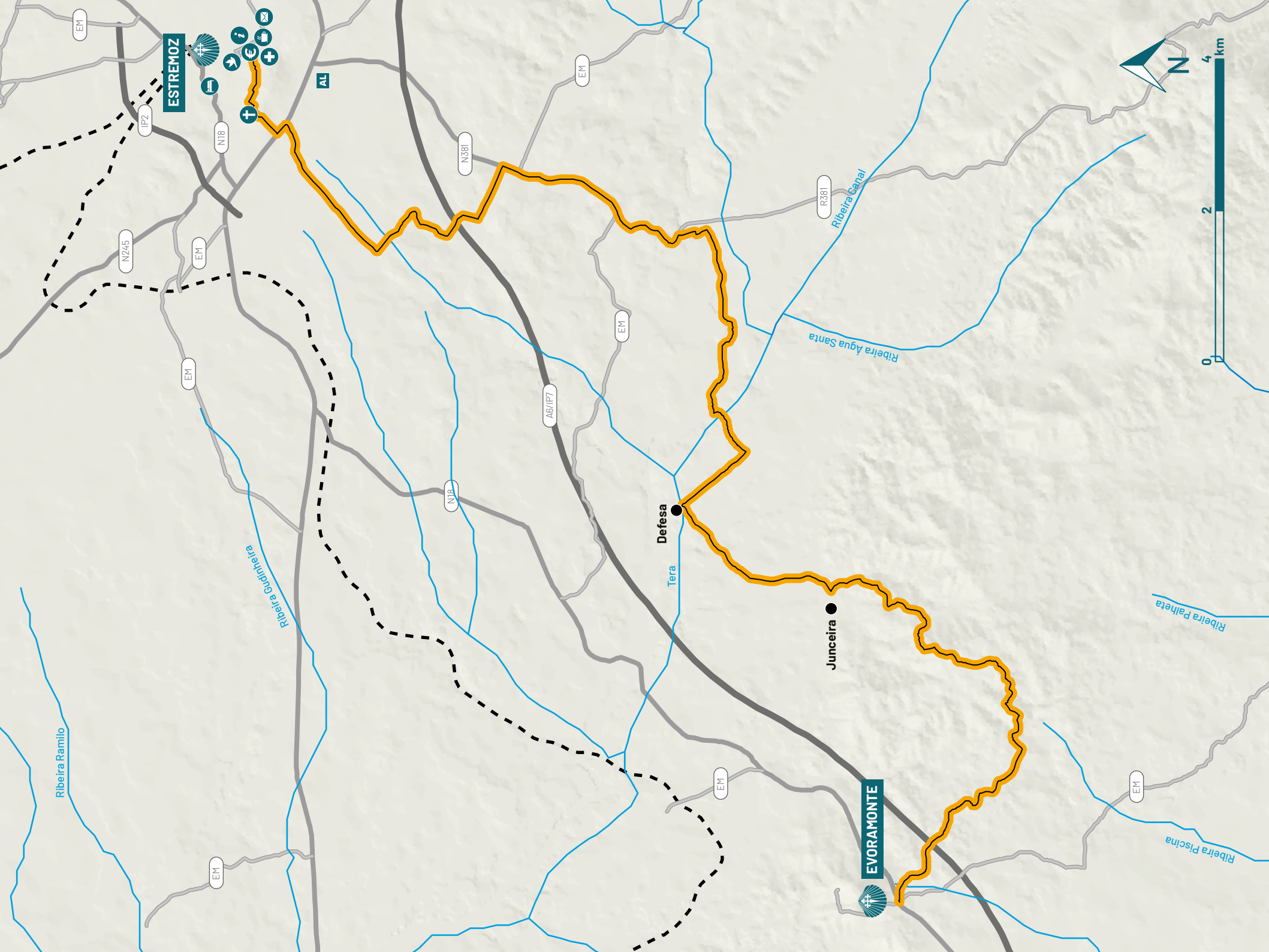


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



ESTREMOZ

EVORAMONTE

Defesa

Junceira

Tera

Ribeira Ramilho

Ribeira Guinheira

Ribeira Agua Santa

Ribeira Palheta

Ribeira Piscina



Estremoz ► Sousel

12



Museu dos Cristos

Vila com grande apelo histórico da Idade Média, Sousel é um verdadeiro concelho com história, a mesma que ajuda a explicar as origens do seu nome, envolto em grande controvérsia. Para muitos, a origem está na frase proferida por D. Nuno Álvares Pereira, condestável do reino ao tempo de D. João I – “*Ora Sus a Ell*” – em oração aquando da batalha de defesa contra os castelhanos. Para outros, o nome é proveniente do funcho *Seseli*, que nasce selvagem pelos campos.

Documentada desde meados do século XIII, é no entanto fictícia a tradição que aponta para que a fundação da localidade tenha sido realizada por D. Nuno Álvares Pereira. A vila foi elevada a sede de concelho no século XVII e data desse período

a construção do pelourinho, cuja localização atual não corresponde à original, e que pretendeu imitar um pouco os pelourinhos manuelinos, através de um fuste oitavado, anéis e o remate em pinha. Sabe-se que, em 1940, o pelourinho de Sousel estava desmantelado e que foi reconstruído depois, tendo-se reaproveitado elementos originais.

Segundo a lenda, Sousel foi em tempos assolado por uma grande epidemia. A população, desesperada, orou a São Sebastião e, pouco depois, a epidemia cessou. Agradecidos, os habitantes de Sousel ergueram uma capela em honra de São Sebastião e a imagem do santo passou a ser figura dominante na heráldica municipal. Ainda hoje, no salão da Câmara, existe um baixo-relevo com a figura de São Sebastião

e a principal festa celebrava-se também no dia 20 de janeiro, dia daquele santo. Este fundo histórico há muito que se perdeu, e até a heráldica municipal mudou. Mas a discreta capela de São Sebastião, afastada do centro histórico e composta unicamente por nave e capela-mor singelas, permanece como elemento identitário do património souselense.

É de D. Nuno que se fala uma vez mais quando nos referimos à Igreja de Nossa Senhora da Ourada que, reza a tradição, terá sido construída no exato local onde Nuno Álvares Pereira se teria recolhido em oração, antes da Batalha dos Atoleiros, travada nas imediações de Sousel, como indica uma inscrição do século XVII. Uma outra tradição admite que a fundação de Sousel se



deveu ao condestável de D. João I, facto que não corresponde à realidade, mas que foi retratado no ciclo azulejar que foi aplicado na nave da igreja. O templo é ainda de construção gótica, mas desse momento fundacional resta apenas parte da abóbada do coro. O aspeto atual do templo data de uma ampla reforma realizada no século XVIII, a que se deve também o retábulo-mor, o púlpito de mármore e, em particular, os painéis de azulejo azuis e brancos.



Pelourinho de Sousel



Antigo Mosteiro de Eremitas de São Paulo

O Convento de Santo António foi fundado em 1605, a partir de uma ermida dedicada àquele santo que era gerida por uma confraria local. Para aqui transitaram os monges do Convento da Azambujeira (Avis), entretanto encerrado por ordem do capítulo geral da Ordem de São Paulo. O conjunto atual data de uma reforma realizada na primeira metade do século XVIII, altura em que não só se concebeu uma nova igreja, como se recheou o templo com obras de talha dourada, pintura mural e azulejaria, assim contribuindo para um dos mais importantes elementos do património construído de Sousel. Destacam-se os painéis azulejares da capela-mor que retratam episódios da vida de São Paulo Eremita.

e também...

Festival dos Sabores Mediterrâneos – Maio

Benção do Gado e Festa do Bolo Branco – Maio

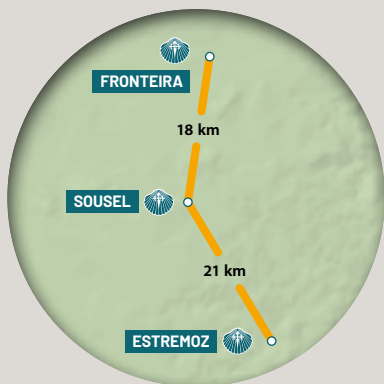
Festas em Honra de Nossa Sr.ª da Orada – Agosto

Museu dos Cristos

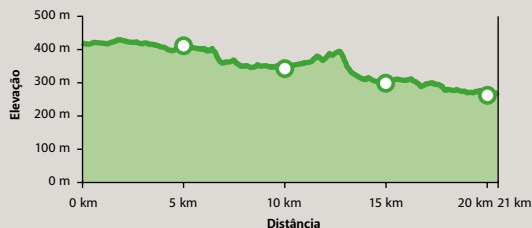
O Museu dos Cristos de Sousel tem como vocação o estudo, a investigação, a documentação, a conservação, a interpretação e a divulgação da coleção de arte sacra que integra o seu acervo. Como missão visa abranger objetivos científicos, culturais,

educativos e lúdicos, tendo como finalidade a democratização da cultura, a promoção da cidadania e o desenvolvimento da sociedade.

O projeto museológico assenta na coleção de imagens de Cristo, constituída por 1486 peças, na sua maioria crucifixos das mais variadas tipologias, proveniências e épocas. A referida coleção foi adquirida pelo Município de Sousel, em 19 de fevereiro de 1990 à família Lobo, herdeiros do falecido Venceslau Lobo, de Borba.



Distância 21 km
Altitude máxima 430 m
Subida acumulada 224 m
Descida acumulada -370 m
Duração 5h15m
Dificuldade (0-5) 3



O ponto de referência para a saída de Estremoz é o caminho nas traseiras do supermercado, situado junto à última rotunda na estrada N18/IP2 em direção a Portalegre. Antes, porém, vale a pena visitar o Palácio da Quinta D. Maria, produtor dos vinhos que levam o mesmo nome, com acesso à esquerda, imediatamente antes da rotunda.

Entrámos em busca de história e sabores, e não desiludiu. Após 2 km, acedemos à estrada que vem da Quinta D. Maria e passamos ao lado do Monte da Granja, um acolhedor espaço de turismo rural. Algumas centenas de metros à frente, desviamos para o caminho vicinal à esquerda, a subir até à antiga linha ferroviária, que vamos encontrar várias vezes durante a etapa de hoje. Um dia, que esperamos próximo, esta linha poderá ser transformada numa ecopista que disporá do melhor percurso entre Estremoz e Sousel.

Seguimos para o sítio da Silveirona, virando à esquerda na direção do Monte do Marmeleiro, indicado pela tabuleta. A estrada percorre 4 km até finalizar junto a pequenos montes, virando à direita para subir a serra,

já em modo de terra batida. No alto, temos uma boa panorâmica da região envolvente, continuando depois a descer a vertente norte em direção ao sítio de Cardeal, uma localidade situada perto da fronteira que separa o Alentejo Central da região para onde nos dirigimos, o concelho de Sousel, já no Alto Alentejo.

Por montes e quintas, progredimos no vale até às imediações de Sousel, onde entramos pela Rua do Parreiral. Como curiosidade relativa a Santiago fica aqui a nota de, na Rua de São Pedro encontrarmos uma casa em avançado estado de degradação que ostenta na fachada duas vieiras encimadas por duas espadas ou bordões, em estilo semelhante ao que também encontramos em Salamanca, sendo corrente afirmar-se que se trata de uma antiga hospedaria destinada a acolher os peregrinos.

A etapa foi curta, pelo que, no Posto de Turismo, tratamos de angariar toda a informação de interesse que nos permita desfrutar dos recursos de Sousel e aproveitar para descobrir o seu património.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Sousel
+351 268 550 100
- Junta de Freguesia de Sousel
+351 268 551 220

APOIO

- Banco/ATM
- Posto de Turismo de Sousel
- TAXI Táxis José Delfino Lda +351 268 539 231

PONTOS DE INTERESSE

- Pelourinho de Sousel
- Igreja do Convento de Santo António, também designada Igreja do Convento dos Paulistas, em Sousel
- Igreja Matriz de Sousel
- Igreja de Nossa Senhora da Orada
- Torre de Camões, aqueduto e tanque anexos

SAÚDE

- Centro de Saúde/Hospital
+351 268 550 160
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários: +351 268 550 030
 Guarda Nacional Republicana Sousel:
 +351 268 554 229

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

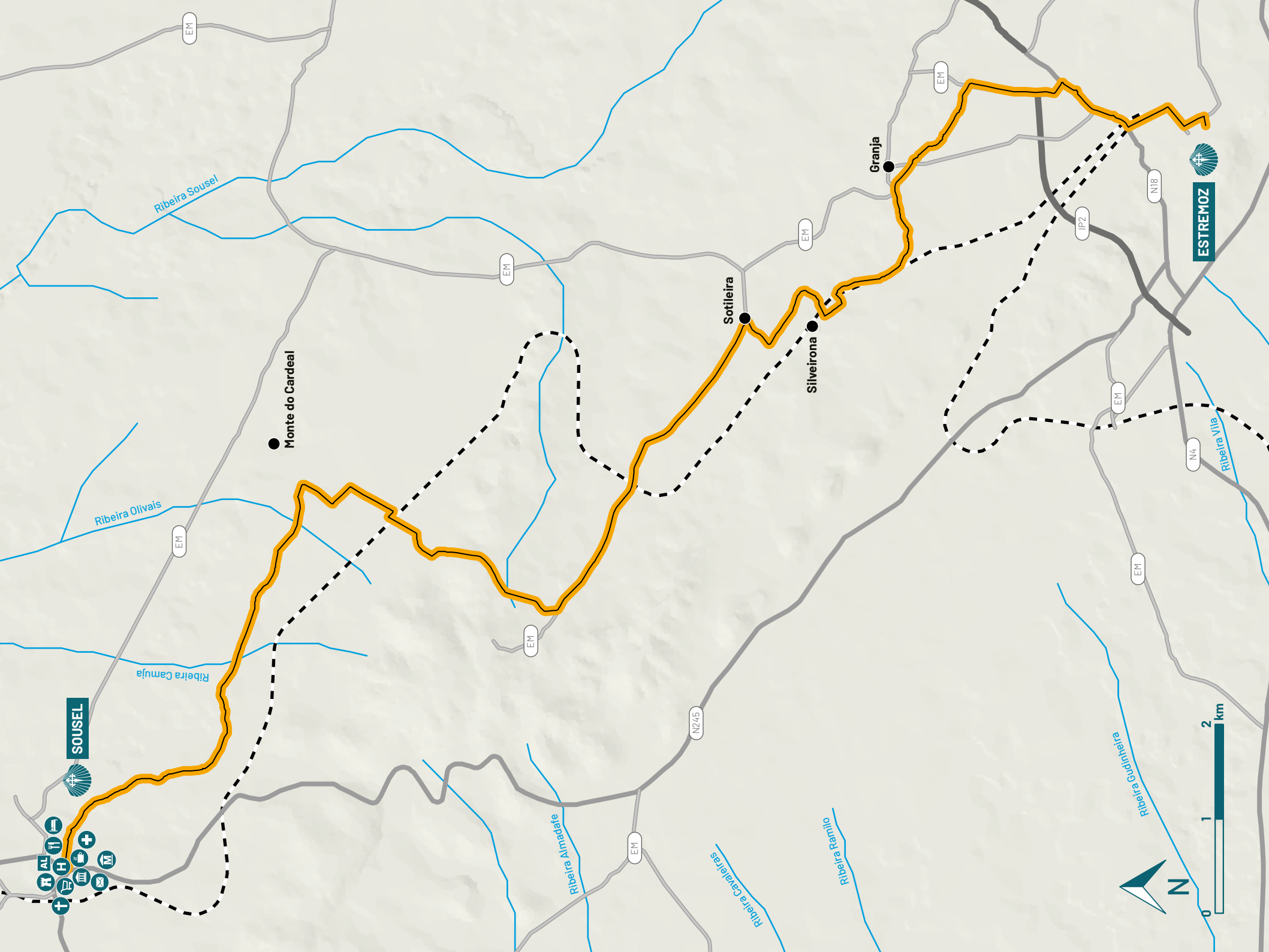


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



SOUSEL



Ribeira Sousa

Ribeira Olivais

Ribeira Camuja

Monte do Cardeal

Ribeira Cavelarias

Ribeira Alvares

Ribeira Gidinhreira

Ribeira Vila

Granja

Sotileira

Silveirona

ESTREMOZ



Sousel ► Fronteira

13

A caminho de Fronteira, vila alentejana cujos vestígios da ocupação humana remontam há mais de 10 mil anos, encontram-se outros vestígios, estes de um passado menos distante. Em 1384, estando a independência portuguesa ameaçada pelo cerco do rei de Castela e por uma invasão castelhana no Alentejo, Nuno Álvares Pereira, ao serviço do futuro rei D. João I, reuniu um exército de pouco mais de 1500 homens, 300 lanceiros e 100

besteiros. A batalha teve lugar no local pantanoso de Atoleiros, onde as tropas portuguesas adotaram a tática do quadrado e conseguiram, assim, suplantar um exército composto por três vezes mais soldados. A cavalaria castelhana, derrotada pelos lanceiros portugueses, começou a dispersar e a abandonar a batalha, saldando-se esta por uma vitória para o lado português, que preparou outras batalhas importantes nos

meses seguintes. No local onde decorreu a batalha existe um memorial, inaugurado a 6 de abril de 1979.

À entrada da vila, a fonte de São João serviu viajantes e peregrinos desde, pelo menos, o século XVIII. A sua atual configuração data de duas campanhas separadas entre si por quase dois séculos. A primeira ocorreu no tempo barroco, altura em que se definiu o espaldar principal, com frontão interrompido e dinâmico e escudo de armas relevado. O tanque do lado direito, também provido de frontão, tem uma conceção mais simples, com espaldar liso e frontão menos proeminente. No século XX, o segmento principal da fonte foi enriquecido com azulejos de padrão e definiram-se as guardas em granito que separam o espaço da fonte da via alcatroada.

É possível que a vila de Fronteira tenha sido fundada em 1226 por D. Fernando Monteiro, mestre de Avis. Dados mais concretos apontam para uma intervenção régia de D. Dinis em 1290. Certo é que a localidade recebeu foral novo de D. Manuel I em 1512, datando dessa data a construção do pelourinho, elemento patrimonial que simbolizava a autonomia municipal. O pelourinho está implantado num soco quadrangular de três degraus e é formado por fuste octogonal com capitel decorado



Pelourinho de Fronteira





Igreja e Hospital da Misericórdia

A igreja e hospital da Misericórdia constituem um conjunto monumental particularmente harmonioso em Fronteira. A igreja foi concluída em 1583 e, desse período maneirista, data o portal principal, em rigorosa austeridade, e os cunhais almofadados da fachada principal. No século XVIII, o conjunto foi bastante enriquecido, sobretudo nos elementos devocionais. Construiu-se assim um novo retábulo-mor, de talha dourada, deu-se nova configuração ao remate da fachada, em perfil contracurvado já rococó, realizou-se a cenográfica pintura que envolve o arco triunfal, em tons de azul e branco a enquadrar a pintura do Calvário ao centro, e construiu-se a tribuna dos mesários, em mármore. O hospital adossa-se à igreja pelo lado norte.

com esferas e remate em pinha semiesférica. O pelourinho foi desmantelado em 1865, por ordem da Câmara Municipal, e os elementos ficaram à guarda de um privado. Só na década de 30 do século XX é que se remontou o pelourinho, de acordo com a descrição que dele havia no *Livro do Tombo dos Bens* do Concelho de Fronteira.

Em 1571, o rei D. Sebastião ordenou que a igreja matriz de Fronteira, implantada no pátio do castelo, fosse ampliada. O comendador de Fronteira optou, então, por construir um novo templo, tendo as obras sido iniciadas em 1576, comandando os trabalhos o mestre António Góis. A campanha foi bastante rápida e estava praticamente finalizada em 1594, tendo resultado um amplo edifício, de tipo igreja-salão, de fachada monumental flanqueada por duas torres de dupla sineira cada. O recheio artístico data genericamente do século XVIII, como o retábulo-mor, em mármore branco e preto de Estremoz, ou a imagem de Nossa Senhora da Atalaia, orago principal da igreja.

e também...

Feira Medieval e Recriação Histórica da Batalha de Atoleiros

Em abril, Fronteira celebra o aniversário da Batalha de Atoleiros com uma feira medieval, em que recua até ao século XIX.

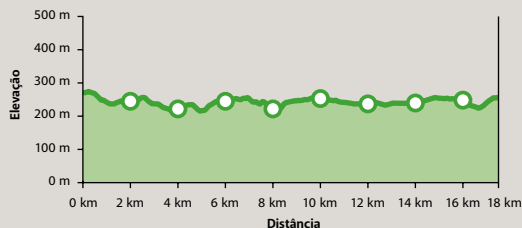
Festival de Balões de Ar Quente – Novembro

24 Horas TT – Vila de Fronteira

É uma das provas mais emblemáticas do circuito todo-o-terreno a nível nacional. Realiza-se anualmente, no final do mês de novembro, desde 1998. Uma prova de resistência, que assumiu o estatuto de grande festa do TT nacional, encerrando a temporada da modalidade.



Distância 18 km
Altitude máxima 274 m
Subida acumulada 199 m
Descida acumulada -213 m
Duração 4h30m
Dificuldade (0-5) 3



Retomamos o Caminho para Fronteira, descendo a Rua Fonte do Rodrigo e, de seguida, entrando à esquerda para o bairro do Galvão. A terra é avermelhada, e na paisagem, sem surpresa, persistem as grandes extensões de montado, olival e campos cerealíferos.

Seguimos 7 km pela planície verdejante e, ao chegar à estrada de Santo Amaro, encontramos a vila de Fronteira à nossa esquerda. A linha ferroviária continua a fazer-nos companhia e, nesta etapa, pagamos-lhe tributo seguindo “sobre” ela na longa reta de 4,5 km que antecede a chegada a Fronteira, pelo campo onde se desenrolou a Batalha dos Atoleiros, em 1384, uma batalha realizada em defesa do território nacional contra os castelhanos. Diz-se também que a cavalaria castelhana sofreu perdas elevadas, contrariamente às forças portuguesas, entre as quais não terá ocorrido uma única morte, mesmo durante o combate feito corpo a corpo! Esta lenda foi muito importante devido ao grande peso da religião na Idade Média, e significa uma prova do apoio de Deus.

Já desviados da linha de comboio, atravessamos a estrada N243, continuando pelo caminho vicinal até encontrarmos a N245, que vai desembocar à Rua de São João.

Depois, na Rua da Lagoa dirigimo-nos até à igreja de Nossa Senhora da Atalaia, famosa pelos seus altares decorados com imagens de madeira representando Nossa Senhora da Atalaia, Santa Ana, São Miguel e Santo António. Somos também testemunhas da riqueza local, através do mármore rosa-aurora e preto, presente no retábulo-mor, valiosas rochas portuguesas, ainda hoje extraídas nas pedreiras da região de Estremoz.

Em frente, subimos a Rua de Santa Maria até à Câmara Municipal de Fronteira, onde encontraremos a indispensável informação para fazer o planeamento da nossa estadia. A não perder, a curta distância, está a praia fluvial da Ribeira Grande e o seu centro de ecoturismo e, no caminho, a igreja da Senhora da Vila Velha, num morro onde se acredita ter sido o berço da vila.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Fronteira
+351 245 600 070
- Junta de Freguesia de Fronteira
+351 245 604 291

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Frontaxis
- Supermercado
- Monte dos Aroirais +351 245 605 149
- Segredo D' Alecrim +351 926 796 161
- Residencial a Estalagem +351 245 604 480

PONTOS DE INTERESSE

- Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros
- Atalaia de Malhada de Penas, Ribeira da Chaminé
- Torre do Relógio
- Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha

- Igreja da Misericórdia
- Igreja do Senhor dos Mártires
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Atalaia Fronteira
- Ribeira Grande

SAÚDE

- Centro de Saúde de Fronteira
+351 245 600 010
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Fronteira:
 +351 245 604 500
 Guarda Nacional Republicana: +351 245 604 135

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

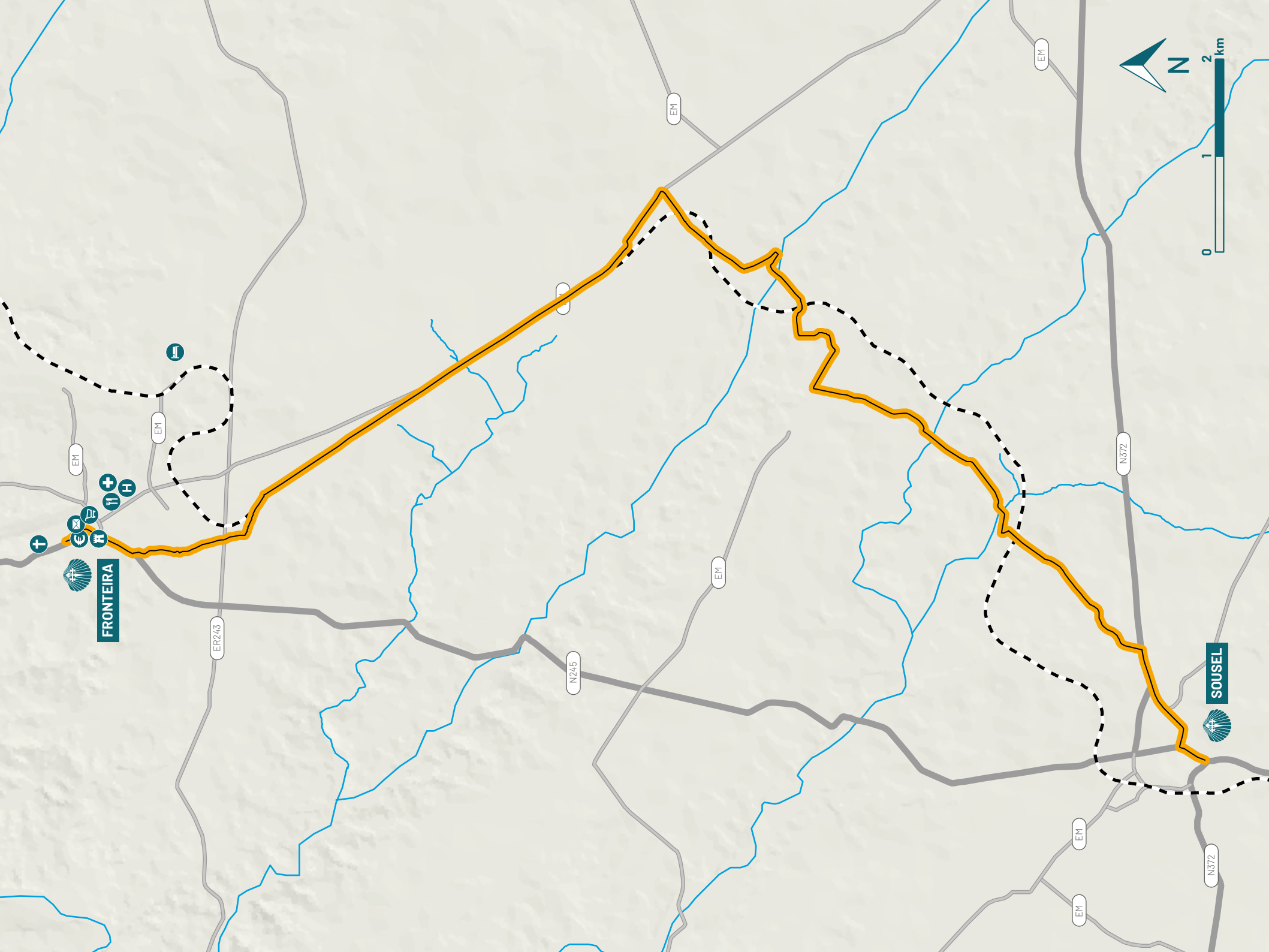


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



FRONTEIRA

SOUSEL

EM

EM

EM

N372

EM

N245

ER243

N372

EM

EM

1

0

2 km

N

Fronteira ► Cabeço de Vide

14

Segundo a lenda, foi no cabeço de um monte que os sobreviventes da peste que se seguiu a um ataque sarraceno se refugiaram e que, recuperando a saúde, dali em diante lhe chamaram “Cabeço de Vida”. É para Cabeço de Vide que caminhamos, onde o povoamento romano se sobrepôs a ocupações anteriores, conhecidas desde o Neolítico, e deixou a forte influência na região, passando aqui uma estrada subsidiária da importante via que ligava Lisboa a Mérida e que servia as Termas de Sulfúrea, onde foram encontradas ruínas de um balneário e muitos outros vestígios arqueológicos desta época.

Mais recentemente, foi também por este vale que andaram investigadores da NASA, quando se descobriu que o pH incomum (11,5) das águas hipercalinas deste local indicia condições hidrogeológicas muito semelhantes às da geologia detetada em Marte!



Termas de Sulfúrea

Cabeço de Vide tornou-se vila autónoma por foral passado por D. Manuel I em 1512. O pelourinho, símbolo da autonomia municipal, data dessa altura. É um elemento patrimonial simples e rústico, com fuste octogonal e remate cónico em forma de pinha. No capitel figuram dois pequenos escudos em relevo, simbolizando a aliança entre as armas da coroa e as do concelho. O pelourinho

deve ocupar o local para o qual foi projetado, diante da antiga casa da câmara e cadeia, nas imediações do castelo.

Um castelo que, ainda que não sejam conhecidas as razões que levaram à sua construção, deve datar de uma época avançada na Idade Média, presumivelmente o século XIV. O portal principal, aberto na fachada sul, ostenta a

cruz da Ordem de Avis. No interior, subsistem estruturas habitacionais, uma cisterna e um poço, o que atesta a ocupação do interior do recinto durante os tempos finais da Idade Média. Terá sido provavelmente nesta altura que se envolveu o castelo com uma barbaca, última etapa de constituição da fortaleza antes da sua perda de utilidade face à guerra de probalística que triunfou na



Península Ibérica a partir do século xvii.

Nesta pacata vila de calçada antiga e casinhas medievais encontramos a Capela do Calvário, um curioso templo de planta circular, edificado em momento não determinado dos séculos xvi ou xvii. É possível que a sua construção tenha sido determinada por uma romaria regional ao lugar do Calvário, mas, em 1758, essa tradição já se havia perdido. Nesta data, a capela não tinha qualquer festividade e era pertença da Ordem de Avis. No interior, salienta-se a cúpula pintada de azul celeste e a pintura com representação do Calvário.

E encontramos ainda a Igreja de Nossa Senhora das Candeias, que já existia em 1538, altura em que o pároco era Pedro Leborato, um professo da Ordem de Avis. O templo, embora algo singelo, possui elementos do século xvi, em concreto o portal principal, que é de lintel reto encimado por dois pequenos pináculos nas extremidades e cruz a eixo. O interior é de nave única, porém alargando-se em capelas próximo da cabeceira. Os retábulos são tardo-barrocos e profusamente policromados, sendo o retábulo-mor aberto por grande trono com a imagem do orago.

Igreja do Espírito Santo

Uma vaga tradição dá conta de que a igreja já existia em 1211, o que é de duvidar. O monumento foi integralmente reconstruído em meados do século xvi, segundo um projeto manuelino de gosto mudéjar, como se testemunha pelas ameias que sobrepujam as fachadas do templo. O portal principal, em arco de volta perfeita moldurado, inscreve-se já na transição para o gosto renascentista. O interior é de nave única coberta por abóbada nervurada, datando o retábulo-mor já do século xix. No adro da igreja exhibe-se um cruzeiro quinhentista, contemporâneo da construção do templo, coroado por cruz na qual se retratou Cristo Crucificado e Nossa Senhora da Piedade, sendo o conjunto encimado por uma pomba do Espírito Santo.



Capela da Senhora dos Anjos

e também...

Festa de Verão de Cabeço de Vide – Julho

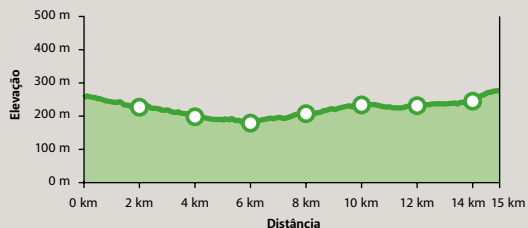
Termas da Sulfúrea de Cabeço de Vide

Conhecidas desde a ocupação romana, as Termas da Sulfúrea são hoje um importante centro terapêutico e

de lazer, enquadrado num belo jardim e na paisagem alentejana e indicado para doenças osteo-articulares e reumatismais, das vias respiratórias superiores e inferiores, alérgicas e de pele.



Distância 15 km
Altitude máxima 279 m
Subida acumulada 167 m
Descida acumulada -144 m
Duração 3h30m
Dificuldade (0-5) 2



Esta é uma etapa que gostamos de fazer em dias quentes. Curta e plana, pela nova ecopista que substituiu a linha ferroviária desativada, e a terminar com a frescura de um mergulho na piscina fluvial de águas medicinais das Termas da Sulfúrea! Animados com esta perspectiva, descemos pela avenida dos Heróis dos Atoleiros em direção à antiga estação ferroviária. No trajeto, temos a oportunidade de visitar o Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros. Neste museu, descobrimos os heróis anónimos desta decisiva batalha na História. Através de tecnologia especial, sentimo-nos no centro do campo de batalha e vemos o decorrer da famosa “tática do quadrado”, uma técnica militar de inspiração inglesa, que levou o exército português à vitória.

No final da avenida, entramos na ecopista, à esquerda, junto ao antigo posto de cancela que fechava a Estrada de Santo Amaro quando ia passar o comboio. Trocamos a urbe pelo campo e circulamos tranquilamente ao lado de sucessivos montes, como se de comboio fôssemos. Entre as oliveiras, cereais e ribeiras, o Caminho leva-nos até à ponte

sobre a Ribeira Grande, de onde se obtêm boas perspetivas fotográficas sobre este vale verdejante. Ao longe, no horizonte, a vista já alcança o nosso destino, as casas brancas de Cabeço de Vide.

Ao quilómetro 10 desviamo-nos da ecopista para subir a Rua da Associação até à entrada de Cabeço de Vide. Duzentos metros percorridos, chegamos a um cruzamento e temos a possibilidade de escolher a via da direita, que a tabuleta indica dirigir-se para a Quinta do Cabeçote e que também dá acesso direto e mais rápido às Termas da Sulfúrea. Se estivermos bem de abastecimentos e decididos a pernoitar nas termas, esta pode ser uma alternativa a ponderar. Naquela quinta, não podemos perder a demonstração de falcoaria, antiga arte que subsiste em alguns locais do Alentejo e Ribatejo. A sudoeste, na Barragem da Póvoa, podemos também, com o material da quinta, pescar fartos barbos e achigãs.

Caso contrário, ou se preferirmos conhecer primeiro a frondosa vila de Cabeço de Vide, subimos a Rua da Associação para, logo

a seguir à Praça de Touros, virar à direita até à larga Avenida da Libertação. Decididos a explorar todos os recantos da vila, subimos pela avenida até à junta de Freguesia, sensivelmente a meio, do lado esquerdo. Já de saco cheio e todas as vielas calcorreadas, descemos pela

Rua do Santo Mártir e, depois, por uma estreita azinhaga rural até ao local das termas. Antes de o dia terminar, ainda vamos a banhos nestas águas únicas no país, momento apreciado pela parte de nós que, literalmente, mais “perto” fica do Caminho!

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia de Cabeço de Vide
+351 245 634 206

APOIO

TAXI Frontaxis
 Supermercado
 Forja Bar

PONTOS DE INTERESSE

Igreja do Espírito Santo
 Igreja Matriz de Cabeço de Vide
 ou Igreja de Nossa Senhora das Candeias de Cabeço de Vide
 Fortaleza e Castro de Cabeço de Vide

Torre do Relógio de Cabeço de Vide
 Castelo de Cabeço de Vide
 Cruzeiro de Cabeço de Vide

SAÚDE

Posto Local de Saúde Atendimento de Cabeço de Vide
 Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Guarda Nacional Republicana de Cabeço de Vide: +351 245 634 103

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

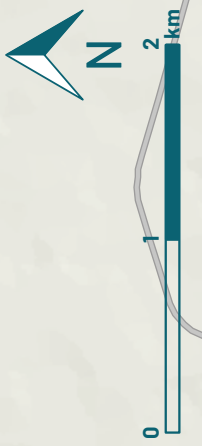
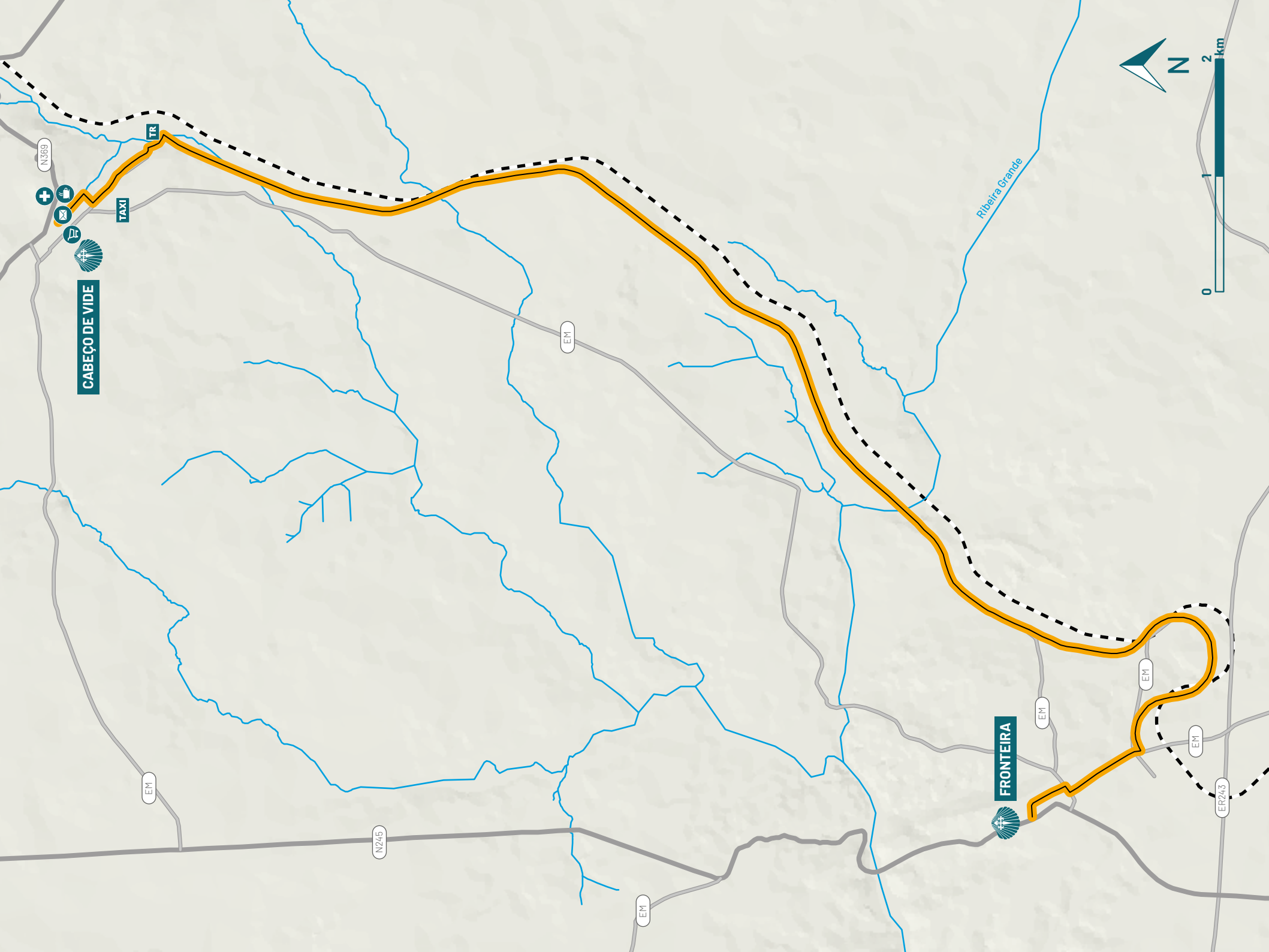


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Ribeira Grande

FRONTEIRA

CABEÇO DE VIDE

TR

TAXI

N369

EM

EM

N245

EM

EM

EM

EM

ER243



Cabeço de Vide ► Alter do Chão

15



Castelo de Alter do Chão

A caminho de Alter do Chão passamos por Alter Pedroso, que recebeu foral em 1216 e deve ter sido a partir dessa data que se ergueu o castelo, possivelmente por iniciativa da Ordem de Avis, em cujas possessões a vila se implantava. Desconhece-se a marcha das obras nas décadas seguintes, sabendo-se apenas que, em 1662, em plena guerra entre Portugal e Espanha, a fortaleza estava totalmente desguarnecida e foi arrasada pelas tropas invasoras. É muito pouco o que resta da fortificação, limitada a vestígios de muralha, que formavam um perímetro originalmente elíptico, e a principal porta de acesso ao interior, de perfil gótico. Também no interior do recinto subsistem restos de uma primitiva igreja dedicada a São Bento, de onde

procede a imagem do santo que se encontra na igreja de Nossa Senhora das Neves. Ainda é também visível uma cisterna, seguramente medieval, e o cemitério da localidade, desativado no século XIX e que deve ter sido implantado sobre a necrópole paroquial medieval.

Já em Alter do Chão, fundado como concelho em 1232, no reinado de D. Sancho II, encontramos o Chafariz dos Bonecos, construído em 1799 por iniciativa da Câmara local, que promoveu também a chegada das águas ao tanque. É um chafariz de monumental espaldar, tripartido, com eixo central a dois registos, o superior bastante decorado com cartelas que integram inscrições alusivas à construção e medalhão de

estilo rococó, com a efigie do príncipe regente D. João (futuro D. João VI). Os primeiros frades franciscanos chegaram a Alter do Chão em 1614 e ocuparam o que viria a ser o Convento de Santo António em 1617, depois de o cenóbio ter sido fundado por D. Teodósio II, duque de Bragança. O convento cresceu em importância e património, tendo sido objeto de grandiosas obras no século XVIII. Nessa altura, acrescentaram-se alas conventuais, renovaram-se elementos devocionais no interior da igreja e abriu-se a capela do Senhor dos Passos. A igreja é de nave única, antecedida por nártex encerrado e fachada monumental de três registos, o último dos quais puramente decorativo e destinado a reforçar a verticalidade da frontaria. No



interior, destaca-se o retábulo-mor, em mármore branco e preto. Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, o convento foi vendido em hasta pública e albergou uma unidade fabril. Hoje, está convertido em unidade hoteleira.

De origem islâmica, o castelo de Alter do Chão recebeu novo impulso no reinado de D. Afonso II, quando a vila foi conquistada pelas tropas portuguesas, ao redor de 1216. O processo de povoamento estava em marcha em 1232, ano em que o bispo da Guarda passou carta de foral à vila. O castelo, que recebeu importantes obras na transição para o século XIV, foi mandado reformular por D. Pedro I por volta de 1357, como se depreende por uma inscrição que se encontra sobre a porta principal de acesso à fortaleza. A configuração do monumento é tipicamente gótica, com recinto de planta quadrangular, já plenamente racional. A torre de menagem associa-se ao portal principal e o seu interior é acessível apenas ao nível superior, por linha de adarve que percorre a muralha. A importância estratégica regional de Alter do Chão justificou a sua doação a Nuno Álvares Pereira, que promoveu novas obras no conjunto fortificado.



Igreja de Nossa Senhora das Neves

Construída no século XV, sobre um saliente afloramento rochoso, em Alter Pedroso, a igreja foi substancialmente transformada nos séculos XVII e XVIII. A fachada principal é austera, com portal de arco de volta perfeita sobrepujado por vertical janelão, enquanto do lado sul se ergue uma robusta torre sineira. O interior é de nave única, com cobertura de caixotões. O retábulo-mor é ainda de finais do século XVII, enquanto os retábulos laterais, que flanqueiam o arco triunfal, são já da centúria seguinte.

e também...

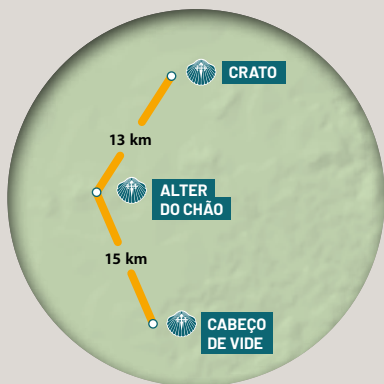
Feira de São Marcos – Abril

Festas de Verão – Agosto

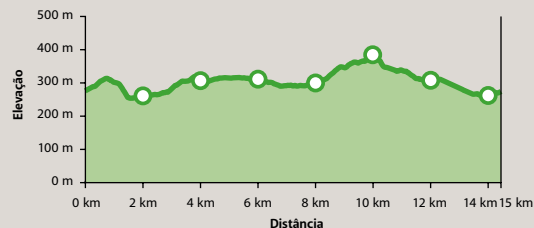
Centro Interpretativo da Estação Arqueológica de Alter do Chão

O Centro Interpretativo da Estação Arqueológica

de Alter do Chão foi inaugurado em maio de 2010, sendo espaço de exposição para o material recolhido durante a intervenção arqueológica feita no âmbito do projeto de recuperação e no decorrer de outras intervenções.



Distância 15 km
Altitude máxima 389 m
Subida acumulada 242 m
Descida acumulada -246 m
Duração 3h45m
Dificuldade (0-5) 3



A etapa de hoje é só aparentemente mais “curta” e fácil, mas serão cerca de 13 km por terrenos mais acidentados. Tão-pouco teremos qualquer ponto de abastecimento, com exceção de disponibilidade de água e WC em Alter Pedroso. Contudo, trata-se de um percurso com outros cambiantes naturais. Comemos e dormimos nas Termas da Sulfúrea, à saída das quais atravessamos a estrada e viramos para a esquerda, numa rua asfaltada, desviando novamente para a esquerda, agora já em caminho de terra batida.

Atravessamos um portão que nos dá acesso aos domínios da herdade do Monte das Ferrarias e, sempre em frente, chegamos às instalações do monte. Atravessamos pelo meio sem reagir a alguns cães e, pouco depois, saímos da herdade e entramos no concelho de Alter do Chão. Findo um quilómetro de bosque de pinheiros mansos, desviamos à direita para um campo cerealífero, no qual o Caminho está pouco definido. No final, uma porta d’homem permite-nos aceder ao terreno seguinte e, encostados à cerca, desviamos à esquerda até atravessarmos uma insignificante ribeira. Percorremos agora

um montado disperso, quando, à nossa frente, dezenas de bovinos se deslocam vagarosamente. Sabemos que são mansos... exceto quando as fêmeas sentem as suas crias em risco! Caminhar devagar, em silêncio e sem gestos bruscos é a postura correta. E se algum vitelo mais curioso vier ter connosco, deveremos estancar até que lhe passe o atrevimento. O Caminho atravessa agora um descampado e somos obrigados a aguardar que a manada nos deixe prosseguir, subindo depois a colina até ao estradão particular da herdade, que atravessamos. Passado o portão por uma porta d’homem lateral, saímos da propriedade diretos ao centro desta tranquila aldeia, na Rua do Forno. Passamos na igreja, mas não saímos da aldeia pela Estrada da Fonte sem antes subir às ruínas do antigo castelo e capela.

Descobrimos o marco geodésico e subimos, de acordo com a placa que indica “miradouro”. Com Alter Pedroso nas costas, iniciamos a descida pelo asfalto da Estrada da Fonte mas, logo que se apresenta a tabuleta indicadora, viramos à direita para a anta de Alter Pedroso. Mais à frente, encontramos a anta pré-histórica, as ruínas do monte e uma portada

à esquerda, na cerca, que dá acesso ao estradão que corre do lado norte do Monte dos Tapadões.

Pouco mais de um quilómetro até à vila, na qual entramos pela estrada junto ao cemitério.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Alter do Chão
+351 245 619 160
- Junta de Freguesia de Alter do Chão
+351 245 612 385

APOIO

- Banco/ATM
- CTT
- Posto de Turismo +351 245 610 004
- Táxi

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja do Convento de Santo António
- Igreja do Senhor Jesus do Outeiro
- Igreja de São Francisco
- Capela e Hospital da Misericórdia
- Capela de Santana
- Villa Romana da Quinta do Pião

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.

- Largo Barreto Caldeira
- Necrópole Tardo-Antiga
- Casa do Álamo e Jardins
- Coudelaria de Alter: Casas Altas
- Ruínas das Muralhas do Castelo de Seda
- Clube do Património
- Ponte Romana de Vila Formosa
- Vestígios do Castelo de Alter Pedroso
- Casa da Medusa (Estação Arqueológica de Alter do Chão)
- Castelo de Alter do Chão

SAÚDE

- Centro de Saúde de Alter do Chão
+351 245 619 160
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Associação Humanitária de Bombeiros
 Voluntários de Alter do Chão: +351 245 612 314
 Guarda Nacional Republicana: +351 245 612 162



ALTER DO CHÃO

Alter Pedroso

Monte das Ferrarias

CABEÇO DE VIDE



Alter do Chão ► Crato

16



Varanda do Grão Prior

Aqui, na antiga *Ucrate*, tomada aos mouros no século XII, e doada à Ordem dos Cavaleiros Hospitalários de Malta logo de seguida, está omnipresente a Cruz de Malta, atestando a importância que a vila teve no período medieval do Grão-Priorado do Crato, o qual incorporava uma extensa região que se estendia no que é hoje já parte da região Centro de Portugal.

A vila do Crato foi conquistada por tropas portuguesas ainda

no século XII, mas só a partir da doação à Ordem do Hospital, em 1232 é que arrancou o povoamento da localidade e região. O castelo deve ter sido construído entre aquela data e 1270, ano em que a vila recebeu foral por parte dos hospitalários. A importância do Crato para a ordem determinou muitas mais obras na fortaleza, para albergar o priorado (constituído em 1340) e, pouco depois, a própria sede da ordem, estatuto de que desfrutou a partir de 1350. Na segunda metade do

século XIV continuaram as obras, nomeando-se mesmo uma vala e uma barbacã. No século XV, o castelo do Crato foi palco de um episódio marcante na guerra entre o regente D. Pedro e o seu sobrinho, futuro D. Afonso V: o prior da ordem do Hospital albergou a rainha viúva D. Leonor de Aragão, e o regente D. Pedro ordenou a destruição da fortaleza como represália. A relevância estratégica da vila determinou a adaptação do castelo a fortificação abaluartada, a partir de 1642, mas as obras



não estavam ainda terminadas vinte anos depois, quando a vila foi cercada e arrasada por D. João de Áustria. Por essa razão, é muito pouco o que resta do castelo; além de ruínas de torres, uma cisterna, arcadas da casa do governador.

Na posse da Ordem do Hospital, a vila de *Ucrate* viu nascer a sua igreja matriz em meados do século XIII, como se depreende de uma inscrição que se encontra na nave do templo e que ostenta a data de 1287. O atual edifício resulta, todavia, de uma grande reforma realizada a partir de meados do século XV. Nessa altura, o prior Frei Vasco de Ataíde ordenou a reedificação da igreja, que adquiriu então um corpo de três naves. Um século depois, foi a vez de o infante D. Luís patrocinar a construção de uma nova capela-mor, numa campanha que se terá prolongado pela fachada principal, como se testemunha pelo portal principal renascentista que integra o escudo da família Ataíde e Melo. No interior, salienta-se o abobadamento do corpo, efetuado em 1891, o teto de caixotões da capela-mor, com pinturas alusivas à Ordem do Hospital, e os azulejos azuis e brancos, com representações da Vida da Virgem, datados de meados do século XVIII.



Museu Municipal do Crato

Na zona histórica do Crato, instalado num palácio setecentista que, pela sua beleza, possui uma exposição permanente sobre a história da região, desde as primeiras ocupações pré-históricas até sensivelmente à época barroca, o Museu Municipal do Crato é um espaço recente, inaugurado em 2000, que se encontra dividido em três pisos. Logo à entrada, o visitante pode descobrir os vestígios da época megalítica e do período romano. O primeiro andar oferece uma sala dedicada à ordem de Malta e um espólio proveniente do Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, enquanto um piso mais acima pode descobrir uma exposição etnográfica dedicada às atividades agrícolas e industriais do concelho do Crato, com vestígios de tradições que se mantêm até aos dias de hoje e uma sala para exposições temporárias.

Nesta vila, a estação ferroviária entrou em funcionamento em 1863, e era um ponto de paragem na ligação entre Abrantes e Elvas (hoje entre o Entroncamento e

Badajoz). A linha do leste, como ficou conhecida, está há muito sob a ameaça de encerramento ao tráfego de passageiros.

e também...

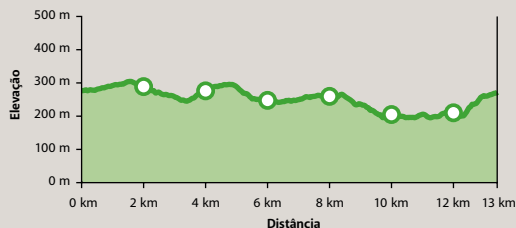
Festival do Crato

Todos os anos, no final do mês de agosto, o Festival do Crato leva milhares de pessoas à histórica vila alentejana.

Aos espetáculos musicais junta-se a Feira de Artesanato e Gastronomia, que configura mais um motivo para conhecer o que de melhor se faz nesta região.



Distância 13 km
Altitude máxima 306 m
Subida acumulada 218 m
Descida acumulada -221 m
Duração 3h15m
Dificuldade (0-5) 2



Não queríamos perder a oportunidade de visitar uma das mais famosas coudelarias da Europa, a cerca de 4 km de Alter do Chão, pelo que aproveitamos a manhã para efeito. De regresso, saboreamos uma gulosa Fatia da China em pastelaria local e deixamos a romana "Abelterium" por uma azinhaga rural, ao longo de menos de um quilómetro, até o trilho desembocar na estrada nacional N245, sem bermas e com algum trânsito. Com muito cuidado, percorremos os cerca de 2 km de asfalto até ao nó de ligação à via rápida IC13 e atravessamos as rotundas tão rapidamente quanto possível.

Continuamos do outro lado, ainda na estrada mas mais tranquilos, quase sem trânsito, mesmo que com algum esforço devido à subida do morro de São Lourenço. Pelo caminho, os antigos "paralelos" de pedra negra que calcetavam as antigas estradas portuguesas substituem o asfalto e, ao longe, avistamos o nosso destino, o Crato. Começamos a descer e pouco à frente encontramos uma tableta a indicar um desvio para a esquerda, o caminho do Murtal, por onde seguimos ao longo da cerca. À esquerda, no topo da colina e junto a uma

azinheira, desvendamos a localização da Anta do Crato, também conhecida localmente por Anta do Couto dos Andreiros, mas muitas outras poderíamos identificar nesta região rica em património megalítico.

Chegamos então a um bosque de eucaliptos que nos acompanha até à travessia a vau de uma ribeira (a de Linhais), mesmo ao lado da ponte ferroviária, cuja linha vamos depois seguir num trilho estreito até a atravessarmos. Pouco à frente, o Caminho entra em zona de sombra, ao longo da ribeira de Seda, e surpreende-nos com a medieval Ponte Velha do Prado. Mais à frente, reencontramos a nossa conhecida N245 mas, ao invés de a seguir, inpletimos para um trilho à esquerda, que nos leva até à ponte romana do Chocanal. Enfrentamos a valente subida, tendo como referência uma alta chaminé fabril, e voltamos à N245, mesmo ao largo das Portas de Seda do Crato.

Continuamos a subir, agora pela Rua de Santa Maria, passamos a igreja matriz e, antes de virar à esquerda, podemos ver as ruínas do antigo castelo à direita. Chegamos à Praça do Município e ao fim da etapa de hoje.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal do Crato
+351 245 990 110
- Santa Casa da Misericórdia do Crato
+351 245 990 070

APOIO

- CTT
- Banco/ATM
- Posto de Turismo Municipal
+351 245 997 341
- Táxi +351 245 996 375
- Supermercado

PONTOS DE INTERESSE

- Museu Municipal
- Casa Museu Padre Belo
- Estação de Caminhos de Ferro
- Fonte da Bica – Vale do Peso
- Varanda do Grão-Prior
- Fonte Nova – Vale do Peso
- Ponte do Chocanal

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt



- Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa
- Igreja Paroquial – Vale do Peso
- Igreja Matriz do Crato ou Nossa Senhora da Conceição
- Igreja Paroquial de Flor da Rosa
- Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso

SAÚDE

- Centro de Saúde +351 245 990 090
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

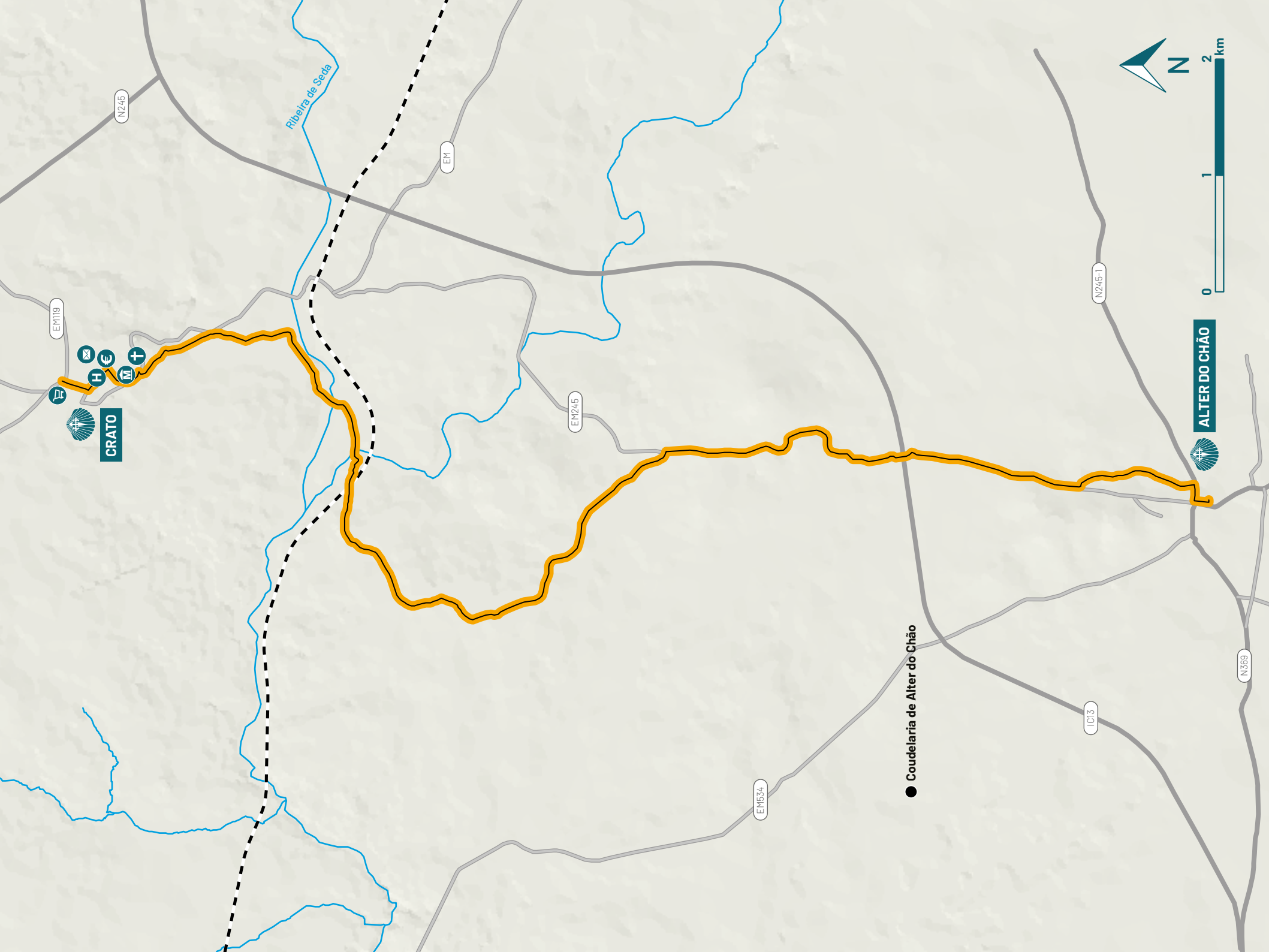
Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários do Crato:
 +351 245 990 030
 Guarda Nacional Republicana do Crato:
 +351 245 996 275

CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



ALTER DO CHÃO



● **Coudelaria de Alter do Chão**

Ribeira de Sedes

EM119

EM245

N245-1

EM245

IC13

N369

EM534

CRATO

EM119



Crato ► Alpalhão

17

Esta etapa tem início na vila do Crato, que tem como ponto de destaque o Mosteiro de Flor da Rosa, a mais importante igreja-fortaleza medieval portuguesa, concebida para sede da Ordem do Hospital no país e à qual se associava um mosteiro e um paço.

Alpalhão

Alpalhão é uma pequena vila do concelho de Nisa, situada na planície entre a serra de São Mamede e o rio Tejo, que integrou os domínios da Ordem dos Templários, sendo conhecida pelos benefícios das suas águas

termais (a alguns quilómetros de distância, nas Termas da Fadagosa), pela qualidade do queijo tradicional e pelos trabalhos artesanais.

A iniciativa da Bienal da Pedra aproveitou igualmente o granito azul da região para deixar inúmeras esculturas espalhadas pela vila, entre as quais um intrigante dedo a apontar o céu ("Dedo de Deus") no adro da igreja matriz.

Nesta pitoresca vila, que engloba um invejável património, encontramos a Capela do Calvário. O cruzeiro quinhentista evoca os âmbitos funerários, não apenas por apresentar Cristo crucificado numa face, como pelo recinto circular a que se associa, que recorda a planta do Santo Sepulcro. A outra face do cruzeiro exhibe São João Evangelista amparando a Virgem. O conjunto dispõe ainda de uma capela que se implanta sobre um afloramento granítico.

Segundo uma inscrição na torre sineira, a Igreja da Misericórdia foi construída em 1511 e localiza-se no início da Rua da Carreira, principal artéria para quem chegava à localidade pelo lado sul. A capela-mor ainda preserva o abobadamento original, de feição manuelina, com a cruz da Ordem de Cristo no fecho. No século XVIII, o conjunto religioso foi atualizado esteticamente,



Mosteiro de Flor da Rosa

Começou a ser construído depois de 1356, por determinação do então grão-prior Álvaro Gonçalves Pereira, a quem se deveu a transferência da sede de Leça do Balio para Flor da Rosa. De planta em cruz grega, com capela-mor ligeiramente mais profunda, a igreja surpreende pela verticalidade, robustez e ausência de decoração. As restantes parcelas do conjunto foram muito transformadas no século XVI e o paço arruinou-se em 1615. A igreja foi também restaurada no século XX, depois de ter parcialmente desabado em 1897. As principais obras ocorreram na década de 90 do século XX, altura em que as dependências monásticas foram adaptadas a pousada e a núcleo museológico composto por esculturas medievais do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga.



incluindo-se o lavabo da sacristia, datado de 1759.

Já a igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Graça, tem origem medieval, mas o seu aspeto atual é resultado de uma reforma consumada na época barroca. No interior, destacam-se o altar consagrado a Nossa Senhora das Candeias e a imagem da padroeira, no altar-mor.

Castelo de Alpalhão

Fundado por D. Dinis ao redor de 1300, o castelo de Alpalhão espelha a autoridade régia numa área tradicionalmente dominada pelas ordens militares: a do Hospital, a sul (Flor da Rosa), e a do Templo, a norte (Nisa). Os Templários estabeleceram uma comenda na vila, que passou à Ordem de Cristo no século xiv. O conjunto fortificado recebeu grande reforma entre 1492 e 1511, no tempo do comendador Fernão da Silva. Com sinais de abandono no século xviii, a fortaleza estava já bastante arruinada em 1874, dela restando hoje escassos vestígios.



e também...

Feira dos Enchidos Alpalhão – Março

Festas de Verão – Agosto

Casa do Brinquedo

A Casa do Brinquedo, que reúne mais de duas centenas de brinquedos antigos feitos de arame, pedra ou bonecas de trapos e de porcelana, fica localizada na antiga cadeia, no edifício contíguo ao da Junta de Freguesia.

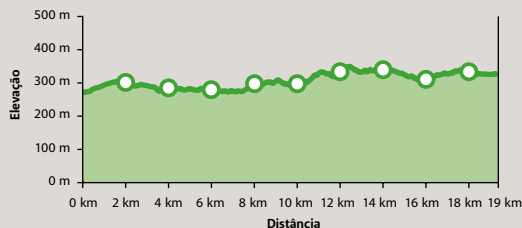
Cada brinquedo tem uma história e uma ficha própria que informa sobre a data e a pessoa que o ofereceu,

bem como relaciona e descreve os jogos infantis em que era utilizado, proporcionando, deste modo, não uma, mas muitas “viagens” à infância.





Distância 19 km
Altitude máxima 349 m
Subida acumulada 238 m
Descida acumulada -183 m
Duração 4h45m
Dificuldade (0-5) 3



Por estrada deixamos o Crato em direção à Flor da Rosa mas a história do Santo Condestável persegue-nos... Desviando para um carreiro entre muros, o Caminho abre-se na ampla praça principal da vila, passando a igreja matriz (com uma réplica da sua espada no frontispício) e afrontando o imponente Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa (ver imagem), hoje convertido em excelente Pousada. Vale a pena deter-se algum tempo a conhecer a mais importante igreja-fortaleza de Portugal e aproveitar para desfrutar de um café na confortável esplanada no jardim do hotel, caso não tenha sido já este o seu local de pernoita.

Proseguimos o Caminho acompanhados de uma extensa paisagem bucólica e rural, em algum momento cruzado por uma ribeira sazonal que se transpõe através de uma rústica ponte pedonal de construção muito antiga. Daí até Vale do Peso é uma caminhada tranquila, em que os campos lavrados alternam com matas plantadas de pinheiros e eucaliptos. Nesta aldeia, aproveite para descansar, conhecer a Casa do Peso e abastecer-se, pois até Alpalhão

não terá outra oportunidade. Após a Fonte da Bica, o Caminho torna-se mais solitário, atravessando a estrada nacional e a linha de caminho de ferro como únicas referências distintas das matas circundantes, até encontrar a ribeira de Sôr, que assinala a entrada no concelho de Nisa. Com Alpalhão a pouca distância, refrescamos-nos na Fonte da Feteira, adornada com a vieira que identifica o Caminho, o que se confirma logo à frente com a primeira placa vermelha a indicar o GR 40 "Caminho português Interior de Santiago – Etapa de Nisa".

Entramos em Alpalhão pela Rua da Carreira (Carreira=carreiro/via, de Santiago neste caso), com termo no Largo de Santiago. Aqui encontramos a Igreja do Espírito Santo, também chamada da Misericórdia, cujo interior ostenta uma imagem do Apóstolo, que tudo indica ser a do "Santiago Peregrino do Manto".

Daqui seguimos até à igreja matriz e ao final da nossa etapa, por ruas de típico casario alentejano caiado de branco, alegrado por coloridas faixas que emolduram janelas e portas, de feição rural ou senhorial.

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Junta de Freguesia de Alpalhão
+351 245 742 154

APOIO

CTT – Alpalhão

TAXI Praça de Táxis de Nisa +351 245 412 186

PONTOS DE INTERESSE

- Capela de São Pedro
- Capela de São Sebastião
- Cruzeiro de Alpalhão
- Capela do Calvário
- Capela Nossa Senhora do Bom Despacho
- Capela de Nossa Senhora de Redonda
- Igreja Matriz
- Casa Museu
- Fonte da Feteira
- Fonte Nova
- Fonte de Baixo
- Torre do Relógio

- Ribeira de Figueiró
- Ribeira de Sor
- Vereda da Sardinheira

SAÚDE

- Extensão de Saúde de Alpalhão
+351 245 742 121
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros Voluntários de Nisa: +351 245 412 303
 Guarda Nacional Republicana: +351 245 742 225

www.visitalentejo.pt

www.visitribatejo.pt

www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

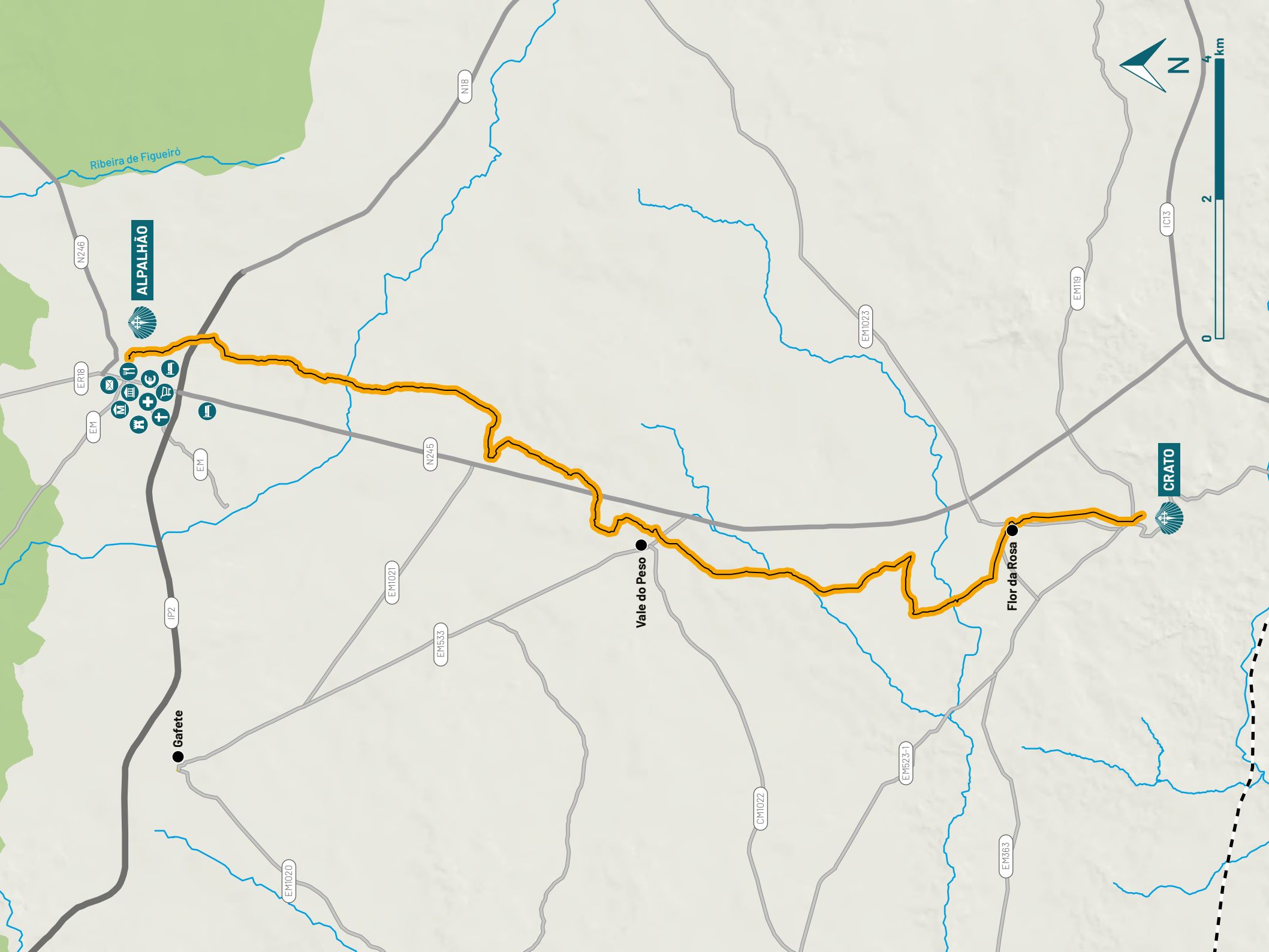


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Ribeira de Figueiró

ALPALHÃO

CRATO

Gafete

Vale do Peso

Flor da Rosa



Alpalhão ➤ Nisa

18



Olaria de Nisa

A herdade da Açafa, onde viria a nascer Nisa, foi doada à Ordem do Templo por D. Sancho I. Por volta de 1290, D. Dinis ordenou que a vila de Nisa fosse refundada no vale do Azambujal, alguns quilómetros a sul de Nisa-Velha. Data, assim, de finais do século XIII a construção da cerca defensiva da vila. As obras foram dirigidas por Lourenço Martins, mestre da Ordem do Templo, que ergueu uma cerca tendencialmente quadrangular, reforçada por torres. Este sistema defensivo foi objeto de várias campanhas renovadoras em 1343, 1512 e 1646. Nesta última data, no contexto de guerra com Espanha, ergueu-se uma segunda linha de muralhas que

abrangeu o arrabalde da vila, criando assim os dois rossios (de dentro e de fora), que ainda hoje caracterizam o urbanismo de Nisa. Ainda se conserva parte da Porta de Santiago, que era de arco apontado e flanqueada por duas torres quadrangulares, e o culto ao apóstolo mantém-se no topónimo Rua de Santiago, do lado norte da vila.

Nisa dispôs de uma albergaria para viajantes, doentes e peregrinos desde 1218, fundada pelo mestre da Ordem do Templo D. Pedro Alvitis. Após a extinção dos templários, a albergaria foi gerida por uma confraria local até ser integrada no património da Misericórdia.

Esta foi fundada em 1520 e passou a gerir todos os bens daquela albergaria medieval. A igreja data de inícios do século XVI, segundo um modelo simples e sobretudo funcional. O portal principal foge a esta regra, por ser bastante decorado e por se integrar no formulário renascentista: inscrito em alfiz, ladeado por colunas, possui motivos italianizantes, chamados "grotescos", constituindo um dos mais emblemáticos portais da vila. O espaço interior da igreja é relativamente pequeno e compõe-se de nave e capela-mor. As paredes laterais integram tribunas para os irmãos da Misericórdia, varandins de madeira que permitiam aos

mesários assistir comodamente aos ofícios religiosos. A capela-mor foi bastante enriquecida

em 1791, apresentando por isso um património artístico de gosto rococó, sobretudo o seu

retábulo-mor, de madeira branca e policromada, com tribuna central.



Capela de Santo António

À entrada da vila de Nisa, a capela de Santo António foi construída no século xv, mas foi objeto de muitas alterações ao longo dos séculos. Preserva o nártex quadrangular, acessível por arco apontado, no qual se acolhiam viajantes de toda a espécie. No interior, preserva-se também de época gótica a abóbada nervurada, cujo fecho ostenta a cruz da Ordem de Malta. O acesso ao templo propriamente dito data do século xvii, tal como algum recheio artístico. Em 1892, o adro foi arborizado, e em 1908 substituiu-se o pavimento da capela. O adro da igreja conheceu muitas festividades, sobretudo no dia 13 de junho, dia de Santo António, mas também em setembro, altura em que se celebravam as cavalhadas, romaria ruidosa feita a cavalo, promovida pelos almocreves, e que terminava em grande banquete.

e também...

Feira de Janeiro – Janeiro

Nisa em Festa – Agosto

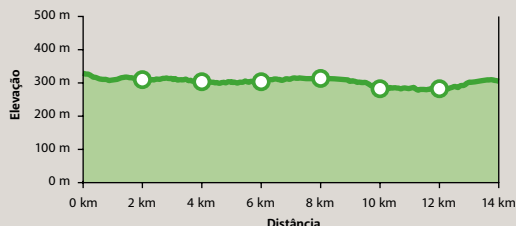
Olaria de Nisa

Dispostas no Museu do Bordado e do Barro, as olarias de Nisa são ainda mantidas pelas mãos de três artesãos. Hoje podemos apreciar vasos decorados com desenhos em pedras incrustadas, que tinham como função conservar a água fresca e capaz de ser transportada pelas casas.





Distância 14 km
Altitude máxima 327 m
Subida acumulada 95,6 m
Descida acumulada -118 m
Duração 3h15m
Dificuldade (0-5) 2



Iniciamos o Caminho no largo do Adro, com a igreja matriz em posição de destaque e a escultura do “Dedo de Deus” a indicar o Caminho. Seguimos pelo empedrado da Rua de Santo António e, no próximo cruzamento, junto à bica de água, atravessamos a rua e continuamos pela outra à direita. No final, viramos à esquerda e começamos o caminho de terra batida da direita, já na saída de Alpalhão.

Caminhamos por uma planície formada há quase 300 milhões de anos. Aqui, reina o célebre granito biotítico da região, o Azul de Alpalhão, aplicado nas fachadas de edifícios e em monumentos funerários, que podemos ver em algumas pedreiras próximas.

Andamos vários quilómetros acompanhados de perto pela ribeira de Figueiró. Muitos povos deixaram vestígios por este território, desde os menires, antas e túmulos neolíticos até às importantes vias árabes e romanas. Sem outra alternativa mais segura, entramos depois na estrada nacional N18 e, após 1,6 km, desviamos para a esquerda, por um agradável caminho rural que segue pelo meio de campos de azinheiras e oliveiras. Com Nisa às portas, cruzamo-nos uma vez mais com a ribeira de

Figueiró, com passagem pelas antigas poldras graníticas, imediatamente antes de chegar à capela de Santo António. Entramos em Nisa pelo largo da Fonte da Cruz, com um antigo cruzeiro que lhe dá o nome, e seguimos as indicações até à ampla praça onde se situa o posto de turismo.

Com o apetite bem aberto exploramos a vila, e aqui é obrigatório saborear dois produtos sobre um bom pão alentejano: o Queijo Mestiço de Tolosa e o Queijo de Nisa! Este último, proveniente das ovelhas de raça Merina Branca, é ainda fabricado artesanalmente. Para acompanhar, almoçamos uma deliciosa Sopa de Cachola ou o tradicional Feijão das Festas.

Em julho, podemos assistir a uma atuação do Rancho Folclórico das Saias Bordadas da Falagueira, com vestuário colorido e rico em bordados que são uma arte em vias de extinção.

Visitamos também as ruínas do castelo, de que fazem parte os panos da torre, porta e torre de menagem, construídos pelos cavaleiros templários no século XIII. E de Vasco da Gama, o célebre descobridor do Caminho Marítimo para a Índia, diz-se que aqui viveu...

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

Câmara Municipal de Nisa
+351 245 410 000

APOIO

- Banco/ATM
- CTT
- Paróquia de Nisa
- Posto de Turismo +351 245 997 341
- Supermercado

PONTOS DE INTERESSE

- Igreja da Misericórdia
- Igreja de Santo António
- Igreja do Espírito Santo
- Igreja Matriz
- Capela do Mártir Santo
- Rua de São Tiago
- Ruínas da Igreja de São Tiago
- Porta da Vila
- Porta de Montalvão

- Ribeira de Figueiró
- Vereda da Sardinheira

SAÚDE

- Centro de Saúde +351 245 410 160
- Farmácia

CONTACTOS ÚTEIS

Emergência: 112
 Incêndios Florestais: 117
 Bombeiros de Nisa: +351 245 412 303
 Guarda Nacional Republicana: +351 245 410 116

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

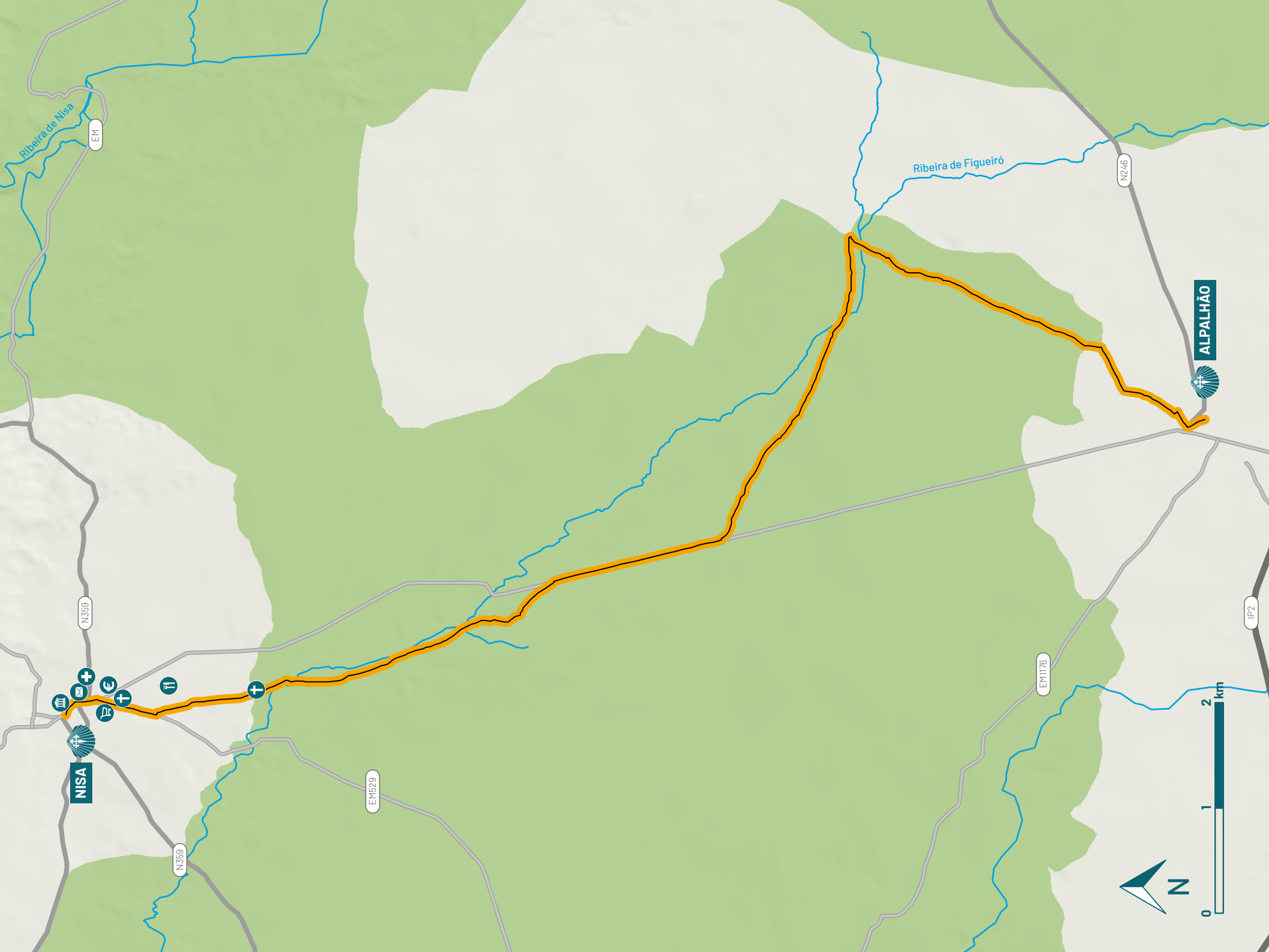


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



Ribeira da Nisa

Ribeira de Figueiró

NISA

ALPALHÃO

N359

N246

EM529

EM1176

IP2

N359

2 km

1

0

N

Nisa ► Vila Velha de Ródão (Centro)

19

São antigos, muito antigos, os vestígios do passado de Ródão, sobretudo de natureza geológica, datados de cerca de 600 milhões de anos. Rochas xistosas e quartzíticas, fósseis de trilobites e bivalves, testemunham um antigo mar que até ali chegava. Mas marcas da história há muitas mais, de diferentes épocas e povos, dos romanos aos muçulmanos. A caminho de Vila Velha de Ródão é também possível observar vestígios das contribuições da Ordem de Santiago, na parte que ainda se conserva da Porta de Santiago, de arco apontado e flanqueada por duas torres quadrangulares. E ao passar na rua de nome Santiago, verificamos que a ligação ao apóstolo ainda se mantém. Também há registos da Igreja de São Tiago, outrora a segunda paróquia da vila, de onde se preservou uma imagem de Santiago *Matamouros*, deslocada para a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, de onde desapareceu há muito tempo.

Na capela de São Lourenço, situada à beira da estrada

alcatroada a caminho do santuário de Nossa Senhora da Graça, destaca-se um portal de lintel reto integralmente formado em tijolo. É um templo de paragem na romaria local que ligava Nisa ao santuário. A sua configuração atual data de uma grande renovação consumada em 2005. No interior, a imagem do orago situa-se em nicho na parede fundeira da exígua capela-mor.

No local onde se ergueu a primeira vila de Nisa, mandada deslocalizar por D. Dinis em 1290, e onde antes existiu um povoado proto-histórico, ergueu-se o santuário de Nossa Senhora

da Graça. Aqui subsistem várias capelas e vestígios de outras construções, entre cruzeiros e fontes. É um território densamente cristianizado, próprio de um destino de romaria local, fortemente procurado ao longo de séculos e que atraiu muitos donativos. As ermidas dos Fiéis de Deus, de Nossa Senhora dos Prazeres (a mais antiga, ainda de finais da Idade Média) e de Nossa Senhora da Graça constituem o epicentro deste centro devocional, a que se juntam quatro fontes e um cruzeiro. O local articula-se ainda com a ponte medieval de Nossa Senhora da Graça, sobre a ribeira de Nisa.



e também...

Feira das Cerejas – Junho

Festival das Sopas de Peixe – Setembro

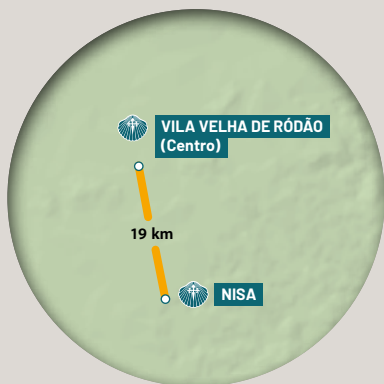
Feira do dia de Todos os Santos – Novembro

Feira dos Sabores do Tejo

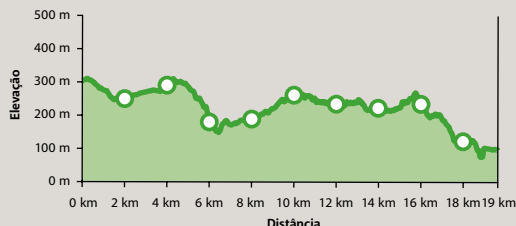
Em junho, e com o objetivo de mostrar o que de melhor se produz na região, a Feira de Sabores do Tejo celebra o rio que passa pela vila, apresentando diversas atividades a este associadas.







Distância 19 km
Altitude máxima 308 m
Subida acumulada 473 m
Descida acumulada -666 m
Duração 4h45m
Dificuldade (0-5) 3



Preparávamo-nos para encher os cantis na Praça da República, quando reparamos num painel próximo que descreve o conjunto inusitado de fontes existentes em Nisa. Aproveitamos o alvor do dia e percorremos o Roteiro das Fontes, no qual se destaca a Fonte da Pipa, de 1706, ainda intacta no local original e abaixo do nível do chão.

Saímos de Nisa pela Praça do Município, atravessando o arco por debaixo do edifício e, após o Museu do Bordado e do Barro, continuamos em frente pela estrada municipal M526, no sentido do santuário da Senhora da Graça. É difícil enganarmo-nos no Caminho, tal é a profusão de setas e sinalética que nos orienta. Percorremos pouco mais de 3 km e passamos ao lado de um cruzeiro, alegadamente erigido à entrada do local onde primitivamente se situou a Nisa “Velha”.

O Caminho segue para a esquerda, mas aqui sugerimos um desvio de 500 m até a Ermida da Senhora da Graça, local onde existiu um templo da Ordem dos Templários. Aproveitamos para espairecer com a magnífica vista do miradouro do Cabecinho, que permite ver as serras de São Mamede e da Estrela,

o ponto mais alto de Portugal Continental. Regressamos ao percurso e trocamos o asfalto por verdes montes e campos. Passados 2,6 km, encontramos o Porto das Carretas, um pontão de cimento que substitui antigas poldras de pedra, onde atravessamos a ribeira de Nisa, caso o nível das águas o permita...

Depois deste “passeio”, voltamos à estrada para encontrar a aldeia de Pé da Serra. No sopé da serra de São Miguel, esta aldeia destaca-se pelas suas casas brancas e pacatez, onde todos os habitantes mais “vividos” têm por tradição usar boinas que “dão para o sol e para a chuva”. Aproveitamos para descansar um pouco, pois esta é a única aldeia e ponto de apoio em toda a etapa de hoje!

Por caminhos de terra, seguimos junto à serra, entre o arvoredado de azinheiras e pinheiros, que se adensa com a altura. Caminhamos com facilidade, sem declives acentuados, sempre pelo vale da serra de São Miguel. Do outro lado, na antiga mina de ouro romana do Conhal do Arneiro, numa lavra a céu aberto, os romanos recolhiam ouro utilizando a força erosiva da água.

Entre oliveiras, vemos agora uma pitoresca e singular paisagem. São 60 hectares de branco, rosa e cinza, na forma de pedras arredondadas com várias dimensões. Cerca de 7 km depois, já em ascensão progressiva, cruzamos com a estrada nacional N18 e subimos à cumeada da serra. Deparamos com o rio Tejo a circundar a serra das Talhadas e, à espreita, a Vila Velha de Ródão, onde terminará a etapa de hoje e o Caminho de Santiago Nascente no Alentejo.

Atravessamos os pilares de granito na ponte que faz parte da primeira revolução de estradas no país, e saboreamos a maravilhosa vista que alcança as Portas de Ródão. Na primavera, avistam-se aqui com frequência o grifo e a discreta águia-de-bonelli, que exibem o seu planar majestoso como que a saudar-nos e a desejar... Bom Caminho!

DICAS

Leve sempre água, mantimentos, protetor solar, chapéu, impermeável, calçado confortável e um mapa.

ENTIDADES MUNICIPAIS

- Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão
+351 272 540 300
- Junta de Freguesia de Vila Velha de Ródão
+351 272 541 011

APOIO

- CTT
- Táxis

SAÚDE

- Centro de Saúde de Vila Velha de Ródão
+351 272 540 210
- Farmácia

www.visitalentejo.pt
www.visitribatejo.pt
www.caminhosdesantiagoalentejoribatejo.pt

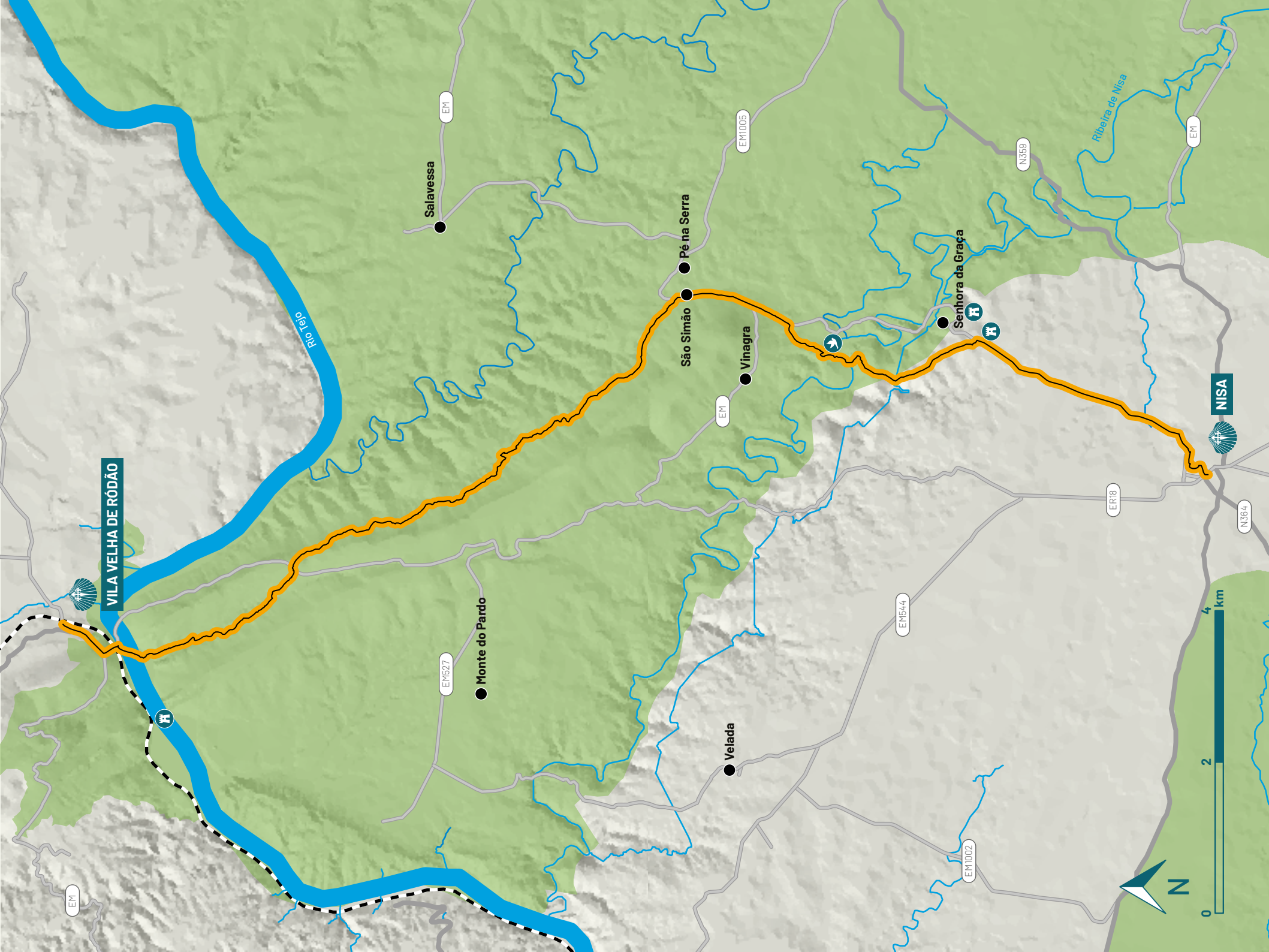


CÓDIGO DE CONDUTA

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Não se aproxime de precipícios. Preste atenção às marcações. Não deite lixo orgânico ou inorgânico durante o percurso, leve um saco para esse efeito. Se vir lixo, recolha-o, ajude-nos a manter os Caminhos limpos. Cuidado com o gado, não incomode os animais. Deixe a Natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Evite fazer ruído. Respeite a propriedade privada, feche portões e cancelas. Não faça lume e tenha cuidado com os cigarros. Não vandalize a sinalização dos Caminhos.



Em zona de percurso urbano, as marcas de sinalética são de uso exclusivo a pedestres. Outros meios, como a bicicleta, deverão respeitar a sinalização de trânsito.



VILA VELHA DE RÓDÃO

Rio Tigris

Ribeira de Nisa

Salavessa

Pé na Serra

São Simão

Vinagra

Senhora da Graça

Monte do Pardo

Velada

NISA

EM

EM527

EM

EM1005

N359

EM

ER18

N364

EM544

EM1002

4 km

2

0

N



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional